DISCURSO PRONUNCIADO NA SESSÃO DE 8 DE OUTUBRO DE 1915

O Sr. Gustavo Barroso — Sr. Presidente, desde que os jornaes de ante-hontem e de hontem deram noticias sobre a constituição de expedições, nos Estados do Paraná e Santa Catharina, contra os indios *botucudos* daquellas regiões, eu me permitto a liberdade de trazer á Camara alguns documentos e palavras a respeito do assumpto, palavras que, penso, talvez venham fatigar o espirito dos meus distinctos collegas. (*Não apoiados geraes.*)

De ha muito, quasi se não tem cuidado no Brazil da população aborigene, que vive homisiada em cerca de 12 Estados da União e no Territorio do Acre.

Com muito pouco methodo tem sido executada qualquer medida a favor dessa gente, quasi se não tem cogitado de protegel-a, trazendo-a á vida civilizada; pelo contrario, não teem sido evitadas as devastações e se tem tratado antes de destruil-a do que de outra cousa.

Em toda a America, entretanto, ao tempo das conquistas, dos descobrimentos e aventuras, o indigena sempre recebeu o estrangeiro muito differentemente dos povos selvagens dos outros continentes, sempre o acolheu com as mais completas demonstrações de paz.

Aos aventureiros de Cortez, que desembarcaram no Mexico, as mulheres indias traziam as melhores fructas e as mais bellas cousas da terra; os aventureiros de Pizarro penetraram nas mais ricas cidades do Perú, sem que os naturaes dessem a mais ligeira mostra de hostilidade; os caciques, pelos bosques da Florida, guiavam Ponce de Léon, em busca da Fonte de Juventa; Colombo e Cabral, os indios receberam sem uma flechada e a primeira missa que se disse no Brazil elles a ouviram com o maior respeito.

A paga disso tudo, da facilidade de recepção, da hospitalidade, foi unicamente aquelle celeberrimo e lendario *leito de rosas* em que o imperador Montezuma se estorcia, e que era, como se sabe, uma grelha; foram o trabuco, a espada, o azorrague, a escravidão, a perseguição nas selvas, as matilhas de cães adextrados em caçar indios e que recebiam um soldo mensal para isso, como recebiam os regimentos de soldados.

Povos européus, que teem descoberto, conquistado, colonizado partes de outros continentes, foram sempre, em certas e determinadas condições, muito mais atilados que os portuguezes e hespanhóes na America.

A guerra dos Herreros, na Africa, foi feita pelos allemães, por imposição unica do Ministro das Colonias, com a reprovação do Reichstag, que, em abril de 1912, si não me

engar[illegible] contra a expressa vontade do proprio Ministro, o Codigo dos Negros, entre cujas mais importantes disposições estavam as que regulavam o casamento dos individuos de côr branca com os de côr preta, e que se referiam á legitimação dos filhos mestiços e dos havidos de matrimonio antes da referida.

A prova de que, entre nós, os indigenas acolhiam os estrangeiros com as maiores manifestações de paz e apreço, está, além de se encontrar em outros documentos, nos trechos seguintes da carta de Pero Vaz de Caminha ao rei de Portugal:

«Pero, o melhor fruito que neela se póde fazer, me parece que será salvar esta jente; e esta deve seer a principal semente que vossa alteza em ella deve lançar.»

Adeante, accrescentava:

«Mandou o capitão aquelle degradado Affonso Ribeiro que se fosse outra vez com elles, o qual se foy e andou la hum bom pedaço e a tarde tornou-se que fazerem elles vinir e nom o quizéram lá consentir e deram-lhe arcos e settas e nom lhe tomaram nenhuma cousa do seu, ante disse elle que lhe tomara hu deles humas continhas amarelas que ele levava e fogia com eias e ele se queixou e os outros foram logo após ele e lhas tomaram e tornaram lhas a dar e então mandaram no vinir.».

Bem diversamente do modo por que agiram os allemães quanto aos Herreros, procederam nossos primitivos catechizadores, impedindo até a mesticagem do branco com o indio. Apezar de possuir a Allemanha as suas colonias ha muito menos tempo que qualquer outra nação colonial da Europa, e de ser o seu povo, como todos os saxões e teutões, rebelde á mestiçagem com as raças que consideram inferiores, apezar disso, a sua arguta razão percebeu a necessidade urgente de realizar essa mescla.

Ultimamente foi publicada uma lei brazileira, a respeito dos indios, no *Diario Official*, creio eu, de 29 de julho deste anno, e essa lei, que ainda depende do voto da Camara, não abordou o ponto referente ao cruzamento das raças, aliás um dos mais importantes da questão, não tratou da união entre selvagens e civilizados, muito menos da situação juridica dos filhos nascidos do consorcio ou de ligação de qualquer ordem, legal ou não, entre uns e outros.

Na historia colonial brazileira, entretanto, posto que toda resoante de barbaridades contra o gentio, encontramos base juridico para legislar sobre este ponto: os Estatutos Pombalinos, que foram os mais perfeitos e humanitarios nessa questão de indios.

A 20 de abril do anno da graça de 1775, o Governo Portuguez promulgava um admiravel alvará sobre a materia, e onde se dizia que «a alliança, por casamento, com os indios da America, não trazia a menor infamia; antes, pelo contrario, seria motivo de consideração e de preferencia para os

"Imparcial" - J. Seiscentos 25-10-1913

"O Correio" - Bahia - 13-11-1913

De impressões, sensações, descrições, observações e relatos da natureza e dos costumes do Norte, com referencias ao seu *folk lore* e á psicolojia das suas populações é o livro *Terra de Sol* do Sr. Gustavo Barroso, cuja segunda edição acaba de sair á luz. *Terra de Sol* chama com propriedade o autor ao seu Ceará, a rejião nortista que viu, observou e descreveu com intelijencia e amor, de modo a nos comunicar a sua propria emoção dela.

No mais amplo sentido da palavra é ainda geografica, e da melhor e mais racional, pois nos dá a imajem fiel da terra e do homem que a habita, que lhe sofre as reacções e sobre ela reaje.

Dizendo deste livro, quando apareceu, observei que havia nele, o que é menos vulgar do que se imajina, além do conhecimento exacto dos assuntos tratados, aquilo que na literatura particular em que o podemos pôr é menos comum ainda, a intima simpatia com o seu objecto e um senso literario novo em tratar, sem rebuscas emocionais ou estilisticas, que apenas servem para prejudicar a sinceridade e a emoção comunicativa.

Esta segundo edição, que o autor quiz aformosear com o seu retrato, sai aumentada e geralmente melhorada.

Fon-Fon!

Foi ha tempos, no Municipal, por occasião de ser levado á scena o *Cyrano* que elle viu Mademoiselle pela primeira vez. Logo ficou encantado, segundo o confessou, pelo seu rosto gentil e especialmente pelos seus olhos escuros.

Não a conhecia e não poude seguir o taxi em que ella se retirou. Guardou, porém, o numero de memoria. No outro dia o *chauffeur* disse-lhe onde ella morava.

Sabemos que a casa fica nas Larangeiras, porém não conseguimos descobrir o numero. Em compensação podemos affirmar que o taxi é 999...

Durante algum tempo elle a seguiu por onde poude, até que um dia afastou-se um tanto. Para que Mademoiselle não entrou na igreja aquelle domingo em que elle a esperava na columnata?... E' verdade que ella já lhe disse nas voltas de uma linda valsa:

— O senhor tem uma terrivel fama de *flirtista!*

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL
BIBLIOTECA
Nº Registro 792/2005 | Patrimônio 63.803 | Origem D
GB AUTORIA RECORTES 4

ESTRIAS

Dentre os livros que mais successo obtiveram no anno que se foi, destacou-se extraordinariamente o «Terra de Sol», de João do Norte.

O joven escriptor cearense, já conhecido no meio literario do Rio, tendo collaborado ali na imprensa diaria e periodica, teve logo, com sua obra de estréa, a merecida consagração do meio culto e os calorosos applausos da critica.

«Terra de Sol» é um excellente trabalho de literatura regional, em linguagem clara, vibrante e precisa, sem vacillações de neophyto, rodeios ou circumloquios exhaustivos de rhetorica, nem exhibições estultas de erudição barata.

João do Norte soube admiravelmente pintar a terra sertaneja do norte verberando aos ardores da canicula, no longo periodo do verão, quando a persegue o inexoravel sol abrasador da secca; enchar-cada das chuvas torrenciaes, rios a transbordar, rolando, impetuoso e bravio, a massa bruta de suas aguas barrentas e revoltas, na época da invernada.

E no meio destas phases em contraste, o homem, lutando como um heroe, num estoicismo, por assim dizer, inconsciente, quando os horrores e as provações da crise o perseguem, e satisfeito e indolente, ao sentir-se feliz nos dias de fartura... A vida rotineira da lavoura e criação, dos sertanejos, suas tradições, costumes e religiosidades, tudo descripto com fidelidade e espontaneamente, sem rebuscamentos caprichosos de arte, exageros estravagantes e absurdos.

A reedição de «Terra de Sol» comprova, muito bem, o triumpho de seu autor que já é um nome feito nas letras patrias.—L.

Vélas Brancas

«C'était un vieux pilote aux paupières éraillées par le vent, et des flocons blancs descendaient jusqu'à ses hanches, comme si l'écume des tempêtes lui était restée sur la barbe.»

(G. Flaubert — *Salammbô).*

ENTRARA já no seu septuagesimo quarto anno de vida o Mathias Jurema, velho pescador do Meirelles. Já não ia mais ao mar na jangada aventureira, para as pescarias abundantes de Agosto, nem de dia com o sol sempre a brilhar num céu varrido e lustroso como esmalte, nem de noite com a prata liquida do luar a derramar-se sobre o extenso mysterio das aguas. Não é que a idade lhe tolhesse as juntas com dores rheumaticas ou lhe fraquejasse o pulso cançado das manobras antigas. Outros, mais idosos que elle, ainda sustentavam filhos e netos com o que lhes dava a caçoeira e o anzol. Mas, por mal dos seus peccados, uma cataracta cobria-lhe os olhos com um véu glauco, por traz do qual as argutas pupillas de pescador se esforçavam por distinguir o desmaio azul do céu no recúo do horizonte com vélas brancas saudosamente fugindo...

Teimava com a filha e o genro em andar sempre trajado de algodão forte tincto de muricy. Não ia mais para o mar. Não tinha precisão de roupas fortes. Porém queria ainda mostrar a todos os velhos attributos da profissão que lhe levara a vida inteira. Com mão segura, pezar da falta de vista, remendava com cipós novos os samburás gastos, tecia tarrafas para vender aos pegadores de tainhas do Cocó, examinava as poitas á procura de falhas que pudessem comprometter a segurança das jangadas dormindo confiantes na ancoragem dos tauaçús.

Ao romper do dia, de bordão em punho, demandava a costa a sentar-se num mouchão de areia. A claridade fraca do dia nascente espalhava-se sobre as dunas alvas. Começava a lufa-lufa da partida dos jangadeiros para a pescaria. Escutava-a. Vivia pelo ouvido já que não podia mais deleitar-se com os olhos. Imaginava a paysagem tão conhecida delle em outros tempos e quedava silencioso, o cachimbo esquecido ao canto da bocca. Alheiava-se em sonhos dos laços que o prendiam á terra. Navegava pela superficie ondulada e indefinida das saudades que repassavam incessantes como as vagas do largo.

O mar bramia. Dava ao longe em rochedos com ribombos de canhão. Espraiava-se em cicios pela areia lavada da praia. Rangiam os madeiros das jangadas empurradas nos rolos para as aguas. Guinchavam retrancas de encontro aos mastros. E, alta, forte, ruda, entrecuzava-se a vozeria dos pescadores. A's vezes riam, outras praguejavam.

— Aguenta a ligeira, cabra frouxo!
— Segura a jangada, diabo!
— Manoel! Manoel, vamos, homem de Deus!
— Traz essa quimanga, Capixaba!
— O', guenzo, zambêta, sarará!

Depois, o barulho diminuia gradativamente. Uma a uma as jangadas partiam. Ainda os que ficavam enchiam-lhe os ouvidos de commentarios:

— Olha a Sereia como é bôa de bolina!
— Menino, repara a Tubarão como pega vento!

A's vezes franzia os labios numa commissura escarninha. Tinha escutado uma manobra mal feita. Outras, quasi levantava-se da areia, ancioso, ouvindo as mulheres apavoradas gritar que uma das embarcações, dando um bordo á onda, ameaçava virar. A seu lado passavam jangadeiros. Davam-lhe bom dia. Um ou outro detinha-se a dizer-lhe uma palavra, a pedir-lhe lume para o cachimbo ou a contar-lhe uma intriga aldeiã. Os meninos corriam-lhe em torno, sujos e alegres, a pedir-lhe a benção.

Quando na praia paravam as falas e somente o oceano resumia os seus queixumes, voltava para casa, placido e satisfeito. Virava-se de quando a quando para o mar—como si atravez do véu que lhe cobria os olhos pudesse avistar, esmaecendo, as velas brancas na risca do horizonte.

De tarde, tornava novamente á praia, a escutar os ruidos da volta dos jangadeiros. Gritos de prazer das mulheres ao conhecerem de longe as jangadas dos maridos, dos paes e dos irmãos:

— Lá vem a Faceira! E' ella mesma. Está se vendo na vela encardida a cruz encarnada do Mané Dantas.

— Raymunda, olha a jangada do teu pae como veleja! Daqui já se vê a sereia azul que o Luiz pintou no canto do panno.

As jangadas encostavam e eram abraços, risos, brados alegres. Depois a contagem monotona dos peixes, que cahiam um a um na areia fina sob o olhar sagaz do cobrador do dizimo. Por vezes explodiam disputas. O dizimeiro falava em mandar prender. Os animos serenavam. De outras, uma mulher afastava-se em chôro. O marido não voltára e nem os companheiros tinham deixado a sua jangada para traz. Não a tinham mesmo visto pelo mar. Cachorros ganiam, a lutar por tripas e guelras de peixe esquecidas no chão. Cahia a noite. Accendiam-se as luzes do povoado e, apoiado ao braço do genro que voltava da pesca, aspirando com ineffavel gozo a salsugem do oceano que lhe ficára nas roupas e nos cabellos, o velho Mathias regressava á choupana.

Eram aquelles dois passeios diarios a sua unica consolação neste mundo. Somente o mar o attrahia e a terra elle desprezava por sua ingratidão. Ah! ella era miseravel e covarde. A sua vingança estava na sua impassibilidade. Não tinha coleras a sua inercia. O mar, não. Esse, quando tinha raiva, encapellava-se furioso e jogava os grandes navios sobre os rochedos e despedaçava as jangadas no abraço de uma onda. A sua colera pintava-se na sua face, á luz do sol, á luz da lua e ao negror das trevas. E com elle o jangadeiro afoito acceitava a lucta. Era o combate da intelligencia contra a força e contra a ligeireza. A terra, essa estendia-se plana, calada e concentrada. Levava annos para dar um fructo, mezes para produzir uma fécula. Tinha-se de esfuracal-a com pás e enxadas, para se arrancar alguma cousa. Parece que dava esmolas. O seio largo do mar estava aberto a todo o mundo. Era inexgotavel. Todos os seus thesouros lá estavam para quem tivesse animo de ir buscal-os. Emquanto o seu rosto enrugava-se de colera formidavel o seu seio mantinha-se profundo e calmo. E como seu coração se dilatava jubiloso ao perder a terra de vista, quando sobre sua cabeça arqueava-se a cupola illuminada do céu e aos seus pés estendia-se o chamalote movimentado das vagas.

Sobre a terra avara e esmolando as aguas do céu, os seus avós tinham vivido curvados a procurar alimento. Della migraram famintos e esqualidos, numa época terrivel de sol e de secca. Vieram procurar a vida e a acharam com facilidade sobre as jangadas na planicie liquida do mar. Elle nascêra e se criara naquella vida rude. Um dia sua mulher herdara nos morros do Meirelles uma posse de terra. Foi a sua desgraça. O seu filho mais velho nella trabalhou como negro captivo e um dia vio-a passar por uma hypotheca vencida ás mãos dos Levys, uns judeus de Fortaleza. De desgosto e acabrunhamento adoeceu e se finou. O segundo filho, sorteiado para o serviço da armada, mettêra-se com outros que se revoltaram e a tropa o espingardeou no galpão da Recebedoria num dia feio de Janeiro. A mulher tempos depois morreu do coração. Ficára só com a filha casada, e em companhia do genro dedicou-se somente á vida do mar. Era o mais affoito pescador do Meirelles. Arribára um dia ao Paracurú, para o norte, uma feita fôra parar em Fernando de Noronha e de outra encalhára a jangada na bahia de Touros. Dedicára sua vida sómente ao oceano. A terra só lhe trouxera desgraças. Os seus olhos eram vermelhos e tristes das lagrimas que ella o fizera verter e a curvatura do seu dorso vinha ainda dos avós que a tinham escarvado á cata de comida.

Já no ultimo quartel da vida aquella cegueira veio cortar-lhe a vontade immensa de só viver no mar. Era forçoso abandonar o velho companheiro. Já não podia mais vêl-o. Matava saudades ouvindo-o, com os dedos mettidos na barba branca, que lhe cahia sobre o peito e fazia destacarem-se as rugas de bronze do seu rosto de marujo antigo, em cujos traços ainda se liam vestigios de uma raça heroica que durante seculos devassára os oceanos.

Quando lhe perguntavam se queria ter menos idade, respondia que não, que desejava sómente «um caquinho de olho», para enxergar o verde do mar, o azul do céu e o branco das vélas pontilhando o horizonte...

Passaram-se tempos e um domingo de Ramos ao repique festivo dos sinos, pretextando incommodos, o velho ficou em casa, emquanto os seus fôram ouvir missa á cidade. O povoado estava triste e silencioso. Não havia quasi ninguem. Sobre a praia, as velas das jangadas seccavam ao sol, estremecendo ao vento.

O velho sahiu de casa e dirigiu-se á costa. A's apalpadellas preparou uma jangada pequena, um «paquete», pôl-o a nado, sentou-se á pôpa e, governando a escota, rompeu pelo mar em fóra sob o oiro faiscante do sol. E a véla branca da embarcação apagou-se no céu...

(Do livro *Praias e Varzeas*).

João do Norte.

CHRONICA

Semana

30-10-1913

DE UMA CARTA

Rio, 25 de Outubro de 1913.

Meu caro Gil

. . . . . .

Não sei por que ando triste. Procuro as razões do meu tédio e não as encontro. Na vida que levo tudo me sorri. No emtanto, não tenho alegrias. Em meio das festas elegantes, entre as casacas lustrosas ou ao lado dos decotes tentadores, finjo, horrivelmente finjo prestar-lhes attenção. Os meus olhos quasi não os enxergam. Olham, mas não vêem. Voltam-se para dentro a perscrutar a minha propria alma... Na alegria ruidosa dos *gardens-partys* sinto-me só. Parece que em torno de mim não ha ninguem e parece que me falta alguma coisa.

Vou assim, ermo, pelo caminho da vida. Outr'ora, eu não era assim, ó meu velho amigo! Veio-me hoje essa modificação. Bem quizera poder definir a sua causa.

Sabes que mais? Estou com saudades do sertão. A meio dos ruidos e dos estuos da vida carioca vêm-me lampejos do sol ardente das varzeas escaldantes, e, ás vezes, com o rodar dos automoveis, entra-me pelos ouvidos a dentro o alto canto dos gallos de campina pela extensão sussurrante dos carnaubaes...

Soffre que neste anceiar das minhas recordações eu ainda te fale das coisas que juntos amámos, que eu deixei de contemplar e que tu continuamente a vês. Eu, porque emigrei; tu, porque ficaste.

Praias brancas da minha terra, invoco nesta saudade e nesta tristeza o brilho prateado das vossas dunas pelas noites de lua! Vastos carrascaes sertanejos, lembro-vos num insaciavel desejo de percorrer as rechãs agrestes em nervoso galope, pelos dias de muito sol! Quem sabe si ainda os meus olhos vos poderão contemplar?... Talvez sim e talvez não...

Gil, falaste-me de triumphos. Não sei si os tenho conseguido, porque não os noto. Só, só e só, como vou arrastando esta vida, nem delles sei e, si existem, nem delles quero saber. Para que me serviriam corôas de louro ou carvalho, si não teria olhos amorosos que, cheios de ternura, os vissem verdejar sobre o escuro dos meus cabellos?

Mais uma vez eu te affirmo que preciso de uns dias de sol, em doidas corridas a cavallo pelo sertão quente; que preciso do bafejo vesperal e regenerador do aracaty, refrescando a canicula dos campos encinzentados ao crepusculo. Tenho necessidade do oxygenio puro do ar campesino — para vêr si me voltam a antiga força e a alegria de antanho.

Mas sabes de uma coisa? Parece-me que ahi eu estaria por vezes tão triste, tão abandonado e tão só como aqui...

Has de, certamente, dizer que me faltam uns olhos negros e uma face limpida que eu tenha visto em qualquer parte. Cala a bocca, Gil! Cala a bocca, indiscreto e máo! E' verdade... Mas não digas a ninguem, pelo amor de Deus!

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

Do teu velho amigo e companheiro, um grande abraço.

João do Norte.

(*Ao sr. Gil Amora, em Fortaleza, á rua da Bôa Vista n.* 44.)

J. C. Farias - 17-11-1913 -

Maximas e Pensamentos

Ha muitos mezes atrás escrevi aqui um artigo, chronica ou cousa que o valha, sobre a personalidade litteraria do porteiro do Palacio Episcopal de Fortaleza, o Sr. Manoel C. Rocha, autor de varios livros de pensamentos e maximas interessantes. E' esse admiravel Manezinho do Bispo, como o appellidam no Ceará, uma das creaturas com quem mais sympathiso. Não sei de onde me vem esse sentimento: se da lembrança de sua esguia figura triste; se do bom humor que me fazem as suas asneiras inoffensivas e desopilantes; se por que durante largo tempo um delicioso individuo que mal conheço, felizmente, andou a comparar-me com elle pelos "A pedidos" do "Jornal", dando-me o trabalho de collar os seus estirões na minha miscellanea e gastando uma porção de dinheiro, que lhe deve ter feito falta á magra algibeira.

Numa terra como o Rio de Janeiro, em que qualquer charlatão dos mais tolos logra viver á custa da credulidade alheia; onde um tal Conde de Avanhadava publica cartões com os seguintes dizeres: "Augusto—Conde de Avanhadava. Psychologo. Inventor e Proprieta-

5

rio do "Telegrapho do Avanhadava", machina "Aureo Electrico" e director geral e lente da Academia de Sciencias Occultas e Comité Centro Universal da Grande Legião do Avanhadava. — Clinica Medica Geral pelos seus processos Psychicos-Therapeutica, Massarapeutica Fluida e Auro Electrica de que é dotado. Faz curas e tira diagnosticos á distancia infinita e desvenda qualquer segredo pela Psychologia"; numa terra assim é de interesse que tambem se patenteiem as tolices do pobre e humilde Manézinho cearense, esse pelo menos encanecido, mas não especulador e convicto do seu papel de moderno Pascal ou de novo Maricá.

Essa nova edição dos Pensamentos a que me refiro vem precedida do seguinte prefacio:

"Eu, meus senhores, comecei a escrever em Março de 1894, porém, só em 1902 dei a publicidade, com o titulo de Maximas e Pensamentos", 1ª, 2ª e 3ª edições tiradas no atelier do Sr. Louis C., foram poucos exemplares, esgotou-se logo. Ainda não foi possivel acabar esta tarefa, aliás para mim honrosa, devido ás occupações que bem sabe quem as tem, algumas pessoas me animavam, eu respondia dizendo-me incapaz de escrever para o publico, lembrei-me da mocidade que deve receber a educação, pois é indispensavel nos paizes cultos e civilizados, tenho lutado com difficuldades que no mundo não faltam.

A obrinha diverte e instrue as pessoas que gostam de litteratura, é uma especie de passa-tempo, é innocente que produz effeito favoravel, a quem procura remedio com o fim de ter saude. Minha Saudosa Mãi não teve o gosto de ver a 1ª edição, falleceu a 27 de Dezembro de 1901, no Recife, paz á sua alma.

Em 1903 tirei a Biographia della, esgotou-se logo, em 1906 tirei 200 exemplares da obra intitulada "Discursos em Particular", esgotados, tudo impresso no atelier do Sr. Louis, antiga rua Formosa, Ceará.

Peço ao glorioso S. José e a Nossa Senhora, a graça de ver terminado este humilde trabalho, que tomei sob as forças de meu limitado talento, este prefacio foi começado em 1895, não é brinquedo o papel de escriptor, porém, é precizo prestarmos serviços á Religião e á Patria, naquelle anno tinha muita imaginação, era moço, pouco pensava na morte, não matriculei-me na escola, estudava quando podia, e em correr do tempo consegui apparecer ao publico e elle bondoso queira desculpar e utilizar-se de meu modesto serviço."

De todas as obras a que se refere o Manezinho no seu prefacio, todas esgotadas para felicidade e lucro do felis editor de tão estimado homem de lettras o Sr. Louis "tout court", a que mais impressiona é a que trata da sua saudosa mãi e que elle intitula: "Auto-biographia de minha mãi".

Depois desse prefacio o autor dedica o seu trabalho em 1º lugar ao Bispo do Ceará, do qual depende como porteiro do Paço; em 2º a todos os porteiros e porteiras dos estabelecimentos do mundo inteiro, especialmente áquelles que tiverem o seu nome de baptismo, aos xarás; em 3º lugar ao Bispo Coadjutor da Diocese.

Entra depois desses salameques nos seus "toscos" pensamentos, dos quaes não me posso eximir ao desejo de citar alguns, os mais deliciosos:

"Aonde está a União sempre reina a animação. E' uma verdade bem conhecida."

"Das economias vem logo a fartura com certeza."

"Cada um coma e beba segundo as posses e durma o necessario."

"Os amigos do assucar e os amantes de dôce custam muito a achar casamento, com especialidade as moças."

"Das pedras finas o diamante é o rei. não ha quem negue esta verdade."

"A ociosidade é para mim uma das peores cousas do mundo."

"Quem cultiva a poesia e estuda as lettras pega muitas cousas boas nos ares."

"Se algum homem ou mulher sentir-se vaidoso ou vaidosa nas manobras do saber, eu da parte de Deus aconselho que não aprofunde muito as lettras, pois nellas tem espinhos perigosos, para os que são imprudentes e com os trabalhos da penna querem fazer enormes fortunas."

"O tempo corre e não cança, elle se acaba, e terminado que seja, entraremos na eternidade que não tem fim."

Não cabem commentarios aos engraçados pensamentos do Manezinho do Bispo. Vale a pena lel-os para sorrir um tanto das asneiras deliciosas do pobre idiota.

Mas, como elle proprio diz numa das suas paginas, é mais do que certo: "A tolice innocente é preferivel á sabedoria emprestada para illudir o proximo."

E é dessa innocente tolice que o dôce Manezinho vive suavemente na illusão de que contribue com a sua penna para os ensinamentos moraes da sua geração...

JOÃO DO NORTE

J. B. Tarde — 26-2-1914

A VISÃO DA ESTRADA

Para a litteratura nacional, começa maravilhosamente bem este anno de mil e novecentos e quatorze. Só o livro que Miguel Mello acaba de publicar, vigoroso, forte e sadio, basta para lhe dar excepcional destaque.

Como prosador, Miguel Mello estreou em 1912, com um excellente livro sobre Eça de Queiroz, que teve o mais completo exito. Depois, o escriptor enveredou pelo jornalismo fatigante e só os seus intimos sabiam que anciava por um descanso bem ganho, para concluir alguns livros começados ou quasi promptos.

Appareceu ha dias o primeiro desses livros. E' uma excellente obra de ficção, um bello romance, com o sonoro titulo de "Visão da Estrada".

Li-o e, ao virar a ultima pagina, cerrei um pouco os olhos, com o volume a pender na mão, todo cheio de scismas e de pensamentos, que o livro me despertára... E' um livro de ironia sã e de critica bem feita, o que equivale a dizer que é tambem um livro de observação, de observação justa, sem meticulosidades inuteis e com deliciosos conceitos.

A "Visão da Estrada" não é um livro de enthusiasmos; é obra de um espirito amadurecido, esclarecido, calmo, benevolente, que sabe muito bem vêr as cousas da vida e da sociedade, pesal-as, calcular-as e dal-as a saborear aos leitores em periodos impeccaveis de linguagem.

Miguel Mello nunca, nas occasiões em que o visitei, tentou sequer lêr, como experiencia, um capitulo ou uma pagina de seu lindo romance. Vim a conhecel-o depois de impresso. Tive uma agradavel sorpreza em cada pagina. Muitas e muitas vezes lhe havia perguntado:

—Que estás escrevendo?

Respondia-me evasivamente que um romance é que, em tempo opportuno, eu o poderia vêr. E' o caso de repetir a phrase de Sainte Beuve com Flaubert:

"Afinal de contas sai um homem maior do que se esperava."

Alluviões de poetas e um pouco menos de prosadores, mesmo ruins, escrevem alluviões de livros. A gente percorre toda essa riqueza da litteratura nacional e não encontra, por vezes, o que escolher.

A futilidade campeia em quasi tudo. Ninguem estuda, ninguem observa, ninguem medita. Mas todos se intrigam e todos fallam um dos outros.

Quem quer trabalhar mesmo de verdade, põe-se de parte e, para divertir-se sómente, olha de quando em vez a luta dos homens de lettras vencidos pelo seu proprio desvalor. E, para apagar a tristeza que lhe enche a alma, mergulha de novo no trabalho confortador.

Lá um dia, porém, vem um raio de alegria e um clarão tenue de esperança. Abre-se um livro. E' um livro sério, um livro honesto, um livro que se póde ler e apresentar. Solta-se um suspiro de allivio. Emfim! Este tem trabalho, methodo, valor, significação e linguagem!

O livro de Miguel Mello é desta especie. Não sei fazer critica e nem nunca o soube; tambem jámais o quero saber.

Nestas palavras que por aqui me foram cahindo a esmo da penna, só quiz traduzir o meu prazer na leitura desse livro, que reputo excellente; só quiz pol-o em destaque, acima dos calhamaços indigestos, que por ahi se cobrem de poeira.

Depois de um luminoso artigo do "Jornal do Commercio", edição da manhã, artigo que tomou meia pagina do velho orgão, artigo de autoria da propria redacção, o qual elevou a excepcional posição litteraria o livro recem-nascido, uma unica pergunta é cabivel:

— Que irei dizer do livro do Sr. Miguel Mello ?

De novo, é difficil accrescentar alguma cousa. Elogial-o, já o "Jornal" o fez em termos serios, precisos e fortes. Feliz o autor de um livro que vê nos que sobre elle escrevem um embaraço assim!

Indolente, calmo e feliz, profundamente saboreador das cousas boas da vida e ironico para as cousas más, com uma variada illustração, conhecimento da lingua, convivio de escolhidos autores, sobretudo bastante tirocinio jornalistico e observação do nosso meio, Miguel Mello não podia deixar de fazer o livro optimo que fez.

Já é sediço andar palmilhando em artigos, todas as scenas e todo o enredo de um livro. No emtanto, não me posso esquivar a citação de algumas de suas passagens.

"Visão da Estrada" é a vida de um estudante intelligente no Rio de Janeiro, ao tempo da Proclamação da Republica, vida que se arrasta pela casa de familias amigas, pela faculdade, pelas ruas, pelos cafés, pelas rodas litterarias, terminando por uma tragedia de amor.

E' uma solteirona, apaixonada por elle, da qual não fazia caso, que, num momento de violento despeito e dôr, prega-lhe as balas no corpo. Para mim, é um dos typos mais fortes do romance esse typo de mulher. Toda a sua paixão recalcada explode com barbara força e as suas horas de soffrimento são narradas com uma verdade e um calor magistraes.

Typos ha dignos de estudo e não da ligeira referencia que faço, como são o Tio Nicacio, impregnado de sua philosophia, meia perversa e meia bonachona, e o proprio typo do estudante.

Algumas passagens do livro não podem deixar de ser citadas. Uma dellas é a festa em casa de uma familia positivista, scena reproduzida com uma fidelidade extraordinaria, que só póde avaliar quem já frequentou o meio.

Todo o mundo que lê deve lembrar-se de umas scenas desagradaveis de pugilato, que ainda ha pouco tempo interromperam a pacatissima vida da litteratura nacional e a marcha habitual dos seus "potins". Houve escandalo. Os jornaes denominaram a questão, espirituosamente, de *porretismo litterario*. Ora, como taes scenas têm sido mais do que frequentes nesta boa terra, Miguel Mello conta no seu romance de uma roda litteraria do Café do Rio, que avança para outra roda rival no Largo de S. Francisco: e ambas moem-se a páo.

Nessa passagem está perfeitamente caricaturadas a nossa litteratura de rodinhas e grupetes, com os seus admiraveis e garbosos processos, o porrete, a intriga, a maledicencia e a calumnia.

O proprio livro de Miguel Mello talvez venha a soffrer agora por sua vez mais de um ataque.

Se assim acontecer será mais uma prova — e insophismavel — do seu valor.

Para os litteratos vasios, que vivem de arremedos mal feitos, nada ha que mais lhes mexa na biles da inveja do que um livro pessoal, caracteristico, forte, como o de Miguel Mello e raros outros que raramente apparecem.

Na "Visão da Estrada" não se encontra, e é digno de nota este facto, o menor sabor imitativo de Eça de Queiroz. Vale a pena frizar este facto, porque, sendo Miguel Mello apaixonado leitor do grande estylista e havendo sobre elle escripto o melhor estudo critico da obra do escriptor portuguez, delle nada tem, por influencia de especie alguma, nem na calma da sua ironia, nem na vibratilidade das paixões que pinta, nem na amenidade das poeticas descripções de trechos cariocas.

Muito pelo contrario, aqui e alli, num conselho bizarro, num conceito subtil, quando explica o seu titulo — "então comparou-a á visão da estrada de Damasco..." — nisso tudo se nota qualquer cousa, distante, longinqua, esfumando-se, do velho e querido Anatole. Só ha, talvez, um ponto de contacto: na caricatura de typos que a gente encontra ahi na rua e tem vontade de gritar-lhes:— vai ler a pagina tal e o teu retrato está lá. Tem outro nome, mas o escriptor deu a essa ficção o teu corpo, a tua cara, o teu espirito, as tuas maneiras, a tua alma...

Detenho-me aqui, para saudar o artista e o seu novo livro, para dar-lhe as minhas sinceras felicitações pelo novo triumpho e para dizer-lhe que espero e que o publico espera a sorpreza do seu novo livro annunciado, no genero do presente, afim de dar-lhe mais uma outra consagração, igual a esta que lhe mereceu um livro inteiramente pessoal.

JOÃO DO NORTE.

J. C. – Natal – 1913 –

O Ceará Agricola Industrial e Commercial

Marginando os rios sempre sêccos do Ceará, ermas, ensoladas e todas cheias do canto ameno das graúnas, estiram-se as varzeas tristes, onde os carnabaes sussurram ao vento. Contam-se por milhares e milhares, em leguas e leguas de extensão, as palmeiras esbeltas perfiladas, limpas, com as frondes em forma circular e as curtas palmas em leque. Acinzentam-n-as o sol e o vento ardente da secca. A agua do inverno, bemfazeja, é fertilizadora, limpa aquella poeira e restitue ás suas folhas gementes o esplendor do verde antigo.

No Ceará escaldado de sol e abandonado pelos governos, onde a resistencia da raça que o habita attingio o maximo da resistencia humana, a carnaúba é uma arvore providencial. Della tudo se tira e tudo se faz. Nada se perde, nada se estraga. O tronco é madeira duradoura para a construcção de casas. As thesouras e caibros das casas cearenses, desde Fortaleza ao sertão, são de carnaúba. Dentro d'agua resiste extraordinariamente. Com ella se fazem pilares de pontes, esteios de curraes para a pesca do camoropim. Sobre ella quasi não tem effeitos a corrosiva agua do mar.

Servem as palhas para a cobertura e tapuiada das humildes casas sertanejas e para a fabricação de artefactos de toda a sorte, como sejam: urús, cestos, esteiras, chapéos, abanos, mantas, etc. Com os talos fabricam-se armações de gaiolas, taliscas de portas para casas e até cavallos de páo para crianças, com olhos vermelhos de giriquiti e redeas de fios de côr. A fruta, negra e cascoventa, melhor que a jaboticaba, come-se com prazer, e as raizes são mezinha excellente para varias molestias.

Tudo isso é aproveitado pelo cearense. Elle nada deixa perder da carnaúbeira, e as varias industrias nascidas della prosperam em diversas localidades do interior, dando o pão quotidiano

a muita gente. Para o Amazonas se exportam, ás centenas de milhares, artefactos de palha de carnaúba, e o resto serve para o consumo do Estado. Em algumas partes já se fabricam chapéos finissimos, que podem ser usados por qualquer pessoa sem grandes exigencias de elegancia. Todo o interior se utiliza dos productos da carnaúbeira para a sua vida simples, sendo de notar que, nas regiões onde a palmeira rica abunda, as casas são inteiramente construidas com os seus productos, desde a porta fragil de talos ás esteiras que forram o chão. E, cousa interessante, quem estiver acostumado a perambular pelos sertões ricos de carnaúbaes, sempre vendo habitações feitas desse material, sente-se fóra do meio antigo ao passar pela ribeira do Quixeramobim ou por outro sertão identico, onde não existem carnaúbas, olhando as casas cobertas de telha e todas construidas de madeiras rijas da cotinga.

Porém ainda não tratei do que a carnaúba produz de mais importante, que é a cêra, difficultosamente tirada das suas palhas e recolhida com o maximo cuidado, tão fino é o seu pó.

Do *Questionario agricola do Ceará*, organizado pelo operoso Dr. Dias Martins, Director da Defesa Agricola, no Ministerio da Praia Vermelha, se vê que a producção da cêra de carnaúba no municipio do Aracaty attinge uma média annual de 40 toneladas. Affirmam ainda mais que nesse munipio, fertilissimo e saudavel, orça por mil contos mais ou menos annualmente o valor da producção da cêra. Della se fazem velas, sendo que em muitos lugares essa industria prospera, e em outros a illuminação das casas é assim feita.

E' digno de registro esse facto interessante que se dá nesse municipio. Ahi a irrigação em muitas partes se faz por meio de cataventos que accionam bombas, tirando a agua do sub-solo, este mais rico della que o de outras paragens, devido á proximidade do oceano e outras causas. Pois bem, na confecção de taes moinhos de vento e de taes bombas o agricultor aracatyense só emprega material fornecido pela arvore preciosa.

Em 1909 o municipio de Limoeiro, não muito distante do de Aracaty, produzio 12 mil arrobas de cêra de carnaúba, isto é, 180 toneladas! Ahi tambem as terras são vendidas por dous preços: de 1$000 a 5$000 a braça, com uma legua de fundo, se não tem carnaúbal; a 100$000, nas mesmas condições, se tem carnaúbal.

A arroba de cêra custa 30$000 em Limoeira, 38$000 em Fortaleza.

Vejamos agora o processo adoptado em Aracaty, Limoeiro e outros lugares, para a colheita da cêra. Com uma grande vara, em cuja ponta ha uma faca amarrada, cortam-se os olhos e as folhas mais novas da carnaúbeira.

Seccam-se as mesmas ao sol. Batem-n-as depois, retirando o fino pó que as cobre. Derretem-n-o ao fogo e côam-n-o. Frio, solidifica-se em pães. Conforme a claridade destes, cuja côr varia do amarello torrado a quasi gemma do ovo, e conforme a sua gran, a cêra é de 1ª. 2ª ou 3ª qualidade.

E o cearense infatigavel vai fazendo aos poucos, sem auxilio de ninguem, a exploração das riquezas da sua terra, onde a sêcca campeiou feroz, até formar, pela adaptação e hereditariedade na raça, o typo do luctador tenaz e fortissimo do caboclo cabeça chata, o homem mais activo e mais intelligente do Brasil, typo que bem deve ser o seu orgulho.

A sua luta de seculos contra a inclemencia do aspero meio em que o confinaram é uma cousa assombrosa. Só quem a conhece póde julgal-a. E para se ver de que maneira elle combate o flagello, e o doma, e o faz tornar-se de calamidade que era em factor do progresso pelas energias que communica á sua prole infindavel, basta dizer-se que nesse municipio de Limoeiro dezenas de cataventos com bombas, de ferro zincado americano, centenas de similares feitos de carnaúba, milhares (2.000, diz o *Questionario*, já citado), de *poços instantaneos*, além da infinidade de bombas manuaes, de cacimbas, poços forrados de alvenaria, sugam a agua do sub-solo avaro, em grandes profundidades, para o uso domestico, a sêde do gado soffredor e allivio das plantações torturadas de sol.

* * *

Dos lugares da colonia rica do Brasil onde principalmente se experimentou o plantio do café, um dos primeiros foi a serra de Baturité, fertil e abundante, toda cheia do sussurro ale-

gre das fontes. Alli a producção da rubiacea famosa attingio altas proporções, chegando para o consumo local, de Fortaleza, e para a exportação. As outras serras seguiram-lhe o exemplo, e logo se cobriram de cafezaes as encostas da Urubúretama, da Ibiapaba, do Machado, da Pacatuba e do Maranguape. Depois, com o correr dos tempos, as seccas, a falta de trabalhadores e de vias carroçaveis, o envelhecimento dos cafeeiros e outras causas, a industria abateu, quasi desmoronou-se e ficou por fim restringida a bem pouca cousa. Entretanto, inda hoje basta á vida de muitos agricultores e ao consumo de muitas localidades.

Na producção do café adiantou-se a todos os outros o municipio de Baturité, que enriqueceu, progredio, para mais tarde apeiar-se do seu orgulho e quebrar a sua linha, arruinando-se e vivendo hoje em estado de coma, com a sua riqueza agraria toda por explorar, a mendigar do Governo quasi surdo uma estrada que lhe dê communicação facil com a serra, seu thesouro e reserva, da mesma maneira que o Ceará em peso esmola o favor maravilhoso de um porto.

Já os cafezaes da serra de Baturité são todos sombreados.

Antigamente davam-lhe sombra protectora os *ingás de ferradura*. Mais tarde substituiram-n-os pelas maniçobeiras, que fizeram tanto mal ao café ao ponto de serem dispensadas, voltando novamente a ingazeira ao seu antigo e util serviço.

A producção média, por mil pés de café, ahi, é de 50 a 60 arrobas. Muitos sitios chegam a produzir de mil a quatro mil arrobas de café. Os cafezaes florescem tres vezes por anno, e as colheitas são feitas por mulheres e meninos. Pagam-se por alqueire de 127 litros, na aparba, de 1$200 a 2$000.

Em muitos sitios o café é beneficiado em machinismos modernos, aperfeiçoados. Em outros, porém, ainda se usam os primitivos *rodeiros*, descascadores, que quebram 45 o|o dos grãos! Os ventiladores tambem se resentem dessa grosseira. O transporte é feito por carreiros ingremes em costas de animaes. E nem providencias urgentes o Governo toma para favorecer tão rica zona do Estado!

Sobre a serra, a temperatura maxima é de 1° e a minima de 16°, clima verdadeiramente eal. Em 1910 a producção total de café em toda a serra foi de 6 milhões de kilos. Cumpre notar que esse anno foi de poucas chuvas e pouco producção.

Na serra da Ibiapaba tambem se desenvolveu a cultura cafeeira. Ibiapina é um municipio rico em cafezaes. E' lastimavel, porém, o modo errado por que fizeram o plantio dos cafeeiros, em distancias de tres palmos, o que os prejudica demasiado, apezar da espantosa feracidade do terreno. Dahi os dous milhões de pés de café do formoso municipio só conseguirem produzir 10.000 arrobas, producção ridicula diante da dos cafeeiros paulistas.

Os agricultores de Ibiapina plantam mais para colher menos, ao envez de plantarem menos e colherem mais, objecta judiciosamente uma nota do *Questionario* organizado pelo Dr. Dias Martins, digno Director da Defesa Agricola do Ministerio da Agricultura, um verdadeiro cearense pelo trabalho e pela energia lutadora.

Maranguape, Tucunduba, S. Francisco e S. João de Uruburetama, Guayuba e Tacatuba, Acarape mesmo, são localidades onde abundam os cafezaes e onde a colheita da rubiacea productiva poderia dar bastante dinheiro. Resentem-se todos, porém, da falta de communicações e da velhice de muitos cafezaes, que não foram replantados, bem como de plantações mal distanciadas, molestias e outras causas de depauperamento.

Viçosa, na serra fertil da Ibiapaba, é grande productora de café. Neste municipio ha cerca de um milhão e meio de cafeeiros. Vivem estes á sombra da malta em que foram plantados ou de bananeiras, laranjeiras, jaqueiras e limeiras que occupam ainda mais o minguado espaço em que vegetam, distanciados uns dos outros quatro palmos apenas. Cafezaes plantados no brejo, sem abrigo, ao sol, vicejam e produzem mais que os abrigados demasiadamente.

70.000 pés de café que existem em Viçosa não produzem mais de 500 arrobas!

O café é beneficiado em machinismos antigos, de madeira, em rodeiros e ventiladores ruins e que o estragam, e o trato do cafezal consiste em duas limpas annuaes. Não usam systema algum de valletas ou regos para o escoamento das enxurradas. Toram para isso plantas a facão, deixando aos troncos sahidos do solo o trabalho de deter mais ou menos, nos diques que

formam, de torrões, garrancheiras e folhiços, o correr rapido das aguas.

Assim, por falta de estimulo ao agricultor que vê o pouco caso dos governos pelas suas necessidades mais afflictivas e se restringe a produzir somente para comer, não logra grande desenvolvimento no Ceará a industria cafeeira, que foi uma de suas riquezas em tempos idos, que augmentou cidades e creou villas e ainda hoje vive, embora pobremente, aproveitando ainda a uberdade maravilhosa das terras de montanha.

*
* *

Paiz de criação de gado, onde a agricultura não passou de simples auxiliar, o Ceará nunca conheceu fartura na exploração da canna e nunca teve esperanças de ser grande productor de assucar. Mas á economia do homem do campo, decidido a tudo aproveitar da terra castigada de sêccas, pareceu conveniente alqueivar as rechãs e baixios, onde terras negras, encaroçadas, diziam-lhe da existencia de certos humus, eram vislumbre de fertilidade e podiam ser ao tempo das cheias rapidas alagadiços productivos. Nellas plantou a canna, e assim nasceu a industria das rapaduras, que, se não dá para a exportação, quasi basta ao consumo interno do Estado.

Logo se destacaram na productividade do assucar os municipios sitos nas serras frescas e aquelles das raras regiões onde existem, como por milagrosa excepção, cursos de agua perennes. Barbalha é um destes ultimos, e toda a zona do Cariry, em que ella está, forma o grande oasis do sertão adusto, dando á vista a alegria dos verdes e do tremeluzir das aguas, depois que se atravessa o planisio de fogo, combusrida e desabrigada, que é o sertão de Missão Velha, chamado pelos portuguezes antigos Sertão de Mombaça, tal tom de marinhez africana nelle encontraram os primeiros desbravadores.

Sobre o que é a industria da canna no municipio de Barbalha, ha conveniencia em transcrever as palavras do *Questionario da Defesa Agricola*, feito sob os auspicios do Dr. Dias Martins, Director dessa Repartição. Eis o que diz:

"Ha no municipio 26 cursos de agua perennes, entre os quaes o principal é o ribeiro Salamanca. Nascem todos na serra do Araripe; entretanto, com tanta abundancia, a agua não é potavel. Ha em Barbalha uma fonte sulfurosa que nasce na serra do Araripe e já tem sua celebridade, como fonte milagrosa, de muitas curas. A canna é plantada de Maio a Setembro, sendo a distancia de meio a um metro entre as linhas de plantação e meio metro de pé a pé.

A moagem geralmente é feita em Maio, indo, ás vezes, até o fim do anno.

Na fazenda Britto, do Sr. João Coelho de Sá, ha uma plantação de 130 tarefas, de 25 X 25 braças, produzindo, annualmente, 3.000 cargas de rapaduras, pezando cada carga 90 kilos; as cannas plantadas são cayana, sarangola e bourbon roxa; apezar de muito atacada pela gommose, a cayana é a preferida, por produzir mais sacharose, pois as outras variedades, ainda que indemnes, produzem muito pouca sacharose. Seis cargas de canna cayana produzem uma carga de rapadura, de 90 kilos.

A canna da fazenda é beneficiada por um motor hydraulico com força de 20 cavallos. Ao lado do engenho, que produz diariamente de 22 a 25 cargas de rapaduras, ha um alambique de cobre, produzindo na mesma occasião da colheita 500 litros de aguardente ou cachaça. Na fazenda Brejão, dos Srs. Machado Irmãos & C., ha 11 engenhos de canna, movidos a bois, produzindo na colheita, diariamente, 92 cargas de rapaduras e 11 mil por anno. O pessoal de trabalho desses engenhos é de 500 pessoas, no tempo da moagem e 800 no tempo de inverno, isto é, das chuvas, que é o do trato cultural.

Na fazenda Brejão, além da canna, plantam tambem cereaes, mandioca, etc., e tambem criam, havendo 500 vaccas, produzindo por anno cerca de 250 bezerros.

A canna preferida é a cayana, apezar da gommose. No municipio de Barbalha ha um engenho movido a força hydraulica, um a vapor e 68 a tracção animal, sendo destes, 67 de ferro e 3 de madeira. Ha além disto 100 aviamentos de apparelhos para o preparo da farinha de mandioca e duas machinas para descaroçar algodão. A criação do municipio é feita em pequena escala... Barbalha produz annualmente 60 mil cargas de rapaduras."

60 mil cargas de rapaduras equivalem a 540 mil kilos! Os preços das terras boas no municipio variam de 1:500$ a tarefa de 25 braças por 25 a 6:000$000.

Grande centro de actividade no Cariry é a villa do Joazeiro, onde reside e manda o padre Cicero Romão Baptista. Os municipios do valle fertil do Cariry e da chapada rica do Araripe constituem os celleiros esplendidos dos sertões pobres do Ceará, Piauhy, Pernambuco, Parahyba e Rio Grande do Norte; sendo tambem o refugio das populações nas épocas de grande sêccas assoladoras.

Joazeiro planta muita canna e fabrica muita rapadura. O anno passado alli se fabricaram 576 mil kilos de rapaduras. O municipio possue, para canna, 17 engenhos de ferro, movidos a força animal. Ainda nelle se prefere a canna cayana, apezar da gommose, que ha 25 annos ataca os cannaviaes do Cariry, sendo mais intensa de Junho a Dezembro, época da colheita. A producção dos cannaviaes é calculada da seguinte maneira: 16 cargas de rapaduras, de 90 kilos, para cada tarefa de canna de 25 X 25 braças; 20 rapaduras, pezando todas 16 kilos, de cada 100 kilos de canna. Geralmente se gastam 12$000 para o fabrico de uma tonelada de rapaduras, das quaes uma carga (90 kilos) vale em média 7$000, chegando em annos maus ao preço de 30$000, 40$000 e até 50$000.

Grande numero de municipios do Ceará se occupam dessa industria, uns mais, outros menos. Entre elles destacam-se os seguintes: Aquiruz, Aracoyaba, Araripe, Assaré, Aurora, Baturité, Beberibe, Boa Viagem, Brejo dos Santos, Campo Grande, Campos Salles, Corte, Ipú, Maranguape, Milagres, Mulungú, Pacatuba, Pacoty, Palma, Porangaba, Porteiras, Redempção, Santa Anna do Cariry, S. Matheus, S. Pedro do Crato, Soure, Tahuá e Varzea Alegre.

A deficiencia extrema dos meios de transporte e a carencia de machinismos não permittem desenvolver-se essa industria rica. E só viceja a canna nos brejos pobres dos municipios cearenses, porque o sertanejo entendeu que devia produzir aquillo de que precisa. Raro é o municipio em que não exista a canna, embóra em diminuta quantidade.

Ainda a industria não conseguio passar do primitivo estagio dos engenhos de ferro movidos por animaes, nem dar producto melhor preparado que a rapadura grossa e o assucar mascavado. Porém o sertanejo adoça seu café, fabrica as suas compotas e bebe a cachaça sem precizar comprar aos Estados visinhos esse genero de primeira necessidade. Vale como esforço!

* * *

Povo de fumantes inveterados, que não tiram o cachimbo da boca senão para o substituirem pela massa de mapinguim ou pela pitada de torrado, os cearenses nunca se sujeitavam a importar fumo dos Estados visinhos.

Na agrura da sua terra haviam de encontrar lugares onde o fumo medrasse. Descobriram-n-os. Plantaram o tabaco e conseguiram produzil-o para o seu consumo. O talento omnimodo do sertanejo ensina-o a tudo tentar, e as miserias do seu clima o impellem á polycultura, como meio melhor de independencia e de combatividade. Do todo alguma cousa ha de se salvar, pensam elles com a mais justa razão.

Raro é o logarejo, o fazendeiro, o morador, o aggregado sertanejo que não possua a sua pequena plantação de fumo, bastante ás exigencias do seu uso ou do seu municipio.

Campo Grande, cuja séde é uma villa de 102 casas e fica a 1.020 metros de altitude, na serra da Ibiapaba, tem uma das suas principaes fontes de riqueza na cultura do fumo. Annualmente exporta para o Amazonas 8.000 arrobas de tabaco, preparado ainda, infelizmente, a mão, sem machinismos de ordem alguma.

No municipio de Quixadá, a cultura mais importante é a do fumo. Nelle o sitio do Major Victor Pereira da Silva produz 50 arrobas de fumo, isto é, 32 varas de fumo, pezando quasi 30 kilos cada uma vara; o do Sr. Duque Pereira produz 50 arrobas; o dos Srs. Antonio Gonçalves & Irmãos, 20 arrobas; o do Sr. Agostinho Moreira, 50 arrobas; a fazenda Boa Vista na serra do Quiconçá, 50 arrobas. Póde-se calcular a producção total de fumo no municipio em mais de 2 mil arrobas.

As plantações de fumo são feitas nos baixios do rio Cayrú, occupando desde a cidade, para baixo do rio, cerca de duas leguas, alargando e estreitando-se conforme o rio alarga-se ou estreita-se conforme o rio alarga-se ou estreita-se. Ao lado de cada fumal vêm-se plantações de milho, feijão, mandioca e arroz.

A arroba do fumo alli vale 8$000 e cada uma dellas tem 28, 29 ou 30 kilos.

Ao ver esses fumos e as plantações variegadas que os cercam, todos feitos pelo braço incansavel dos pequenos proprietarios da região, que as exploram sosinhos e della vivem em abastança regular, a gente mais ainda admira a força de trabalho dessa raça admiravel de cabeças chatas, maçãs salientes, baixa estatura e olhar vivo, que tão bem aproveita o seu quinhão da terra e é a autora incontestada do pequeno, mas verdadeiro e seguro, progresso da sua terra, além de ter enviado os seus filhos para no extremo norte conquistarem os paúes do *inferno verde*, para a gloria deste paiz gigantesco e pobre de homens.

Percorrendo-se todo o Ceará, municipio por municipio, como o fizeram os enviados da Defesa Agricola, notam-se resultados admiraveis. Em todos elles não ha extrangeiros, domina só e impavido o elemento nacional; não ha molestias quasi, todas são communs e raras; é sobria a alimentação, carne, cereaes, farinha; não ha cooperativas, mas todos se ajudam; as condições economicas são boas; as populações são fortes e coradas; a operosidade é uma verdade incontestavel; o clima é sêcco, saudavel, excellente por vezes; a polycultura augmenta. E ao lado disso não ha communicações faceis; não ha obras publicas; não ha quasi serviços do Governo, nem prepostos seus, a não ser agentes varios do fisco; as aguas são superficiaes. Basta isto e o elogio do cearense estará feito sem que ninguem ouse negal-o.

* * *

Proximo de Fortaleza, da qual dista 20 kilometros, com um ramal ferro-viario e uma regular estrada de rodagem, Maranguape é, sob o ponto de vista agricola, o municipio mais rico do Ceará.

Como a Capital carece de frutas para a alimentação de seus habitantes, Maranguape as fornece da melhor maneira que póde. Envia-lhe, menos pelo caminho de ferro e mais por comboios de jumentos, bananas, melões, abacates, laranjas, mangas e tangerinas.

A colheita maior que faz, porém, é a da banana. A' cultura dos bananeiraes não dispensam os seus plantadores o menor cuidado. Limitam-se ao plantio e ás colheitas semanaes.

A qualidade de banana preferida é a *prata*, cuja exportação annual ascende a 76.800 cargas, no valor de 450:000$000.

Outros municipios produzem frutas em quantidade, especialmente Baturité, onde a banana dá em grande abundancia, não podendo ser exportada por via da falta de estradas transitaveis ligando a serra riquissima á estrada de ferro que lhe passa ao pé e cujos fretes mesmo são tão altos que talvez até matassem a exportação de bananas no nascedouro.

O sertão immenso sente a falta de frutas. Os fazendeiros, vencendo enormes difficuldades, conseguem, á margem de açudes, pobres pomares para seu uso, os quaes mal produzem. E as serras, onde o cento de mangas cheirosas custa 200 réis e as bananas enlameiam o chão, apodrecidas e desprezadas dos proprios bichos do céo e da têrra, todos fartos nababescamente, não lh'as podem enviar porque lhes faltam estradas e meios, faceis aos poderes publicos de lh'as darem, se tivessem o patriotismo de voltar olhos interessados ás questões serias do Estado e não se afundassem em politicagens mesquinhas.

* * *

Apezar das sêccas periodicas, mesmo da falta de chuvas em tempo opportuno para a vida das pastagens, o sertão cearense sempre foi pela abundancia de suas gramineas nutritivas, as condições do seu solo aplanado e da sua vegetação carrasquenta, região excellente para a criação do gado. Vio isto logo o lusitano emigrado para esta colonia rica e por isso desde que os primeiros portuguezes, vindos do Rio Grande do Norte e da Parahyba, se foram estabelecendo pela ribeira do Jaguaribe logo começaram a cuidar dessa industria que se lhes afigurava como a mais capaz de dar lucros á sua avidez de ganho.

Jamais foi o Ceará terra de largas culturas. Alli nunca houve vastos arrozaes, longas plantações de canna, extensos roçados de mandioca. A fecula africana sempre esteve reduzida ás proporções sufficientes ao consumo local. Raras baixadas supportaram o plantio da canna, e poucos brejos receberam as sementes do arroz. A primeira de alguma sorte extendeu-se nas serras frescas e nas ferazes chapadas do sol; o segundo mal tem vivido em humidades raras, como plan-

Commissario Ger

-6-1914

vação de luxo ou de curiosidade. Somente excepcionou-se o algodão cheio de vitalidade que, desde o colono até o matuto de hoje, grimpa pelas encostas dos serros e cresce no dorso dos outeiros, cada vez mais em augmento e progresso.

Do Alemtejo vieram sem duvida as primeiras cabeças de gado para o sertão do Ceará e ahi proliferaram. A raça que sahio é pequena, mas traz na constituição de aço a ancestralidade secular dos animaes que lutaram contra dezenas de sêccas. Resignada, sobria, valente, mansa, tudo supporta e vive num clima em que abortariam os exemplares das raças mais conhecidas e mais celebradas.

Cá e lá, hoje em dia, se agitam criações de gado extrangeiro, na Capital sobretudo. Ainda, porém, tudo isso começa, e continua o rijo gado antigo da unha perpendicular e do pello liso a ser o factor principal da riqueza sertaneja.

A açudagem particular e publica é hoje uma verdade na terra do sol. E isto coopera de maneira efficacissima na limitação dos tristes effeitos das seccas e repiquetes, dos invernos escassos e irregulares, salvando o gado e auxiliando a vida das plantações.

Reproduz-se de modo assombroso o gado cearense. Parece que o sol daquella região tem algo de fecundador, influenciando sobre a gestação e sobre as propriedades fecundantes dos machos. Os casaes de matutos enchem-se de filhos: oito, nove, é numero mais do que commum. E no gado regula annualmente, salvo alguns municipios. cada vacca deitar ao sertão um bezerro!

O regimen de transhumancia é muito usado pelos criadores cearenses. Em época de penuria elles reunem os seus gados e levam-n-os para outra ribeira, onde melhor tenha sido o inverno. A's vezes, na falta de lugares assim, conduzem-no para o litoral, onde os taboleiros sempre estão verdes e a agua não falta nas cacimbas abertas ás pressas.

Nessas mudanças de gado, para reunil-o, fazem-se vaquejadas em que se reunem 300, 400 vaqueiros e milhares e milhares de cabeças de gado. Tambem é excellente a occasião para as proezas de estardiota desses cavalleiros rudes e para as proezas de estucia dos argutos ladrões de gado que povôam o sertão.

Grassam epizootias mal combatidas, mas que não bastam ao anniquilamento do gado forte e o matuto ás combate com meios simples, porém de modo tenaz.

O carbunculo symptomatico, o mal triste, é combatido pela salmoura. Applicam-se clysteres de cabacinha contra as molestias dos cascos ou recorre-se ao oleo quente.

Cada municipio tem uma marca de gado especial, quasi sempre a inicial do seu nome. Essa marca é registrada na collectoria estadoal que é quem cobra os dizimos. E' uma das grandes especialidades dos vaqueiros o conhecimento exacto das marcas de gado, dos signaes de orelhas, dos ferros particulares e dos distinctivos especiaes de cada familia, de cada fazenda. Neste saber elles excedem a expectativa.

A exportação de gado cearense para o consumo das terras da Amazonia é quasi toda feita pelo porto de Camocim, mesmo de preferencia ao de Fortaleza, em horrivel estado de incuria e abandono, verdadeiro crime que commette o Governo Federal que já o devia ter feito para gaudio seu e da população do Estado.

Regula a exportação mensal do gado em Camocim em 3 mil cabeças, pagando cada uma de frete para o Pará 20$000. Em 1909, por esse porto, foram exportadas 35 mil cabeças de gado bovino. A exportação é sempre feita na estação sêcca. Exportam-se cabras, carneiros, cavallos, burros. Só não se exportam os jumentos, animaes feitos para o meio cearense, aptos aos trabalhos extenuantes, costumeiro ás miserias de agua e de forragens.

Tão diminuta é a quantidade de reproductores extrangeiros, de raça, no sertão do Ceará, que nem vale a pena nelles fallar. No admiravel *Questionario* sobre as condições dos 84 municipios do Estado, organizado pelo operoso Dr. Dias Martins, Director da Defesa Agricola, são apontados no Icó alguns reproductores, Devons e Holstein, que têm dado alguns productos cruzados com a raça aborigene. No Ipú ha alguns touros Zebú, Holstein e Rio da Prata, bem como garanhões puro sangue.

Paiz de sol e de pastagens magnificas, com os effeitos das sêccas a diminuirem ante a obra gente do sertanejo e açudagem feita com methodo, o Ceará, que é hoje um grande criador de bois e especialmente de cabras, ha de ser em futuro proximo um dos Estados de mais rica pecuaria no Brasil inteiro.

Apezar da aspereza do meio, da luta terrivel contra a falta de agua, a agricultura prospera no Ceará. E' uma verdade, felizmente, a açudagem. Deve-se esse beneficio ao trabalho terrivel do sertanejo e tambem á benemerita repar-

15

ção que é a Inspectoria de Obras contra as Sêccas.

Para mostrar o beneficio dessa medida excellente bastará contar uma observação interessante. No municipio de Cachoeira, onde outr'ora eram muito sensiveis os effeitos das crises climaticas e era extraordinaria a emigração de habitantes, hoje que possue cerca de 200 açudes quasi se não sentem taes effeitos e ninguem emigra mais.

Em todo o sertão a conversa predilecta é o açude. Delle se vive em muitos lugares e a elle se devem abundancias e felicidade.

Um outro exemplo que mostra a vantagem dos açudes e o valor da agua nesse paiz de secca é o da lagôa do Iguatú, profunda e piscosa, a maior do Estado, em cujas margens na horrivel sêcca de 1877 a 1879 se refugiaram cerca de 500 familias, escapando incolumes.

Arrasta-se a agricultura em grande atrazo ainda. Nunca se pôde desenvolver em tão rude e contrario meio physico. Somente agora, depois de dezenas de annos de soffrimento e trabalho do sertanejo, começa ella a desenvolver-se melhor. Ainda assim os instrumentos commummente usados na lavoura são a pá e a enxada. Só as serras têm arados para os cannaviaes e os cafezaes. O sertão inteiro derruba o mato, queima-o e enfia a sementeira no chão, esperando tudo do céo traiçoeiro.

Innumeros, no emtanto, e isto contra a pertinacia extraordinaria da raça, são os agricultores enriquecidos com seu proprio trabalho, com o que arrancaram á custa de heroismos da terra segura, ingrata e queimada por seculos de sol.

No Pereiro o Sr. Manoel Barbosa é um desses trabalhadores infatigaveis; em Lavras o Sr. Gustavo de Lima é outro; em Sant'Anna do Cariry o Sr. Felinto da Cruz Neves é outro.

Na vida agricola cearense ha tambem varias cousas muito interessantes. As sementes, por exemplo, são guardadas em grandes surrões ou saccos de couro de boi, costurados de modo a guardarem a toma do animal, com as costuras ensebadas para impedir o entrar de parasitas destruidoras. E nelles as sementes duram assim, perfeitas, até tres annos. Guardam tambem sementes em grandes garrafões ou em latas de kerozene, bem limpas, uns e outras tampadas com cêra de abelha.

* *

Assentada no litoral, frente para o mar, limitada duma parte por dunas brancas e coqueiraes verdes, de outra por extensos taboleiros e cajueiraes, Fortaleza é a patria da industria domestica. Terra de trabalho e de uma extraordinaria aptidão para o progresso, mal se vio livre de um governo peccaminoso que a infelicitou por espaço de vinte annos, logo se poz a cuidar do seu futuro e tem trabalhado de maneira digna de elogios. Até hoje mendigando um porto aos successivos governos federaes, apezar de não o obter, não descansa e não pára; e dêm-n-o ou não, será em futuro proximo uma das primeiras capitaes do Brasil.

Fortaleza tem varias fabricas de bebidas, fumos, tecidos, etc. Não é e não será nunca uma cidade industrial. Mas o lado interessante de sua vida é o da industria domestica. E' de ver como alli o trabalho da mulher dá-lhe com que vestir, com que ajudar o marido, com que, ás vezes, sustentar a familia. Dous são os productos dessa industria: as rendas e labyrinthos feitos em grades e almofadas, afamados por sua delicadeza, durabilidade e padrões artisticos; e as rêdes, em que dorme toda a gente do nordeste e do norte do Brasil, onde a cama é objecto de luxo, feitas em pequenos teares de mão com algodão da terra e que variam de preço, conforme os bordados, as marcas, as costuras, a qualidade dos pannos, de 3 a 60 mil réis.

*

* *

O coqueiro é uma arvore que se dá maravilhosamente no Ceará. Todo o litoral do Estado está cheio, litteralmente cheio de coqueiraes e cada vez mais esse rico plantio se desenvolve. Ha localidades que vivem do que produz o coqueiro, como ha outras que vivem do que produz a carnaúba. E' susceptivel do maior desenvolvimento essa cultura e dentro de pouco tempo o Ceará será um dos Estados mais ricos em coqueiraes.

Mas a verdadeira riqueza do Estado está no algodão, que embora sêccas e miserias, viceja pelo lombo dos outeiros e pelas baixas e vasantes e traz para o agricultor os maiores proventos. Delle é que o Ceará tem mesmo o que esperar no futuro, maxime se a açudagem continuar no progresso em que vai.

Uma das melhores euphorbiaceas productoras de borracha é, sem duvida, a especie *Manihot Glaziowii,* conhecida pelo nome de maniçoba do Ceará. Dá-se maravilhosamente bem nas terras seccas; exige, porém, um sub-solo profundo, e prefere especialmente os terrenos enxutos, ricos de potassa.

O Ceará tem-n-a aproveitado continuamente e, segundo affirmam os competentes no assumpto ella dá mais resultados naquelle Estado do que o proprio café, exigindo menor capital iniciador da cultura, menos despezas de custeio e tendo transporte mais barato.

Seu plantio, colheita e beneficiamento são bem conhecidos de todos os que mais ou menos se interessam pelas nossas questões nacionaes e no valente Estado de Nrdeste, de que trato, o factor que mais difficulta a sua exploração é a extraordinaria falta de braços, que dia a dia se aggrava. Reina tambem agora o desanimo ante a depreciação dos preços das borrachas brasileiras nos mercados europeus.

Nos annos de 1910, 1911 e 1912, o Ceará produzio 950.192 kilos de borracha de maniçoba, na média. E, se se tomassem certas medidas de defesa, o Ceará estaria apto a exportar dentro de 10 annos, conforme assegura o Sr. Antonio Fiuza Pequeno em monographia que escreveu sobre a materia, 30 mil toneladas de borracha.

De tal producto podem advir grandes lucros á terra de luz e das sêccas, mas ainda as medidas protectoras dos poderes publicos estão no caucho e dia a dia se accentuam as insuperaveis difficuldades originadas pela falta de communicações.

Entre estas avulta a do porto de Fortaleza, necessidade inadiavel e urgente para a salvação da terra de sol. Sem porto, no anno escasso de producção e rico de politicagem que foi o de 1912, a exportação do Ceará subio a réis 18.583:930$052 e a sua importação foi de réis 8.097:203$892, valores officiaes.

Entraram no porto horrivel de Fortaleza, durante esse anno, 414 embarcações, que desembarcaram naquella costa de accesso difficilimo 106.416 toneladas de carga.

O imposto de 2 o|o, ouro, arrecadado pela Alfandega, *para obras do porto,* sommou de 1 de Fevereiro de 1909 a Junho de 1913 réis 1.608:576$642, papel.

Merecerá um porto a terra de Iracema?

João do Norte.

Diario - Rio - 1914 17

A POLITICA DO CEARA' E O CORONEL BENJAMIN BARROSO

Ha muita gente que vaticina grandes aborrecimentos para o coronel Benjamin Barroso, quando este official tomar conta do governo do Ceará.

Parece inevitavel que o P. R. C. cearense irá difficultar a acção administrativa e o programma politico do coronel Barroso, cujas tendencias pacifistas não andam muito do agrado dos reaccionarios, que se apossaram do poder na terra da Luz.

Na organização da nova assembléa estadoal, o futuro governador já começou a soffrer uma contrariedade, visivelmente destinada a mostrar que os seus desejos serão cumpridos, quando estiverem de accordo com os interesses e as sympathias dos chefetes locaes.

O Sr. Gustavo Barroso,—primo do coronel Barroso, e que foi parte na Assembléa de Joazeiro, embora não houvesse sahido do Rio, não conseguiu entrar na chapa da futura assembléa.

Falla-se que o Sr. João Brigido foi o autor do corte desse pretendente á deputação estadoal, dando como motivo ser o Sr. Gustavo Barroso mal visto pelo Sr. Accioly.

Por sua vez, o coronel Benjamin Barroso procurará consolar o seu primo e amigo, levando-o como secretario de seu governo.

Está claro que o Sr. Brigido não perderá por esperar a "revanche"; *mesmo porque o Sr. Gustavo Barroso é hoje intimo do palacio da Graça, onde occupa, segundo se diz, um cargo de confiança pessoal junto ao general Pinheiro Machado, como guarda livros do chefe prestigioso do P. R. C....*

Os amigos e os confrades do joven politico e escriptor Sr. Dr. Gustavo Barroso, (João do Norte), offerecem-lhe um jantar de despedida no proximo dia 13, ás 8 1|2 horas da noite, no Restaurant Assyrio do Theatro Municipal. Como já noticiámos, o Sr. Dr. Gustavo Barroso vae ter um dos secretarios do Sr. presidente Beniamin Liberato Barroso. Caber-lhe-á a pasta do Interior e Justiça.

Este jantar, pedem-nos para declarar, nada tem de caracter politico. E' apenas uma prova de estima dos amigos e confrades de Gustavo Barroso.

"Noticia" - Rio - 1914 - 11 Junho

J. do C. U.N. 13-6-914 "Jornal do Recife" - 21-VI-1914 18.

Realiza-se hoje, á noite, no restaurante Assyrio do Theatro Municipal, o banquete que os amigos e admiradores do Dr. Gustavo Barroso (*João do Norte*) lhe offerecem em despedida. Como se sabe, o Dr. Gustavo Barroso vae partir para o Ceará com o novo Governador Dr. Benjamin Barroso, que o convidou para um alto posto de confiança. O banquete de hoje não tem nenhum caracter politico: é uma simples festa de amizade. João do Norte, em poucos annos de estadia aqui no Rio conseguio, pelos seus merecimentos literarios e pelas suas qualidades pessoaes, formar um nucleo forte de sympathias, uma porção de admiradores que vão lamentar bastante a sua ausencia.

Amigos pessoaes e admiradores de nosso antigo collega de imprensa Dr. Gustavo Barroso, que partirá amanhã para o Ceará, onde vai servir como Secretario do Interior no Governo do Dr. Benjamin Barroso, offereceram-lhe hontem, á noite, um jantar de despedida no restaurant Assyrio, no Theatro Municipal.

Foi uma festa singela e expressiva a que se associaram, entre outras pessoas, os Srs. Dr. Floro Bartholomeu, Sebastião Sampaio, Deputado Felix Pacheco, Dr. Octavio Tarquinio de Souza, Dr. Paulo Inglez de Souza, Dr. Carlos Inglez de Souza, Dr. Izidoro Campos, Emile Izard, Dr. H. Gomes C Pereira, Idacó Cunha, G. Flogiam, Dr. Thomaz Cunha, Jacob Nogueira, Carlos de Magalhães, Victorio de Castro, Dr. João Marinho, Rodrigo Octavio Filho, A. R. Ferreira Botelho, Deputado Coelho Netto, Dr. A. M. de Arêa Leão, Dr. Milton Cruz, Dr. Eurico Cruz, T. Malkinson-Sanders.

Escusaram-se por cartas os Srs. Coronel Benjamin Barroso, Raul Doria, Paulo Laboriau e outros.

O jantar correu na maior cordialidade.

Ao *champagne*, o nosso collega Sr. Sebastião Sampaio, redactor-Secretario d'*A Noticia*, num brinde leve e feliz, saudou ao Dr. Gustavo Barroso, em nome de todos.

O Dr. Gustavo Barroso agradeceu muito penhorado.

O Sr. Dr. Gomes Pereira fez o brinde de honra ao Sr. Coronel Benjamin Barroso.

Rio - 14-6-914

ALMOÇO EM PALACIO

Ao coronel Liberato Barroso

Teve logar hontem, ás 11 horas, no palacio do governo, o almoço offerecido pelo general Dantas Barreto ao coronel Liberato Barrozo, novo governador do Ceará.

Tomaram parte no referido almoço o coronel Liberato Barrozo e sua virtuosa consorte d. Maria da Cruz Barrozo, dr. Gustavo Barrozo (João do Norte), dr. Constantino Cruz, o dr. Paulo Silva, official de gabinete do governador e o prefeito da capital dr. Eudoro Correia.

O «ágape» que correu na mais franca cordialidade, terminou ás 12 horas e 30 minutos, trocando-se antes os seguintes brindes: do general Dantas Barreto ao coronel Liberato Barrazo e ao festejado escriptor nacional João do Norte e deste a s. exc. o general governador do Estado, brinde que foi o de honra.

Terminado o almoço, os visitantes, acompanhados do dr. Paulo Silva, em «landau» do Estado, percorreram varios pontos da cidade.

João do Norte

Deu-nos hontem o prazer de sua visita, em o nosso gabinete redaccional, o distincto moço dr. Gustavo Barrozo (João do Norte) nosso talentoso confrade do «Jornal do Commercio» e um dos jovens intellectuaes da moderna geração brazileira.

João do Norte, que manteve comnosco deliciosa palestra reveladora de sua clara e fecunda intelligencia, vai ao Ceará, no «Bahia», acompanhando o coronel Liberato Barrozo, novo governador do Ceará, de quem será o secretario de interior.

Agradecendo a fidalga gentileza do festejado escriptor da brilhante «Terra de Sol», desejamos-lhe num affectivo e forte abraço feliz viagem.

"Diario Popular" - Bahia - 19-6-914

Dr. Gustavo Barroso

A bordo do *Bahia*, amanhecido no caes, foi passageiro o illustre sr. dr. Gustavo Barroso, mais conhecido no mundo literario por João do Norte, que vai assumir o logar de secretario do interior do governo do Ceará.

Logo o companheiro Affonso Costa foi recebel-o e convidal-o a vir á terra, o que s. s. acceden, fazendo ambos e em companhia do sr. José Doria, funccionario da Alfandega, um passeio pelos nossos principaes arrabaldes. Depois o illustre visitante acceitou um almoço que lhe offereceu no "Sul-Americano" o nosso companheiro, trocando-se brindes na occasião.

Gustavo Barroso, que é um perfeito *gentleman*, seguio para bordo ás quatorze horas, depois de visitar o sr. governador do estado e o *Diario Popular*.

Feliz viajem ao distincto cavalheiro.

Dr. Gustavo Barroso

Como secretario do interior no actual governo do Dr. Benjamin Liberato Barroso, está o auctor do «Terra de Sol», festejado escriptor, conhecidissimo atravez de suas ricas producções.

Impeccavel na forma e no estylo o bem litterato tem merecido de toda imprensa do paiz os elogios conquistados pelo seu alto valor intellectual.

Não poderia ser melhor a escolha do actual Prezidente, e estamos certos de que o seu digno auxiliar saberá, acima de qualquer paixão politica, collocar os interesses do Estado.

Ao illustre filho do Ceará levamos a expressão sincera do nosso apoio e admiração.

"O Tempo" - Aracaty - 5-7-914

19

O dr. Gustavo Barroso, actual secretario do interior, geralmente conhecido pelos nossos sertões e meio intellectual pelo pseudonymo de JOÃO DO NORTE, aprimorado estylista do «Terra de Sol», attentas as suas qualidades de intelligencia, illustração e imparcialidade, prestará, estamos certos, o maior de suas energias em favor da terra que lhe serviu de berço.

Dr. GUSTAVO BARROSO

distincto literato cearense, auctor do primoroso livro *Terra de Sol*, Secretario dos Negocios do Interior no governo do Exm. Snr Coronel Liberato Barroso. Era correspondente do *Diario do Estado* no Rio de Janeiro ao qual prestou relevantes serviços.

"Diario do Estado" - 24-6-1914 - Natal

"Diario do Estado" - 25 - junho - 1914 - Ceará

Dr. GUSTAVO BARROSO

Photographia tirada hontem, por occasião da sua chegada a esta Capital.

Natal - "A Republica" - 23-6-1914

21

Acompanhando o dr. Liberato Barroso, viaja para o Ceará, onde vai ter posição de destaque na futura administração, o brilhante jornalista Gustavo Barroso, o «João do Norte» da *Terra do Sol*, o livro das tradições sertanejas dos tempos de outrora, que vive e viverá para todo sempre no aconchego carinhoso de todas as habitações do Norte, onde o nome do eximio escriptor é apreciado e querido como um dos melhores expoentes de nossa cultura litteraria.

Desta redacção onde «João do Norte» conta admiradores em cada um de nossos companheiros de trabalho, enviamos lhe o abraço fraternal de nossa camaradagem jornalistica.

Do Rio...

JUNHO, 1914

No dia 15 deste, deve seguir para o Ceará o coronel Benjamin Liberato Barroso, presidente eleito do Estado.

Acompanha-o, para occupar um elevado posto na espinhosa missão, como é, sem duvida, a do governo de um Estado, onde as animosidades partidarias têm tido uma exaltação sem limites e a politicagem produzido os seus mais damninhos fructos, um moço de reconhecido talento e cultivo, qualidades primorosas a que se vêm juntar outras, distinctas e recommendaveis. E' Gustavo Barroso ou João do Norte, como é conhecido nas letras nacionaes.

Gustavo Barroso não é só o prosador brilhante, o consagrado escriptor de «Terra de Sol», esse livro magnifico, que elle, com sua grande modestia, diz ser apenas o depoimento de um nortista, quando é uma bella obra, de extraordinario valor historico, e valor sempre crescente, além de ser uma das mais interessantes leituras que temos, em linguagem tersa e precisa.

E' o jornalista experimentado, que figurou, com brilho, no corpo redaccional do *Jornal do Commercio*, o espirito intelligente e erudito que se encarna numa figura mascula de immediata descendencia (teutonica).

Sympathico, lhano, de attitudes sobrias, modesto e sem nenhum traço de affectação, nem desse ridiculo cabotinismo da epoca, o joven escriptor cearense, veio occupar, em nosso mundo culto, que tanto o considera e admira, um posto de invejavel destaque.

Agora, vae elle servir a sua terra, a terra que soube tão bem descrever em periodos magestosos de prosa. A administração publica do Ceará, no novo governo, o requer, para um elevado cargo, que elle saberá brilhantemente desempenhar, collaborando no engrandecimento do Estado, que se honra de lhe ter sido berço.

Gustavo Barroso vae, como um victorioso, e victorioso pelo merito e pelo esforço proprio.

~~"A"~~ "Diario Popular" - Bahia
18-6-914

Não ha muito tempo, perseguido por uma politicagem tacanha, deixara-o infelicitado pelos dominadores olygarchas, deixara-o certamente com saudade de suas bellas plagas, de seu magestoso céu escampo e azul, de seus «verdes mares bravios», da vida livre e folgada do sertões, em cujo seio farto passara a infancia descuidosa e trefega...

Com os olhos humidos de lagrimas sinceras, viu, pouco a pouco, desapparecer, nas cinzas da Distancia, os cerros e as montanhas, se elevando ao longe, e a orla alvadia da praia, com seus pescadores e jangadas, umas repoisadas na areia, outras oscillando sobre o dorso empollado da vaga, as velas enfunadas alvejando ao sol...

Aqui, surgiu, trazendo ainda na retina d'alma, o derradeiro aspecto que seus olhos nostalgicos fixaram ao se afastar do torrão querido...

Regressa agora, regressa levando comsigo o justo orgulho de ter vencido e de ir exercer um importante cargo da administração publica do seu Estado, ora livre da olygarchia nefasta que o dominava.

Vae sem o menor desejo de *revanche*. A nobre grandeza de sua alma não permitte que nella se aninhem sentimentos inferiores, Os inimigos e perseguidores de outr'ora são seus amigos, hoje. Repugnam-lhe os odios e os rancores, a animosidade e as tricas partidarias; ama a sua terra e deseja-a governada dentro da ordem e da justiça, com uma politica patriotica, de paz, harmonia e congraçamento.

E elle irá, sem duvida a 15, demandando as aguas patrias em busca da *Terra de Sol*.

L. DE MENEZES

Dr. Gustavo Barroso

Acompanhando o illustre sr. coronel Benjamin Liberato Barroso, presidente do Estado, chegou hontem do Rio de Janeiro, onde fulgurou nas rodas mais notaveis, pelo seu genio brilhante e outras qualidades que ornam o seu caracter, o dr. Gustavo Barroso, conhecido e acatado homem de letras que o Ceará se honra de contar como um dos seus dilectos filhos.

S. s., segundo nos consta, fôra convidado para auxiliar, na tarefa ardua de governar povos, o dr. Benjamin Barroso, com quem se prende por laços de sangue e amizade.

E' de esperar tudo em beneficio do Estado, por parte do notavel moço, que ha de guardar, de sua muita leitura, bôa somma de conhecimentos proveitosos da turva e melindrosa sciencia politica.

O *Unitario*, que muito presa os filhos claros desta terra, o saudou pessoalmente, pela voz do nosso collega F. Caminha.

"Diario do Stado" - 24 - junho - 1914

23

Dr. Gustavo Barroso

O Ceará chega hoje um filho distincto, que de ha muito ausente da sua terra saudosa, sempre lhe dedicou o preito da mais verdadeira amizade e de longe empenhou-se sempre tão esforçadamente para recommendar e enobrecer o seu nome e as suas tradições.

Gustavo Barroso, que ainda na flor dos annos, no centro de maior cultura do Pa[illegible] conquistou um logar preeminente e u[illegible] somma incalculavel de sympathias, é já hoje um cearense que se impõe á estima de todos, pelos elevados dotes de sua intelligencia, pela fecundidade do seu talento, pela brilhante erudição dos seus conhecimentos e pelas qualidades distinctas dos seus sentimentos nobres.

E' incontestavel o prestigio, que dia a dia augmenta e se accentúa, do seu valor, como homem de letras, como estylista primoroso, como escriptor de fina tempera.

E ao envez de dedicar o seu tempo ao cultivo barato de uma literatura vazia, prefere empregar as rutilancias do seu espirito em estudos ponderados acerca dos nossos costumes, em trabalhos de peso que têm merecido magnificos elogios da critica mais exigente e despertado os mais calorosos applausos da imprensa nacional.

E Gustavo Barroso tem ainda, por ventura, maior merecimento, pelo facto de ter chegado tão alto, de ter obtido a posição de destaque que hoje occupa na nossa literatura, e na sociedade brazileira, a custa do proprio esforço individual, de exclusivo trabalho de homem que luctou sem amparo, no porfiado empenho de escalar sosinho o pinaculo da fama.

E a golpes de energica tenacidade, alcançou com admiração geral, em um nucleo literario o mais bem cotado que se possa imaginar, um posto de elevada distincção, sendo considerado como um literato ao lado dos melhores literatos, como um jornalista, num centro onde a imprensa goza de tão estrondosa celebridade.

O seu livro — "Terra de Sol" onde ha paginas lapidares de uma perfeição admiravel, é um attestado eloquente do seu grande valor no dominio das letras.

Com tintas vivas e linguagem tersa, fez descripções de um brilho estranho neste trabalho, onde, de facto, se relevou um observador tenaz e um profundo conhecedor do nosso idioma.

A casa editora H. Garnier tem em seu poder os originaes de um livro de contos de sua lavra, intitulado "Pergaminhos" e andam pelas revistas e jornaes do Rio abundantes escriptos de sua penna aparada e ductil.

Gustavo Barroso, deixando o Ceará aos 17 annos de idade e de repente se encontrando num meio adiantado e culto, soube, em curto prazo de tempo, se impôr, ao ponto de logo desempenhar posições de destaque, o que não se consegue numa grande cidade, como o Rio de Janeiro, sinão a custa de real merecimento e de alta capacidade.

Em 1910 occupou o honroso cargo de lente cathedratico de Geographia e Desenho do Gymnasio de Petropolis, equiparado ao gymnasio Nacional. Ao abando-

No dia 27, conforme communicação do

(22)

nar este cargo, foi nomeado Secretario da Commissão de Estudos do Prolongamento da Estrada de Ferro Central do Brazil, de Congonhas a Bello Horizonte, pelo valle de Paraóbepa.

Em 1911 foi designado para o posto de professor da Escola de Menores da Policia Federal e em seguida passou a redactor do importante "Jornal do Commercio".

Em 1912 continuou na redacção deste conhecido periodico fluminense e desempenhou o cargo de Correspondente Geral do "Correio Paulistano".

Em 1913 ainda trabalhou na redacção do "Jornal do Commercio" e assumiu as funcções de Secretario da Superintendencia da Defesa da Borracha.

No corrente anno foi nomeado chefe da Revisão dos Debates do Senado Federal e occupava o cargo de traductor da importantissima e antiga Livraria Garnier, cargos que abandonou depois de acceitar o convite do Exm.º Sr. Cel. Benjamin Liberato Barroso, para vir occupar no Ceará a pasta da Secretaria do Interior.

O novo presidente do Estado foi muito feliz na escolha deste seu illustre auxiliar de governo, porquanto poderão outros ter melhores serviços na politica, mas ninguem o excederia em criterio, aptidões e bôa vontade de bem servir a sua terra.

Felicitamos ao Ceará pela acertada escolha deste seu illustre filho para logar tão eminente.

Gustavo Barroso é muito merecedor da confiança dos cearenses, da estima de seus patricios.

Espirito esclarecido e altivo não se deixará enredar pelas tramas da politicagem e nem se escravizará ás imposições de um partidarismo apaixonado e vêsgo.

Saudamos o patricio eminente que tanto tem sabido honrar a terra do seu berço e em quem folgamos e reconhecer um dos mais esperançosos rebentos deste velho tronco cheio de vigor e de seiva da raça cearense.

Dr. Gustavo Barroso

Depois de uma demorada ausencia, volta a rever sua terra natal o nosso distincto conterraneo dr. Gustavo Barroso, intelligoncia das mais promissoras e nome dos mais festejados no scenario das letras brasileiras.

E' um cearense que, com a tenacidade propria da raça, se fez á custa de seu esforço proprio. Dedicando-se á carreira do jornalismo, conseguiu fazer parte da redacção do mais importante orgam da America hatina—o Jornal do Commercio, onde, com uma actividade prodigiosa de espirito e de talento firmou os seus creditos de polemista e literato.

Gustavo Barroso deu-nos já um bello livro, que elle denominou «Terra doSol», no qual em brilhantes paginas de estilo, pin os nossos costumes populares.

Outro livro em preparo, se não acabado, tem elle já, mas é provavel que só o entregue á publicidade depois que deixar o cargo de Secretario do Interior que vem exercer no governo do sr. cel. Benjamin Barroso, por isto que se refere aos «cangaceiros» do Norte, assumpto melindroso para elle, já se vê na quadra actual.

A sua collaboração nesse governo que se inicia dentro de um periodo todo anormal é uma garantia para os cearenses, que espoliados dos seus direitos, estão sequiosos de justiça e liberdade.

De um moço culto como Gustavo Barroso, com um longo tirocinio de educação fóra deste meio, acanhado e estreito, e com um nome que certamente não quererá manchar, o Ceará só espera actos que o enobreçam e elevem.

A «Folha do Povo», á qual Gustavo Barroso prestou inestimaveis serviços como seu primeiro correspondente telegraphico no Rio de Janeiro, sauda affectuosamente este nobre conterraneo.

Ceará - "Folha do Povo" - 24-6-914

Dr. Gustavo Barroso

Teve imponente recepção o illustre sr. dr. Gustavo Barroso, que a bordo do paquete «Bahia», chegou a esta capital com o coronel Benjamin Liberato Barroso em cujo governo, vae occupar o cargo de Secretario do Interior.

O nosso brilhante collega "Diario do Estado", do qual era o joven escriptor correnpondente telegraphico no Rio, fez-lhe a festa de recepção.

Ao ter noticia que o vapor a cujo bordo viajava o digno cearense o "Diario do Estado" fez partir o rebocador "Sarah", embandeirado em arco, com o pavilhão do referido orgam no mastro-chefe, levando uma commissão a bordo, afim de encontrar com o "Bahia" fóra da barra.

Após a troca de cumprimentos o dr. Gustavo Barroso saltou visitando a redacção do "Diario".

Na chegada tocou a banda do 48, sendo dada uma salva de 21 tiros e subindo ao ar girandolas de foguetões, etc.

A's 3 horas da tarde passeiou o dr. Gustavo em automovel visitando á cidade.

Terminando a festa do "Diario" ás 5 horas da tarde por um jantar intimo, em que foi servido este

MENU

ENTREE

Potage Sully

Hors D'oeuvres

Paté de foie gras, jambon, olives et-conserves

POISSON

Saumon á la menagére

Petits pãtés de crevette

ROTIS

Dindon a' la cearense

Filet aux petits pois

Macarroni a' l'italienne

DESSERT

Puddings, gateaux, confitures

fromages

VINS

Sauternes, Saint Estephe, collares et gohannisberger

Champagne

Eaux minerales

Café, Liqueurs

Nestas linhas a "Folha do Povo", renova os seus cumprimentos de bôa vinda ao illustre dr. Gustavo Barroso.

APEZAR das ultimas noticias sobre o emprestimo terem um cunho pouco mais tranquilisador, ainda se não pode affirmar estarem salvos os maiores obices. Dizem os despachos que o governo está esperando, dos banqueiros propostas mais benignas, condições menos onerosas. Tel-as-á?

Ahi é que bate o ponto. O credito do paiz, embora se não possa dizer que periclite, anda sempre um pouco abalado. Mas não está nisso a maior difficuldade. Como se diz correntemente em linguagem financeira, o dinheiro agora na Europa está *caro*, muito caro mesmo.

Caro porque?

De certo tempo a esta parte os casos, ora semi-complicados, ora complicadissimos, de Marrocos, Tripolis, Balkans e Albania trazem os paizes europeus em sobresaltos continuos.

Isto sem falar nas pequeninas rusgas entre Allemanha e França com o seu doirado cortejo de visitas principescas e de allianças ou *ententes*. Mal se amenisa um prurido, outro surge imprevisto. A Europa é um formigueiro de questões.

Assim, na imminencia dos combates das grandes potencias armadas, retrahem-se os capitaes. Repre-

Ceará - "Diario do Estado" - 11-7-1914

prezando-os nas caixas fortes dos bancos, a França mantem-se a cavalleiro das situações e faz bastas vezes pender a balança para seu lado.

Ultimamente, em pós o adormecimento do velho sonho grego de reconquistar o imperio bysantino, negociações financeiras entaboladas esbarraram na jacqueria albaneza.

Quieta esta mais ou menos, quando as coisas se iam encalmando, o governo francez, impellido pela nefasta e sorrateira politica dos armamentos, lançou um monstruoso emprestimo de centenas de milhões. O dinheiro encareceu muito e muito.

Nestes dias, ao se tentar o afastamento das consequencias desse facto, numa cidade da Herzegovina um attentado victima de prompto Francisco Fernando de Habsbrugo Lorena, herdeiro da Austria.

Mal se podem calcular os effeitos dessa morte na Europa, em vista da angustiosa situação de espectativa actual. Esse rebento duma familia que se apaga e herdeiro de um throno abalado, que assenta, por um milagre num pedestal de cantarias desencontradas e prestes a ruir, sonhara um grande sonho politico, talvez o maior sonho politico dos tempos que correm.

Herdeiro duma raça esvaida teve qualquer coisa de Pedro o Grande. E delle só se approximou o DIADOQUE Constantino na calma de pensar em reconstituir o reino dos Paleologos.

Queria fundar, em contraposição á Russia, para pleitear o dominio do oriente europeu, o IMPERIO SLAVO DO SUL.

Depois da independencia da Hellade, da unificação italiana, da construcção da Allemanha dos Hohenzollerns, esse sonho é ideal de maior culto que appareceu nos tempos modernos.

Elle expunha claramente os seus planos. Mostrava uma alta e nobre liberalidade em tudo. A todos os paizes submettidos ao imperio, seria dada a autonomia. Poderiam ser republicas, reinos, principados ou ducados. Teriam presidentes, monarchas ou bans. Falariam sua lingua mater. Nos seus edificios tremulariam as côres regionaes. As suas tropas usariam no espelho dos shakos os emblemas do paiz.

Outros paizes iriam pintar-se á grande federação, attrahidos pela sua fortaleza e bem estar: a Servia, a Bulgaria, o Montenegro e a Romania—quem sabe?

Então as fronteiras do imperio iriam até o Egeu, o Euxino antigo, o Bosphoro mesmo... Que refulgente, sumptuosa corôa!

Porem a Europa veria socegadamente a marcha desse plano? E teria o assassinado Habsburgo a inquebrantabilidade de Pedro o Moscovita, a tenacidade ferrea de Bismarck?

Um anarchista.... e lá se foi com o seu sonho, deixando no governo mais difficil da Europa um pobre velho.

Nós, que tão longe estamos e a quem pouco importam formações de nações teutonicas, slavas ou hellenas é que indirectamente soffremos as consequencias desses sonhos politicos.

Dos abalos que produzem resultam negaças nos emprestimos que solicitamos, numa carencia de numerario tão espantosa que os armazens da alfandega carioca, atulhados de mercadorias, inquietam o commercio da capital do paiz. O dinheiro está caro. O banqueiro aperta os cordeis da bolsa. Só cede uma libra a troco de altas garantias e com que juros!...

A velha Austria é que, parece vai ficar sem ter quem cumpra a sua altiva, orgulhosa, pretenciosa divisa: *A Austria ha de imperar em todo o universo.*

As festas do "Diario do Estado" em homenagem ao dr. Gustavo Barroso.

A recepção. Rebocador e escaler

Conforme noticiámos em o nosso numero de segunda feira o "Diario do Estado" procurou receber festi va e condignamente o dr. Gustavo Barroso, de quem ha recebido, não só os grandes favores de sua privilegiada intelligencia na correspondencia telegraphica na capital da Republica, como provas inequivocas da mais sincera amizade.

Luctando com os grandes impecilhos da irregularidade de entrada de vapores em nosso terrivel porto, desde mui cedo nos apresentamos a postos na redacção do jornal. Recebido o aviso de que o vapor que conduzia o dr. Gustavo, se approximava, immediatamente seguio para a ponte metalica a co missão que devia ir até fóra da barra.

Cerca de 8 1/2 o rebocador "Guarany" gentilmente cedido pelo sr. Bolivar Purcell, digno gerente da casa Booth Line & C.ª, artisticamente embandeirado em arco, tendo no mastro chefe a bandeira do "Diario", seguiu para o Mucuripe, conduzindo uma commissão de representantes da redacção e de amigos do "Diario". Da commissão faziam parte os srs: Manoel Rocha, José Teixeira Pinto, José Baptista Pereira, Eurico Sidou, Antonio Furtado, Pericles Ribeiro.

25-7-1914

A's 9 1[2 ao se approximar o "Guarany" do "Bahia" soltaram-se do rebocador varios foguetões, e o "Guarany" galhardamente acompanhava em pequena distancia o paquete "Bahia" até este ancorar, o que fez a grande distancia da ponte.

A's 10 1[2 no forte metalica tomava o escaler para levar saudações a bordo ao dr. Gustavo Barroso, nova commissão do "Diaria" composta da redacção representada pelos srs: Andrade Furtado, Deodato Pinto, pelo gerente-proprietario, sr. A. C. Mendes, acompanhando-nos tambem os srs: cel. Felino Barroso, Myler Maia, Luiz Barbosa Garcia e Floriano Serra.

Como o rebocador tambem o escaler do "Diario" apresentava bellissimo aspecto, tendo na prôa a bandeira do "Diario do Estado".

No "Bahia"

Após a visita da saúde abordámos o "Bahi", sendo então offerecido ao dr. Gustavo Barroso, após as saudações de bôas-vindas, um exemplar de nosso numero de hontem, tirado em papel especial, como homenagem ao illustre viajante.

Ao Cel. Benjamim Liberato Barroso, tambem na occasião offerecemos, como ao sr. Cel. Intendente Municipal um exemplar de nosso numero passado, que ainda não havia circulado.

Convidando para o tombadilho do «Bahia» ao dr. Gustavo Barroso e Cel. Benjamin Barroso, tiramo-lhes juntamente com as commissões do «Diario» e alguns amigos do Exmo. sr. Presidente do Estado e, digno Secretario do Interior uma photographia que brevemente estamparemos nas nossas paginas.

Desembarque

As 11 1/2 rebocado pelo "Guarany" o escaler do «Diario» conduzindo o dr. Gustavo, singrava em demanda á ponte metalica, onde o aguardava grande numero de amigos e admiradores, representantes de todos as classes sociaes.

Na ponte metalica em meio a compacta massa de povo apresentava-se sobre modo difficultoso o transito. Na maneira fidalga, ao mesmo tempo affavel de tratar seus numerosos amigos, conhecemos, no nosso homenageado, alem das muitas qualidades que divisavamos, atravez sua obra literaria, o franco espirito de adaptabilidade ao difficil governo das gentes.

Conhecia-se náquelle momento o homem verdadeiramente popular, que é o escolhido Secretario do Interior; no meio

de um mundo de saudações, abraços cumprimentos, notava-se quanto é apreciado em nossa terra o estylista primoroso do « Terra do Sol».

Vencida a grande onda de povo, chegámos ás proximidades da Alfandega, onde tomámos o automovel com o dr. Gustavo, indo deixal-o á residencia de s. exc.ma familia, onde s. s. demorou um pouco no doce conchego do lar, de que ha tanto annos se achava distante.

Na redacção do «Diario»

Meia hora depois de meio dia, chegava á nossa redacção o dr. Gustavo Barroso, sendo recebido ao som da harmoniosa banda de musica do 48 batalhão de caçadores, soltando-se tambem uma salva de bombas.

Foi offerecida uma taça de Champagne aos presentes, saudando em breves palavras ao distincto visitante o nosso companheiro Andrade Furtado, o dr. Gustavo Barroso agradeceu em expressões affaveis e cheias de amizade.

Acompanhado da redacção e de varios amigos o dr. Gustavo Barroso visitou as officinas da casa A. C. Mendes recebendo a mais agradavel impressão, que manifestou em lisongeiras palavras.

A' uma hora da tarde acompanhámos o dr. Gustavo ao paço da Assembléa Legislativa onde assistimos a posse do coronel Benjamin Liberato Barroso, á presidencia do Estado.

Passeio em automovel

A's quatro e meia horas da tarde, conforme o previamente determinado, seguiu-se o passeio em automovel pela cidade. Visitámos os bairros mais importantes de Fortaleza : Bemfica, Calçamento de Mecejana, Fernandes Vieira e Outeiro. Perto de 4 1/2 voltavamos á residencia do sr. A. C. Mendes, onde se effectuou

Jantar intimo

lauto jantar intimo offerecido pelo «Diario» ao illustre amigo.

O nosso collega sr. Deodato Pinto fez offerta do jantar, brindando o forte escriptor cearense sendo por este retorquido em palavra despidas de etiquetas, mas francas, leaes, sinceras.

Foi o seguinte o :

MENU
do
jantar offerecido pelo "DIARIO
do ESTADO"
ao
Exm. Snr. Dr. Gustavo Barroso, em 24
de Junho de 1914

ENTRÉE

Potage Sully
Hors d'oeuvres
Paté de Foie Gras, Jambon, Olives
Et Conserves

POISSON

Saumon à La Menagère
Petits Pâtés de Crevette

ROTIS

Dindon à La Cearense
Filet Aux Petits Pois
Macaroni á L'italienne

DESSERT

Puddings, Gateaux, Confitures Fromages

VINS

Sauternes, Saint Estephe, Collares
Et Johannisberger
Champagne
Eaux Minerales
Café, Liqueurs.

"Unitario" - Anno 2º
fundo - 6-7-1914

Quosque tandem ?

A's 21 horas e tres quartos de hontem, um crepitar de fusilaria, vindo dos lados da praça do Patrocinio, alarmou esta cidade.

Corriam pessoas amedrontadas. Passavam guardas civis e soldados quasi na carreira. Choviam boatos. Por fim, as noticias foram se confirmando. Era a 2ª Companhia Isolada de Caçadores que se revoltava e, devidamente armada e municiada, acompanhada tambem por paisanos de rifle, atacava á bala o quartel do 2º Corpo de policia do Estado.

De ha muito os chefetes da situação decahida, os individuos da tempera de Correia Lima, chefiados por elle, vinham em pertinaz trabalho de intriga e insufflação, procurando atirar aquella unidade do Exercito sobre o 2º Corpo, odiado por ser a força mais fiel e mais disposta da situação actual. Os conciliabulos dessa gente com os soldados eram quotidianos, o seu esporear para o mal, diario, ininterrupto. Emfim, chegaram a este resultado lastimavel. Parece que o seu plano

tinha mais sinistras intenções do que o simples ataque ao quartel do 2º Corpo.

As providencias das auctoridades, logo ás primeiras noticias do motim, não tardaram. A guarda civil, armada de rifles, collocou patrulhas nas esquinas das ruas que conduzem a palacio. Neste, já estavam as guardas dobradas, varios populares armados, o commandante da Guarda Civil e outras auctoridades.

O governador do Estado e os seus tres secretarios, no gabinete da presidencia, tomavam disposições necessarias para qualquer evento. Prevenido o inspector da região militar, coronel Adacto, fez sair grandes patrulhas do brioso 48º Batalhão de Caçadores, que occuparam o quartel abandonado da 2ª Companhia e foram prendendo e desarmando os soldados rebellados. Estes que, após os primeiros tiroteios com o quartel do 2º Corpo, entrincheiravam-se no predio em construcção da Phenix Caixeiral, achando-se mais baldos de mudição e meio desmoralizados pela falta dum chefe, começaram de fugir daquelle local, indo apresentar-se ás auctoridades do Exercito.

O 2º corpo, obedecendo á ordem do presidente do Estado, manteve-se em attitude defensiva, dentro do seu quartel, pouco respondendo ás descargas dos atacantes. Da Companhia de Caçadores revoltada, somente 25 praças ficaram fieis ao seu commandante, capitão Moraes Cavalcante.

O procedimento do 48º Batalhão é digno dos maiores encomios. Firme e seguramente defendeu a ordem publica ameaçada, reprimiu a insubordinação e com um contingente escolhido reforçou mais ainda a guarda de palacio.

O 1º Corpo, cujo effectivo se acha muito desfalcado, em virtude de andar em destacamentos pelo interior, posto logo de promptidão, forneceu reforços a palacio e á cadeia publica.

No ataque ao quartel do 2º Corpo sahiram feridos um tenente e 4 praças desse batalhão, ficando um soldado morto logo á primeira descarga.

O coronel Pedro Silvino, em vista da escassez de munição, pediu ao presidente do Estado que lhe enviasse cartuchame. Esse municiamento do quartel do 2º Corpo, apesar das difficuldades devidas aos tiroteios das patrulhas de soldados revoltados, foi feito com grande habilidade, por meio de homens valentes e dedicados.

Na manhã de hontem o coronel Benjamin Barroso deu as mais rigorosas ordens para o reetabelecimento da paz publica.

Foram presos e recolhidos incommunicaveis ao quartel do 1º corpo, os conhecidos politiqueiros: José Carvalho, Castellar Sombra, João Rocha, H. Firmeza, Homero Barbosa Lima, o incorrigivel Laurentino Chaves, Francisco Hollanda, Rodrigues de Andrade e outros. Por mandado legal de busca e apprehensão, a policia varejou a residencia do afamado agitador tenente Correia Lima, apoderando-se de algumas armas alli encontradas. O referido tenente foi preso e recolhido ao Quartel General, á ordem do Inspector da Região.

Cumpre salientar em toda esta triste pagina o papel brilhante e digno do 48º Batalhão de Caçadores e da 3ª Bateria Independente de Artilharia, promptos na defesa das instituições republicanas e da familia cearense, ameaçadas por um punhado de soldados instigados pelos agitadores sem entranhas. Mas esses erraram o bote. Cuidaram servir-se dos soldados da 2ª Companhia para destruir o 2º Cordo de policia e executarem um plano de dominio. Combinaram-n'o mal. O tiro não accertou no alvo. O governo saiu victorioso de embate e elle que começara por tentar esforços acommodaticios em prol da pacificação do Ceará, é agora obrigado a adoptar energicas medidas repressivas, a fim de manter a ordem legal e prestigio da auctoridade.

Só mesmo de cearenses degenerados e de ignobil pensar poderia partir esse gesto aventureiro e torpe de fazer degladiarem-se duas corporações, para disso unicamente tirar proveito pessoal.

ENTRE as grandes questões a resolvər no Ceará, certo a de maior vulto é o problema do sertão.

Houve um escriptor francez que estudando o espantoso crescimento das cidades nos ultimos tempos e os attractivos de sua vida chamando cada vez maior população, mostrou o depauperamento da vida cam-

"Diario do Estado" - Ceará - 13-7-914

pesina e o lento despovoar das terras de cultura.

Entre nós mais ou menos já se vai notando como dia a dia se torna difficil a vida sertaneja que é, —repitamos isto o mais acacciana-mente possivel, base vital de todo progresso pela agricultura e pela pecuaria.

No entretanto, ninguem cuida do sertão, ou antes: o governo federal cuida um pouco, o governo estadoal nem selembra de cuidar.

Seria preciso que todo homem publico desta terra se convencesse de que lá residem os principios vitaes da raça e da terra. Será o seu progresso e será a sua riqueza que farão o nosso progresso e a nossa riqueza.

O littoral é um intermediario commercial. Lucra de dois lados: do sertão que vende, do estranho que compra; do estranho que vende, do sertão que compra.

Dahi andar mais depressa, ostentar ouropeis de luxo com menor esforço á custa da população rural quasi esquecida no seu trabalho anonymo e pertinaz de seculos.

Para o sertão vasto e aspero, desde muito ha o abandono. Entretanto de bem pouca coisa precisa. Bastam-lhe escolas e estradas carroçaveis.

E' preciso notar que não é já o caminho de ferro que lhe falta. Existem mais ou menos as estradas de penetração. Faltam, porem, as ligações entre ribeiras e zonas; faltam meios de communicar com esses caminhos de ferro as zonas productoras. As poucas estradas que antigamente existiram esbarrondaram-se em ribanceiras, atufaram-se de espinhaes, cavaram-se em arriceiras com as invernias. A pobreza da mão de obra, o arduo trabalho, a carestia de tudo, não permittem ao sertanejo refazel-as. E a sua producção ás vezes limita-se ante a estreiteza dos meios de transporte.

Logo após as arremettidas heroicas dos bandeirantes, ao fundarem-se as villas e povoas matutas, os jesuitas estabelecêram junto ás egrejas os seus collegios.

Dahi se sahia um tanto escravisado pela influencia religiosa, mas sahia se sabendo as noções rudimentares de todas as artes e sciencias, as preliminares praticas de todas as industrias.

Desapparecido o padre nos ultimos tempos da colonia, ninguem desde então foi mais levar ao sertão as luzes dos livros. A sociedade matuta parou no seculo XVI. Attestam isto a linguagem, os costumes os habitos de vida, a arte singela dos versos do troveiro.

E' o reflexo crepuscular daquelle antigo começo de civilisação.

A escola publica estadoal ainda não conseguio o resultado pratico da antiga *casa dos padres*. A escola e o seminario sertanejos do velho tempo eram instituições serias.

—

O velho Francisco Rodrigues Lobo, preceituava em tempos idos, formalisticamente, que todo diplomata devia ser: "illustre por autoridade do seu rei e do seu reino e dos illustres delle; discreto e cortezão, porque parece que mais que todas as outras partes lhe requer o cargo aviso, entendimento, discripção e cortezia

15-7-1914 (3)

para tratar as coisas convenientes á sua embaixada, encobrindo, desculpando e persuadindo o que a seu rei convem....

E como o embaixador é um terceiro e reconciliador da amizade de dois principes, nenhuma coisa lhe é mais importante que o entendimento e tambem o ser cortezão lhe importa muito, pois a sua principal assistencia é no paço e junto á pessôa do principe, com communicação dos principaes senhores do reino; e ás vezes por esta parte sendo engraçado, acaba mais facilmente os negocios e pretenções de quem o mande.... E ha de ser animoso e liberal.... E homem apessoado que pela vista obrigue respeito e a consideração....''

De tudo que é necessario ao diplomata, ao artista apurado de tricas, arranjos, subtilezas e festas, só esqueceu o velho Rodrigues Lobo a qualidade de poeta. E' um caso digno de nota esse da poesia viver alliada á diplomacia. Não será pela futilidade tão somente que se explicará uma ser, ancilla da outra pois os homens mais eminentes, diplomatas de carreira, diplomatas de occasião, em opportunidades de importancia, têm sido poetas.

Boccacio foi embaixador e sonetista. Quevedo y Villegas suspirou trovas durante negociações de grande monta. Almeida Garret era o artista do verso e um apurado casquilho de legação. Thomaz Ribeiro, quando veio de ministro para o Rio, trouxe na pasta livros de versos.

José Bonifacio, Francisco Octaviano, Araujo Porto-Alegre, Domingos de Magalhães, o Marquez de Paranaguá, sabiam das alicantinas entre povos e da escolha das rimas.

Maciel Monteiro dizia que em Vienna callejára as mãos na maciez dos velludos e cantava a perfeição duma Léda estrangeira.

Assis Brasil, Francisco Xavier da Cunha, Mucio Teixeira, que foi consul, Fontoura Xavier, Rodrigo Octavio, Magalhães de Azevedo, Guerra Durval, Cardoso de Oliveira, Aluizio Azevedo, Luiz Guimarães Filho, Thomaz Lopes, todos tangêram lyras.

No seu interessante livro "A minha formatura'' o sr. Joaquim Nabuco queixou-se de nunca ter recebido a caricia duma musa. Não falou a verdade. O illustre brasileiro, pezar de serio e ponderado, fez tambem as suas quadrinhas.

Inda ha pouco tempo a *Noite* publicava no Rio um soneto da lavra do sr. Lauro Müller, quando moço, escavado algures em qualquer papelada velha....

Só o Barão do Rio Branco escapou a essa regra quasi geral.

O saudoso Ernesto Senna, si fôra vivo, é que poderia affirmar si versos tinha alguma vez feito ás escondidas...

O diplomata, por mais alevantado que seja e por mais sisudas questões que trate ha de sempre descambar na janotice: e a janotice nao dispensa o concurso da rima, nem supporta o abandono do madrigal.

16-7-1914

NÃO é tão somente á idade e á copia abundantissima das noticias que o *Jornal do Commercio* deve o seu extraordinario prestigio, mas sobretudo á ponderação de sua linguagem e á segurança de seus informes.

Si numa sociedade culta o individuo absolutamente não tem o direito de ser malcreado, menos ainda o possúe a imprensa, obrigada a maiores responsabilidades do que elle.

Não é jornal o que mente, infama, calumnia, pega lama com as mãos para jogal-a. Algo do ñateiro lhe ha de ficar nas palmas e o mole projectil cae pelo caminho antes de chegar ao alvo.

Não se illuda ninguem com o effeito das descomposturas. Nada mais improducente. Nem tema qualquer as dentadas da calumnia. Ella é innocua. Tem effeito restricto, cuja duração é curtissima.

Pareçe causar um grande mal.

Quasi sempre causa grande bem.

Maior é o brilho da verdade que em momento tentou empanar.

São terrivelmente fataes as leis da sociedade, tão fataes como as da physica. Vasculheje-se o frasco dos tres liquidos: azeite, agua, mercurio. A' primeira vista julga-se que se misturaram. Para-se. Todos tres voltam á posição anterior e natural.

O azeite sobrenada.

Agitem os pasquins a calumnia.

Um instante após a verdade estará boiando.

O desforço pessoal contra a linguagem virulenta de qualquer *soi disant* orgão da opinião publica é um acto perfeitamente inutil. A quem aproveita? Ao injuriado não, porque não lhe pode offender o insulto soez, e o homem de bom pensar não luta senão com os da sua igualha.

O do ultraje baixou em consequencia da sua lingua venenosa, logo, de nivel social. Ao insultado não, porque não é um ligeiro correctivo que o regenera ou faz mudar de róta. Para as faces sem pudor a bofetada tem o effeito do sombreado nas pinturas: põe em relevo.

O jornal para ser jornal, para ter autoridade e força, precisa creal-a com o seu bom nome, com a sua reputação.

Não lh'a darão as falas de portão da feira, as picuinhas baratas, o esconde-esconde da verdade. Sim a elevação dos conceitos, a ponderada e sisuda verdade das accusações, a nobreza sincera da defensão.

Foi com um passado de verdade, limpo de mexericos e de baixezas, que o velho orgão fluminense adquirio o seu sonoro prestigio. Mais de uma vez no espinhento caminho quiz baquear. Teve sempre uma dextra amiga para suster. Porque não é tão facil guardar intacta e integra a sua linha.

Foi ao trabalho contumaz e quotidiano de se olhar ao espelho, para vêr si alma e corpo mantinham a attitude serena e aceiada do dia anterior, que a Hellade deveu a elegancia, o prazer e a harmonia de sua civilisação incomparavel, rindo na brancura dos tempos, adormecendo na umbrosa frescura dos bosques sagrados.....

Guardai a vossa linha, tende horror ás nodoas, ficai firme nas attitudes honestas e sãs, e contra vós as maldades não prevalecerão!

Belem - Sabbado - 20-6-1914

Notas intellectuaes

Dr. Gustavo Barroso (João do Norte)

Gustavo Barroso, a quem a intellectualidade brasileira melhormente conhece pelo nome de João do Norte, é uma dessas affirmações seguras do brilho mais vivo da moderna geração de litteratos patricios.

Antes mesmo de exposto aos rigores da critica o seu victorioso livro *Terra do sol*, que foi o que se póde chamar um successo de livraria, já o fulgurante espirito do joven plumitivo se tornara admirado nas pugnas da imprensa, onde elle se fizera um nome pelas columnas do *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, subscrevendo chronicas que são um penhor inilludivel do seu talento e da sua cultura invejaveis.

Filho da formosa «terra dos verdes mares bravios,» onde a jandaia canta sonoramente, Gustavo Barroso é um extraordinario paysagista litterario das incontaveis bellezas de seu berço natal, agora liberto da caricata salvação republicana do sr. Franco Rabello, a quem Deus guarde por muito tempo fóra do Ceará, para ventura e progresso da promissora unidade da federação patricia.

Com o esplendido volume *Praias e Varzeas*, onde João do Norte ratifica brilhantemente o seu feitio de escriptor muito nacional, o distincto homem de lettras assegura mais triumphalmente o fulgor de sua penna magnifica, firmando-se de uma vez, de modo inconfundivel, no conceito melhor dos belletristas brasileiros.

Quanto aos predicados outros do dr. Gustavo Barroso, quem estas linhas escreve póde affirmar, por intimo convivio, que elles são dos mais credores da sympathia e do respeito de toda gente, com o que, aliás, ninguem lhe presta o menor favor.

QUEM somente lêr os jornaes e não conhecer os factos ha de julgar que nesta bôa terra reina o terror e campeia a tyrannia. Os adversarios do governo sabem armar o espalhafato e erigir a inverdade ao papel predominante de protesto contra a oppressão.

Lêr o que escrevem, faltando ás regras mais comesinhas das bôas maneiras, da verdade dos factos, da syntaxe mesmo, matutar no que af-

(3.4)

"Diario do Estado" - 17-7-1914 - C

firmam, equivale a sentir toda a grande differença que existe entre os dias de hoje e os dias trevosos que passaram.

Que fez até hoje o governo contra a imprensa adversa? Ainda não surrou um jornalista, não perseguio um reporter, não desmantelou um prelo.

Na situação passada não aconteceu o mesmo. Basta citar o empastelamento do "Unitario". E a dynamite e o assassinato politico a tiro de rifle?

Após um movimento revoltoso de soldados, que uns garantem ter sido puramente de praças entre si, outros dizem que o foi com allicia-mento e seducções de cumplices politicos, o governo prendeu alguns dos opposicionistas mais em evidencia. Porem não lhes tocou num cabello. Cercou-os de respeito. Tratou-os na prisão com a maior gentileza. E ao primeiro aceno da justiça abrio-lhes as portas.

Isto poderá nunca se comparar com as prisões do passado regime, todas ellas com seu sequito de palmatoadas, sevicias, vaias, insultos degradantes e mais aquelle *supplicio* que todo o mundo sabe e que punham em execução nesta cidade os que hoje se apregoam victimas?....

Da intervenção para cá onde se registaram mais as assuadas da Praça do Ferreira, o canalhaço solto ás rebatinhas, o molecorio sarabandeando, a vaia em dominio absoluto, alcançando as senhoras da melhor sociedade, as melhores familias, os individuos mais respeitaveis?

Tudo isto passou. E nunca foi privilegio ou fôro do governo interventor nem do actual o será. Viveu fraternamente com a situação que elles gritam ter sido o retintin da dignidade e a soalha da honra. Mas o côro de tal orchestra, o côro da garotagem, deixa muito a desejar e dá más fantasias sobre as figuras principaes da opereta cujo panno desceu.....

E' um governo de tyrannia e terror, está direito, mas nesta tyrannia e neste terror os principaes direitos do cidadão se acham garantidos. Ainda não houve um incendio e ainda se não deu um saque.

Na situação decahida queimaram-se nove edificios, saqueiaram-se nove propriedades! Mais adiante saqueiou-se uma outra e ameaçaram-se de saques muitas mais. Ninguem podia sahir á rua. Esperava-o o assobio, o berro esganiçado, a alcunha, a pedrada.....

Agora tudo isto passou e nem convem lembrar o que se deu senão para uma defesa contra a falsidade e a miseria das accusações calumniosas, pois tal tempo é e sempre será pagina de vergonhas na nossa vida politica e social.

Por que a imprensa adversa não sóbe de nivel, fazendo uma opposição a Leopoldo de Bulhões, cortez, aceiada, verdadeira, auxiliadora? Por que não abandona essa arma perigosa da calumnia e da gritaria adoidada para armar o effeito. Pois não bastam os telegrammas mais estapafurdios e mais inveridicos deste mundo enviados para o Rio com o mesmo fim!

O governo é veronico, catilinico, tiberico e até vandalico, herdando os atributos do que lhe antecedeu e á intervenção, porque não tem imprensa que infame nem jornaes que calumniem.....

Tão somente por isso.

O novo governo só quer paz e accordo para a salvação desta terra tão compromettida.

"Diario do Estado" - 18 - 7 - 914 - Ceará - 95

BEM quizeramos nesta nossa primeira nota somente tratar de questões economicas, financeiras ou mesmo literarias. Mas somos forçados a enveredar pelo terreno politico, Assim, iremos apartando espinháes, guardando sempre a nossa linha de educação e a nossa compostura de linguagem, sem jamais descer a personalisações, sem jamais baixar a certas particularidades, com o unico fito de mostrar ao publico a verdade dos factos, para que se não deixe embahir pela algaravia apregoadora de virtudes que não existem, e a barulhada de alarmes infundados, e a garabulha de noticias não verdadeiras.

Em verdade causa dó vêr a paixão partidaria cegar alguem ao ponto de se atirar no carreiro da descomponenda, sentir o despeito politico morder a alma de outrem ao ponto de lançal-o pela vereda da protervia.

Contra essa acção nefasta do calumniar, do mentir, do transformar os acontecimentos ao talante do narrador apaixonado, é que protestamos. Nem pudemos quedar em silencio. Quasi explodimos a gritar:

—Por favor não meçam os outros pelo vosso estalão, nem queiram avaliar os seus actos pela craveira dos que praticastes!

Inda hontem, em titulos de espavento, certos jornaes noticiaram a prisão do sr. Emilio Sá, novas ameaças á imprensa da opposição.

Desta ultima accusação é cabal defesa o simples facto de se lêr o que editam taes jornaes. Governo tyrannico, oppressor, deixava sahir o que estampam?

Quanto ao primeiro, segundo categoricas affirmações do sr. Presidente do Estado, mesmo segundo o que colhemos de fontes outras, deu-se simples, unica, exclusivamente o seguinte.

Ao passar uma patrulha de policia pela padaria do referido senhor, ouviu dois tiros. Logo, como se tratava de pessôa envolvida nos passados casos politicos da terra, que diziam e dizem possuir muito armamento, a patrulha telephonou para o seu quartel, communicando o acontecido.

Do quartel telephonaram ao Presidente do Estado. Este deu esta ordem: "Cerquem a casa, sem tentar nada contra ninguem; e pela manhã seja o seu proprietario intimado a prestar declarações á policia".

Foi o que se praticou. Pela manhã o proprietario foi chamado á policia, onde deu as explicações convenientes, sendo logo depois restituido intacto, perfeito, direitinho, aos seus afazeres.

Agora querer que o governo, dias após os acontecimentos da noite do attaque ao quartel do 2. corpo, não tome a menor precaução, não tenha o minimo gesto de energia é, relevem-nos a expressão popular, "fazer delle bêsta"....

Queiram os numes, e as musas, e os deuses todos a continuação dessa linguagem ribombante de pregões *patrioticos* e de improperios em rumas, para isso mesmo ir amostrando que, não ha somente liberdade demais, ha licença, verdadeira licença, desbragamento verdadeiro.

"Diario do Estado" 36
20-7-914

NUNCA houve governo que, em começo, fôsse mais acoimado de terrorista e máu do que este, que veio para o Ceará, deixando cahir das mãos as mais seguras promessas de paz.

Esperavam-n'o molle, fraco, exploravel. Não podem conter o despeito ante a calma de sua energia e a severa attitude em que se tem mantido. Sim, a administração actual quer paz e economia, mas não recuará diante das medidas fortes quando fôr neccessario dellas lançar mão. Da lei tambem não sahirá. Dentro della tem campo vasto para mover-se.

Até agora, com vagar e cuidado tem ido procurando o caminho melhor de resolver os mais serios problemas da vida publica do Estado. Vai incutindo na administração normas mais seguras. Já começou o corte das despezas. Estuda a questão financeira, cuida reflectidamente da organisação orçamentaria. Não muda um magistrado; não remove uma professora.

Poderão os que formaram a governança de dois annos atraz para cá dizer o mesmo?

Ainda no sabbado, ao saber que uma autoridade, exorbitando de suas funcções, confiscára uma edição de jornal, logo severamente ordenou que o mesmo fôsse destribuido de novo.

Nada disso, porem, se enxerga na epoca actual. Os olhos estão cégos ainda pelo clarão das gambiarras e da ribalta dum palco de movimentada força, só comparavel á "Gran Duqueza de Gerotstein". As ouças estão ensurdecidas pelo espoucar da dynamite, do foguetão, da clavina. Somente, czar das conversas, sultão das rodinhas, dono dos noticiarios, o boato campeia.....

E' necessario abandonar a sua companhia, deixar de mão a inverdade, desprezar o comicio das patriotadas, e trabalhar com vigor, com esperança e com animo pela melhoria de que tanto carece este nobre torrão.

Para que serve a accusação banal e soez aos dirigentes do poder? Qual delles aufere lucros do seu cargo, lucros que paguem os desgostos e desprazeres inherentes?

Patriota não é aquelle que deixa o socego de sua vida ociosa e farta, a calma do seu lar, as suas commodidades intimas, o valor de suas relações, a excellencia do seu meio, tendo mesmo até prejuizos pecuniarios, para vir dedicar-se ao melhoramento de sua terra mater, tão infelicitada pelos que mal a têm servido. Patriota e cearense não é esse, mas sim o que blatera duestos na praça publica, blasona vindictas, clama contra perigos imaginarios, ejacula o insulto pelos póros todos, qual venenoso bicho que se perseguisse.

Como a má comprehensão das coisas transmuda os papeis! Como o desejo insoffrido de ser victima modifica as opiniões!

"Diario do Estado" - 21-7-1914

37

A Gloria de Dom Ramiro

O NOSSO FOLHETIM

UM LIVRO MAGNIFICO — UM EXCELLENTE ROMANCE

A obra de D. Enrique Rodriguez Larreta e a traducção de J. M. Goulart de Andrade

D. Enrique Rodriguez Larreta, Ministro Plenipotenciario e Enviado Extraordinario da Republica Argentina, em Paris, é uma extranha alma de artista. Entre as tapeçarias ricas do seu gabinete, sob as colgaduras de damasco, sonha com a vida cavalheiresca da media idade, já ao bruxolear, e com o heroico começo da Renascença.

Estuda os velhos classicos, lê os velhos livros, collecciona as velhas armas tauciadas. Leva horas scismarentas remirando um punhal antigo galivado de oiro...

Foi este sonhador de coisas mortas, que as evoca na lingua castelhana, em prosa sã, num sumptuoso estylo, amostrando uma pujantissima imaginação. E' um livro que prende e attrahe tanto que ninguem se exime de chegar ao seu triste, dolorido final.

Goulart de Andrade, o delicado poeta de "Numa Nuvem", o prosador forte de "Assumpção", que fez na lingua portugueza brotarem as formas elegantes dos villancetes, das balladas e dos cantos reaes, traduzio para o publico brazileiro a obra de D. Enrique Larreta.

Teve duas grandes vantagens para obter o triumpho que obteve no Rio de Janeiro com a sua traducção. A primeira um completo conhecimento da lingua; a segunda ser apaixonado estudioso e cultor das coisas antigas.

Goulart de Andrade ama a arte medieval, em qualquer de suas manifestações, tanto quanto o elegante diplomata e escriptor argentino.

Quem lêr a "Gloria de Dom Ramiro" lerá um dos melhores romances dos ultimos tempos, de reputação mundial, traduzido em varias linguas, e lerá tambem uma traducção do mestre quasi igual em volor á obra original.

Amanhã iniciaremos em folhetim a publicação desse livro victorioso.

E' bem triste o Ceará não possuir uma estatua de José de Alencar. Terra que produzio tão fecunda intelligencia ainda não perpetuou no marmore ou no bronze o seu vulto glorioso.

Nem queiramos entrar em apreciações de sua grande individualidade literaria nem pormenorisemos as suas maneiras de sentir e reproduzir o pensamento. Elle vale antes que tudo pela significação social da sua obra. A sua imaginação tem a immensa valia de haver fundido uma concepção de nossa origem.

Na "Iracema" José de Alencar é um rhapsodo. Não canta os feitos da guerra de Ilion, mas diz o quente matinar da vida cearense inda na bruta patria que dormia o somno das barbaras eras primitivas.

O Ceará precisa pagar a sua divida a José de Alencar. Deve erigir-lhe ao menos uma herma, já que a Pedro II deu uma estatua magestosa. E que bonito logar tem esta cidade para levantar um busto de bronze sobre uma peanha de marmore ao cantor das nossas praias escampas e argenteas, ao elogiador da tristeza de nossas varzeas!

No Passeio Publico, sob arvores, dominando um pequeno monticulo de grama, a herma de José de Alencar fitaria os "verdes mares" que cantou, de dia com a luz do sol a

dar-lhes de alto numa offuscação brutal, de noite com a prata liquida do luar a resvalar pelo chamalote do seu dorso inquieto.

Fica ao poeta da nossa lenda inicial muito melhor a simplicidade attica duma herma expressiva do que a magestade forte duma estatua inteira, cuja attitude pode muito bem, por um acaso fortuito, merecer a constante critica da que lhe deram no Rio de Janeiro....

A' sombra fresca, entre fôlhagens, olhando aguas, a herma singela sorrirá como sorriam as da Grecia antiga entre os tufos de loureiro e myrto. Satyros, silvanus, faunos e Pan, tocando frautas e avenas pelos carreiros dos bosques eram a consubstanciação da voluptuosidade que, nas quentes séstas das ribeiras do Archipelago, enchia os mattos doirados de sol. A herma clara do escriptor significará a vida que elle soube crear para os carnahubaes dos vargedos cearenses, a alvura escaldante da praia, a alma vibratil do selvagem, a ardideza das paixões primitivas e a coragem do conquistador lusitano....

No Passeio Publico do Rio de Janeiro um dia inauguraram o busto de Gonçalves Dias; logo começaram a apparecer ideias de novos monumentos. Fizeram o de Ferreira de Araujo, jornalista inolvidavel, o de Castro Alves, o de Mestre Valentim, prefeito colonial da urbs carioca, que mais a aformoseou e polio. O velho parque dos Vice Reis é actualmente um jardim de hermas. Ellas ainda se multiplicarão: e entre os arbustos, sob as ramadas, ficarão numerosas immotas, a sorrir com os seus labios de bronze.

Ah! bello sonho, si, dentro de alguns annos, o nosso velho Passeio Publico pudesse ostentar a brancura de tres ou quatro pedestaes! Ali em frente do mar iriamos guardando singelamente as recordações dos nossos grandes typos representativos do valor da raça. Seria hoje a poesia em prosa de Alencar; amanhã a bravura e a audacia de Tristão Gonçalves; depois a cultura e o saber de Araripe; e para hombrear com Mestre Valentim um dia o velho Ferreira....

Dentro de alguns dias o "Diario do Estado" terá opportunidade de iniciar uma subscripção para a herma do maior escriptor cearense.

UMA das mais inadiaveis necessidades do Ceará certamente que é a ligação das serras ferteis ao sertão por meio de bôas estradas carroçaveis. Desse plano não muito difficil de realizar e de vasto, rasgado descortinio, um pormenor logo se destaca. E' a construcção duma via transitavel e facil entre a fresca, sadia Guaramiranga e a cidade de Baturité, fazendo com que a serra possa aproveitar os beneficios do caminho de ferro.

As serras frescas e excellentes do Ceará sempre vivêram ao abandono mais completo dos poderes publicos. Nunca governo algum fez caso da sua reserva de fructos, da fertilidade de suas terras, do accumulo de humus de suas baixas. E numa região assolada de sêccas os unicos oasis existentes pelo seu isolamento tornam-se quasi inuteis.

Entretanto tem se despendido sommas bem grandes com a feitura de

22-7-914

outros serviços que não possúem a utilidade duma estrada de rodagem entre a serra e a planicie.

No seu numero de 7 de Julho de 1913 o "Jornal do Commercio" referindo-se ao assumpto de que ora tratamos expressava-se assim:

".... Muitos contos de reis vão ser gastos tambem com o estabelecimento de um centro agricola em S. Bernardo das Russas, pleno sertão ensolado e arido da combustão incle mente daquella athmosphera de fogo

São trabalhos esses, feitos de tão disparatada maneira, simples decoração ou antes simples dissipação. Como se comprehende um Centro Agricola numa região adusta, onde faltam aguas, sem os trabalhos preliminares de açudagem? E' preparar as moendas antes do plantio da canna. Ou melhor, conforme a pinturesca linguagem do sertanejo:—é sellar os burros antes de virem as bestas."

O grande jornal brasileiro fez de tres annos para cá tão continuada campanha em pról duma estrada carroçavel ligando a bella Guaramiranga ao Putiú que por fim o gôverno moveu-se e resolveu fazer os estudos necessarios. Parte delles ou todos, salvo engano, perderam-se queimados no incendio da Inspectoria de Obras Contra as Sêccas aqui. Parece que fôram refeitos *in totum*, só faltando agora dinheiro para a execução dos trabalhos. E' esperar pelo emprestimo.

Si não nos enganamos, parece que o illustre Dr. Aarão Reis, Inspector das Obras Contra as Sêccas, pretende vir ao Ceará no fim do anno, tendo como mais poderoso movel dessa viagem o verificar a necessidade palpitante da obra.

A Inspectoria de Obras Contra as Sêccas tem todo um explendido plano de viação no interior dos Estados de nordeste. Ella pretende a construcção de duas grandes estradas carroçaveis: uma de Campina Grande, na Parahyba, a Lavras no Ceará; outra de Iguatú a Oeiras, no Piauhy. Entre as consequencias immediatas dessas obras gigantes está a construcção do famoso açude de Pilões, na Parahyba, que será fonte de incalculavel riqueza naquellas rudes paragens.

Imagine-se todo esse projecto que por ora jaz *on paper* quando estiver realisado e o caminhão automovel fonfonar por ali em fóra, sarapantando as alimarias das fazendas... Então, quando o viandante que romper leguas e leguas de carrascaes esqueleticos avistar entre os troncos lisos a estrada clara, faiscando ao sol, com sa suas voltas colleando pelo sopé dos comoros, mergulhará na illusão de que aquelle caminho resuscita a velha estrada dos Incas, que ia das costas do Pacifico a Cuzco e depois subia pelos Andes, com pontes, acqueductos e abrigos para as tempestades de neve; ou aquella linda via romana, que, vindo das Gallias, mettia-se pela Illyria, seguia as ribas da Dalmacia, varava a Achaia, parava á beira do mar; depois, do outro lado, recomeçava, volteando a costa berebére té a Numidia, toda lageada, com bancos, postos de soccorro, guaritas, miradouros, almenáras e vigias que descobrissem a approximação de inimigos; ou ainda a larga róta de marmore claro que Ridder Hagaard diz conduzia ás minas de Salomão....

"Diario do Estado" - 23-7-1914.

Afranio Peixoto, o scintillante prosador da "Esphynge", querendo justificar a entrada na Academia de Lettras de individuos notaveis, mas sem relação alguma com as lettras, creou a sua interessante theoria dos expoentes da cultura nacional. Era o caso, segundo lembraram alguns jornaes, de modificar o nome da Academia. Deveria ser consequentemente Academia dos Expoentes da Cultura Nacional. Aventaram outros até uma modificação mais simples e mais facil. Ficaria Academia Brasileira tão somente. Academia Brasileira *de Lettras* é que não poderia continuar a ser após a acceitação que teve a theoria do brilhante romancista.

Tinham entrado para a Academia pessôas sem o menor convivio com as lêttras, notaveis, acceitemos, por trabalhos politicos e até de engenharia, mas que em litteratura só tinham produzido um discurso ou uma mesquinha brochura sem valor. Houve serias discussões em torno desse rumo que a corporação ia tomando. Os desgostos começaram a apparecer e fôram fortes. O sr. José Verissimo nunca mais compareceu ás sessões. O sr. João Ribeiro resolveu mudar-se para a Europa.

Veio um sôpro de reacção. Começaram a apresentar-se candidaturas mais litterarias. Venceu a de Alcides Maya. Surgio a de Emilio de Menezes. Brilhou a de Goulart de Andrade. Veio a furo a dum emproado chronista de jornal, fi-lancioso e arrivista, mas litterato embora assim, o dr. Gilberto Amado.

Mal acaba de fechar os olhos o eminente mestre Sylvio Romero, já anda o serviço de cavação eleitoral sendo feito por tres candidatos. Dessas tres candidaturas duas são litterarias, uma não, pertence á theoria já referida dos expoentes.

A primeira é a do sr. Mario Pederneiras, o mimoso poeta do "Fon-Fon", que, pezar de seu talento, não achamos de vulto para entrar naquelle cenaculo. E' um poeta delicado, vibratil, doentio mesmo, mas não tem a força necessaria para ser um escolhido da immortalidade.

Chefia no Rio uma pleiade de rapazes que nas brilhantes paginas da elegante revista seguem os passos de Rodembach.

O poeta flamengo nasceu na velha cidade de Bruges, ali viveu e amou o seu aspecto triste, pardacento, medievo. Bruges é uma cidade de recordações; é a cidade das rendeiras, dos fossos cheios de agua esverdinhada, immovel, das fortificaçôes abandonadas, dos campanarios esguios erguendo-se para o céu como mãos postas numa supplica, dos carrilhões e dos grandes sinos vibrantes. A planicie que a cerca amarellece toda no outomno e vive cheia do alto chiado das cigarras.

Para a sua poesia Rodembach transportou todo esse triste scenario. E' um poeta de paiz do norte plumbeo, nevoento, vagaroso. Pois no céu esplendente, sob o cobalto quente de sol do Rio de Janeiro, entre aquellas montanhas monotonas e eternamente verdes, diante daquelle mar cambiante e illuminado, nasceu todo um grupo de poetas, rapazes de talento, mas que vão

41

...arinho errado, cantando o outomno, a cigarra, os fossos lodentos, as torres crenuladas, o bimbalhar dos carrilhões, a voz potente e sonora do grande sino.

Affigura-se-nos mais viavel a segunda candidatura. Talvez seja a vencedora. E' a do sr. Luiz Guimarães Filho, poeta de certo valôr, diplomata e prosador. O seu livro de prosa teve algum successo. E' um leve estudo amaneirado, com umas tentativas de imitar Pierre Loti, da China e do Japão, onde o auctor viveu muito tempo. Intitula-se "Samurais e Mandarins". O vulgo no Rio por brincadeira o chamou logo de entrada Samburás e Manequins.

Mas Luiz Guimarães, na nossa opinião, deve ser o escolhido. Seu valor é maior que o de Mario Pederneiras. Sua obra é mais seria e maior.

A terceira candidatura, si fôr victoriósa, é de molde a honrar o Ceará, mas não é uma candidatura de litterato. E' a candidatura dum philosopho, o sr. Farias Britto. Não nos consta, porem, que a Academia seja de Philosophia.

O illustre Cearense é uma grande capacidade e tem trabalhos notaveis. Em todos, porem, revela a maior incapacidade litteraria. Máu grado a theoria de Afranio Peixoto, os exemplos já havidos, a reacção deve continuar. Funde-se uma academia de sciencia ou uma de expoentes e deixe-se a *de lettras* para quem de direito. Nella o Ceará já teve Araripe e Heraclito; ainda tem um representante Clovis. Pode dispensar muito bem a candidatura Farias Britto. S. S. é um dos homens de maior valor intellectual neste momento, em todo o paiz. Ninguem soube colleccionar na cabeça maior numero de systemas philosophicos. Mas S. S. não é um litterato, antes pelo contrario, muito pelo contrario.

41

"Diario do Estado" - 30-6-914

A posse dos Secretarios de Estado

Pelo adiantado da hora não nos foi possivel dar noticia completa dessa solemnidade, realisada sabbado ultimo.

Cerca de 1 hora da tarde, presentes o sr. dr. Gustavo Barroso e grande numero de pessôas gradas, o sr. dr. José Lino da Justa ao entregar-lhe o cargo para o qual fôra nomeado pelo excmo. sr. Presidente do Estado, pronunciou o seguinte discurso :

Ao despedir-me deste departamento da administração pública, sejam minhas primeiras palavras um agradecimento sincero aos meus companheiros de repartição, aos collaboradores leaes e esforçados que muito concorreram para que tivesse sempre bom exito o trabalho intenso que aqui se desenvolveu durante tres meses, na grande obra da paz e reconstrueção do Ceará.

Bastante desvanecido e grato, conservo a lembrança feliz de não ter deixado aqui um desaffecto.

Não fui chefe, tornei-me antes um collaborador, um companheiro da mesma officina, trabalhando para o mesmo fim, tendo sempre em mira o bem público e o amor á minha terra.

Cabe-me agora a grande satisfação e honra de apresentar-vos o meu substituto, o illustre conterraneo dr. Gustavo Barroso que, estou certo, vem com o mesmo ardor civico que nos inspira, coadjuvar a grande obra moralizadora tão bem iniciada pelo benemerito brasileiro General Setembrino de Carvalho, na administroção tão auspiciosamente inaugurada.

Tenho vivaz esperança de que elle saberá corresponder a confiança que todos os cearenses depositam nos altos meritos do joven e distincto patricio vem circundando pela luz de uma intelligencia que muito cêdo se revelou tão promissora e fecunda.

"Diario do Estado" - 25-7-917

Admirador que sempre fui dos seus bellos dotes de espirito, sinto-me feliz de assistir neste momento á victoria dos seus esforços bem orientados, do seu indefesso labor.

Elle representa a mocidade, o talento e o trabalho ; com essas qualidades primordiaes que encerram a força soberana e fecunda, alliadas ao patriotismo de que sobejamente tem dado provas,—o illustre moço cearense será um triumphador.

O Ceará, que elle jamais esqueceu, muito espera do seu civismo e amor á terra que o viu nascer e que o abraça num amplexo carinhoso e fraternal.

—

Em seguida o dr. José Lino apresentou a s. exc. os empregados da Secretaria, proferindo o dr. Gustavo Barroso algumas palavras allusivas ao acto.

O sr. Ulysses Bezerra falou em nome dos seus collegas da Secretaria.

Na Secretaria do Interior estiveram presentes os seguintes cavalheiros :

Commandante e officialidade do 2.º Corpo de Policia, dr. Antonias Lima, Armando Monteiro, dr. Manoel Satyro, capi ao Polydoro Coelho, dr. Hyppolito de Azevedo, dr. Joaquim Torcapio, dr. João Guilherme, dr. Carlos Livino, coronel Virgilio Correia, coronel Tiburcio Gonçalves de Paula, José Teixeira Pinto, coronel Costa Lima, coronel José Marçal, José Alves Barbosa, Eurico Sidou, Sindulpho Chaves, dr. Leonel Chaves, coronel Arnulpho Pamplona, desembargador Domingos Carneiro, pharmaceutico Carlos Miranda, dr. Eduardo Salgado, coronel João Salgado, dr. Peixoto de Alencar, José Marçal Filho, dr. Gomes Parente, dr. Edgard Borges, dr. Baptista de Queiroz, Francisco Xavier Pinto, dr. John Reed, gerente e engenheiro da Companhia de Gaz, coronel Antonio Joaquim de Oliveira, de Aracoyaba, A. C. Mendes, Deodato Pinto, representante do «Diario do Estado» e muitos outros cujos nomes não nos foi possivel notar.

Cabe ao Ceará secundar os esforços do *Diario do Estado*, amparando a feliz idéa do João do Norte, que dessa forma se impõe ao nosso reconhecimento, pondo em destaque seus altos dotes de espirito e coração.

A Herma de José de Alencar

Conferencia do illustre litterato João do Norte em favor do monumento.

E'-nos grato communicar aos nossos leitores que alcançamos do illustre litterato João do Norte, a promessa de fazer uma conferencia em favor da herma de José de Alencar, da qual foi elle proprio quem suggerio a idéa, em brilhante artigo estampado em nossa columna de honra.

Não podia ter melhor patrocinio e ficar sob melhores auspicios, a realisação desta velha divida ao grande Alencar, o incomparavel immortalisador de nossas lendas.

Ao mesmo tempo é uma alviçareira nova para o nosso meio litterari , que irá conhecer um João do Norte ainda inedito para nós, e de certo mais uma brilhante laceta do seu fulgurante espirito. Intelligencia varonil, blindada de forte e sadia erudição titteraria, possuidor de um raro temperamento de artista, João do Norte é um privilegiado para as lettras, gozando de justo renome nas mais altas rodas intellectuaes do paiz.

Não é um nome que se impuzesse pelo açodamento de conquistar depressa uma falsa celebridade, na ephemera gloria de apparecer um dia entre os ruidos da fama, e desapparecer depois sob a troça fustigante e inevitavel do juizo publico.

Aguardemos a revelação do João do Norte conferencista, já que o conhecemos e o admiramos escriptor de vastos recursos.

Sua conferencia, alem de um regalo litterario, será a pedra angular do monumento a José de Alencar.

O grande escriptor cearense é digno dessa homenagem.

VIAJANTES ILLUTRES A BORDO DO «BAHIA» ANCORADO EM NOSSO PORTO NO DIA 24 DO CORRENTE

Ao centro, tendo na mão o «Diario do Estado» do dia 24 do corrente, o sr. cel. dr. Benjamin Barroso, presidente do Estado, tendo á esquerda sua exma. esposa e seu irmão major José Liberato Barroso, inspector da nossa alfandega.

A' direita d dr. Benjamin, o dr. Gustavo Barroso, secretario do Interior, a quem o «Diario do Estado» fez carinhosa recepçã, representando-se a bordo por uma commissão composta do dr. Andrade Furtado, redactor-secretario, dr. Deodato Pinto, auxiliar da redacção, A. C. Mendes, proprietario, L. B. Garcia e M. Rocha, reporters. Os quatro primeiros representantes do «Diario» acham-se á direita do dr. Gustavo, na 1ª fi a, e o ultimo, entre o dr. Benjamin e o dr. Gustavo.

Jorn -24-7-914- 44

A bofetada parlamentar...

Em todo o mundo sempre fez parte das bôas normas seguidas a arruaça parlamentar. Dentro do Congresso cada deputado é um leão. Fóra a coisa muda de figura. E' natural.

Nas occasiões de tumulto, de bancada para bancada, trocam-se doestos, uns arremettem para outros, brilham armas. Surgem apaziguadôres. Seguram os nobres representantes briguentos. Estes espumam, rangem os dentes. "Agarrem-me senão o outro me mata!"

E' a repetição da burlesca historia castelhana muitas vezes: "No hay ahi un hombre valiente que quiera brigar con un otro hombre valiente."

Nos congressos dos paizes mais cultos do globo essas scenas de pugilato se repetem, se reproduzem. Os jornaes europeus, estampando ha alguns annos atraz os insultos baixos trocados entre deputados á Dieta hungara, conjunctamente publicavam photographias da sala de sessões da mesma casa legislativa, onde se não via uma só cadeira intacta. Tinha sahido gente em padiolas.

No Capitolio de Washington tem havido bengaladas. Em Paris, no Congresso, logo após as desgraças de 1870, estalaram tabefes. A camara italiana é fertil em incidentes identicos.

Reza a historia que na Convenção Franceza deputados falavam de pistola na mão, outros brandindo punhaes, isto quando não era o populacho que invadia a sala das sessões, tumultuariamente, com cabeças espetadas em piques gottejando sangue.

Flaubert em "Salambô" descreveu uma sessão do Conselho dos Anciãos, na velha Carthago, em que, pezar de sêrem prohibidas as armas sob pena de morte ao lume das tochas rebrilharam aceradas laminas. Antes já tinham na austera sala de Moloch esvoaçado as mais pesadas injurias.

Agora na Cadeia Velha mais uma feita foi repetida a scena de todos os tempos. Mais uma bofetada foi para os annaes.... da historia parlamentar no nosso paiz.

E' verdade, está ahi um ponto excellente para os historiadores illuminarem. Teria sido a primeira bofetada parlamentar do Brasil? a Eva das bofetadas?

O certo, porem, é que o bofete legislativo está consagrado pelo habito e justificado pela historia. Tem brazões de *vieux sang*.... 30-VII

SEGUIU hoje para Cachoeira uma força do 2.º corpo de policia sob o commando dum capitão. Vai juntar-se a outras, vindas de diversos pontos, e tem por fim repôr as autoridades naquelle logar depostas por um movimento politico.

Já são bastante conhecidos do publico os factos que alli se deram. E é de lamentar que tenham luctado partidarios do mesmo credo. A tomada de Cachoeira pelo partido vencedor revestio-se de grande desrespeito ás leis e á autoridade constituida, pois não somente fôram apeiados os seus delegados e prepostos como até soffreu o que havia na villa attacada de repartições federaes.

45

"Diario do Estado" - 27-VIII-914

Falam-se em motivos justificados que levaram um grupo de encontro ao outro. Rosna-se numa prepotencia que o actual vencido exercia sobre o actual vencedor. Não queiramos saber de causas ou de moveis. Devemos encarar o caso em si, insulado, para medir bem a extensão da ferida que produzio no poder constituido.

Acham muitos que se devem propor accordos e partilhas de favores aos dous grupos em lucta. Pensamos que não. Ao governo só assiste um gesto. Repôr as autoridades derribadas. Depois disto feito cuidar-se-ão de palliativos politicos, de remedios a questões futuras por meio de concordatas e de combinações, acompanhadas de concessões reciprocas.

Antes da reposição, porem, o governo deve cerrar ouvidos a tudo.

Supponhamos que as referidas autoridades para nada prestassem. Ao poder publico agora não compete averiguar isso. Compete de modo exclusivo fazer respeitar os delegados de sua força e attribuições, para que o exemplo não fructifique e para que todo o mundo saiba que existem caminhos legaes por onde se chega ao resultado adquirido, nesse caso particular pela mão armada.

Na nossa modesta opinião de simples jornalistas achamos que a reposição das autoridades de Cachoeira se impõe. Depois disso feito, então, que o governo acolha benevolamente concessões, concordatas e conchavos, e fará muito bem.

Antes é que não.

(48)

A mocidade de hoje tem o culto do sport. A de alguns annos atraz desprezava a fortaleza da constituição physica e procurava na languidez e nas olheiras a belleza varonil. Era a influencia do romantismo. 1830 com Lamartine e Musset puzeram aquella gente a perder.

Durante muito tempo a juventude esqueceu que a verdadeira belleza masculina estava nos typos puros da estatuaria antiga, no Apollo do Belvedére, ou Apoxyomenos do Louvre.

Nos tempos de suprema harmonia a de belleza suprema da Hellade os jogos olympicos apregoavam a utilidade, o valor e a belleza da gymnastica. As mulheres se apaixonavam pelos gladiadores e pelos discobulos, pelos lutadores e pelos cocheiros de ageis quadrigas.

Em tudo parece que dominava o culto da forma e da robustez. Para os degenerados a lei spartana de Lycurgo fôra impiedosa. As olympiadas marcavam edades da vida social. Todo o mundo antigo mais ou menos acompanhava a Grecia nesse ponto.

No periodo de transição da idade média o sport minguou. Isto não quer dizer que desaparecesse o valor da força physica. Os infanções viviam de lutas continuas, a bruteza guerreira imperava, mas raro tempo sobrava aos solarengos para os jogos do tavolado e o treinamento de falcões ou sabujós.

Percorrendo mares, fazendo guerras, em pós a Renascença fizeram-se gerações de homens fortes. Mas não era a generalidade. Eram exce-

pções. O total marchava dia a dia para o abandono da gymnastica e do esforço té cahir no esmorecimento romantico, amaneirando-se e effeminando-se.

Porem certo a idade moderna volta tanto quanto lhe é possivel, tanto quanto o permittem condições de tempo e meio, aos tempos do paganismo. Desapparecem os dogmas. Apagam-se as regras que prendiam o homem, impedindo-o de satisfazer desejos que eram peccados e são simplesmente as coisas mais naturaes deste mundo. Só se cultua a belleza. Só se aprecia a forma. Divinisam-se as artes. A humanidade torna novamente ao amor do bello, do simples, do elegante e da alegria.

Já as mulheres vestem semelhanças de tunicas, as fazendas se descerram, os pannos rasgam-se, as formas peregrinas das pernas apparecem, os artelhos delicados mostram-se, os braços andam de fóra, o sapato vai sendo substituido pela kaliga, onde um pé mimoso e nú não terá a prendel-o e occultal-o mais do que leve, espaçada trama de macias correias....

No mundo inteiro o sport campeia. E' modelo que se copia em esforço continuo, nos passes de gymnastica sueca, o velho. o esquecido apoxyomenos. A's archibancadas do foot-ball comparece o mundo elegante. Na Suecia, na Noruega, na Inglaterra, na Allemanha, na Dinamarca, fazem-se enormes arenas onde têm logar os "jogos olympicos"....

Até nas velhas ruinas de Arles, de Nimes, de Syracusa, sobre o lagedo em que pisaram os tragicos gregos, os melhores artistas da Europa relembram Eschylo, Euripedes e Sophocles.

Jean Richepim, ha pouco tempo, numa conferencia sobre o tango, em Paris, fez essa dansa de requebros e meneios, compassada e tendo algo de hieratica, descender das velhas dansas religiosas do paganismo.

Que a humanidade marche em busca de retornar como puder aos velhos tempos encantadores, em que só a dominem o riso, o prazer, a graça, a belleza, a harmonia sobretudo. E que dogmas e revelações que a tornaram tão triste e peccadora fiquem esquecidos, como sonhos maus que passaram, na poeira dos tempos!

28-VII-914

FOI coisa que muito preoccupou ha tempos certos jornaes francezes a entrada dos litteratos na politica. Uns diziam que os homens de lêttras não podiam ser politicos; outros affirmavam o contrario. Somos mais ou menos da primeira opinião. O escriptor ou poeta, este especialmente, nunca devem dar o braço á politica. Este pensamento é de ordem quasi geral. Os que delle se afastam por excepção fazem-n'o obedecendo a uma necessidade premente de qualquer especie.

A nossa camara está cheia de homens de lêttras. Dos melhores poetas do Brasil ali ha dois: Murat e Augusto de Lima. Os prosadores não têm conta. Desde Coelho Netto até Arthur Orlando apparecem fantasistas, romanticos e jurisconsultos de elegante escrever.

Quando um litterato em nosso paiz abandona um pouco seus livros e corre para a politica, é tão corriqueiro o facto que nem espanto

causa. Na França já não é assim. Quem é escriptor é somente escriptor. Raramente muda de róta e toma por um atalho qualquer. Mas lá fazer livros bons é profissão rendosa, escrever para jornal idem. Um individuo de nomeada póde enriquecer com sua penna. Pelo menos pode viver com fartura sem outro auxilio que não ella. O renome custa a vir, mas, se vem, traz abundancia e socego.

Aqui não. As lettras, o jornalismo, nada disso permitte certa folga na vida. O individuo vê-se forçado a procurar outras fontes de renda. E' advogado ou é politico. Muitas vezes é até mesmo negociante. Porem o litterato não é nunca um bom politico. Haja visto os que andam lá pela camara. Ha excepções. O sr. Luiz Murat por exemplo. O sr. Coelho Netto é refractario. Ainda se não acostumou com a politica.

Entretanto existem politicos que o são por indole de tal fórma que escondem até o seu grande amor e o seu grande geito pela litteratura. Ainda hoje o *Unitario* publica uma linda carta da Europa feita pelo sr. Virgilio Brigido. E a gente, ao lêl-a, fica com pena de que o talentoso cearense não seja mais litterato do que politico.

Em Paris, quando o sr. João Richepin quiz ser deputado os jornaes disseram delle o seguinte:

Richepin, au Palais-Bourbon,
Point ne fera de politique,
Car il s'y présente en champion
Des lettres, de l'art poétique.

Et s'il arrive, désormais,
Que, jaloux de son éloquence,
Nos députés parlent français,
Nous aurons vraiment de la chance.

Da critica franceza bem se vê que não é só no Brasil que os deputados estragam a lingua.

29-VII-1914

CUIDA-SE na Assembléa de um projecto sobre introducção de reproductores estrangeiros para beneficiar o nosso gado resistente e soffredor.

Andam por ahi a condemnal-o como augmento de despezas. Com effeito na quadra dolorosa que atravessamos, não se póde supportar nenhum augmento de gastos. Porem, si o augmento não fôr muito grande e seus resultados por demais compensadores fôrem certos, achamos de bom parecer o tentar a experiencia.

O Ceará precisa no mais breve espaço de tempo possivel cuidar um pouco mais de sua pecuaria. A creação de postos zootechnicos será contribuição valiosa ao desenvolvimento de sua riqueza pastoril. Nem devem pairar duvidas a respeito.

Jamais foi o Ceará terra de largas culturas. Apezar das sêccas periodicas, das chuvas opportunas para a vida das pastagens, o sertão cearense sempre foi pelas suas condições, excellente para a creação do gado. A agricultura reduzio-se sempre a produzir para o consumo local. A nossa terra é paiz de creação de gado e nella a cultura do campo nunca passou de auxiliar da vida pastoril.

Do Alemtejo vieram sem duvida

(20)

as primeiras cabeças de gado para o Ceará. No sertão proliferaram. A raça que sahiu é pequena, mas traz na constituição de aço a ancestralidade secular dos animaes que lutaram contra dezenas de secas. Resignada, sobria, valente, mansa, tudo supporta e vive a despeito de quanto o meio rude onde faça para perseguil-a.

Imagine-se agora essa raça expurgada dos males que a diminuem annualmente numa porcentagem assombrosa, cruzada com exemplares sadios, escolhidissimos, de raças já devidamente escolhidas para o clima, para o meio, com verdade e desejo de fazer bem da parte de quem regulamentasse a lei e o serviço! Onde iria parar em progresso a nossa pecuaria? Até onde cresceria a riqueza publica e particular que na mesma se baseia?

Certo que seria uma alta e nobre méta.

Para melhor se julgar do quanto vale a creação de gado no Ceará e mostrar a grande valia das medidas de protecção quando á sua feitura presidir verdadeiramente o desejo do bem publico, bem entendido, basta se vêr o que diz em cifras o seguinte quadro sobre a riqueza pecuaria deste Estado, quadro feito de accordo com o inquerito realisado pelo ministerio da agricultura:

Especie do gado	Numero de cabeças	Valor em réis
Bovino	1.162.000	78.000:000$000
Equino	421.000	22.000:000$000
Muar	281.000	19.500:000$000
Caprino	1.495.000	7.300:000$000
Ovina	1.304.000	6.500:000$000
Suino	485.000	5.200:000$000
Totaes	5.149:000	139.000:000$000
Terreuos e bemfeitorias		61.000:000$000
Valor provavel		200.000:000$000

São por demais eloquentes os algarismos que ahi ficam. O Ceará tem 200 mil contos empregados na sua pecuaria! Deve o poder legislativo tratar portanto com o maximo cuidado qualquer questão a ella relativa.

"ANTIGAMENTE a escola era risonha e franca", diz uma batida poesia recitada em todos os salões. O mesmo não podemos dizer em relação ás antigas escolas no Ceará, que eram, segundo o depoimento dos coevos ainda vivos, verdadeiras cóvas de caco onde a meninada chiava de verdade na palmatoria.

Transformaram-se os costumes; a palmatoria desappareceu. A escola é hoje risonha e franca, ao envez de o ter sido, mas tambem não devia ser tão frouxa e livre a educação de agora.

Livre-nos Deus de preconisarmos o uso da palmatoria, mesmo o da cafúa, do quarto escuro. Longe está de nosso pensamento desejar que se restabeleçam os castigos corporaes. Muito pelo contrario. Somos contra elles em toda a linha.

Tinhamos vontade, porem, de que pais e mestres, o lar e a escola, caminhassem em materia de educação por mais seguras vias. Quizeramos que formassem rapazes obedientes, sãos do corpo e da alma.

30-VII-1914

Porque menino é, no singelo dizer matuto, "a nação de gente mais espritada que ha". Menino não tem um tico de juizo. Dahi acontecer aqui o que em parte alguma acontece. Emfim o Ceará é a terra dos paradoxos!

Na idade em que os rapazelhos inglezes frequentam o curso secundario, jogam "tennis" e "foot-ball", seguem os exercicios excellentes que Baden-Powell creou com os "boys-sconts"; na epoca em que o allemãosinho disciplinado atavicamente procura nos livros e no "sport" instrucção e força; no tempo em quo o sueco se apura mais e mais em gymnastica, seguindo um pequeno e serio curso de methodo claro e bonito, aqui o adolescente, acurvado e bisonho como se já velho fôra, com os diplomas de preparatorios *á la diable* no bolso, espirito adoentado, corpo fragil, começa a procura dum pergaminho e escreve nos jornaes libellos accusatorios contra os crimes dos governos!

E' ultra delicioso o caso! Senhores pais de familia, attendei; não consintais que vossos filhos abandonem os livros e o cuidado do desenvolvimento physico para enveredarem assim tão cedo por tão insegura estrada! Tende um pouco mais de energia para dar juizo aos vossos meninos. Não vos aconselhamos nem por sombras a bater nas creanças. Nem cuidamos de vos indicar a antiga e desusada palmatoria. Mas, si não bastar já a vossa força moral, pegai-os e mettei-os pelo menos no quarto escuro..... que soltos assim de dia andam a fazer travessuras.

"Diario do Estado" - Ceará - 31-7-914

49

Maurice Maeterlinck no seu empolgante livro "Thesouro dos Humildes" aconselha o silencio. Diz o philosopho belga: " Si todas as palavras se assemêlham, todos os silencios differem." Não pode haver maior verdade. E nada mais nobre do que o silencio do homem de bom proceder ante o bravatiar e o insultar da rafaméa.

Nas "Mil e uma noites" ha uma historia de grande profundeza moral na sua roupagem redoirada de fantasia. São cavalleiros que sobem uma alta montanha em busca de coisas preciosas. De todos os lados vozes os apupam e injuriam. Chegam os insultos a tal ponto de baixeza e canalhice que uns se voltam, alfanges núa, prestes á lucta. Mas, coitados! logo para alli quedam transformados em pedrouços rudes. E quem calado ouvio as babozeiras e dellas não fez o menor caso subio ao topo da serra, e ganhou as delicias que lá estavam reservadas.

Por isto não nos cançamos de aconselhar o silencio nobre ante as arremettidas soezes. O' creaturas que sois vis, covardes, injustamente cobertas de apodos, calai-vos! O silencio do desdem, a calma do desprezo, são as unicas respostas.

Deixai o berreiro, o clamor da turba a ella só. Não n'o respondais para que o calumniador, o verrineiro sinta que na couraça de vossa alma não fazem móssa as affrontas baixas; para que não caiam [illegible] ao peso crú dos baldões de rua; para que não pense que a vossa resposta foi reflexo no espelho da vossa alma das diatribes arrojadas.

Calai! Calai! A nobreza do aspeito é a defesa melhor. Que esperneem e clamem a seu bel prazer sem o flagicio de replica qualquer. Antes de

Macterlinck haver escripto o elogio do silencio já o velho e primoroso Carlyle. que o sr. Ruy Barbosa não deixa de mão, havia exclamado :

«*Silence and Secrecy*»!

E tambem :

«As abelhas só trabalham na obscuridade, o pensamento só age no silencio e a virtude só vive no segredo....» 1-8-914

Já o inverno vai passando da linha que as necessidades naturaes da terra lhe marcam como limite. Si assim continuar, mez de agosto afóra, teremos o que com muita propriedade o cearense chama "sêcca d'agua."

Máu grado todas as calamidades que lhe caem ás costas: repiquetes, invernias prolongadas, mazellas politicas, tudo o que ruim e prejudicial, o sertanejo heroico vai fazendo de vagar com uma tenacidade segura de ariete, o progresso material de sua terra.

Agora que falhou o recurso de expatriar-se, pois a Amazonia está em agonia verdadeira, elle, obrigado a ficar no seu habitat inclemente, ha de mourejar tanto e tão bem que mais passos de progresso inda ha de dar o Ceará.

Passe esta epoca triste de crises de toda a sorte e veremos que surto e que impulso della sahirão, embora a im não pensem os pessimistas.

O cearense infatigavel vai fazendo aos poucos, sem auxilio de ninguem, a exploração das riquezas de seu torrão, onde a sêcca campeiou feroz, até formar, pela adaptação e hereditariedade na raça, o typo do luctador tenaz e fortissimo do caboclo cabeça chata, o homem mais esperto, intelligente, resignado do Brasil inteiro.

Dissemos que a sêcca campeiou, e não dissemos que campeia porquanto os trabalhos de interesse geral feitos pelo governo e os feitos pelos particulares, todos diminutivos dos effeitos das sêccas, são de tal ordem já e em tal numero que começam a produzir effeitos beneficos.

Basta citar como exemplo uma simples zona, um municipio, onde o sertanejo tem conseguido obter agua e portanto culturas e criação com bastante abundancia. Para esse estalão tomemos o municipio de Limoeiro. Alli dezenas de cataventos de ferro zincado americano, centenas de moinhos d'agua feitos de carnahúba, nos dois mil poços instataneos alem duma infinidade de bombas manuaes, cacimbas, poços forrados de alvenaria, sugam a agua do sub-sólo avaro, em grandes profundidades, para o uso domestico, a sêde do gado soffredor e o alivio das plantações torturadas de sol.

GUSTAVO BARROSO

Após longos annos de ausencia de seu estremecido torrão natal, chegou da Capital da União o nosso distinctissimo amigo e talentoso intellectual Dr. Gustavo Barroso, que veiu desempenhar as funcções do elevado cargo de Secretario do Estado, para o qual fôra merecidamente nomeado pelo governador actual, Coronel Dr. Benjamin Liberato Barroso. E' com intima satisfação e ufania que aqui consignamos este feliz acontecimento, porquanto Gustavo Barroso occupa na galeria dos amigos do Instituto logar de summa distincção e benemerencia.

Ceará — Revista Escolar — julho — 1914

3- Agosto - 1914

Interessante cidade é Belgrado, a capital da Servia. Fica de tal modo situada na confluencia do Sava com o Danubio, tão perto da fronteira austriaca, que ahi é o meio do thalweg do Sava, que as fortalezas de S. M. Francisco José como Semlim, distante da capital servia dois kilometros, a têm sob a ameaça potente de seus canhões.

Belgrado é uma cidade que tem feito notavel e rapido progresso. Em 1890 não tinha gaz e possuia 30 mil habitantes. Hoje é de primeira ordem com todo o conforto moderno.

Nessa pequena capital européa a municipalidade é uma extremada e terrivel defensora do theatro nacional. Nos theatros de Belgrado, por lei, só se representam peças servias, de autores servios. A representação duma peça estrangeira é summamente difficil e depende de complicada licença.

A moralidade dos costumes é extraordinaria e por demais interessante. O individuo vai morar com uma bonita mulher que encontrou no passeio elegante de Kalimédan. Livre-se de viver com ella, seja quem fôr, mais de 8 dias seguidos na mesma casa. A lei servia é inexoravel.

Decorridos os oito dias regulamentares, entram-lhe pela porta a dentro um *pope* e dois gendarmes. O casamento é feito á força. E o peior é que os três representantes da religião do Estado só se vão embora depois de receberem uma bôa esportula—paga de seu trabalho honestissimo. Do contrario alli ficam como estafermos.

Legalmente o concubinato é prohibido por mais de oito dias. Por isto, os que gostam de viver dessa maneira, de sete em sete dias se separam e recomeçam no nôno, isto é, um dia depois. Como não ha nada no mundo em que se não descubra uma utilidade, vê-se que a lei moral daquelle paiz tem a vantagem de dar um dia certo de intervallo ao amor, prolongando a lua de mel que é feita assim á maneira de sessões.....

E' um typo digno de nota, na vida intima da Servia o forçado. O forçado servio anda na rua com uma grande corrente aos pés, em cuja ponta ha pasadissima bola de ferro. Elle limpa a rua da neve. Varre-a. Leva a agua e lenha para as casernas. Na maior parte das vezes o forçado é um condemnado politico. E como naquelle bemfadado paiz o assassinato do Rei é coisa classica, e os reviramentos politicos duma subitaneidade espantosa, os funccionarios publicos, que se dirigem ás suas repartições, desbarretam-se á passagem dos forçados. Reflectem:— "Amanhã podem estar de cima e posso ser demittido!"

A Servia é um paiz admiravel nos pormenores de sua vida intima caseira. Vejamos uma anedocta, que parece inveridica. Entretanto não o é.

E' historica.

Milosch Olsenowitch morava em Topchider, numa casa de campo, rude e pobre. Chamado a reinar pelos seus subditos, foi e reinou com força. Veio uma revolução. Na occasião em que lhe communicavam que Belgrado se insurgia, jantava em Topchider. Mal teve tempo de fugir. Assim mesmo antes de saltar a janella, pegou de uma boli-

nha de pão, escondeu-a numa fricha da veneziana e disse:

—Virei buscar-te!

Vinte mezes mais tarde, por uma nova revolução, estava de volta e retirou a bolinha de pão, suja, encarquilhada, que hoje em uma redoma de vidro claro, é apresentada ao estrangeiro como reliquia.

Esse Milosch Olsenowitch fôra aliás como o papa Sixto V, guardador de porcos.

O seu patrão era um ricaço, criador e agricultor, Theodoro Olsen. Os turcos dominavam o paiz. Olsen fez a revolução, organisou tropas, tomou a peito expulsal-os. No primeiro combate cahio morto. As tropas servias fraquejavam sem chefe, sem direcção. O guardador de porcos num gesto de audacia tomou o commando, inflammou os soldados, ganhou a batalha, derrotando a turcalhada.

Depois casou com a viuva de Olsen, apoderou-se de tudo o que era do defunto, da mulher, da fortuna e até do nome. O povo fêl-o principe e deu-lhe o governo da nação que surgia.

Sempre têm desses reversos as paginas da historia dos povos. Dum lado principes, heroismos e combates. Doutro bolinhas sujas de pão, porqueiros que casam com viuvas.

Milosch foi deposto por um principe dessa grande, nobre e audaciosa familia dos Karageorgewitch, hoje reinante por causa duma sedição militar que victimou o rei Alexandre, da raça dos Olsenowitch, ultimo descendente do grande guardador de porcos de Topchider.

A historia da Servia é tão cheia de rebeldias e pronunciamentos, assassinatos de pretendentes e reinantes—que é muito melhor, muito mais agradavel, estudar sua vida particular, do *coin du feu*, que ao menos faz sorrir, do que analizar suas reviravoltas e luctas politicas ou bordar considerações sobre a guerra formidavel em que se vai empenhar.

Ha no fundo desta actual e gravissima questão européa uma lucta de raças. O arremeço austriaco, que ha tanto tempo se contivera mascarado com sonhos politicos nobres e ideiaes de grande liberdade, nada mais é do que a inadiavel carencia de expansão. A raça teutonica precisa expandir-se. Já a afoga a estreiteza do habitat. Germanisou o que poude da antiga Illyria e da velha Hungria. Agora necessitava ir adiante.

Mas uma raça forte e monstruosamente numerosa veio socegadamente se adensando na sombra silenciosa dos seculos, lá no oriente europeu. O moscovita comprehende o perigo allemão. Elle já experimenta quanto lhe dóe a infiltração pacifica e avassaladôra de elementos tudescos pelas fronteiras abertas nos tempos de paz. E está de lança em punho no seu corcel semi bravio, á espreita, prestes a defender-se.

O forte da lucta fica nesses dois. Os mais não passam no momento presente de côros bem ensinados. A propria França com seu ideal de desforra não tem razão de ser protagonista da alta tragedia. O slavo e o germano são as figuras principaes do immenso palco. Elles é que formam a verdadeira acção. Delles veio a causa mater do conflicto.

E na Russia enorme a quantidade de judeus é incontavel O semitismo é um cancro que róe o imperio dos czares.

Não ha perseguições sangrentas que o extirpem. Renasce. Rebrota. Admiravel, extraordinaria raça similar dos phenicios que seculos e mais seculos e maïs seculos ainda de oppressão e morte não conseguiram diminuir de força physica e de energia moral! Raça unificada num mesmo desejo de victoria, tenaz, ardente e sopitando por politica o seu ardor, pensando com um só cerebro, agindo com um só braço, mais numerosa, aguerrida, forte e sobretudo rica do que no tempo em que possuia terras asiaticas! Raça, a de maior qualidades que a humanidade tem produzido; raça de phenicios, judeus, amorrheus, jebuzeus e outros, que fez jerusalem e Carthago, que teve Moyses e Hannibal, que realisou longas navegações e deu monstruosas batalhas! Raça magnifica, sadia e indestructivel do primeiro filho de Noé!

A gente inferior de Cham já se deixou prostar. A gente victoriosa de Japhet parece que vê chegar a sua vez, que os seus dias estão contados. Vai sobrenadar ao seu desapparecimento o povo fortissimo do Sem.

Em futuro bem proximo o dominio do mundo será talvez do semita.

4-8-1914

Jean Jaurés

Já que o telegrapho noticia a triste historia do assassinato do sr. Jean Jaurés, podemos com notas que nos vão fornecidas contar um traço seinte ante de seu espirito, uma critica espirituosa á falta de espirito e criterio de muito jornalista nacional.

Era no Rio de Janeiro. O sr. Jaurés preparava-se nos bastidores do Theatro Municipal para fazer uma de suas annunciadas conferencias.

A plateia estava cheia. O saudoso Barão do Rio Branco sorria no seu camarote. Jaurés passeiava de um lado para outro. De quando em vez respondia ás arguições dos reporters que o importunavam.

O redactor do «Jornal do Commercio» destacado para acompanhal-o e que era o nosso patricio João do Norte falou-lhe das massadas que o eminente tribuno vinha de ha muitos dias supportando, porque concedia entrevistas e dava ouvidos e tréla a quantos jornalistas o procuravam. Jaurés riu e respondeu com um incisivo commentario:

—*Oh! non cher ami, ces journalistes brasiliens sont extraordinaires!*

—*Mais pourquoi, Monsieur?*

—*Parce que j'etais encore à la mer et ils me demandaient déjà quelles etaient mes impressions sur le Bresil!*

Vale por uma piada verdadeiramente gauleza.

5-8-1914

Tattegrain era o pintor das coisas horriveis. E' delle o celebre quadro "Les bouches inutiles". Duma cidade medieva sitiada, mulheres, crianças e velhos, expulsos pela necessidade da heroica guarnição poupar os viveres, erram á mota dos fossos, entre a neve revolta, desprezados pelo inimigo, escarvando a terra gelada á cata de cadaveres para comer....

Outro quadro seu é a "Peste". Noite. Luar resvalando em mysterios brancos de luz sobre a planicie gelada. Alto esqueleto envolto em alvo sudario, lugubre e solemne caminha cercado de lôbos. Sobre a caveira lisa esvoaça um corvo.

54

Essa mania do horrivel que perseguia Tattegrain, que perseguio Jean Paul Laurens, quando fez os "Emmurés de Carcassone", que incitou Villiers de L'Isle Adan nos "Contos Crueis" e inspirou Edgard Poe" nas paginas de "Arthur Gordom Pym", já foi bastante estudado por um dos melhores e mais modernos jornalistas francezes.

Do mesmo modo que João Luso, o chronista das "Dominicáes" do venerando "Jornal do Commercio", um dia lembrou em esfusiantes periodos a "phobia do novo", Jacques Normand, o escriptor parisiense a que nos referimos, provou a existencia da "horrormania".

Na "Comedie Française" o sr. Henri Lavedan fez sobre o assumpto um estudo mais do que serio.

A horrormania vive, prolifera e seduz na litteratura. Está no "Mazeppa" de Byron; no "Kostaki" de Dumas Pae; na mumia de Gautier; na sombra de Banquo, no soliloquio de Hamleto, no sabat de Mac-Beth; no "Enforcado" do Eça; na "Revista Nocturna" de Zedlitz; no "Segundo Fausto", na "Noite de Walpurgis", e que sabemos mais.

Agora azado é o momento para se desenvolver. A guerra na Europa será uma epopeia de horrores inconcebiveis. Amantes dessas sensações, pintores, escriptores, litteratos, fartai-vos, fartai-vos!

Tendes nos campos de batalha nesses testemunhos da eterna barbaria humana, farta messe de impressões e de emoções....

Eia! renasça mais uma vez a "Dança Macábra" dos paineis e retabulos da Idade Media!

6-8-1914

"Die Wacht am Rhein" foi o canto que os soldados allemães entoavam na campanha de 1870. Em todas aquellas ferozes batalhas, em Wissemburgo, em Saint Privat, em Chambord, em Gravellote, em Villiers Champigny, respondeu á Marselheza emocionante o som enthusiasta desse hymno militar da Allemanha.

Na sangueira heroica de Keischoffen, quando o turbilhão dos couraceiros francezes passára tonto de metralha na celebrada carga da morte, o Imperador Guilherme I, que ainda não era Imperador e somente Rei da Prussia, batêra febril na bota com o rebenque e soltára uma frase feliz:

"Oh! les braves gens! les braves gens!"

O ferreo Bismarck tambem tivera a sua frase celebrada:

"Foi a Sentinella do Rheno quem levou o exercito allemão a Paris!"

Teria sido?

Pôder-se-á attribuir a uma musica e a um canto patriotico o valor e força necessarios para electrisarem de tal modo o coração das tropas que a victoria seja uma realidade quasi somente por sua causa?

Si assim fôr, temos com mais justa razão de crêr nos effeitos ardentes da Marselheza. Ao som dessa musica extraordinaria o francez penetrou no Cairo e em Moscou! Cantando-a percorreu a Europa inteira no tempo em que os *rabugentos* reclamavam do Pequeno Cabo fazer as campanhas mais com suas pernas do que com seus braços.

Diante um do outro ahi estão hoje a Marselheza e Die Wacht am Rhein, a Sentinella do Rheno. Veremos qual o vencedor.

O francez em assumpto de cantos militares e enthusiastas tem uma rica e excellente copia. Em Valmy, venceu, de piques contra canhões, bradando entre a fumarada as estrophes do Chant du Depart. Agora talvez entre num combate recitando por meio do estralar dos obuzes os versos do Clairon, em que palpita inteira a grande alma de Deroulède:

"L'air est pur, la *route* est large
Le clairon sonne la charge,
Les zouaves vont chantant....."
. . . . . .
"Puis, dans la forêt, pressée,
Voyant la charge lancée
Et les zouaves bondir,
Alors le clairon s'arrête,
Sa dernière tache est faite
Et il achève de mourir."

Ninguem mais do que o francez sabe cantar coisas que falem ao coração do soldado. E si o belga tem no seu canto nacional, La Brabançonne, qualquer coisa de heroico e electrisante deve ao espirito francez. São francezes, é inegavel, e não belgas, estas palavras:

"Après de siècles d'esclavage
Le belge sortante du tombeau,
A reconquis par son courage
Son roi, sa loi, son drapeau!"

Póde-se affirmar sem medo de erros que, alem da grande questão de raças, uma outra questão, quiçá tão grave, impellio uns sobre outros os povos europeus.

E' a hegemonia commercial do mundo, que a Inglaterra e a Allemanha disputam.

Quando nas eras napoleonicas a Europa somente cuidava de guerras e mais guerras, a unica nação que verdadeiramente possuia esquadras era a Grã-Bretanha. Ficára-lhe o dominio dos mares. Trafalgar dera-lh'o com o sangue de quatro almirantes.

Então fez suas colonias prosperarem e tomou conta do commercio mundial. Passaram-se os tempos. Acostumára-se a ter nas mãos, incontestе, a supremacia dos negocios.

Mas appareceu-lhe pela prôa, a empecer-lhe a marcha, uma competidora terrivel. O commercio allemão collocava nos mercados do universo os productos da industria allemã. Ainda eram bisonhos e timoratos um e outro. Fôram-se infiltrando, fôram-se immiscuindo pouco e pouco. Como a falsificação dos taes productos era inferior, a Inglaterra creou uma lei obrigando-os a trazer uma etiqueta vermelha e branca—*Made in Germany*.

Com o seu assombroso progresso o allemão conseguio dentro de pouco tempo produzir bom e barato. Seus productos melhoraram de maneira espantosa. Abarrotaram os mercados. E o inglez subtil manteve em todos elles o seu aviso pequeno. Mesmo nos seus productos de certa qualidade, fabricados pela industria do paiz, poz o rotulo—*Made en Germany*, porque o que era allemão já se acreditára.

Concurso de muitas causas é sempre o que póde gerar um grande facto. E' complexa sempre a razão de ser duma grande guerra. A magna questão das raças, profunda e

temerosa, casa-se á questão commercial, tambem profunda, e temerosa tambem. Talvez mais até. Porque, si a Russia poderia, para resolver a lucta germanico-slava, esperar quatro ou cinco annos mais, a Inglaterra, para decidir a hegemonia naval e commercial, tinha que romper já e já, não podia esperar nem dois annos. Dentro de pouco tempo a armada allemã estaria apta para bater sua afamada marinha. E era uma vez o dominio dos mares....

"La force prime le droit" era a maxima cruel de Bismarck.

Ainda hoje, pelo menos tacitamente assim o garantem as noticias telegraphicas, a Allemanha continúa a pôr em pratica a divisa do Chanceller de Ferro.

Nesta lucta de agora parece que o Imperio não está disposto a respeitar o socego de ninguem. A quebra da neutralidade belga, a invasão do Luxemburgo, tudo isso demonstra que, attacada por todos os lados, na contingencia de defender-se *á outrance*, a Germania nada respeitará.

Plano seu sempre foi esse de attacar primeiro sem hesitações e sem rebuços. Querem guerra, pois será guerra mesmo de verdade! Ella bem sabe que, quem protesta, perde o tempo e a questão. O primeiro arranco é que dá quasi sempre a força moral de vencer continuadamente. Foi o sol de Austerlitz quem illuminou toda a carreira de Napoleão.

E assim vai pisando, amachucando, conspurcando todos os direitos alheios. Nada respeita. De nada faz caso. Tem esses admiraveis soldados que "não basta somente matar á bala, é necessario empurrar para que caiam." Justa, mui justa razão tem de pensar que quem tem força não carece do direito e que o direito é desculpa e apanagio de que lançam mão os que não têm força.....

Justa, mui justa razão dissemos porquanto na eterna covardia e perfidia da humanidade só a força tem demonstrado o que vale. Tudo o mais não passa de artificio.

Somos extraordinariamente sympathicos á França. Não podemos, porem, deixar de reconhecer que actualmente toda a Europa corre feroz contra a Allemanha numa ancia de anniquilamento, numa sêde de desbarato.

Algumas nações têm uma funda questão de raças a resolver, uma profunda pendencia historica que liquidar. Mas ao gesto valente de outras preside mais a inveja e o despeito que outro sentimento mais nobre.

Dahi justificar-se mais ou menos a maneira por que a Allemanha vai procedendo. Só lhe resta uma sahida. Vencer ou morrer deve ser a sua opinião neste transe.

Si fraquejar, está morta. Nem della sobreviverá um resquicio de valor. Arrazam-na. E' levar o mundo á valentona. Tem que abrir caminho a ponta de espada.

Deste modo é-lhe impossivel, de todo impossivel abandonar o adagio de Bismarck:

"La force prime le droit."

10—8—914

Guarde Deus uma embarcação norueglueza de topar na sua carreira pelos mares o navio fantasma!

Dizem as lendas do norte que elle vem balanceado na crista alta das ondas, cheio de cadaveres putrefactos, um esqueleto na roda do leme, um defunto nos váus de joanete, as velas vermelhas, a bandeira negra....

Está em toda a parte. Um veleiro inglez póde encontral-o agora, na altura da Terra Nova. Horas depois um brigue sueco pode vêl-o nos canaes proximos á Sumatra. Mais tarde avista-o um hiate americano nas costas da California. Está em toda a parte e não está em parte alguma. Todas as desgraças acontecidas pelos mares a elle se devem.

Tal qual esse barco de lenda é hoje a celebrada canhonheira allemã "Panther". Navio de espionagem e provocação, arrogante a subir, deixará no mundo um rastilho quasi inapagavel de lembranças, cada qual a menos honrosa para a Allemanha.

Foi ella quem effectuou com a "Vineta" o covarde bombardeio do forte venezuelano de San Carlo. Três vezes as suas baterias varrêram á metralha os muros antigos do forte valente que se não rendia.

Ella provocou o caso de Agadir que trouxe a Europa de sobreaviso na imminencia duma conflagração. E ainda ella foi quem desrespeitou a soberania nacional brasileira no porto catharinense de Itajahy.

Está fazendo a estação naval do Atlantico. Antes da guerra fundeava muitas vezes no porto do Rio de Janeiro. Nunca serviu para outra coisa que não espionagem e provocação.

Agora passou quasi ao rol das coisas lendarias. Ninguem sabe ao certo por onde anda. No mesmo dia em que em telegramma diz que ronda a bôcca da barra do Rio de Janeiro, envolta na bruma da manhã, preparando-se o "Glasgow" dentro do porto para ir liquida-la, outro despacho affirma que rumou para as aguas sulinas á cata do "Lutetia". Por um milagre ou quasi tanto passa assim de perseguida a perseguidôra.

Em um só dia o telegrapho conta que o "scout" Bahia levanta ferro e vai atraz de vigiar o que anda fazendo, e noticia que a esquadra franceza metteu-a a pique junto á costa da Argelia.

Diante desse encontro de novas, dessas contradições, fica-se perplexo. Que fim levou a "Panther"? Por onde anda esse naviosinho aventureiro? Ter-se-á no seu casco exiguo encarnado o espirito antigo da lenda scandinava que a rapidéz dos transatlanticos e o alcance dos faróes electricos tinham morto desde algum tempo?

Nada sabemos. Certo é que guarde Deus de encontrar a "Panther" qualquer navio mercante francez ou inglez. Mette-o a pique com umá bordada de artilharia sem dizer agua vai e sem a menor piedade por tripulantes ou passageiros embora sejam de nações neutras e mesmo amigas.

Tambem máu grado sua vida lendaria, Deus guarde a "Panther" de se achar ao alcance um instante sequer dos canhões de prôa do" Glasgow ou da grossa artilharia do

11-8-914

Resulta do que ora vai passando na Europa uma coisa interessante. E' que nações de outros continentes já se immiscuem nas questões do seu fôro intimo.

Antigamente a Europa luctava e soffria só. Ninguem ia lá metter o bedelho. Não falamos da epoca em que na America e nas outras partes do mundo só havia colonias e raros reinos ou imperios barbaros ou ridiculos. Porem de tempos mais proximos em que já se erguiam arcabouços bem fortes de verdadeiras nacionalidades.

Ninguem ousava arrostar o secular prestigio do pequeno continente glorioso. E a Europa ditava leis ao universo inteiro. Até um dos nossos poetas disséra que a terra seguia doudejante os passos vertiginosos da grande meretriz.

Nas suas guerras nenhuma nação americana ou asiatica se mettia de permeio com sorriso aplacador. Das suas glorias nenhuma compartilhava. Tambem nenhuma a acompanhava nas suas tristezas.

Agora os tempos mudaram. Todo o mundo crava olhos soffregos no degladiamento titanico das potencias. Nações americanas apparecem com sorrisos de paz. Paizes asiaticos atiram carteis de desafio.

Não é só porque tenham crescido, progredido, fortificado, que assim procedem esses paizes. Ha um outro laço mais forte que os prende á Europa pelo interesse vasto. E' o liame commercial. E todos brigarão com o Velho Mundo ou intentarão pacifical-o somente porque a Europa lhes compra materia prima e lhes vende productos excellentes. A interpendencia commercial afflige todas as nações com as desgraças duma só.

Queira Deus já chegue o tempo em que os lios commerciaes entre os povos sejam taes e de tal fórma que a guerra vá expulsa por indecente e má figura.

913
58

12-8-914

Yoritomo é um dos mais celebrados heróes do Japão. Foi um eminente Shogun da antiga raça nipponica.

Nos tempos mediévos, quando as hordas mongóes se espraiavam, arruinando povos pela face da Asia, retirado e feliz o Japão gozava a abundancia da sua pesca privilegiada, a fartura dos seus arrozaes. Causou inveja aos barbaros aquella modesta tranquilidade. Tropas tartaras embarcaram em juncos e pangaios. Foram dar desembarque nas praias de Yeso, esperando pouca resistencia daquelles ilheus, crentes, certos da victoria.

Mais Yoritomo appareceu de sabre recurvo em punho, montado no seu corcel malhado como tigre, a frente da cavallaria dos Samurais. Foi tremendo o choque! Dos invasores poucos tornadiços foram dar novas da derrota na terra dos mandarins.

O Japão celebrou pelos seculos alem essa sua victoria! Gabava-se de somente defender-se de aggressores e somente perturbar a paz em defesa do solo vulcanico que Lhe fôra dado em partilha.

Depois o Japão começou a luctar fóra do sólo patrio. Guerreou a China e guerreou a Russia.

Agora é aggressor, e violento! Anda a fazer o papel de mongól.

Transpõe braços de mar e vai apoderar-se das colonias allemãs.

Cuidado, terra do sól nascente, paiz do Tuji Yama monotonamente riscado de neves! Os Yoritomos não são privilegio vosso. As outras nações tambem os possúem nas occasiões em que devem apparecer. Cuidado! Talvez um dia o desbarato rompa as filas dos vossos guerreiros e lamenteis o tempo em que a cavallaria heroica dos samuraïs servia tão somente para defesa e não para offensa..... 13-8-914

Versailles. Está reunida a commissão franceza e o Chanceller de ferro vai lhe impor as humilhantes condições da paz de 1871....

Evoquemos a scena.

Julio Favre e Thiers estão pallidos. Bismarck entra arrogantemente, de botas e esporas, farda azul paramentada de amarello torrado, casco pontudo, de bronze. Mostrava na face o orgulho do vencedor. E' verdade que vencêra. O valor individual do francez fôra batido por essa força collectiva que se chama disciplina.

Discutem-se as condições de paz. Ao menor protesto dos francezes presentes explode uma grosseria de Bismarck. Não ha resistir-lhe. O barbaro venceu. As hordas que derrotaram as legiões de Varro acampam em torno do Pantheon e passaram sob o arco triumphal da Estrella erigido á gloria dos famosos soldados do Grande Exercito.

Fala-se francez naquella notavel reunião. Os estadistas francezes não conheciam o allemão. E Bismarck, embora com sotaque, expremia-se bem na lingua que outr'ora fôra falada pelos cortezãos de Frederico II.

Quando chegou o momento das exigencias mais fortes e das humilhações maiores, os francezes resistiram. Tratavam-se a entrega da Alsacia Lorena e o pagamento da idemnisação de guerra.

A um protesto mais caloroso de Julio Favre, Bismarck, rubro, bateu fortemente na mesa e disse em francez:

—La force prime le Droit.

Dahi a razão por que essa frase classicamente só pode ser dita em francez, porque originariamente foi pronunciada em francez, posto que por um chanceller allemão.

14-8-914

Waterloo, em territorio belga, foi o derradeiro golpe no poder militar de Napoleão. Inglezes, Prussianos, Belgas, Hannoverianos, Hessenses, esmagaram os intrepidos soldados da França.

Dizem agora os ultimos despachos telegraphicos que nas planicies da Belgica, cercanias de Liège e Namur, reunem-se os alliados, prepara-se uma grande batalha campal contra as tropas allemãs.

Seria curioso e extraordinario que nos mesmos plainos, pelo menos no mesmo paiz, um seculo depois se travasse outra grande batalha decisiva para abater outro grande predominio militar.

Si assim acontecer, é o caso demais demoradamente estudar aquella lei sociologica que Fausto Cardoso preconisava: «a repetição abreviada da historia.»

Nas planuras da populosa Belgica é que se têm travado as mais decisivas campanhas de todas as

guerras da França. Nellas passaram a galope, empennachados e heroicos, o Marechal de Saxe, Turenne, Condé, Jorge de Rantzau, Pichegru, Jourdan, Ney, Kellemann o moço, com os dragões do Monte São João, Nansouty e os couraceiros da guarda. Alli ficam Fleurus, Hohenlinden, Quatre Bras, Wavre, Ramilies, Nerwinden, Ligny, Jemmapes e Fontenoy.

Numa aldeia acampou o Rei-Sol. Junto ao campanario duma villa esteve o estado maior das tropas francezas que bateram os hespanhóes. Perto daquella povoação a infantaria de França repellio os inglézes. Naquelle comoro os soldados da Revolução rechassaram os velhos granadeiros prussianos. Dentro de um marnél passaram a noite os heróes de Raffet. Adiante os voluntarios parisienses vencêram uma colligação. Na lombada dum cerro batêram-se a bayoneta os granadeiros da guarda. E a cavallaria napoleonica foi morrer, naquelle planalto, ao pé dos quadrados anglo-prussianos!

Agora trava-se no mesmo paiz a mais sangrenta lucta da Europa. E' a repetição abreviada da historia. Já Cesar, quando escrevêra a campanha das Gallias, affirmára: *Horum omnium fortissimi sunt Belgæ* De todos os povos celtas os mais fortes eram os Belgas, porque moravam longe das cidades e do luxo que tanto effemina os animos.

Zeppelins e aeroplanos. Eis chegado o momento de se apresentarem face a face, e de se vêr qual o vencedor, si o dirigivel, si o biplano ou monoplano.

Mas até agora só se têm dado factos isolados, que não permittem julgar quem vai ter a supremacia nos ares. Garros destruio heroicamente um balão germanico. Os dirigiveis tudescos têm causado estragos nos fortes que defendem Liège.

Sabe todo o mundo que a Allemanha confia nos seus grandes balões e que a França possúe a melhor e maior esquadra de aeroplanos do mundo, com os melhores pilotos. Não obstante ainda nenhuma pugna aerea nos permitte ajuizar das vantagens de um ou outro systema.

Tambem, de accordo com os telegrammas que recebemos, não temos base sufficiente e segura para dizer algo sobre a qualidade da artilharia franceza e da allemã, sobre a força de cavallaria duma e doutra parcialidade.

Somos obrigados a aguardar com paciencia noticias mais pormenorisadas, que certamente não tardarão a vir e anciosos esperamos.

Continúa a espectativa...

Kanaris na guerra da independencia grega, em 1820, riscou o seu nome glorioso em rubras lettras faiscantes.

Victor Hugo em uma de suas magestosas odes referindo-se ao heróe grego, dizia que, na pôpa dos navios tomados ao inimigo, a Inglaterra arvorava um balsão vermelho, Hespanha o velho pendão listrado de amarello e goles, a Allemanha o estandarte com a aguia imperial, a Turquia o pavilhão do crescente aureo. Mas Kanaris, o grande corsario helleno, nos navios turcos de que se apoderava somente erguia uma bandeira—o incendio.

15-8-914

17-8-914

De facto, nas enseadas e abras da recortada costa da Moréa dormiam inseguras as frotas levantinas. Não tinham socego as tripulações ottomanas. Noite alta, vezes mesmo pelo quarto d'alva, irrompiam no convez as linguas rubras dos porões incendiados. O fogo lambia a carena da nau. Os marujos deitavam-se aos botes ou ao mar avermelhado de reflexos.

Fôra o corsario temivel quem sorrateiro viera atear o incendio na esquadra inimiga. Sua audacia era inconcebivel. Muitas occasiões atravessava na guiga leve, na bateira veloz, por entre os vasos apinhados duma armada, para ir tocar fogo na capitanea.

Surgia de pé no convez, entre os galhardetes vermelhos das labaredas, machado sanguento em punho, berrando injurias á turcalhada que o fogo desnorteára.

Nunca se vira no mundo maior audacia.

Kanaris era no mar o que hoje com muito maior facilidade podem os aviadores ser nos ares. Verdadeiros corsarios alados, mais longe das balas, acobertados pela immensidade do espaço, defendidos pela velocidade dos motores, podem os pilotos aereos arvorar o incendio, como o arvorava Kanaris, nos edificios e nas cidades mais sumptuosas do inimigo. E' o que estão fazendo. Liége assim embandeirou-se de chammas e dizem as noticias, não sabemos si com fóros de verdade, que um aeroplano francez passou sobre Berlim.

Si assim aconteceu quem terá sido esse heroico Kanaris dos ares, que pode atear fogo nos palacios da capital prussiana como o grego ateava pela calada da noite nos cascos dos navios turcos ancorados na enseada de Vitylo?

61

18 — 8 — 914

Corre como certo que a Turquia, levantando exercitos, está disposta a invadir a Bulgaria, vingando-se assim do que esta ha pouco tempo lhe fez e procurando auxiliar a acção bellica da Allemanha.

Não é a primeira vez que os ottomanos invadem a Bulgaria. Até uma feita Sophia se rendeu ao general de Amurat IV, Sudjé—Balabon. Disto todo o mundo sabe e tambem sabe que a Bulgaria durante muito tempo gemeu sob o dominio turco.

O que, porem, nem todos sabem é que a Bulgaria foi invadida já uma vez pelos ratos.... E' verdade e quem duvidar procure lêr as viagens do sr. Theodoro Cahu aos paizes balkanicos.

Foi em 1867. Eram milhares, e milhares, e milhares de ratos! Vinham dos montes Uraes. Tinham atravessado as steppas do sul da Russia e os marneis da Dobrudja. Appareciam do lado de Rutschuck. Devastavam tudo. Conquistaram até aldeias. Nesse tempo a Turquia era dona da Bulgaria e custou muito a tomar providencias, de maneira que os ratos só fôram exterminados depois de havêrem causado grandes damnos, incalculaveis prejuizos, terrivel mal.

A humanidade já possuia na sua historia as grandes invasões: os hunos, os tartaros, os godos, os magyares, os suevos, os alanos, os

lombardos, os francos, os vandalos. Os animaes que já tinham tambem na sua historia os gafanhotos da Africa, os coelhos da Australia e as avoantes do Ceará, guardam mais essa invasão—os ratos da Bulgaria.

19-8-914

Pedro Malazarte trepado num galho, meio occulto no mattagal frondente, por uma das janellas illuminadas da casa vio o onzeneiro esconder num armario dois bonitos queijos frescos e num bahú um prato de carne assada fria.

Malazarte desceu da arvore e sempre seguido do seu urubú manso bateu e pedio hospedagem.

O sovina deu-lh'a mas foi logo dizendo que não tinha provisão alguma para que manducasse; era tão pobre e desgraçado que até nem café possuia em casa.

O Pedro sujeitou-se a acceitar somente acolheita para não passar a noite no sereno.

Dentro da casa, a conversar com o hospedeiro, virava-se a miudo para o urubú:

—Cala a bôcca bicho!

Até que o dono da casa lhe perguntou o que dizia o passaro moléque.

—Homem, elle é advinhão, e está aqui me dizendo que naquelle bahú tem um prato de carne assada e naquelle armario dois queijos do sertão.

O avarento foi obrigado a ir buscar comida para o Malazarte, espantado da sapiencia do urubú. E tão tentado ficára de tirar proventos mil com as suas excellentes qualidades que o mercou por bom preço ao corredor de aventuras.

Aproveitando todas as lendas referentes a Malazarte, especialmente as advinhações do urubú, Graça Aranha, nosso ministro na Hollanda, fez uma curiosa peça litteraria em que no typo tão popular da nossa lenda sertaneja elle consubstancia o espirito de astucia, velhacaria e aventura.

E' um drama symbolico, sentindo-se nelle certa influencia do theatro de Ibsen. Uma só frase revela a alma irrequieta e aventureira do sertanejo:

—Malazarte por onde tens andado?

—Vogando por esse mundo em fóra.....

Dr. Gustavo Barroso

E' com desvanecimento que temos de registar em nossas columnas a vinda do Dr. Gustavo Barroso a esta terra que lhe serviu de berço e que elle celebrou no seu bello livro «Terra de Sol», o qual constitue poderoso attestado do seu grande talento.

De prazer associamo-nos ás manifestações que lhe foram justamente prestadas pela occasião de seu regresso a esta bemdita terra, e effusivamente abraçamol-o.

O Brasil é talvez o unico paiz onde o culto das bôas maneiras, a elegancia sobria das linhas varonis, educada pelo sport e pelo bem trajar, tem sido condemnada, atacada, quasi maldita.

Infeliz de quem se educou e polio; desgraçado daquelle que amarra bem uma gravata, cinta um palitó e tem vinco nas calças!

Elegancia e força fôram o apanagio da maior civilisação que jamais florio á face do mundo. Na Hellade o culto das attitudes e da forma brilhou no mais puro destaque.

21-8-914

A idade média abafou nas mansões feudaes e nos trajes espessos de burel, grizisco, arbim, ranzal e ciclatom, a desenvoltura feliz e bella das formas. Influencia avassaladora d'uma religião que matava para o mundo os que nella criam.

Modernamente os povos libertaram-se dos preconceitos e de novo campeou o cultivo forte da gymnastica, o bom tom do vestir bem. Mas no Brasil, infelizmente, o preconceito perdura. Maldição a quem tiver o collarinho limpo e a roupa sem nodoas. Maldição e excommunhão!

Entretanto, que incompatibilidade existe entre ser elegante e forte, e ter todas as bôas qualidades moraes e intellectuaes que possam fazer a gloria do homem?

Uma coisa não exclue a outra. Os maiores homens do mundo têm sido até casquilhos. Então, a pensar como neste paiz se pensa, quem visse um Milciades bailar entre auleutridas á sombra dum bosque sagrado não imaginaria que fôsse capaz de bater-se e de affrontar a morte. Punhos de rendas tinha o cavalleiro d'Assas. Com sessenta diamantes cravando-lhe o pennacho andava o grão duque de Clèves e Berg, Murat, o sumptuoso, rei de Napoles e heróe de Eylau.

Ficou todo elle e
— Enviados para
Silva tres pacote
torio do Commissa

22-8-914

63

Uma grande antipathia existe no mundo inteiro pela Allemanha. Ella deve-a á sua arrogancia e maior prepotencia. A Germania moderna sempre pisou sobre as coisas mais sagradas comtanto que lograsse chegar a seus fins. Foi Bismarck quem deste modo a educou.

Durante seculos e seculos a França tem possuido a hegemonia mundial. Jamais se tornou odiosa. Tempos e tempos Albion tem sido dona da terra. Jamais contra seu poder se avolumaram antipathias em tão formidavel crescendo.

O tudesco revelou sempre ao mundo todo uma alma pontuda, fria e aspera como o seu capacete de bronze.

Nunca lhe faltaram aptidões intellectuaes nem coragem de luctar. Mas a arremessada impafia, o retorcimento dos bigodes, a inesperada bruteza dos gestos de espadachim, a propaganda altisonante duma grandeza que repousa numa disciplina quasi escravidão; tudo levantou na opinião universal essa celeuma, esse desejo de esmagar o ferreo paiz.

E agora estão em frente uma da outra as duas frases caracteristicas da lucta actual. Uma exprime o orgulho teutonico:

—"Deutschland über alles."

Outra mostrando a raiva clamorosa do mundo contra a nação do Kaiser!

—"Alles über Deutschland."

A Allemanha acima de todas as nações. Todas as nações contra a Allemanha.

23-8-914

Na vida de Sua Santidade Pio X destacam-se bem nitidamente dois periodos distinctos.

O primeiro, muito mais longo que o outro, elle viveu quasi apagado na sua aureola de caridade, contentando-se modestamente com a sua vida modesta, muito embora lhe houvesse a egreja dado a purpura cardinalicia em homenagem e glorificação de suas excelsas virtudes.

O segundo, demasiado curto para a christandade, o prelado veneziano passou entre o incenso e as sêdas do Vaticano, envolto na sua alva batina, tão singelo e tão simples como sempre fôra.

Modesto qual era na cidade das gondolas continuou a ser; mas influio poderosamente nos destinos do mundo com a geitosa diplomacia que soube crear.

No alto solio pontifical, dirigindo como vigario de Deus os destinos do mundo christão, foi sempre duma impassivel simplicidade que lhe fazia mais amar o titulo de Patriarcha de Veneza que o de Papa.

E os seus nuncios apostolicos espalhados pelas capitaes do mundo iam tecendo em surdina uma teia de paz.

Paz respirava o seu vulto claro, a simpleza de suas maneiras, a brancura de sua vida. Giuseppe Sarto em poucos annos de papado creou em torno de si um extraordinario halo de sympathia.

Na mortecôr da hora presente, triste e duvidosa, o povo espera com anciedade que espirale na chaminé do Vaticano o fumo das sedulas da eleição queimadas pelo concláve para saber o nome de quem ha de ser o successor de S. Pedro.

E assim será pelo tempo além té o dia em que se cumpra a velha prophecia do fim da Egreja. Esta se acabará quando subir á cadeira dos Martinhos e Leões um Papa que se chame Pedro Romano como o Imperio dos Cesares findou com a ascensão de um Romulo Augustulo.....

25-8-914

A esta hora, que se estará tramando nas sombrias salas do Vaticano?

Anda em verdadeiro reboliço a politica dos cardeaes. Nas circumstancias actuaes do mundo, quando em cada paiz da Europa rebentam as maiores complicações, nada mais difficil do que a eleição dum Papa.

O Papa, pela sua situação no momento presente, pela força da religião que ainda perdura no coração dos povos, é como que uma influencia conciliadora entre as nações bellicosas da Europa. Já uma vez o Imperador da Allemanha, lutherano e guerreiro, foi a Roma e visitou respeitosamente o secular combatido de seus antepassados, o branco pontifice da cidade predestinada.

Ninguem julgue que a religião está morta. Ainda não. Construcção de tantos seculos, grande como a pyramide de Mykerinos e alicerçada como os palacios hypostilicos de Tuthmosis, não se afundará tão depressa quanto se pensa.

Esperemos a eleição do novo vigario de Deus.

27-8-914

Foi um dos actos de maior prepotencia da Austria a annexação da Bosnia e Herzegovina á corôa dos Habsburgos, em 1908. Não valêram, nessa epoca, a esses dois paizes os tenazes e raivosos protestos da Turquia e, principalmente, da Servia.

Latente, mas feroz, fôra em todo tempo o descontamento das populações slavas sujeitas á monarchia dualista, que sempre afogou suas rebeldias em muito sangue.

Quando, em 1848, os magyares se revoltaram, tendo á frente Kossuth e Szentés, este moribundo Francisco José, então joven e ardoroso, conseguio habilmente que os croatas prestassem auxilio para dominar a revolução. As tropas austriacas tinham sido batidas pelos hungaros em Peterwardein e em Moor. Vienna andava em rebellião. Fôram os cincoenta mil russos que o Czar lhe enviou por misericordia e as falanges croatas e seresanas de Iellachich de Buzim, o ban de Agram, que esmagaram os rebeldes e reconstituiram, pode-se dizer, o imperio. Ainda hoje a raça slava chora arrependida, esse soccorro que deu ao governo oppressor.

Aproveitando a coragem, digna da Servia, dessa pequena nação de valentes, que já no seculo XII se constituia independente, os bosniacos e herzegovinos alçam a bandeira da revolta.

Como se sahira da alhada difficil o poder austro-hungaro? Onde buscar forças para attender á invasão moscovita, dorrotar os servios, reprimir os rebeldes, auxiliar á Allemanha?

Talvez o momento historico exija que se rasgue e triparta a velha côlcha de retalhos,—ultimo espectaculo de desgosto que hão de vêr os lacrimosos olhos do velho Francisco José.

28-8-914

Permittir-nos-ão os nossos leitores um palpite sobre o futuro mappa da Europa, o que deve ser traçado posteriormente á guerra terrivel de hoje?

Não estamos convencidos do que aqui vamos expôr; porém, não nos levem a mal uma pequena tentativa divinatoria, a maneira do Mucio Teixeira, a qual só terá o valor de coisa curiosa no momento presente, não tendo, aliás, a menor pretenção de acertar.

Parece, pelo rumo que as coisas vão tomando, que a Polonia vai ser de novo um reino independente, tal qual nos aureos tempos de Estanisláu Poniatowski. Mas, a Russia cumprirá a promessa do seu autocrata?

A Hungria tambem talvez se constitua em monarchia livre, relembrando a nação christã de André II.

× A Italia apoderar-se-á habilmente do littoral illyrico, a Dalmacia inclusive, e quem sabe? um pedaço do Tyrol.

A Bosnia e Herzegovina, porventura a Croacia e Esclavonia, juntar-se-ão á Servia, para engrandecêl-a com essa união de povos duma unica raça.

Os paizes propriamente allemães da velha Austria formarão um reino á parte, que se reunirá á federação germanica.

E a Bohemia, onde já soldados tchéques andaram em começo de rebeldia? Esta é provavel que fique autonoma para ligar-se de preferencia á Hungria do que á Germania.

A Alsacia-Lorena voltará á França. O Luxemburgo será annexado á Belgica. As colonias allemãs serão repartidas: as da Africa para a Grã-Bretanha; as da Asia para o Japão. A Russia engulirá a Pomerania. Póde ser que a Dinamarca queira os ducados do Elba....

Certo, a Prussia não será mais cabeça do imperio federal. Tal prerogativa póde guindar a alto posto o Wurtemberg, a Baviera, mesmo a Austria, como antes de 1866.....

Isto tudo se vencêrem os alliados.

Porem, si vencêrem os teutos, o mundo vai vêr como será governado a chicote e esporas.

Temos calma para esperar, porque o barulho róla bem longe.

Conferencias

Conforme estava annunciado, realizou hontem o dr. Gustavo Barroso, no *Club dos Diarios*, a sua conferencia sobre o thema *Dansas*.

Dotado de uma voz grave, clara e medida, o conferencista discorreu durante meia hora sobre o assumpto, conseguindo prender de começo a fim o selecto auditorio.

Remontando ás origens sagradas e guerreiras da dansa, o orador seguiu-lhe a evolução atraves dos tempos antigos, em Roma e na Grecia, nos povos germanicos, na idade media e na renascença, até chegar ás infinitas variedades da moderna arte de Terpsychore.

"Fluminense" - Fort. 17-9-914

A impressão deixada pela conferencia do dr. Gustavo Barroso foi das melhores. Achamos, entretanto, que o illustre conferencista conseguiria agradar mais ainda ao auditorio, si sua expressão, em certas passagens, deixasse de ser grave e sisuda, como sempre, para adquirir mais suavidade e graça, correspondendo melhor ao chiste e *verve* da phrase.

Ao dr. Gustavo Barroso endereçamos os nossos parabens.

"O Dia" - Fort - 17-9-914

Realisou-se hontem no "Club dos Diarios" a conferencia de nosso collega de imprensa dr. Gustavo Barroso ex-redactor do "Jornal do Commercio" do Rio.

A conferencia versou sobre as Dansas, sendo o Dr Gustavo mui applaudido ao terminal a.

S. s. revelou-se um conferencista eximio, empolgando o auditorio.

Depois começaram as dansas, que estiveram bastante animadas, prolongando-se até alta madrugada.

A Directoria dos "Diarios" foi prodiga em attenção a todos os convivas.

João do Norte, em seu verdadeiro livro «Terra de Sol», descreve fielmente scenas do sertão cearense, onde o matuto pratica verdadeiros heroismos contra a cega natureza que o procura esmagar.

"Revista do Norte"
Rio de Janeiro
Nº 1 - 15 - Agosto - 1914

Setembro - 1914 - dia 18 - "Epoca" - Ceará - 1-10-914

João do Norte

O «O Automovel», por intermedio de um dos seus reporters, teve em a noite de quarta-feira ultima, no sumptuoso «Club dos Diarios», a ventura de ouvir a palavra de João do Norte.

O joven e conhecido literato cearense discorreu cerca de uma hora sobre—Dansas—, deixando o selecto auditorio que o ouvia attentamente completamente satisfeito com o modo felicissimo porque abordou o assumpto que escolhêra e encantado pela fluencia de seu verbo privilegiado.

Ao «Club dos Diarios» agradecemos a nimia gentileza que teve, enviando-nos amavel convite para aquella festa literaria.

Conferencias

Realizou-se hontem, com o maior brilhantismo, a conferencia do distincto litterato cearense dr. Gustavo Barrozo e J. Arthur, que revelou ao nosso publico as suas bellas qualidades de eximio caricaturista que é.

João do Norte discorreu brilhantemente sobre a guerra européa e o lapis de J. Arthur, habilmente manejado, traçava-nos de quando em vez as figuras mais em evidencia na actual conflagração da velha Europa.

O selecto auditorio que teve hontem o prazer de ouvir a palavra facil e delicada do apreciado auctor da *Terra de Sol* e vêr a extraordinaria facilidade e pericia com que J. Arthur trabalhava o seu lapis não regateou applausos, aliás os mais justos, aos dois distinctos cearenses.

Foi uma festa de arte, encantadora, delicada e fina, a de hontem, no «Polytheama».

Ao eximio *diseur* e ao brilhante caricaturista conterraneos os nossos parabens pelo bom exito da sua conferencia.

Festival litero-artistico

Realisou-se ante-hontem, ás vinte e meia horas, a annunciada conferencia do nosso brilhante confrade João do Norte, que escolheu para thema de seu precioso trabalho a actual conflagração européa.

Deante de numerosa e selecta assistencia, João do Norte discorreu brilhantemente sobre o assumpto, ao tempo que J. Arthur, o festejado caricaturista cearense, traçava rapidamente e com mestría as caricaturas dos principaes vultos da guerra.

Durante a leitura da sua magnifica palestra, João do Norte, deixou sempre transparecer a sua profunda sympathia pela França, o que nos dava bem a idéa de que era um intellectual que falava.

A Epoca cumprimenta o illustre confrade e abraça J. Arthur, dando-lhes o seu sincero parabem pelo exito obtido.

Falleceu no dia 6 do corrente, no Ceará, o Sr. José Maximiano Barroso, antigo e conceituado homem politico d'aquella provincia.

O finado exercia o emprego de escrivão de orphãos e occupou desde a sua mocidade varios cargos de eleição popular, entre os quaes o de deputado provincial. Como membro do partido conservador, no qual sempre militou, tinha a mais justificada influencia, gozando de geral estima entre seus coreligionarios.

Os seus conselhos tiveram sempre o maior pezo nas luctas politicas que agitaram a provincia. Prestou muitos serviços a sua terra, trabalhou sempre com interesse e dedicação e á sua familia lega unicamente uma pobreza honrada.

Gazeta de Noticias
Rio
12 de julho de 1881

"Cruzeiro" Rio - 12 - julho 1884 68 Recife - 10-11-914

No Ceará, falleceu de uma lesão cardiaca o Sr. José Maximiano Barroso, que exercia ha muitos annos o logar de escrivão de orphãos na capital.

Era um homem politico muito estimado e de uma admiravel dedicação ao seu partido. Seu nome está ligado com brilho a todos os acontecimentos da provincia. O partido conservador, a quem deu toda a sua grande actividade e conhecida intelligencia, perde nelle um de seus membros mais prestimosos.

Trabalhou muito; fez á sua terra grandes e reaes serviços. Morre, entretanto, legando sómente á sua familia seu nome honrado e querido por todos.

"Cearense" Fortaleza
6 - Julho - 1881

Fallecimento. — Está de luto uma respeitavel familia desta cidade.

Já não é contado no numero dos vivos o nosso presado amigo capitão José Maximiano Barrozo.

O cidadão cuja morte por justo motivo pranteamos, era natural desta provincia e exercia com a maior honradez o cargo de escrivão de orphãos desta capital.

Amigo dedicado, esposo honesto e pae estremoso, o capitão Barrozo deixa saudosa memoria entre os seus conterraneos.

Como politico militou sempre nas fileiras do partido conservador, e em diversas eleições foi investido do mandato de deputado provincial.

Acommettido de gravissimo mal, teve sempre a seu lado a virtuosa esposa, Exm.ª Sr.ª D. Izabel da Cunha Barrozo, aquem, bem como a seu filho o nosso amigo o Sr. tenente Antonio Filino Barrozo, dirigimos as nossas mui sinceras manifestações de pezar.

Ao Altissimo dirigimos preces pelo eterno repouso do illustre finado.

VIAJANTES

Vindo do Ceará, passará hoje pelo nosso porto a bordo do paquete do mesmo nome, com destino ao Rio de Janeiro, o sr. dr. Gustavo Borroso um dos secretarios do coronel Liberato Barroso governador daquelle Estado.

Literato primoroso conhecido e apreciado em todo o Brazil por João do Norte, nome com que assigna os seus trabalhos, o illustre viajante acaba de deixar as funcções de seu cargo, afim de se desincompatibilisar para ser candidato a deputado federal.

O dr. Gustavo Barroso será aqui recepcionado por amigos e admiradores do seu bello espirito.

Pernambuco

Idem - 10-11-914

GUSTAVO BARROSO. — A bordo do "Ceará", com destino ao Rio de Janeiro, passa hoje por esta capital o talentoso belletrista Gustavo Barroso, conhecido no jornalismo indigena com o pseudonymo de João do Norte.

O distincto litterato que acaba de deixar o cargo de srecretario do interior do governo cearense para se desincompatibilisar nas proximas eleições federaes, é redactor do "Diario do Estado" em Fortaleza e um espirito altamente culto.

Ao collega que virá a terra e será recebido por amigos, envia o "Diario de Pernambuco" seus cumprimentos.

Pernambuco

Dr. Gustavo Barroso

A bordo do Ceará, acha-se em transito por esta cidade, o dr. Gustavo Barroso *(João do Norte)*, que acaba de deixar o cargo de secretario do interior do Ceará, por elle até então desempenhado com destaque e notoria competencia, para desincompatibilizar-se as futuras eleições federaes.

O dr. Gustavo Barroso é o brilhante impressionista da *Terra do Sol*, que a critica nacional recebeu com o carinho e a sympathia a que o livro do joven escriptor cearense fazia realmente jús, pelo encanto e a vibração das suas sensações d'artista.

O nosso talentoso confrade do *Diario de Pernambuco*, dr. Mario Mello, offerece-lhe em sua residencia, á rua da Matriz n. 9, um almoço, no qual tomarão parte varios jornalistas.

Estado de Pernambuco

Careta - 21 - Nov° - 1914

69

NICOLAU I

Sobre a velha e sagrada Moscow cahia a tristeza duma caliginosa tarde de inverno. As sentinellas das muralhas, envoltas em capotes pesados, salpicados de neve, cartucheiras de metal á moda do Caucaso, cruzadas sobre o peito, tiritavam de frio.

Na pouca claridade da tarde, avultava o conjuncto grandioso, negro e lugubre do Kremlim. Nas cruzes slavas, de dois braços ao contrario, culminando as torres bojudas da cathedral de Pedro e Paulo, os ultimos raios do sol chispavam faúlhas de oiro.

Lá dentro, num embaciado salão, passeava o czar Nicoláu I, cofiando as ruivas suissas, cabisbaixo e raivoso. Emmolduravam a sala filas de armaduras polidas dos velhos duques de Kiew e Wladimir; e nos paineis centraes, entre as portas altas, pendiam retratos de czares antigos. No meio destes dardejava um olhar leonino numa face cadaverica. Era Ivan o Terrivel, vencedor dos tartaros.

Nos vãos das janellas, grão-duques e generaes da casa militar aprumavam os bustos elegantes, cingidos em uniformes verdes, cinzentos e rubros, em receiosa espectativa.

A uma porta lateral, prussianamente perfilado, estava um correio uniformisado á hungaro, largo peito do dolman vermelho trançado de alamares, riscado de brandeburgos, laivado de agulhetas, matizado de poeira e pingos de lama. Trouxera despachos que o imperador amarrotava, febrilmente, nas mãos.

Um grão-duque surgio da penumbra e ostentou á luz baça do salão a farda azul de almirante, constellada de medalhas e cruzes. Demorou um momento indeciso. Depois, atreveu-se a perguntar com voz fraca, entre curioso e timido:

— «Magestade, perdão á minha audacia! Mas o que noticiam da guerra que tanto vos faz soffrer?»

A fronte do czar annuviou-se. Arrastou a voz rouca e raivosa:

— «Os russos batidos, completamente, ha quatro dias, em Inkermann!»

Bateu com o tacão no assoalho marchetado. Fez uma pausa, arfando. Continuou mais enraivecido:

— «Maldita e infeliz guerra essa da Criméa! Os dias da campanha contamos por derrotas. Lord Raglan já passou o Alma! Francezes, inglezes, turcos, piemontezes de La Marmora, todos avançam para Sebastopol!

«Só não vencem os meus generaes, embora commandem soldados de Vologda, do Kuban, de Nertchine e de Primorskoï — os primeiros soldados do mundo! Inepcia e somente inepcia!»

O czar como que se dirigia a si proprio. Olhava a dilatada quadra, olhos duros, como se não visse, nem armaduras, nem generaes. Parou ao meio da sala, cruzou os braços e disse num desafogo:

— «Mas a Russia vai mostrar ao mundo que...»

Um sinistro rumorejo, um roncar sombrio, convulso som de mar dando em rochedos ao longe, interrompeu-o. Todas as faces empallideceram. Esgazeou as pupillas fulvas.

O vento agitou os reposteiros pesados. As armaduras estremeceram no alto dos pedestaes. Um brado de armas, um confuso tropear de cavallaria morreram no salão.

Os generaes sahiram pressurosos, espalhando-se. Tiniram bainhas de espadas, ao longe. Ecoaram vozes de commando.

O imperador atirou ao chão os despachos amarrotados. Olhou em roda. A um canto, ajudantes de campo, camaristas, officiaes da guarda agrupavam-se silenciosos. Chegou a uma janella. O largo pateo interior, deserto, já se afogava na sombra dos pavilhões e das torres.

Augmentava e diminuia o lugubre ululat, continuando. Prussianamente perfilado, o correio nem pestanejava.

Decorreram minutos longos. Um tic-tac nervoso de relogio vinha do aposento visinho e os passos regulares dum granadeiro soavam fóra, na corredoura.

Retinio uma espada em beiços de degraus. Um official do regimento de Preobadjensky mostrou-se á porta e esmiuçou a sala com o olhar. Rapido, o czar surgio diante delle e inquirio veloz e ancioso:

— «Quem procura?»

O militar perfilou-se. Levou a mão á mitra doirada, onde abria azas uma aguia bicephala.

— «O governador do Kremlim, magestade.»

— «Sahio. Que rumor é esse? Que ha la fóra?»

— «Nada, senhor. O povo de Moscow, em massa, quasi revoltado, uiva pedindo a cessação da guerra. Paz, pão e justiça, dizem elles.

«Os cossacos do Terk e os lesghios do Caucaso estão a cavallo. Esperam somente ordens para varrer a ralé! O general Politzine manda por de promptidão os dragões da Imperatriz e os granadeiros a cavallo. Os artilheiros estão de morrões accesos... Não há nada, senhor:»

O czar voltou-lhe as costas. Atirou o olhar tigrino ao medroso grupo dos cortejãos doirados. Relampeou:

— «Ajudantes, meu trotador branco de Orloff, com os jaezes da corôa, ao pé da escadaria dos Strelitz!»

Levantou um reposteiro. Passou a outros aposentos. E a voz forte veio até o salão:

— «Camaristas! Camaristas!»

Lá fóra, dos muros negros da fortaleza á ponte do Moskowa, uma grande multidão gemia. Vezes, ecoavam brados de revolta, berros de desafio. Ondulava toda aquella massa e a ultima vaga vinha quebrar-se no cordão de baionetas das sentinellas avançadas.

Noite 70 Rio
1-12-1914

A' frente do povileu muitos popes, de vestes sagradas, alçavam as mãos com memoriaes amarrotados ou sustinham, direitos para o ar, longas varas rematando em icones bysantinos.

Alguns operarios esganiçavam-se em discursos. Diziam os horrores da guerra. Mostravam as mortandades na Criméa e em Bomarsund. Contavam das miserias do mujik. Terminavam, pedindo a paz, para diminuirem os impostos e menos soffrer o povo.

As sotnias de cossacos, estendidas em linha, esperavam ordens.

Mas resoaram trombetas e clarins, rufaram tambores. Os granadeiros apresentaram armas. Os soldados ferozes do Terk perfilaram a floresta das lanças. Os guerreiros do Caucaso baixaram as pontas reluzentes dos recurvados sabres.

Abrira-se de par em par o largo portão do Kremlim e o magestoso vulto do czar appareceu. Vinha só, a cavallo. Cingiu a corôa imperial rutilante de gemmas. Empunhava o longo scetro com a aguia cravejada de diamantes. O manto de purpura, franjado de arminho, cahia-lhe das costas sobre as ancas do corcel. E de pelle fulva de mosqueada panthera era o chabraque do garanhão, ajaezado com coiro de Novgorod, afivelado de oiro, reluzente de marfim e pedrarias.

Tomada de assombro e respeito, a multidão inteira descobrio-se. Nicolau I ergueu a cabeça. Fuzilaram as pupillas. Pesou um grande silencio sobre a praça. As bandeirolas das lanças arfavam penosamente. O povo nunca vira de perto a pompa selvagem do autocrata. Vieram-lhe de chofre as remembranças armazenadas durante seculos, as crenças antigas, os velhos medos e temores. E sobre o silencio apavorado daquella gente toda rugio a voz dominadora do soberano, faiscante como um fuzilar de raio :

— «De joelhos, canalha ! De joelhos ante o vosso papa e o vosso rei ! De joelhos !»

Instinctivamente, o povo foi se ajoelhando, devagar, como diante dum milagre. Alguns exaltados gritam. Os popes tentaram resistir. Debalde. Todo o mundo ajoelhou de cabeça baixa.

Os soldados perfilados semelhavam estatua. A figura imponente do czar dominava tudo. E por cima da multidão genuflexa e muda, destacando-se em escura massa no pallido reflexo da luz crepuscular, de novo trovejou a voz breve e imperiosa do despota :

— «De joelhos !»

As cabeças abaixaram-se mais e o czar, virando redeas ao trotador branco, recolheu pela grande porta do Kremlim.

Depois, entraram os cossacos e os lesghios. E lá dentro, ao pé da escadaria, onde foram mortos os Strelitz, estrugiram acclamações.

JOÃO DO NORTE

Um typo lendario

A prisão de Antonio Silvino

O famoso "terror do norte", como o pinta uma fantasia mais ou menos fiel espalhada nas capitaes de alguns Estados do septentrião

"Fon-Fon!" - 28 - Novembro - 1914 70

NOTAS MUNDANAS

Noivados

Gustavo Barroso, conhecido homem de lettras sob o pseudonymo de *João do Norte* e nosso prezado collaborador.

Senhorita Antonieta Labouriau, filha do conceituado negociante Snr. E. Labouriau e neta do Snr. Gondolo.

que contrataram casamento.

Os quinze deputados á Assembléa Legistativa, que na ultima scisão, ficaram fieis ao governo. Em pé, da esquerda para a direita : Coronel Alfredo Dutra, Coronel Pompeu Lima, Dr. Cesario Arruda, Dr. Baptista de Queiroz, Coronel Antonio Botelho, Dr. José de Borba, Coronel Emilio Parente e Dr. Edgard Borges. Sentados, da esquerda para a direita : Dr. João Guilherme, Padre Maximo Feitosa, Dr. Aurelio de Lavor, Coronel Tiburcio de Paula, Coronel Lourenço Feitosa, Dr. Alvaro Fernandes, Coronel Luiz Felippe.

"Jornal do Comm.º" Ed. de Tarde (Reporter)
2-12-1914

Emociona o norte a noticia da prisão de Antonio Silvino.

Em Pernambuco, Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará esse nome suave evoca terriveis tragedias, espantosos crimes, que farão do cartouche pernambucano uma figura para sempre lembrada no sertão que encheu de seus delictos e de sua fama.

No Rio de Janeiro, porém, Antonio Silvino é pouco conhecido. Sabe-se que se trata de um perigoso bandido, mas a distancia tirou o relevo ás suas façanhas, esbatendo-lhes os detalhes e nivellando o seu autor aos faccinoras vulgares. No entanto, a triste personalidade de Antonio Silvino é interessantissima pela coincidencia de sua paixão sanguinaria com elevadas virtudes.

João do Norte, no seu bello livro "Terra de Sol", tão bem recebido pela critica indigena, faz suggestivo retrato do bandido, autor de mais de cem mortes, mas incapaz de faltar ao respeito a uma familia.

O seu proprio nome é uma prova de affecto dada á memoria do malfeitor Silvino Ayres, seu mestre, em homenagem ao qual Manoel Baptista de Moraes passou a chamar-se Antonio Silvino.

Outra originalidade: não gosta de cavallo, anda systematicamente a pé, fazendo 18 e 24 leguas por dia.

Habituados agora com as grandes massas dos jagunços do Contestado, causa-nos sorpreza saber que Antonio Silvino se faz acompanhar de cinco ou seis companheiros apenas, todos fardados, inclusive o chefe, que traz uniforme de maior (foi agora preso vestido de tenente-coronel).

"Tem dous fracos (diz João do Norte), duas manias pelas quaes é capaz de sacrificar tudo: brilhantes e perfumarias.

Unta os cabellos com brilhantina cheirosa, borrifa-se de extractos, lava o rosto com agua de Colonia. Anda com os dedos cheios de brilhantes grandes, cáros, encastoados em grossos anneis de ouro."

Não sendo um ladrão no sentido vulgar, onde haure elle os meios de subsistencia?

Numa contribuição forçada, especie de imposto que lançou sobre os agricultores e fazendeiros. "Tudo quanto compra, paga com dinheiro falso. Inunda o sertão de papel-moeda nessas condições. Presume-se que tenha um socio. E ninguem se recuse a receber esse dinheiro. Ai de quem o fizer!"

Antonio Silvino conhece bem os homens...

Por isso, sempre dorme ao relento, não aceitando pousada em parte alguma.

"Ainda não nasceu homem em que eu confiasse."

Nesse ponto assemelha-se o bandido a um celebre vulto da historia republicana -

71

"Paiz" - 16-11-914

Chegou hontem do Ceará, onde exerceu o cargo de secretario geral do Estado e dirige o *Diario do Estado*, orgão de seu partido politico, o Dr. Gustavo Barroso, escriptor que conquistou renome com o livro *Terra do sol*, e antigo redactor do *Jornal do Commercio* desta capital.

Logo que o paquete *Ceará*, em cujo bordo viajava o Dr. Gustavo Barroso, ancorou, partiram diversas lanchas conduzindo representantes cearenses no Congresso, jornalistas e correligionarios do prestigioso politico cearense, que foram recebel-o.

No cáes Pharoux encontravam-se outros amigos do Dr. Gustavo Barroso, que incorporados foram deixal-o na pensão Torino, na rua do Cattete, onde tomou hospedagem.

"Jornal" - 15-11-914

E' esperado hoje a bordo do paquete "Ceará" o dr. Gustavo Barroso, director do "Diario do Estado", de Fortaleza, e antigo redactor do "Jornal do Commercio", desta capital.

O illustre politico e consagrado autor da "Terra do Sol" será recebido condignamente pelos seus amigos e collegas de imprensa.

"Imparcial" - 16-11-914

—Chegou hontem do Ceará, a bordo do paquete do mesmo nome, o dr. Gustavo Barroso, que exerceu o logar de secretario geral do Estado e dirige o *Diario do Estado*, de Fortaleza.

O dr. Gustavo Barroso foi recebido por crescido numero de amigos e antigos companheiros do *Jornal do Commercio*, de cuja redacção fez parte.

A Rua – Rio – 2 – Dezembro – 1914

72

A obra assassina do padre Cicero

COMO SE FEZ O PRESTIGIO DO PADRE

Uma influencia que vive cimentada pela credulidade dos matutos

O padre Cicero

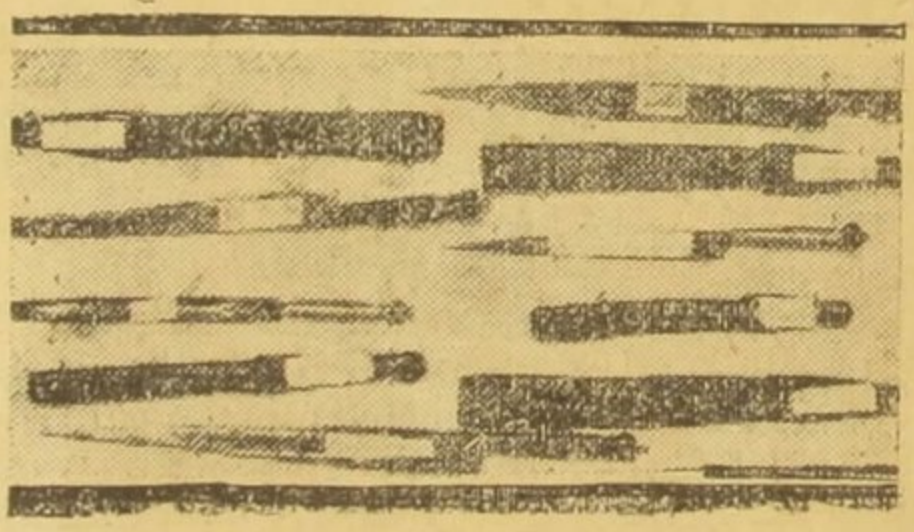
Um dia, á margem do rio Batateira, no Cariry, diz a lenda que uns vaqueiros encontraram uma imagem de Nossa Senhora, sendo ahi construida uma capellinha. Logo começaram a correr pelo sertão historias de milagres realizados por essa imagem achada em abandono á sombra d'uns joazeiros. Formou-se um povoado em torno da capella, que foi crescendo dia a dia assombrosamente.

A povoação do Joazeiro nascida desse modo teve varios vigarios que mais ou menos exploravam o fanatismo popular da região até que veiu cahir ás mãos do padre Cicero, que o explorou de todo em seu proveito.

Maria do Joazeiro era uma beata que lá existiu e já morreu vae em poucos annos. Essa mulher, segundo todos affirmam, ao commungar vomitava a hostia laivada de sangue. E foi deste milagre basico que partiu a influencia enorme do pabre sobre a credula gente do Cariry.

O padre Cicero tem enriquecido com os presentes innumeraveis, as alfaias, as offertas, os mimos, os donativos feitos a elle por toda a população sertaneja. Não ha testamento que lhe não institua um legado, inventario em que não seja parte, partilha que lhe não dê lucro, negocio onde seja socio. Ha pouco tempo, quando a companhia de seguros "Mundial" nomeou seu agente no Ceará, o Sr. Gabriel Fiuza, o sub-agente indicado por esse no Joazeiro fez 14 seguros em favor do padre Cicero. E na febre que avassalou ha dous mezes o Ceará, febre de companhias mutuas, fundou-se uma no Joazeiro presidida pelo padre!!!

De resto, é conhecidissima a sua historia de mandar fazer trabalhos agricola e pastoris do pulpito, sermonando, indicando que hoje trabalharão os Jesés, amanhã os Manueis, depois os Joões, etc.



Algumas facas que os "fanaticos" do padre Cicero usavam quando assolavam os sertões cearenses e que expuzemos hoje á porta da nossa redacção

O Cariry tem um passado de mysticismo, religiosidade, rebeldias e banditismo, que o tornou apto a receber magnificamente a influencia do padre.

Antigamente chamava-se ao Joazeiro — Joazeiro do Crato, hoje até nos documentos officiaes é Joazeiro do Padre Cicero!!!

O grande numero de bandidos que se junta no Joazeiro á população fanatica em nada crê e de nada se arreceia, mas finge acreditar no padre, para á sombra dessa crença e influencia commetter depredações. Elle sancciona tudo.

Para augmentar sua riqueza em terras de nada recúa. Move questões, ganha-as, arranja doações na hora da morte, aterrorisa proprietarios até lhe cederem por ninharias os melhores sitios da região. E' mais do que conhecida a questão das minas de Milagres, as celebres minas do Coxá, de que se apoderou o padre, após uma violenta campanha do seu jornal *O Rebate*, feita ella pelo Sr. Floro Bartholomeu, seu assecla que reuniu seus artigos em folheto.

Quando o ministerio da Agricultura offereceu premios aos cultivadores de maniçoba no norte, o padre Cicero concorreu a elles, apresentando relatorios de uns 12 seringaes de maniçoba de primeira ordem...

Canto e arteiro, o padre sempre encontra uma tangente para eximir-se da responsabilidade e tudo faz escondendo-se no manto de sua religião e de suas conveniencias. E' um verdadeiro tartufo.

O padre Cicero é acolytado, para o effeito do recebimento das esmolas por *secretarios* e *secretarias*, beatos e beatas, fieis escolhidos a dedo pelo Manuel Victorino, especie de mordomo da Curia, no Joazeiro.

A grande força do padre é na demarcação constante de suas terras, cujos marcos sempre avançam, emquanto os dos pequenos proprietarios sempre recuam. O seu engenheiro e feitor é um aventureiro belga que se intitula conde Adolfo von der Blue.

Para emancipar Joazeiro da cidade do Crato, o padre prohibiu o pagamento de impostos pela população até que o governo elevou Joazeiro a villa. Agora já é cidade e deve ter uns 30 mil habitantes em palhoças de infima qualidade, amontoados bestialmente sem hygiene e sem conforto, preguiçando, matando, roubando e rezando antes e depois.

Quando o bacharel Santa Cruz foi varrido de Alagoã do Monteiro pelo governo da Parahyba, deu-lhe acolhida no Joazeiro e teve o topete de exigir do governo referido 327 contos de indemnisação para o bacharel. Felizmente riram-se delle.

Em toda a zona do Cariry o vulgo o chama *meu padrinho* e, só lhe fallam no nome de chapéo na mão. E' crença geral que é santo!

O padre Cicero é tudo. Medico, mezinheiro, pregador, charlatão e propheta, elle é o protector de todos os bandidos que se chegam ao seu arraial.

Quando o acciolysmo cearense apoiado pelo caudilhismo do Sr. Pinheiro Machado pretendeu apeiar o Sr. Franco Rabello, do governo do Ceará voltou as vistas para a malta sinistra do padre Cicero, para a sua alma infernal de facinora de batina.

O padre, porém, era velho e não poderia commandar a legião de bandidos que iria devastar os sertões da terra de Iracema e vir até Fortaleza para depôr o Sr. Franco.

Foi então que surgiu a figura diabolica do Sr. Floro Bartholomeu. O Sr. Floro, com a mesma alma do padre, com os mesmos instinctos assalariados tomou o commando dos bandoleiros. O resultado foi esse que ahi está. Os operosos sertões do Ceará, viram-se de noite para o dia sob o peso do terror e do crime. Matou-se, incendiou-se, roubou-se, saqueou-se, prostituiu-se miseravelmente. A região feliz que não de Joazeiro a Fortaleza é hoje uma ruina. Os campos foram queimados, as secas reduzidas a cinzas, toda a fortuna dos sertanejos passada para as mãos do Sr. Floro.

Velhos, moços, crianças, virgens, tudo isso morreu na faca assassina e no trabuco infernal dos fanaticos do padre.

As facas que hoje exporemos á nossa porta e cuja photographia publicamos foram tomadas dos facinoras que tomaram parte da conflagração da terra cearense. Ha-as de todos os tamanhos e feitios: a "quicé" de matar crianças, a "pageú", a lingua de cobra", o "punhal", a "parnahyba" de arrasto, etc.

Todas ellas têm uma historia horrivel. Serviram para sangrar e matar muita gente.

73

Fon-Fon! - 5 - 12 - 1914

Folhas dum carnet

Pequenas notas engraçadas duma estadia

Chegavam as noticias da guerra a Fortaleza. O enthusiasmo pela França enchia todas as almas. E os estudantes de direito resolvem fazer uma manifestação ao consul francez. Foram ao edificio do consulado. Gentil e ardente como todo o filho das Gallias, o agente consular commoveu-se. Recebeu-os com o maior agrado. Distribuio champagne. Fez um discurso. Agradeceu com lagrimas a manifestação.

Os estudantes sahem de lá mais do que encantados e no caminho, de retorno, um lembra a conveniencia de manifestação identica ao consul da Grã Bretanha. Vão ao escriptorio do inglez, afim de lhe significarem seu apoio moral em favor da *entente cordiale* e contra a Allemanha.

Um delles fez longo, ardoroso discurso. O inglez ouviu-o em silencio, calmo, risonho como sempre. O rapaz exaltou-se, gritou, falou em 1870, recordou as eras napoleonicas, pintou batalhas navaes, contou surprehendentes cargas de cavallaria. O inglez frio não se alterava... Era tão differente do borbulhante consul francez...

Emfim, o estudante findou a oração. Soou, resoou uma longa salva de palmas. E o inglez, voltando-se para o orador, retrucou-lhe com a maior fleugma deste mundo:

—«Oh! mim agradece muito sua bonita palavriada.»

* * *

Era lustrosa e cantadora a graúna do presidente do Estado. Andava solta por todo o palacio. Um dia pisaram-na, quebrando-lhe uma perna. Um dos aduladores chorou com pena e foi buscar um medico para cural-a. Escolheu o Dr. R.

O esculapio encanou-lhe delicadamente a pata e euvolveu-a depois em gazes macias e desinfectantes. A graúna beliscou-o valentemente.

Dias depois volta o sapiente doutor. Retira o apparelho em presença do presidente e de seus aulicos. Horror! A perna da graúna estava collada, porém com o pé para traz e a pobresinha, ao envez de locomover-se, tinha o movimento isochrono e oscillatorio dos pendulos...

* * *

Uma luzida reunião familiar. O salão illuminado e alegre faiscava de decotes e joias. No intervallo de duas partes de quadrilha, um dos convidados imitava o gesto, a voz e o andar de typos conhecidos. Puxára um topete á testa, arrepanhara os cantos do cabello, puzera a mão no peito.

—«Meus senhores e senhoras, Napoleão Bonaparte.»

Um espirituoso companheiro, ao lado, ladra com rara habilidade. Toda a sala ri. E o rapaz com a maior fleugma deste mundo:

—«Meus senhores e senhoras, o cachorro de Napoleão.

* * *

Fallava-se do immenso geito que tem o cearense para as mamparras. Contava-se de bolas de borracha falsificadas, de goiabada misturada com abobora, muito especialmente de dois coiros tirados dum bode só, um das costas, outro da barriga. Vai um dos da roda intervem:

—«Conheço melhor. Ha lugares no sertão onde o matuto é tão esperto que esfola bodes e cabras vivos com tal maestria que pouco soffrem, soltando-os, depois, pellados, sanguentos, pela campina afóra, afim de criarem nova pelle...»

Um dos presentes interrompeu-o:

—«Mas é possivel que esses pobres bichos nada sintam?»

—«E' sim. Como não! Elles só sentem um pouquinho no primeiro dia, quando o sol esquenta...»

* * *

Caçoando, um dos presidentes do Ceará, perguntára a um diario frequentador de palacio:

—«Sr. Fulano, conheceu algum dia, porventura, um presidente melhor do que eu?»

E logo, torcendo o bigode, retruca o interpellado:

—«Sr. presidente, melhor do que V. Ex., só o presidente que lhe succeder.»

Doutra feita ao sahir o bispo duma visita que fizera ao presidente, indaga este ultimo, chocarreiro, da mesma creatura:

—«Que desejava V. ser hoje: bispo ou presidente?»

E elle, imperturbavel, respondc:

—«Eu preferia accumular, sr. presidente.»

João do Norte.

"Jornal do Commercio" - 6 - 12 - 1914

Antonio Silvino

CAPITULO DA 3ª PARTE — «OS GRANDES TYPOS», DO LIVRO — «BANDIDOS DO NORTE».

Jámais igualado na sinistra fama, nunca excedido no criminoso mister a que se dedicou, o bandido Antonio Silvino é o maior vulto de criminoso dos sertões de nordeste e, altaneiro, domina a sua historia a historia de uma região inteira, fertil em banditismo, «habitat» da cangaceiragem. E o proprio Antonio Silvino tinha tanta certeza do tamanho e valor de sua fama sangrenta, que um dia, quando o sertão parahybano andava convulsionado pelo Bacharel Santa Cruz e pelo Dr. Franklin Dantas, disse num povoado matuto, em conversa animada com alguns parceiros:— «De uns quatro annos para cá não gosó mais celebridade: só se quer saber de cangaceiro — doutor...»

Antonio Silvino nunca tomou parte em conluios politicos do sertão. Sempre se eximio de grupos numerosos. Vivia só com o seu resumido bando, vagueando em liberdade. Uma feita, quando foi da invasão a Parahyba, em 1912, pela liga de Santa Cruz, Dantas, Saldanha e Neco Januclo, fingio adherir ao movimento, mas em realidade manteve-se afastado, bem afastado até.

Typo interessantissimo e completamente original na sua vida de matar e saquear, Silvino sempre se manteve nas quadras de gaudio ou de apertura, á maneira de Jesuino Brilhante: cinco ou seis companheiros, boas armas, toda a pradaria hispida dos sertões, plena liberdade, a cumplicidade do habitante, ou por medo, ou por admiração, e os combates, e os sambas, e as noites frescas dormidas ao relento sob a luz pallida da lua, no silencio dos vastos campos adormecidos...

Nascido em Pernambuco, no districto de Afogados de Ingazeira, em 1875, baptizado por Manoel Baptista de Moraes, tomou depois o nome de Antonio Silvino, em lembrança do chefe sob cujas ordens se fez, o denodado Silvino Ayres, preso em combate com uma força de policia.

Anda de continuo com seis ou oito bandidos. Nunca tem mais. Vive com uma farda de Major de policia ou Coronel da Guarda Nacional, galões dourados no punho. Seus bandidos usam velhas fardas de soldados, botões areados, luzindo. Todos têm divisas como se fossem officiaes inferiores.

Desse pequeno bando têm feito parte matadores conhecidos nos sertões como Godê, Balisa, João de Banga, Rio Preto, Cocada, Dois Arroz, Tempestade, Ventania, Nevoeiro, Barra Nova e Relampago.

74

Largo tempo Cocada foi o seu Tenente de confiança.

Antonio Silvino é filho de Balbina de Moraes e Pedro Baptista de Almeida, o qual era semi-cangaceiro e foi assassinado ahi por 1896, em Janeiro, pelo Subdelegado local e por José Ramos da Silva, que foi processado e preso. O delegado, porém, não teve a menor punição, contentando-se o Governo simplesmente em demittil-o, nomeando para seu lugar um farmanaz do sertão pernambucano, Francisco Braz.

Indignado com a injustiça social que lhe faziam, Silvino, ardoroso e herdando qualidades da familia, propensões para a vida rude do cangaço, taras de varias modalidades, talvez com uns vinte e um ou vinte e dous annos, cingio a cartucheira, poz o *riffle* ao hombro e dentro de poucos dias commettia o primeiro crime.

Encontrou uma vereda invia Manoel Ramos Cabeceira, sobrinho do assassino de seu pai, que vinha em companhia de um tal João Rosa. Com dous tiros certeiros derrubou os dous. Explicava: matára o primeiro, porque era membro da familia inimiga, para ferir o adversario, o matador de seu pai; matára o segundo, para o primeiro não morrer sósinho.

A policia perseguio-o. Deitou-se á catinga. O sertão ganhava mais um cangaceiro. E é assim a *vendetta* matuta e é assim que os carrascaes de nordeste se assemelham ao *maquis* da Corsega.

Moveu-lhe perseguição formidavel o Subdelegado Francisco Braz, homem mui valente e protector da familia Ramos. Antonio Silvino resolveu matal-o. Planejava desta sorte pizar o segundo degrão do crime. Topou um dia, á beira de uma varzea triste, o Delegado. Ambos vinham sós. Lutaram ferozmente. Foi um desses duellos sertanejos, travados á faca num recanto do bosque, tendo por unicas testemunhas os gaviões sobranceiros, alcandorados nos galhos seccos das gamelleiras altas, luta medonha em que ao ruido do pugilato não se junta nem um gemido dos contendores, embora o vencido fique esfaqueado, cahido sobre o panasco, abandonado no silencio vasto da catinga... Antonio Silvino matou-o nesse dia e durante algum tempo andou foragido por distantes sertões. Depois tornou á querencia antiga, á malhada costumeira.

Por essa época José Ramos, talvez com a cumplicidade das autoridades policiaes, fugira da cadêa e escondera-se na fazenda da Immaculada, perto do Teixeira, na Parahyba, acolhido benevolamente pelo celebre Delmiro Dantas, senhor feudal daquellas paragens.

Voltou do seu homizio o incansavel vingador e encontrou-se com Silvino Ayres, que o convidou para ir á villa do Teixeira, onde o mesmo desejava vingar-se dum inimigo. Os dous com um pequeno bando de asseclas destemidos cercaram a casa do delegado do Teixeira, mas levantaram o cerco sem proveito por saberem que os Dantas da Immaculada vinham com muita gente em sua perseguição. Retiraram-se para Pajehú de Flores e lá ficaram residindo calmamente. Mas a policia não descontinuava de perseguil-os, até que um dia prendeu Silvino Ayres. Foi, então, que Manoel Baptista de Moraes passou a chamar-se Antonio Silvino.

De accôrdo, os Governos de Pernambuco e Parahyba continuaram a perseguição do cangaceiro, que já se celebrizava nas versalhadas dos troveiros, sendo factor sem mesmo o saber de todo um cyclo de cançôes guerreiras, especie de cançôes de gestas, que correm os sertões, impressas em papel ou na memoria do povo crendeiro. Duas vezes cercado, nesse tempo, em Matinhas e Fagundes, pelo Capitão José Augusto, Silvino escapou do cerco, baleando a rôles soldadesca de policia.

Em 1899 entrou no Estado de Pernambuco e foi sitiar a usina do Major Santos Dias, em Canhotinho. Levava um fim especial — como os guerreiros que assediaram Troya dez annos compridos! Queria tomar uma mulher casada que fugira do marido por gostar mais do usineiro. Nada conseguio. Avisado em tempo, o Major Dias occultou bem a mulher e resistio a bala.

No combate pereceu uma innocente — a irmã da adultera.

Como se approximavam soccorros da usina, fugio, sendo sitiado adiante, em Gravatá de Bezerros, pelo sub-delegado João Gonçalves. Rompendo os duros e espinhentos carrascaes do sertão pernambucano, Antonio Silvino escapou com um braço baleado, refugiando-se na Parahyba e deixando no capinzal e nos foiriços, deitados para sempre, dous companheiros.

No mez de Abril de 1900, em Calaços, o já fallado Capitão José Augusto cercou-o com 38 praças bem armadas. Antonio Silvino e os seus resistiram e escaparam. O tiroteio durou seis horas. Perseguido de perto, varados os matos onde se acolhia, perquiridas as casas dos seus amigos mais sinceros, palitadas as moitas a bayoneta, o bandido teve de augmentar o bando vagabundo e feroz. Em Junho do mesmo anno elle tinha nos seus entrincheiramentos do Surrão uns cincoenta homens audazes. A policia parahybana andava-lhe no encalço e a de Pernambuco fechava-lhe as fronteiras da terra natal.

A's 8 horas do dia os cangaceiros comiam o seu almoço de carne com pirão na casa de José Gato, um amigo, morador nas cercanias do Surrão, quando foram assediados por 120 soldados, das policias de Parahyba e Pernambuco, commandados pelo Capitão Angelino e o Alferes Paulino Pinto. O tiroteio foi terrivel. Os bandidos largaram a colher de estanho e o prato, pegaram as clavinas e metteram-se nas tocaias. Haja baia! Num curioso raconto que fez do combate tempos depois, referindo-se á violencia do tiroteio, para caracterizar o estalido secco das detonações das carabinas «Mausers», Silvino, na sua linguagem pittoresca disse: «Homem, parecia um tabocal pegando fogo!»

Silvino, baldo de munições, conseguio romper o cerco e de fóra matou com certeiro tiro o Alferes Paulino Pinto, da Policia da Parahyba. Então, o desbarato dos cincoenta homens foi completo com a fuga do chefe audaz. A tropa pegou nove cangaceiros. E, para vingar o seu Alferes morto, o sargento José Lopes mandou sangral-os ao pescoço. Um não deu um gemido: foi o bandido de mãos bofes Antonio Francisco.

Nessa fuga Antonio Silvino foi parar em Pernambuco, onde matou, num encontro, o seu inimigo Sebastião Corrêa.

Desappareceu algum tempo.

75

Depois, surgio no Rio Grande do Norte, onde o Tenente Tolentino o cercou em Caicós, na fazenda Pedreiras. Foi forte a luta. Morreram muitos soldados e alguns bandidos, entre os quaes um menino de seus 14 annos, assiduo companheiro de Silvino, de quem este dizia fôra o *homem* de mais coragem que já vira. Esse menino era celebre pela sua pontaria certeira. Escapo desse aperto de Pedreiras, escafedeu-se para o Ceará, onde repousou occulto alguns mezes.

Mais algum tempo e foram se sabendo noticias de crimes que praticara após sua volta do Ceará. No Ingá assassinára um homem; em Pinhões, outro; em Figueira, o sub-delegado Francisco Antonio Cabral. Em Nazareth, pleno sertão pernambucano, fugio de outro cêrco da policia. E a lista das mortes que continuava a praticar assombrosamente crescia: em Aroeiras matou Severino, um esculca da policia; em Mogeiro tirou a vida de um ex-sargento, um tal Manoel da Paz.

1904 registrou no mez de Outubro uma interessante façanha do cangaceiro. Antonio Silvino entrou na villa do Pillar, na Parahyba, fardado de praça da policia, penetrou no quartel do destacamento, onde só estava na occasião um soldado e o carcereiro, tomou-lhes as chaves da cadeia e soltou os presos. Com o auxilio destes prendeu todos os soldados do destacamento, inclusive o commandante, e os metteu na prisão. Depois, exigio resgate do delegado de policia. Recebeu-o e poz-se no mundo.

A mania deambulatoria, os desejos de luta e sangue, levaram-n-o até os Cariry's Novos e até o Ceará, de onde, perseguido, regressou de novo a Pernambuco. Nessa torna-viagem, hospedado em uma casa em Pianco, foi cercado por uma força. Não pôde resistir. Uma bala, no inicio do tiroteio, quebrou-lhe nas mãos a fecharia do «riffle». Deu ás de villa Diogo.

Em 1905, a pedido de um de seus amigos, deu uma surra em um sobrinho de José Gouvêa, sertanejo rico e influente. Este enfureceu-se, tomando a desfeita como um escarneo á familia e ao seu barbaro poderio. Foi á Capital da Parahyba e conseguio do Governo a sua nomeação de capitão de Policia e uma força segura. Foi tambem ao Recife e lá arranjou um forte destacamento, além de armas para os populares que se quizessem devotar á captura do terror dos sertões nortistas.

Antonio Silvino, avisado de sua volta, ia esperal-o em uma bem feita tocaia perto de Caruarú. Mas, um acontecimento imprevisto salvou José Gouvêa. Precizando munições, o bandido foi á feira animada do Trapiá. Deixou os apaniguados fóra da villa e penetrou no mercado sósinho. Dentro da feira, ao esmorecerem ruidos de prégões e do borborinho da multidão, um homem perguntou-lhe frente a frente se era Antonio Silvino. Respondeu, sobranceiro, que sim. O sujeito descarregou-lhe a garrucha a queima-roupa. Do alto de uma calçada um negro mandou-lhe por trás um tiro de «riffle». Silvino, não attingio, sacou do punhal e varias vezes o enfiou no peito do seu aggressor, o conhecido Antonio Nicacio, autoridade policial do Trapiá.

O negro atirou-lhe á cabeça a coronha do «riffle» e correu amedrontado. O cangaceiro cambaleou coberto de sangue, mas não perdeu os sentidos. Nisto, attrahidos pelas detonações e a gritaria do povaréo, os cabras entraram pelo mercado, doidos de furôr, aos berros. A feira foi varrida a bala. Toda a villa se fechou medrosa. Ficaram no chão alguns cadaveres: Antonio Nicacio, apunhalado, um homem do povo com uma bala no peito, uma criança com os miolos vasando do craneo e um pobre cavallo magro abatido sob o peso dos cassuás cheios de gerimun por um projectil nos intestinos...

Após ter morto em Campina da Parahyba o seu adversario Manoel Rodrigues Torres, a 26 de Janeiro de 1906, no lugar Tatús, Silvino deu combate ao Capitão Jose Gouvêa. Mais ou menos depois de uma hora de cerrado tiroteio em que morreram algumas praças e alguns sequazes, o chefe do cangaço poz-se no bredo, illeso e mais sedento de sangueira do que nunca!

Dessa data em diante pegou-lhe o vesso de atocaiar os pobres correios sertanejos, tomar-lhes as malas e queimar toda a correspondencia, isto, dizia elle, com receio de nella andarem denuncias dos seus pagos ou ordens do Governo para sua perseguição ou captura. Não podia lêr a correspondencia, sendo analphabeto. Dahi não poder escolher a que lhe seria nociva. Queimava tudo. Apezar de analphabeto, por fanfarronice ou não sei mesmo porque, Antonio Silvino affirmava ás populações matutas ser espirita e conversar na calada da noite com as almas do outro mundo. A sua caterva dizia que elle andava sempre fallando só...

E do seu constante escapulir ás mais tenazes perseguições, e das façanhas narradas nas trovas dos rudes menestreis, pelas noites de folgança, no terreiro das vendas, e das bravatas, dos crimes, das historias terriveis contadas á socapa, foi-lhe cercando o vulto uma aureola de lenda.

Durante algum tempo Antonio Silvino foi o maior impecilio aos trabalhos de prolongamento da «Great Western Railway» no sertão de Pernambuco, peior que pirambeiras a pique, desfiladeiros pedregosos, rampas abruptas, socalcos seculares de granito e gneiss, alagados, varzeas apaúladas. Inventou que uns certos terrenos por onde atravessavam os trilhos da Companhia, no Mogeiro, eram propriedade sua.

Durante todo o anno de 1906 perseguio turmas e engenheiros, impedio trabalhos, cortou fios telegraphicos, pôz gente a resgate, obstruio as linhas já construidas, fazendo parar trens e cobrando direitos de passagem aos aterrorizados passageiros. Por um senhor Francisco de Sá, mandou dizer aos *inglezes* que aquella terra era sua e exigia pela travessia dos comboios por ella a indemnização de 30 contos de réis.

Reconhecendo a impotencia dos poderes estadoaes contra o selvatico *condottieri*, a Companhia ingleza dirigio reclamações ao Governo Federal. Partiram para a zona do Mogeiro mais de cem homens do Exercito, do 27º de infantaria e do 2º da mesma arma, commandados pelo Capitão Formel. Temendo a referida força, Silvino eclypsou-se.

76

Reappareceu dahi por diante, sempre de imprevisto, pelas povoações matutas, arrotando a impafia de *procurador do Governo*, saqueando collectorias, mesas de rendas, agencias postaes, cobrando em Esperança, Caruarú, Soledade, Alagoinha, Alagôa Nova, Taquaratinga, Salgadinho e Barra de S. Miguel impostos dos negociantes e criadores, arrecadando dizimos.

Em Alagôa Nova, sorprendendo o destacamento, tomou até o fardamento dos soldados, que distribuio com a sua gente, chegando o seu despiante e o seu descaro até o acto de telegraphar ao Governador do Estado, communicando tudo quanto fizera...

Em Serra Verde, perto de Umbuzeiro, matou dous soldados; na villa do Pilar desarmou e prendeu o destacamento, soltando cinco presos, tomando de D. Ignez Napoleão alguns contos de réis: raspou os cofres da Collectoria e da Municipalidade! Ao sahir dessa villa, disse ao seu tenente, fazendo versos: «Em Pilar não achei com quem brigar. Arranjei muito dinheiro, pois sou do Governo herdeiro...»

Em Abril de 1906 saqueou Cabaceiras e Cachoeira de Caruarú, matando os irmãos Pedro e Antonio Ferreira, na povoação de Mandaçaia.

Por essa época, perseguia-o á frente de cem praças do Exercito o Capitão Rego Barros, de quem fugia sempre, pois nunca teimou em resistir ás forças federaes. Na povoa ridente de Queimadas prendeu todas as autoridades, saqueou o fazendeiro Demetrio Coutinho e, dias depois, incendiava um comboio de fazendas no lugar Rio Grande, comboio esse do seu inimigo Lucas Donato.

Perseguido logo após pelo Alferes José Caetano, por Casimiro Honorio, homem rico e valente, aparentado ao Donato, mandou sua familia mudar-se de Afogados, onde residia, para evitar perseguições, e refugiou-se no Ceará, apezar de andar tentado a enfrentar os perseguidores, porquanto entre elles estava Desiderio Ramos, filho do assassino de seu pai, sobre o qual reza assim uma trova das gestas sertanejas:

«Se não me mandarem logo
De presente ao cemiterio,
Ou Desiderio me mata,
Ou eu mato Desiderio.»

Retornando do Ceará, proseguio sua vida de saques, surras e assassinatos, fazendo soffrer vexames aos moradores da Muribecá, de Grossos, Gameleira, Ingá, Machados, Pinhões, S. José dos Cordeiros, Lagôa do Remigio, Canafistula, Cebola, Malhadinha, Araçá, Pocinhos, Barra de Santa Rosa, S. Miguel de Traipú, Juá, Periquito Taperoá e Boa Vista.

Intitulava-se, por esse tempo, «Silvino Riffle de Oiro, Governador do Sertão»...

Uma versalhada que corre mundo no interior, assim descreve os companheiros sanguinarios do bandido celebre:

O primeiro desses cabras
E' o compadre Tempestade,
A hyena não iguala
A sua ferocidade!

A bala do *rifle* delle
E' tão ferina e certeira,
Que tem matado veados
Na mais activa carreira.
Seu punhal já tem varado
Miolo de Aroeira!

Este cabra é carrancudo;
Nunca deu uma risada!
No dia em que está danado
Uma panthéra assanhada
E' mais mansa do que elle
E muito menos malvada!...

Bebe fogo e não se queima
Pega curisco com a mão!!
Vidro ralado é p'ra elle
Um excellente pirão!
Mata qualquer innocente,
Sem raiva, sem precizão.

O segundo é um negro
Que acode por Serrote,
Este é uma onça na furna
E' uma officina de morte!
Seu *rifle* não perde tiro,
Seu facão não falha o corte!

Este negro estando calmo
Não dá um só tiro errado:
Muitas vezes uma linha
Com um tiro elle tem cortado.
Já o vi fazer proezas
De que fico admirado!

No dia que elle se zanga
Come pedra e não se entala
Fuma polvora com pimenta:
Por bolacha come bala!...
Atira até na mãi delle
Se em sua frente encontral-a!

O terceiro é um mulato
Que acode por Moita Brava;
Este cabra é mais valente
Do que um touro na cava:
Muitas vezes o pai delle
Ao vel-o se assombrava!

Este, só se alimenta
Do que vê na sua frente
Quando tem sêde por agua
Só bebe sangue de gente!
O seu tiro é mais certeiro
Do que o bote da serpente.

Para este não existe
Nem afago e nem carinho...
Diz que chumbo derretido
P'ra elle é melhor que vinho;
Mata cobra com os dentes
E dá murro em porco espinho!

O quarto é um caboclo
Que acode por Violento,
Este quando está brigando
E' ligeiro como o vento,
A carne do cururú
E' o seu unico alimento...

Este caboclo é tão mão
E tem a cara tão feia,
Que o duro que olhar p'ra elle
Ou corre ou fracateia:
Já matou mais de cincoenta
Sómente de nó de peia!...

O quinto é um mestiço
Que acode por Gato Brabo;

Este cabra tem pegado
Muita onça pelo rabo;
E já tem dado de peia
Até no proprio diabo!

Este cabra quando briga
Faz cousas de admirar:
Dá saltos de oitenta braças!
Não deixa vala o pegar!
Cem tiros em um minuto
Está cançado de dar!

O sexto é um cabra fulo,
Que acode por Azulão:
Este, pegando um soldado
Arranca-lhe o coração,
Assa-o na ponta do dedo
P'ra comel-o com pirão!

Este cabra Azulão
E' tão perverso e valente
Que só dá uma risada
Quando mata um innocente,
Come cabeça de cobra
E bebe sangue de gente!

Curioso especimen do cruel *panache* sertanejo!

A perseguição ao bandido formidavel não lhe dava treguas tambem. Antonio Silvino começou a evitar as lutas: ou fugia ou se emboscava. Uma feita, em Pedra Lavrada, num apertado de serra, tocaiou o destacamento do Alferes Joaquim Henrique e o desbaratou. O pobre official, baleado, escapou com vida, mas ficou aleijado para toda ella! Contam que num cerco que lhe puzeram soldados de policia, um tal Alferes Mauricio até lhe atirara uma bomba de dynamite, a qual não explodio.

Escusado é dizer que todos esses factos, augmentados pela versão popular, mais glorificavam o salteador e mais o aureolavam de inconfestavel prestigio.

Esse alferes morreu numa pugna com os cangaceiros heroicamente. Tanto odio lhe votava o Silvino, que esmigalhou com uma pedra a cabeça do cadaver e ordenou aos sequazes que cada um enterrasse a faca de arrasto no pobre corpo do valente official! E chegou a ousadia do quadrilheiro ao ponto de, por vezes, mandar avisar a policia do lugar onde estava...

Antonio Silvino não monta a cavallo. Anda systematicamente a pé, fazendo 18 leguas em 24 horas. Incapaz de faltar ao respeito a uma mulher, pois tem o culto pundonoroso da honra completa das familias, não aceita pousadas. Prefere dormir ao relento. E' seu este brocardo: — «Ainda não nasceu homem em quem eu confiasse.»

Tem dous fracos, duas manias pelas quaes é capaz de sacrificar tudo: brilhantes e perfumarias. Unta os cabellos com brilhantina cheirosa, borrifa-se de extractos, molha-se em patchuli, lava-se com agua de Colonia. Os dedos são encaroçados de brilhantes cravados em grossos anneis de ouro. Calcula-se arrecadar de 6 a 8 contos, mensalmente. Gasta tudo. Distribue a maior parte do *butin* com a pobreza. Dahi grande popularidade entre as classes infimas do sertão. Passa dinheiro falso a rodo. Nunca se pôde saber onde o ia buscar. Sempre pareceu fosse associado a negociantes ricos das regiões onde perambulava.

As suas armas são um *riffle* Winchester, de 14 tiros, um punhal enterçado de prata, com 12 pollegadas de comprimento, uma pistola Browning e cartuheiras duplas, bem attestadas sempre. Outr'ora aceitava pagamentos para matar gente. Depois, começou a recusar as propostas nesse sentido.

Jagunços e cangaceiros, Antonios Silvinos e outros que taes, não são nem podem ser productos exclusivos, unicos do sertão nortista. Sempre existiram no seio de outros povos. Viveram mais cedo, porque a evolução foi outra. Para o nosso sertão agora é que chegou a sua época. Apezar de tudo, de sua propria popularidade entre a massa geral da população, para o sertão agreste, Antonio Silvino é um pesadello. Quando elle se acouta em qualquer parte, desapparece por algum tempo, o sertão respira desafogado. Então, surgem as canções que o celebrizam. Logo elle volta a saquear, a rapinar, a matar. Até o estro dos trovistas se apaga, se occulta com temor. Nas lendas em verso elle apparece com bravatas terriveis a Roldão e a Ferrabraz de Alexandria, trombeteantes, como a corneta de Roncesvalles. E ao derredor dessa celebridade sertaneja, desse magno expoente do crime, dessa potencia do mais completo e caracterizado banditismo, vai se adensando um halo de mysterio e de lenda. A figura mestra do bandoleiro domina o scenario e em torno o troveiro borda, com o heroico fanfarrear das bravatas, o commentario ironico á matutice das autoridades bisonhas ou corruptas, ou mesmo criticas mais fortes, mais mordazes, mais ferinas.

Em uma longa poesia sertaneja apparece um padre a conversar com Antonio Silvino, prégando-lhe o arrependimento dos crimes praticados, procurando enganal-o para rehaver dinheiros alheios. O povo, no seu bom senso de quem muito soffre e bem pouco frue, tem sempre, a se traduzir em tudo, um ar de enfado, de troça, de ironia e de birra, que Fialho de Almeida muito bem pintou nos *Gatos*... Antonio Silvino, apezar de chefe temido de sicarios horrendos, serve, vezes muitas, ao cantador popular de conducto por onde se despeja a bilis accumulada nas pretenções abortadas e nas invejas pequeninas...

Em Outubro de 1912, o chefe politico de S. Miguel do Jucurutú, no Rio Grande do Norte, e o Juiz de Direito de Acary, para fins eleitoraes, tiveram longa conferencia com Antonio Silvino, tomando cerveja de parceria. Desta sorte, como não proliferar no Norte o banditismo?...

Em Caicós, no Rio Grande do Norte, uma feita Antonio Silvino fez uma conferencia politica, á qual compareceu toda a população e nella o famanaz prégou idéas eleitoraes, recommendou candidaturas e assentou cobranças de dizimos para si e para a sua horda. Em Conceição do Azevedo o mandão local recebeu-o um dia com musica e foguetes. O promotor de Serra Negra arranjou um bilhar para jogar com elle. Dahi se vê bem como autoridades e chefes locaes protegem cangaceiros, que vivem de pilhar os pobres e os cofres das collectorias, auxiliando talvez os collectores a encobrir desfalques...

Para terminar a vida de tão famoso reprobo social — um bello episodio do sentimento cavalheiresco que o sertanejo herdou do bandeirante juntamente com a ferocidade do tapuia, para no decorrer de dous seculos e meio não perder nem um nem outro, antes os possuir em mais refinada dóse, porque a sua evolução social parou:

Alfredo Chianca, valente fazendeiro, sózinho, dentro de sua casa resistio uma vez a Antonio Silvino e seu bando. Disparou mais de vinte tiros pelas frestas abertas na taipa das paredes. Terminada a munição, esperou-o á faca. Antonio Silvino arrombou a porta e penetrou na habitação. Dirigio-se a Chianca e estendeulhe a mão. O outro deixou cahir a pagehú. Abraçaram-se diante da matúla sanguisedenta e admirada do impulso generoso do chefe. Silvino murmurou commovido: — «Tu és um homem!» Dahi por diante ficaram amigos.

João do Norte

"Rua" - Rio - 24-11-914

O feroz jornalismo de João Brigido

Assassinando concorrentes!

O que nos disse o sr. dr. Gustavo Barroso

Sobre o assassinato do Dr. João Demetrio, occorrido no Ceará, procuramos ouvir o Dr. Gustavo Barroso. Gustavo Barroso, o brilhante João do Norte da *Terra do Sol* foi secretario da justiça do Ceará e o maior amigo que o Dr. João Demetrio teve na vida.

Falla-nos:

— A morte de João Demetrio foi feita por tabella. Quem estava para ser assassinado era eu. O João Brigido jurara-nos um odio de morte.

— Por que isso?

— A razão é simples. O João Brigido é um pobre muito perverso e muito pretencioso que pensa ter monopolisado o jornalismo no Ceará. E' jornalista á moda de 1850. Eu e João Demetrio fundamos o *Diario do Estado*, jornal feito pelos moldes modernos, com excellente serviço telegraphico, gravuras, reportagem nervosa, caricaturas, etc. Resultado: o *Unitario*, do Sr. João Brigido cahiu, ninguem mais o leu. O Sr. João Brigido deu o desespero, brigou comnosco e como está acostumado a matar jornalistas, quiz matar-nos e acabou matando o Demetrio...

— A matar jornalistas?

— Sim. O Demetrio não é a primeira victima. No tempo do Imperio o João Brigido mandou matar o Vicente Thimotheo, rapaz distincto e já nos começos da Republica mandou assassinar o Joaquim Victoriano.

São casos conhecidos em toda a Fortaleza. E os dous foram mortos a faca e á traição como o Demetrio. O estylo é o homem.

— De fórma que a causa da morte do Dr. João Demetrio foi...

— Inveja, principalmente inveja. O João Brigido nunca nos perdoou termos anniquilado o seu jornal com o nosso. Ameaçavanos todos os dias. A nossa casa vivia rodeada de vultos á noite. Se eu tivesse ficado em Fortaleza teria tido a sorte do Demetrio. Felizmente tive necessidade de vir ao Rio.

— Era querido em Fortaleza o assassinado?

— Queridissimo. Todo o Ceará sentiu o miseravel assassinato. Até os jornaes rabellistas se fizeram representar, depositando corôas no tumulo da victima. O Dr. Demetrio era adorado.

79

"Jornal do Commercio" Varias - 7 - 12 - 914

Escreve-nos o Sr. Deputado Juvenal Lamartine:

«Sr. Redactor — Sob a epigraphe «Antonio Silvino», o brilhante escriptor e meu distincto amigo João do Norte, fez publicar hoje, no vosso jornal, um artigo que carece de ser rectificado em dous de seus pontos.

Quando o famigerado bandido actualmente preso na cadeia do Recife, atacou a Usina Santa Philonila, do Coronel Santos Dias, não levava a incumbencia de conduzir ao lar de seu marido uma esposa infiel e que abandonara o tecto conjugal por uma paixão amorosa. A senhora em questão é honestissima, pertence a uma das mais importantes familias de Pernambuco e era filha do proprietario da usina atacada pelo celebre bandoleiro.

Foi tambem infiel o informante de João do Norte na parte que se refere á acção do bandido no meu Estado.

E' inteiramente falso que em Serra Negra tenha sido adquirido um bilhar, pelo Promotor publico, para Antonio Silvino. Aquella villa, onde eu nasci, não tem promotor publico, pela simples razão de não ser séde de comarca, nem serve de asylo a criminosos.

"A Tarde" - Bahia - 13 - Novembro - 914

O Ceará rubro

O que nos conta o ex-secretario do governo daquelle Estado

O padre Cicero é alheio ao movimento actual--O declinio do prestigio do dr. Floro

O «Ceará rubro»: volta esta epigraphe ao noticiario dos jornaes.

No interior daquelle Estado infeliz, irromperam de novo os motins, deixando cadaveres na sua passagem.

Por isto, sabendo que estavam, hontem, a bordo do «Ceará», dois paredros da politica, ali, o deputado Gentil Falcão, e o dr. Gustavo Barroso, apressamos-nos em ouvir o historico do grave momento da «terra dos verdes mares bravios».

O primeiro, como se sabe, foi victima em plena capital e na propria redacção do «Radical», de que era director, da arma homicida de um sicario, que a opinião apontou como instrumento dos amigos do governador Franco Rabello.

O dr. Gustavo Barroso, litterato conhecido pelo pseudonimo «João do Norte», foi secretario do coronel Liberato Barroso e, como tal, devia estar ao corrente dos factos que se vem desdobrando no Ceará.

Pedimos-lhe uns minutos de inquerito, e elle accedeu gentilmente, com commentarios gentis á acção d'«A Tarde» na imprensa da Bahia.

—Que nos diz sobre o novo movimento revoltoso do interior do Estado?

—O movimento que rebentou em algumas localidades do interior tem um caracter regional e passageiro pois, resultou simples e exclusivamente da rivalidade de alguns chefes politicos, obedientes todos á politica do coronel Liberato, que para alli mandou immediatamente força sufficiente para repor as auctoridades, o que já se effectuou.

—Dizem que essa attitude é inspirada pelo revm. padre Cicero Romão...

—Não. O padre é alheio ao actual movimento, apezar do «Unitario» tudo fazer para que haja novo levante de Joazeiro.

Não é provavel, porém, que tal succeda, por que a população da grande maioria dos municipios repelle em conjuncto a acção abominavel dos jagunços.

O chefe destes, o dr. Floro, nunca teve influencia em Fortaleza, e agora o seu decantado prestigio está restricto a Joazeiro.

E' verdade que o coronel Liberato está sendo processado por ter desrespeitado uma ordem de «habeas-corpus»?

—O governador, de modo algum, desrespeitou as ordens do Supremo Tribunal, ao contrario, recebendo communicação, de dois «habeas-corpus» concedidos, poz o respectivo «cumpra-se», indo eu dar as necessarias providencias, quando surgiu a historia do processo..

—E não nos poderá adeantar alguma coisa sobre a futura chapa de deputados federaes e renovação do terço do Senado?

—De positivo, apenas se sabe que á Camara voltarão os drs. Eduardo Saboia, Frederico Borges e Gentil Falcão, indo o coronel Thomaz Cavalcante para o Senado, na vaga do mineiro sr. Francisco Sá.

—E a sua candidatura?

—Não ha duvida de que serei candidato do P. R. C, tal é a vontade de meus amigos.

Notamos no «Ceará» aprestos de viagem e despedimo-nos do illustre cearense, desejando-lhe boa viagem.

"Imparcial"

A, 18 DE NOVEMBRO DE 1914

POLITICA CEARENSE

Fala-nos o sr. Gustavo Barroso

Ninguem melhor do que o dr. Gustavo Barroso, ex-secretario do Interior do Ceará, nos poderia informar sobre a situação actual da "Terra de Sol". Fomos, por isso, procural-o, em sua casa, tanto que soubemos haver regressado de sua terra natal.

Recebeu-nos amavelmente.

— Então, doutor, como deixou o seu Ceará?

— Perfeitamente em paz. Fortaleza calma, na pasmaceira de sempre.

— Mas ha telegrammas, posteriores á sua partida, noticiando começos de revolta no Cariry.

— Começos de revolta, não. Certo, é exaggero. O que ali tem havido são lutas entre chefes de cangaceiros rivaes, coisas mais do que communs no sertão, e em todas as epochas. José Ignacio atacou Milagres simplesmente para se vingar de Augusto Leite, hoje seu inimigo. José Pinheiro matou Quintino Costa porque o odiava de ha muito e se tinham jurado liquidar na primeira occasião.

— Acha que o padre Cicero seja parte nessas questões?

— Nessas, não. Elle até hoje se tem manifestado ao lado do governo. E não creio que aconteça o contrario, muito embora a muito politico sem prestigio e sem escrupulo não repugnasse induzil-o a qualquer acção desagradavel.

— E que nos pode adeantar sobre os brados de revolução no interior e de arruaças na capital do Estado?

— Nada de serio poderão fazer os que estão em opposição ao governo, no sentido de perturbar a paz de que tanto carece o Ceará. Deixei Fortaleza, politicamente, numa situação de espectativa. Os rabellistas, cujo jornal, aliás, têm se mantido numa bonita linha de compostura e de opposição educada, embalavam-se no doce sonho da volta do sr. coronel Franco Robello pela mão do sr. Corrêa Lima. Os *brigidaciolistas* cuidavam que delles seria o dia de amanhã em toda sua gloria. Cheguei aqui; tive pouco tempo de ver as coisas politicas, é verdade, porém, "assuntei", como se diz no sertão, e estou certo que ambos perderam o seu rico e precioso tempo.

— Assim, o doutor pensa que tem sido morigerada e correcta a opposição da imprensa adversa ao governo, em Fortaleza?

— Da imprensa adversa, não. Da *Folha do Povo*, orgão official do rabellismo, sim. Este jornal, se tem comportado, pela sua linguagem e pelo seu feitio, de maneira a merecer francos elogios. Mas o *Unitario*, jornal do sr. João Brigido, o eterno descontente e maldizente, este tem descido aos insultos mais indecentes e ás obscenidades mais torpes. E' só mostrar-lhe algum numero. Porém, tudo se explica: o sr. João Brigido é hoje um grande despeitado, está cego, mouco, e parece que caducando um pouco, pois os seus 88 annos lhe dão esse incontestavel direito...

— Sobre a administração publica, o doutor que informes nos dá?

— Effectivamente, serei suspeito para falar de tal assumpto, pois, como secretario do Interior, delle fui *magna pars*. Digo-lhe, porém, em verdade, que o honrado coronel Benjamin Barroso não fez tudo quanto desejava, como seus auxiliares, é porque ainda não poude normalizar de todo a situação politica e social do Estado, não lhe dando tempo para tanto as crises politicas locaes, successivas, que é obrigado a remediar. Entretanto, não se falseiam as leis, não se perseguem magistrados, não se removem professores por perseguição. Durante os cinco mezes que passei na Secretaria do Interior, removi uma unica professora de Lavras para Batalha, 16 leguas...

— E a situação financeira?

— Essa não é boa. Tambem não é pessima. Apezar da exportação estar paralysada com a guerra, o Estado tem conseguido, com verdadeiro criterio e economizando o que é possivel, pagar em dia a força publica, e ter sómente para uma parte do funccionalismo, da magistratura e do professorado, um atrazo que varia de dois a quatro mezes. Carecemos, no Ceará, de tempo e de paz para melhoria da situação em todos os sentidos. A sua cura completa não é para ser feita de um dia para outro. Nem se pode exigir mais do que o possivel.

— Que sabe da responsabilização do presidente Benjamin Barroso pelo Supremo Tribunal?

— Sei que, em dois officios do juiz seccional de Fortaleza, communicando ao coronel Benjamin Barroso a concessão de "habeas-corpus" a duas Camaras Municipaes, este deu o despacho: *cumpra-se*, que eu tive o prazer de referendar. Até á data em que deixei o meu cargo, 29 de outubro, posso assegurar, não passou pela Secretaria do Interior nenhum papel referente á Municipalidade de Viçosa, ignorando o presidente do Estado até se a mesma pedira "habeas-corpus". Eis o que sei.

Ainda indagámos do ex-secretario do Interior sobre os nomes que comporiam a futura chapa do P. R. C. para o Congresso Federal nas proximas eleições.

S. s. teve um riso de discreção, e declarou-nos ignorar o que o directorio do partido iria resolver. Adeantou apenas que elle seria candidato e, para isso, se desincompatibilizára em tempo opportuno.

Demos, então, por finda a nossa palestra e agradecemos ao sympathico confrade do *Diario do Estado*, de Fortaleza, e antigo collega do *Jornal do Commercio*, a amabilidade da acolhida.

81

Posso mesmo informar que no correr do anno de 1913 foram mortos, naquelle municipio seis bandidos, pela força publica destacada alli para a defesa da nossa fronteira, algumas vezes atravessada pelos grupos de desordeiros dos Estados visinhos.

Da mesma natureza é a affirmação de ter Antonio Silvino feito uma conferencia em Caico, onde elle nunca foi, nem se atreveria a ir.

Em S. Miguel do Jucurutu' é verdade que o bandido conferenciou e tomou cerveja com o Dr. Vicente Veras, então Juiz de Direito de Acary. Esse bacharel, porém, não exerce mais nenhum cargo publico no meu Estado, cujo Governo está seriamente empenhado no policiamento mais rigoroso dos sertões — tarefa aliás muito facil, dada a boa indole do nosso sertanejo e ausencia de protectores de bandidos nos municipios mais afastados da capital.

Muito penhorado ficarei se esse conceituado jornal publicar esta carta, que não tem outro intuito que o de restabelecer a verdade dos factos.»

Diante da informação do primeiro e da certeza de pormenores desta quadra matuta, qualquer um era induzido em erro como eu fui. Acho, porém, que serei plenamente desculpado, bastando-me para tanto aceitar o que affirmou o distincto Deputado pelo Rio Grande do Norte, que já me deu a honra de vastas vezes guiar-me com segurança, ponderação e verdade sobre assumptos do sertão, que elle profundamente conhece.

Uma carta do sertão, publicada pelo «Pernambuco», do Recife, mais ou menos em Dezembro de 1912, foi quem me deu notas relativas á estadia de Silvino em Caicós, Serra Negra e S. Miguel do Jucurutú.

Verá o publico e o meu mui distincto amigo, o Deputado Juvenal Lamartine, que eu fui pouco culpado dos erros e que os resgato, aceitando de coração as emendas amaveis.

Sem mais, Sr. Redactor, serei muito grato pela publicação destas linhas.»

82

"Jornal do Commercio" Varias 8-12-914

Notícia - 1ª pagina - 11-12-914

Escreve-nos o Sr. João do Norte:

«Sr. Redactor — A carta sobre o meu artigo «Antonio Silvino» do digno Deputado Juvenal Lamartine, hontem publicada pelo «Jornal», veio dar-me ensanchas de ser agradavel ao seu signatario, um de meus melhores amigos.

Aceito, subscrevo e referendo as rectificações feitas pelo mesmo, favor que me prestou, pois, muitas vezes já os meus informantes me têm illudido em detalhes de estudos do sertão, umas de boa fé, outras de má.

Difficuldades insuperaveis se antôlham aos que pretendem desvendar a vida rude do sertão. As fontes de informação variam, falsejam.

A's vezes o escriptor é levado a narrar um facto, a tirar uma illação, que póde offender a terceiros sem que elle tenha essa intenção. Assim, commigo aconteceu no relato do occorrido com Antonio Silvino na usina Santa Philonilla.

Uma pessoa contou-me a historia como a expuz e uma canção sertaneja, della sómente assim fallava:

«Era o Major Santos Dias,
Dono da usina citada
Que eu cerquei para tomar
A uma mulher casada.»

A POLITICA CEARENSE E O ULTIMO CONFLICTO NA FORTALEZA

Uma palestra com o ex-secretario do Interior do Ceará

VARIAS NOTAS

O Sr. Dr. Gustavo Barroso, ex-secretario do Interior do Estado do Ceará, será um dos candidatos officiaes da politica situacionista daquelle Estado á representação na Camara Federal. Foi mesmo para que se desincompatibilisasse, ante as proximas eleições, que lhe foi concedida a demissão de secretario do Interior. Gustavo Barroso, porém, além de politico, é jornalista e escriptor festejado, assignando os livros e artigos com o conhecido pseudonymo de "João do Norte". Era natural que, continuando a ouvir os varios grupos da politica cearense, fossemos pedir a sua opinião.

A' nossa referencia ao Sr. Corrêa Lima e suas idas e vindas a Fortaleza, João do Norte logo nos interrompeu:

— Garanto, sob palavra de honra, que absolutamente a gente séria e que se presa no Ceará, não comparece aos bota-fóra ou chegadas do tenente Corrêa Lima. E' um bando de garotos e catraeiros que o segue aos vivas e morras, insultando ás pessoas que encontra, dizendo injurias. A proposito posso contar o seguinte facto: em setembro passára pelo Ceará o meu amigo Enéas Pinheiro, politico paráense. Almoçámos juntos e eu, nessa época secretario do Interior, acompanheio até o ponto de embarque. Iamos os dois a pé, pela rua da Alfandega, quando topamos um troço de garotos e homens do povo que, aos vivas e morras, regressava do embarque do Sr. Corrêa Lima. Esses individuos, sem o menor respeito á minha qualidade de secretario de Estado, dirigiram-me chufas e alguns insultos, sendo obrigado a puxar do revólver para me

Dr. Gustavo Barroso

fazer respeitar. O Sr. Enéas Pinheiro, actualmente hospedado no hotel Victoria, poderá testemunhar o facto.

Indagámos de Gustavo Barroso o que sabia da actual aggressão que o tenente Corrêa Lima diz ter soffrido.

— Pelos telegrammas insuspeitos que recebi ante-hontem e hontem do Ceará — insuspeitos porque o seu autor é incapaz duma mentira, — o caso deu-se da seguinte fórma:

O Sr. Corrêa Lima partio daqui com idéas subversivas, dizendo a bordo aos passageiros do vapor em que seguio, segundo sei, por entre suas costumeiras bravatas, que empregaria contra o presidente do Ceará até dynamite. Já é ireiro e voseiro o Sr. Corrêa Lima em agitações. Não trepidou em julho deste anno em atirar a 2ª companhia isolada do Exercito, rebellada, contra o 2º corpo da policia, havendo um tiroteio de uma noite, em Fortaleza. Esteve preso e respondeu a conselho de investigação, pelo facto. Outra vez faltou ao respeito ao coronel Benjamin Barroso, dentro da propria casa deste, que foi obrigado a mandal-o retirar-se.

Pois bem, desembarcava o Sr. Corrêa Lima, na ponte metallica de Fortaleza, em companhia d'um catraeiro, chamado Verino, seu amigo e espoleta, dando vivas ao coronel Franco Rabello e morras ao coronel Benjamin Barroso, "corrupto detentor do poder", bradava elle. Alguns populares protestaram, travando-se um rapido rôlo. Houve tiros. Sahiram tres pessoas feridas, uma á bala e duas á faca, levemente. A patrulha da guarda civil, que policiava o desembarcadouro, effectuou algumas prisões.

O tenente Corrêa Lima, quando vio o pugilato, correu para tomar um automovel.

Ao entrar neste, machucou uma fistula que tem no braço, proveniente d'um ferimento recebido ha muito tempo em um desastre, aqui, no canal do Mangue.

O Sr. Corrêa Lima, que é, por causa desse braço doente, conhecido no Ceará, por Corrêa "Bracinho", tanto não está ferido, em consequencia do conflicto, que se recusa sujeitar-se ao corpo de delicto policial, segundo estou plenamente informado.

— E quanto á ingerencia de officiaes de policia na questão, conforme affirmaram os despachos telegraphicos de alguns jornaes ?

— Houve intromissão de officiaes de policia no caso, porém, em sentido contrario. Basta dizer-lhe que o tenente Araujo foi quem livrou o Sr. Corrêa Lima dos murros que lhe estava applicando um homem do povo. De resto, saber-se-á mais adiante alguma coisa mais. A policia abrio inquerito e o delegado de policia de Fortaleza, Dr. Alipio Baltar, é digno de toda a confiança, no proprio dizer insuspeito de todos os rebellistas.

"A Noticia" - Bahia - 13 - Novembro - 1914

84

COISAS DO CEARÁ

O sr. Gustavo Barroso fala-nos sobre o que vae pela terra da luz

O dr. Gustavo Barroso (X) á esquerda do nosso "reporter" e cercado de amigos em "pose" para "A'Noticia'', no' "Ceará"

No *Ceará* passou hontem por aqui, com destino ao Rio, o dr. Gustavo Barroso que acaba de deixar o cargo de secretario do

opposição digna e altiva, e os artigos do jornal do partido rabelista são muito sensatos e criteriosos.

estado do Ceará. Deante dos acontecimentos que continuam a se desenrolar no estado nortista, fomos a bordo ouvir o joven politico, que nos recebeu amavelmente, cercado de amigos e conterraneos.

A' nossa primeira pergunta sobre o Ceará, responde-nos o sr. Gustavo Barroso que está em paz completa principalmente em Fortaleza, donde venho e com destino ao Rio.

—Mas, no interior, os jagunços do padre Cicero? . . .

—Não obstante não gostar do padre, acho que elle não tem responsabilidade alguma no que se tem dado esses ultimos dias.

Aquellas scenas prendem-se naturalmente a um assalto á villa de Aurora, que incendiaram, saquearam, depondo as auctoridades constituidas, factos que se deram no tempo maldicto do velho olygarcha Accioly, que para nossa felicidade geral, todo o povo cearense detesta-o...

Nessa occasião, o velho Accioly em logar de repor as auctoridades e punir os revoltosos, não; como sempre, lhes deu braço forte, e assim em toda a parte...

Agora, em represalia e ainda por causa de brigas politicas, alguns chefes, como José Ignacio, Candido de tal e outros, atacaram Aurora e muitas outras cidades depondo as auctoridades; como era de seu dever, o governador coronel Liberato mandou para o local enorme força do batalhão policial, prendendo muitos e repondo as auctoridades.

Mas, foi só o que houve, e hoje, ha calma em todo o Estado.

—Que nos diz do prestigio do dr. Floro Bartholomeu?

—E' nullo, completamente nullo; basta elle ser acciolysta, para tambem ser odiado...

Por ambição, simplesmente por ambição, porque não se fazia o que elle queria, rompeu comnosco, o que nos causou grande satisfação, pois de acciolys... distância . . .

—Qual a chapa de seu partido para deputados federaes?..

—Ainda não está definitivamente assentada, mas o que lhe posso garantir é que sou candidato e tenho esperanças..

—Qual a attitude da imprensa rabellista no Ceará?

—Em relação ao governo, tem sido uma

—De forma que, o dr. dá-nos a entender que é viavel um accordo entre o seu partido e o do coronel Franco Rabello?

—Perfeitamente, não ha incombatibilidades algumas, pois as que existiam nós alijámos . . .

—O dr. acredita na volta do coronel Franco Rabello?

—Francamente, não creio, mesmo porque haveria nova perturbação da ordem, e naturalmente o dr. Wenceslau Braz não haveria de concordar com isso.

—Que tal tem sido o governo do coronel Liberato?

--De paz, economia e trabalho.

Posso lhe garantir que a força publica está completamente em dia, a magistratura com atrazo de um mez só e o resto do funccionalismo está atrazado em dois mezes, no maximo.

Elle tem procurado fazer alguns melhoramentos, mas, bem sabe que o Estado não póde agora oryar com grandes despezas . . .

--E o emprestimo?

---Ainda não foi realisado, mas, permitta-me não falle agora sobre elle.

---Em Fortaleza, têm muitos jornaes contra o coronel Liberato?

—Posso muito bem lhe dizer que só existe um; pois, os rabellistas fazem opposição, como já lhe disse, digna e criteriosa, ao passo que ha um lá, dirigido por um negro africano, que acode pelo nome de João Brigido, assassino e que já foi escravo no Ceará, e que só escreve insultando, mentindo e diffamando...

Felizmente, elle é odiado em todo o Ceará.

—O seu embarque no Ceará foi muito concorrido?

—Foram gregos e troyanos e até muitas das principaes figuras do rabellismo lá estiverem.

Agora, quero lhe dizer uma cousa: fique satisfeito pela bôa harmonia que existe na colonia cearense aqui, não se sabendo quem é opposicionista ou governista, como o sr. está vendo; é assim que aprecio a politica, sem odios, nem vinganças, que só vêm em prejuizo do nosso querido Estado.

Nisso, a sineta de bordo marcava a sahida e despedimo-nos agradecendo as gentilezas do sympathico candidato aos cem diarios...

— *Fandos* —

85

"A Rua" - Rio - 11 - Dezembro - 1914

86

O CEARA' EM SANGUE!

O feroz jornalismo de João Brigido

O corpo do infeliz jornalista ccarense Dr. João Demetrio de Menezes, onde cahiu para nunca mais se erguer, degollado por José Brigido

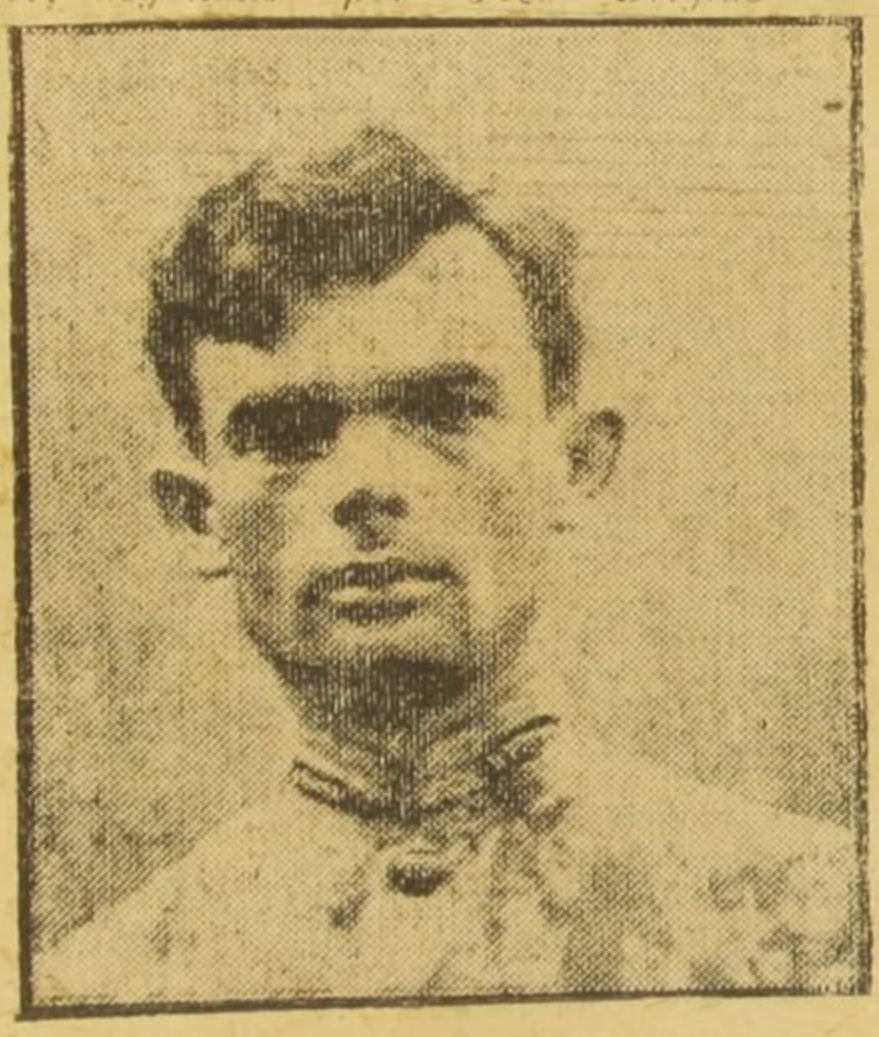
Como nos disse ha tempos, numa entrevista, o Sr. Dr. Pestana Barroso, que foi secretario dos Negocios Interiores do Ceará, o Sr. João Brigido dos Santos desde o tempo do Imperio que vem mandando assassinar os jornalistas que o enfrentam na arena politica, quando se sente a "bout de ressources".

No dia 21 de Novembro ultimo, um seu sobrinho, José Arnaud Brigido, carteiro do Correio, assassinou numa pensão de Fortaleza, na occasião do almoço, o Dr. João Demetrio de Menezes, director do "Diario do Estado", orgão governista orientado pelo Dr. Gustavo Barroso e por elle, que com a sua feição moderna estava matando por completo o "Unitario" pequeno jornal mal feito, nos moldes de 1850.

A proprietaria da pensão familiar, onde o Dr. João Demetrio residia, conta desta sorte o barbaro crime. D. Elvira Barbosa, assim se chama a senhora em questão, foi testemunha visual do crime.

"Estava á varanda, sentada numa cadeira de balanço. Chegou um carteiro do Correio ao tôpo da escada e perguntou se o Dr. Demetrio estava. Ella respondeu que sim. O carteiro disse desejar fallar com elle.

Mesmo sentada, chamou o Dr. Demetrio, que tomava o seu café após o almoço. Chegando este á varanda, o carteiro perguntou se era elle mesmo o Dr. Demetrio. Respondeu affirmativamente. Approximaram-se. D. Elvira ouve o carteiro fallar em desaggravo de familia, sacar ligeiro de uma faca e craval-a na garganta do Dr. Demetrio, que se liga, embora ferido, ao assassino.



O assassino José Arnaud Brigido

D. Elvira grita para o interior da casa que estavam matando o Dr. Demetrio. Os outros rapazes dentro da pensão julgaram fosse brincadeira. O quarto do Dr. Demetrio dava a porta sobre a varanda. Lutando ambos entram pela porta e vão cahir sobre um guarda-roupa cuja tampa parte-se com grande barulho. Foi então que accorreram um syrio negociante chamado Nagib e o Sr. Lourenço Porto Netto.

O assassino quiz reagir contra o Sr. Porto que puxou do revólver, intimidando-o, fazendo-o recuar até o portão, de costas. Ahi o assassino corre, perseguido, até o Collegio Cearense, que fica defronte, onde é preso em flagrante".

O Sr. Nagib conduziu o Dr. Demetrio para a sala de jantar. O infeliz jornalista estava já sem forças. O sangue corria fartamente da garganta. Foi quando viram que, no correr da luta, o miseravel Brigido dera-lhe uma facada em pleno peito. João Demetrio cahiu ao meio da sala de jantar num lago de sangue.

Para fazer desapparecer Vicente Timotheo o Major João Brigido armou o braço dos sicarios de Barbalha; para "liquidar" a Joaquim Victorino, em Fortaleza, recorreu ao punhal de José Vidal, agora fez matar João Demetrio por um membro da sua propria familia.

"Correio de Belém" - 22 - Nov.º - 1914

[redacted]

DR. JOÃO DEMETRIO

Tragico assassinato

Com a satisfacção que a amisade, o carinho, a intima camaradagem que nos ligavam, noticiamos hontem o anniversario natalicio do nosso brilhante collega dr. João Demetrio de Menezes, a quem, em telegramma affectuoso saudamos com alegria, mandando ao distincto confrade, votos de felicidade.

A' noite, uma nova dolorosissima chegava-nos de Fortaleza, com a nota do assassinato, alli, de João Demetrio, no dia que elle celebrava o seu natal, certo a lembrar-se de sua velha mãe e irmãs, no Recife, e de amigos distantes, que tanto o queriam e estimavam.

Segundo a informação que recebemos o crime foi praticado friamente pelo individuo José Arnaud Brigido, sobrinho do coronel João Brigido, o homem sem entranhas, o homem de estrella maldicta, que tantas desgraças e infortunios tem trazido á linda e infeliz terra cearense.

Ha dias entre *O Unitario*, de João Brigido, e o *Diario do Estado*, de João Demetrio, se travava aspera polemica, na qual os contendores excurcionaram pela vida intima de ambas as familias, tudo provocado pelo velho Brigido, cujos processos infames de ataque pessoal aos adversarios são bem conhecidos.

O nefando assassinio deu-se na pensão Familiar, á rua Barão do Rio Branco, 107, na sala de jantar, onde João Demetrio se encontrava, cêrca de 2 horas da tarde. O assassino, que é empregado dos correios, alli entrou procurando Demetrio, em quem, abruptamente cravou afiada lamina na garganta, atravessando a de lado a lado, quasi degolando a sua victima, que não teve tempo de fazer uso da arma que carregava no momento. A morte foi quasi instantanea.

Partira d'aqui, o nosso infortunado collega, ha poucos mezes, convidado a assumir na capital cearense o cargo de Director do *Diario do Estado*, orgão a que, com o seu talento, a sua competencia transformou num jornal moderno, digno de uma cidade civilizada. Odios e invejas logo principiaram a rosnar em torno do brilhante jornalista, que tivera attenciosa acolhida dos poderes publicos e gosava em palacio do maior prestigio.

João Demetrio era pernambucano, muito joven aînda e se formara á custa de ingentes sacrificios, vencendo tudo pela sua intelligencia, tenacidade no trabalho e conducta récta na vida.

E' com profunda magua que registamos a morte tragica de João Demetrio, amaldiçoando o braço criminoso que o prostrou.

[redacted]

"Correio de Belem" - 2-11-914

DR. JOÃO DEMETRIO

Teve a mais triste repercussão, em nosso meio, a noticia do infame assassinato do nosso desditoso e inolvidavel collega dr. João Demetrio de Menezes, facto occorrido em Fortaleza, onde o brilhante jornalista se achava dirigindo o *Diario do Estado*. O CORREIO DE BELEM teve hasteada em funeral, a sua bandeira, transmittindo pezames para o Ceará e auctorizando o distincto jornalista dr. Gustavo Barroso a nos representar nos funeraes do querido companheiro. Durante todo o dia de hontem recebemos numerosos cumprimentos de pezames e protestos de indignação contra o barbaro e covarde crime de que foi victima João Demetrio.

A pedido - J. do C.

Coisas do Ceara

AO SR. CORRÊA LIMA

Numa entrevista com o vespertino *A Rua*, o Sr. Tenente reformado Corrêa Lima deu malevolamente a entender que o Coronel Benjamin Barroso, Presidente do Ceará, gastou 6 contos de réis dos cofres do Estado numa festa realizada em Fevereiro, no Palacio do Governo de Fortaleza.

Venho a publico affirmar que essa despeza foi paga pelo bolso particular do Coronel Benjamin Barroso e pedir ao Sr. Corrêa Lima que positive a sua accusação, apresentando provas em contrario, para não passar por calumniador.

GUSTAVO BARROSO.

Rua do Cattete, 104.
Rio, 7 de Abril de 1915.

CARETA - 26-Dezembro-1914

88

EMBOSCADA

Apezar dos seus melhores amigos o haverem prevenido com provas cabaes que o Ignacio de Albuquerque puzera assassinos de tocaia no percurso que tinha de fazer de Umary ao Iguatú, o Estevam de Mattos não recuou da resolução que tomára. Ir áquella cidade sertaneja, a cavallo, varando o sertão inhospito, representava para elle um compromisso de honra. Havia promettido á firma Ricarte Irmãos saldar as suas dividas no dia 30 do mez. Os seus negocios de gado em Pedras de Fogo tinham dado lucro sufficiente. Possuia o dinheiro necessario ao pagamento das letras que os Ricartes guardavam. Elles lhe haviam emprestado aquella somma para salval-o duma situação afflictiva em negocios de gado. Puzera-os em dia. Só lhe restava agora desobrigar-se da promessa. Não seriam forças humanas capazes de o demover. Nem mesmo acceitava o alvitre de mandar pagar por outro. Iria em pessôa, para mostrar á firma que era homem de palavra e para mostrar ao Ignacio que não lhe temia os cabras traiçoeiros e a vingança mesquinha.

A mulher, em lagrimas, rojou-se lhe aos pés ; os filhos pequenos supplicaram-lhe em vão. Marcou o dia da partida. Deu ordens severas para milhar bem o cavallo ruço e preparar um mocótó de sustancia. Destemeroso, honesto e franco não se arreceiava de outro homem. E' verdade que dum tiro certeiro de espera ninguem se livrava. Mas elle «sabia onde dormiam os preás». Era vaqueiro velho, cheio de mocambos, conhecedor de negaças. Andára uns tempos atraz de cangaceiros, guiando destacamentos. Tinha plena confiança em si.

No dia marcado, seguio viagem. Partio de manhã, mas não se embrenhou logo nas catingas. Algum esculca o havia de ter espiado e logo corrido a levar a nova aos assalariados das emboscadas. Parou fóra da villa em casa do Mathias Florindo, escondeu o ruço na casa de farinha e alli se ficou, a parolar com o amigo té sol posto. Com o escuro foi embora, levando o animal de vagar, a clavina de repetição passada sobre o arção do *ginete*. Deixou a estrada e metteu-se pelo matto, guiando-se pelas estrellas faiscantes, que avistava por entre a ramaria rala dos páus-brancos. Tinha medo da lua. Nessa noite ella ainda se levantava tarde. Mas ao outra dia nasceria mais cedo e ao outro mais cedo ainda.

Quando ella clareou o matagal, madrugava já. Distanciou-se mais da estrada que seguia parallelamente, avistando-a ás vezes, por entre os troncos

lisos. Num fechado de rompe gibão, mandacarús e umburanas, onde o pasto verde e succulento cobria o chão, tirou os arreios do cavallo e amarrou-o pelo cabresto a um tronco. Depois, fazendo da manta cama e da sella travesseiro, adormeceu ao pé das arvores.

O sol nascia.

Assim viajou mais uma noite e dormio mais um dia. Na terceira noite de viagem a lua veio muito cedo. Aquillo contrariava-lhe os planos. Alem disso a catinga naquelles logares era tão espessa, tão eivada de espinhaes, tão accidentado o terreno, de barrocas, pedras e fojos naturaes, que só teve um remedio, depois de experimentar o transito do matto em varias direcções, que foi ganhar a estrada larga e seguir por ella, lento, de ouvido á escuta e olhos á espreita.

O luar claro escorria pelos troncos alvos e fazia das resinas transparentes lagrimas de luz. Altas, immoveis, as frondes das arvores destacavam-se na claridade do céo. Mães da lua gargalhavam ao longe, muito longe.

Os olhos argutos do Estevam notaram que numa gamelleira grande, entre dois grossos ramos em forquilha, as folhas eram tão chegadas que por entre ellas não se coavam o luar. Parou o cavallo e apontou a clavina para aquelle escuro de folhagem, na desconfiança instinctiva em que vinha de homens atocaiando-o das moitas e das cópas das arvores. O tiro partio, ecoando nos pedregaes. E um vulto de homem tombou molle lá do alto, a escabujar na estrada branca.

Do alto de outra arvore mais adiante veio uma voz de homem, dura e cortante no silencio daquella solidão :

— Mataste, Chico ?

O Estevam estremeceu. A emboscada era de dois. Que havia de fazer ? Si falasse, o salafrario conhecer-lhe-ia a voz e fugiria a prevenir o amo vil da morte do companheiro. Si não falasse, o miseravel desconfiaria, havia de tentar espiar o que se passara e iria dar o alarma á chusma villanaz dos bandidos do Ignacio, ou do seu esconderijo talvez o prostasse com um tiro bem dado. Essa hesitação durou um instante. A sua grande calma ante os perigos salvou-o, ajudada da fertilidade do seu espirito aguçado e todo subtilezas. Soltou um assobio arrastado e discreto, chamando o outro :

— Fô-fi-i-i-ô-ô-ô...

Ligeiro, apeou-se do ruço e ficou de pé, clavina aperrada, no meio do caminho illuminado ante o corpo do cangaceiro. O outro veio, cauteloso. Ao avistal-o na claridade do luar, levou a arma á cara. O tiro partio e o bandido cahio de joelhos, com um grito. Depois, tambem de frente no barro, estorceu-se alguns segundos. Aquietou-se por fim.

Ao seu grito, só o eco respondeu.

Nem uma voz soou nas espessuras das moitas e baixou da camada das umaryseiras. Pesou um grande silencio no serão enluarado. O Estevam montou o ruço. Accendeu o cachimbo e largou veloz pela estrada em fora...

Gustavo Barroso

Jornal do Commercio - Rio. Fonte (Topicos) d

***

«Praias e Varzeas» é o titulo cantante do ultimo livro de Gustavo Barroso.

O applaudido autor da «Terra de Sol», ainda desta vez pinta quadros e costumes do Ceará. Entre a natureza e a gente do vigoroso Estado deu-se a formação intellectual de Gustavo Barroso, cuja infancia e adolescencia se xpandiram ora na branca areia das praias, ora nos carnahubaes infindaveis que acompanham os rios, ora na vegetação opulenta das serras.

Desse intimo contacto com a paizagem cearense ficou um sulco indelevel na «psyche» do brilhante homem de lettras, que, impellido pelas forças de um automatismo enraizado no instincto, canalizou em sua penna dextra todo o sentido do pittoresco, toda a vibração do «terrier» que lhe transmittira a sua saudosa correspondencia com a natureza nos annos felizes de despreoccupação errante.

Sem duvida, foi ainda subconscientemente que a penna pingou no final da sua primeira descripção sertaneja o pseudonymo de João do Norte. Era mais um reflexo da côr local.

«Praias e Varzeas» são o proseguimento dessa obra espontanea, defendida pelas virtudes da sinceridade que se limita a reproduzir os ecos do ambiente querido num espirito agudamente curioso.

São contos do littoral e do sertão, costumes de pescadores e vaqueiros.

Illustram-n'os desenhos de Alfredo de Moraes e envolve-os uma capa de Guttmann Bicho.

«Praias e Varzeas» já estariam em muitas mãos, se a primeira remessa não houvesse afundado com o «Florida», o mallogrado paquete francez que o «Kronprinz Wilhelm» metteu a pique.

89

Jornal do Commercio - 20-3-915

90

A SÊCCA. NO CEARA

Situação premente e afflictiva -- O que o governo poderá fazer — Dentro das proprias verbas orçamentarias ha recursos — Populações que não podem ficar ao desamparo!

Impellidas pelas miserias sem conta das seccas, as populações sertanejas dos Estados de nordéste vinham dar ao littoral, de onde rumavam para a Amazonia farta, reduzidas pela miragem das riquezas occultas naquelle *inferno verde*.

Este ultimo recurso lhes falta hoje. No sul a sua acclimatação é mais difficil. Na secca de 1877 a experiencia bem demonstrou isso. O Governo cearense está em verdadeira miseria. A crise lhe rouba as esperanças da melhoria de arrecadação. O Thesouro federal está limpo. O Governo da Republica, porém, mesmo dentro das verbas orçamentarias da Inspectoria de Obras contra Seccas póde tentar algumas medidas proveitosas em favor dos habitantes daquella região infeliz. A Inspectoria tem uma verba descriminada para cada um dos Estados da zona secca. Na situação presente só tres estão ameaados de perder metade da população humana como já perderam metade da população bovina. São o Ceará, o Rio Grande do Norte e o Piauhy, em parte. E' só descarregar — e a isso não se oppõe o regulamento da repartição -- a verba dos Estados que não têm carencia urgente de soccorros sobre aquelles que já agonisam.

Grandes obras de melhoramento indiscutivel das condições daquella zona estão projectadas, com os estudos devidamente approvados, faltando sómente iniciar os trabalhos. Pare o Governo serviços mais ou menos dispensaveis nesta quadra e ataque-as, dando trabalho aos pobres sertanejos desamparados. Na estrada de rodagem de Baturité a Guaramiranga, obra indispensavel e urgente, pois communicará uma chapada fertil e farta com o sertão colimado, podem ser empregados mil homens, o que representa a salvação de quinhentas familias. Na construcção de grandes açudes, como os do Estreito, no municipio de Icó, e o do Riacho do Sangue, no municipio de Cachoeira, haverá trabalho e ganho para milhares de homens e alimentação assim para centenas de familias.

Além disso, afim de evitar grandes agrupamentos, agglomerações de matutos sem noções de hygiene e facilmente exploraveis por qualquer manobra torpe de baixa politicagem, ha o recurso do fazimento de pequenas obras dispersas, que disseminarão os "retirantes" pela face do sertão, salvando-os ao mesmo tempo da afflictiva condição em que se encontram.

Cito algumas dessas pequenas obras: a continuação da construcção dos açudes de Santo Antonio das Russas, na ribeira de Jaguaribe, de Salão, no municipio de Canindé, de Tucunduba, no de Sant'Anna, e outros.

Todas as obras citadas estão já iniciadas e suspensas por diminuição de verba, ou projectadas, ou com os estudos já devidamente approvados. Além dellas o Governo poderá mandar projectar outras.

Em cada uma das pequenas construcções que apontei poderão ser empregados duzentos, trezentos trabalhadores.

O Governo não poderá dar melhor destino ás populações infelizes do Ceará do que fornecer-lhes meios de viver pelo seu trabalho, emquanto vêm melhores dias, na propria região onde nasceram e onde têm soffrido desde os tempos coloniaes de Pero Coelho de Souza as agruras inenarraveis das crises climatericas. O que não poderá fazer será abandonar ao seu ingrato destino o nobre povo que a este paiz deu o mais luminoso exemplo de altas qualidades moraes com a Libertação e a mais forte amostra de excepcionaes virtudes physicas com a Conquista da Amazonia.

A Terra da Luz, que libertou os seus negros, a Terra do Sol, que desbravou o Acre, não póde ser abandonada em tão calamitosos dias.

JOÃO DO NORTE.

Jornal do Commercio 22-3-915

A SECCA NO CEARA'

Talvez peior que em 1877! — Circumstancias afflictivas — A sêde, a fome e a peste — Medidas necessarias

As noticias do Ceará são muito tristes. A secca campeia ferozmente em todo o Estado. As populações, fugindo á fome e á sede, buscam o abrigo das serras e demandam o littoral. A' Fortaleza chegam as primeiras levas de "retirantes" e dizem que o flagello será peor que o de 1877... E' que o Estado está fallido e lutando, de par com a crise financeira, com forte crise politica.

Em 1914 choveu demais. No mez de Outubro os riachos ainda corriam, quando geralmente *cortam* pelos fins de Julho. Todo o pasto do sertão ficou enfraquecido devido á muita chuva. Foi um pasto *lavado*, como diz o sertanejo.

Quando estava secco e acamado, para durar até o meiado do outro anno, sobrevieram chuvas extemporaneas que o fizeram apodrecer. Dahi a secca encontrar o sertão infeliz sem reserva de pastagens.

Cousa curiosa, nesta secca de agora o que mais se sente no sertão não é a falta de agua. Os lençóes subterraneos têm abundancia, os açudes estão cheios, ainda ha poças de agua e cacimbas fartas no leito dos rios. O que não ha é pasto. A falta de chuvas não produzio capim nem hervas de qualquer natureza, matando, ademais, as culturas todas, o algodão, o feijão, o milho.

Que horrores não iremos ver desenrolar no Ceará, aliás em toda a zona de nordéste do Brasil, desde o norte da Bahia ao sul do Maranhão?

No seio das pobres populações sertanejas deslocadas para a zona maritima, enchendo as cidades, mal dormidas, esfaimadas, sujas, enfraquecidas, vivendo sob arvores em agglomeração e promiscuidade, forçosamente hão de surgir as molestias contagiosas, as *pestes*, que em circumstancias identicas têm victimado tanto sertanejo, a variola especialmente. Em 1877 morriam na capital do Ceará, diriamente, milhares de variolosos. Um norror!

Naquelle tempo, entretanto, o Governo da provincia e o Governo Imperial gastaram rios de dinheiro em soccorros á gente soffredora. Hoje o Governo estadoal e o federal não podem quasi nada fazer.

Nas seccas ulteriores a de 1877-79, o sertanejo tinha diante dos olhos, a mostrar-lhe a rota salvadora, os seringaes opulentos do Amazonas.

Hoje que resta delles? Até esse derradeiro recurso falta ao malaventurado camponez daquella zona infeliz, que já perdera o medo do flagello tantos annos de fartura vinha tendo!

As noticias da secca no Ceará são muito sérias e muito alarmantes. Antes não tivessem visos de verdade; mas, infelizmente, provem de fontes insuspeitas.

Nas circumstancias actuaes o Governo, para afastar um tanto os perigos da accumulação de retirantes nas cidades, poderia empregal-os na construcção de obras proveitosas já projectadas pela Inspectoria de Obras contra as Seccas, como seja a preparação das estradas de rodagem que dêm ao sertão o accesso facil das serras frescas e a estas meios de enviar ao sertão os seus productos naturaes, que se perdem ao abandono, por falta de consumidores. Como experiencia o Governo deveria começar pela construcção da estrada de rodagem de Baturité a Guaramiranga.

Já 70 °/° do gado existente no Estado do Ceará pereceu de fome. O sertão, coberto de carniças, onde se transita tapando o nariz ao olfato das podridões, não tem uma folha verde e estira-se côr de listre, laivado de esqueleticos garranchaes que se destacam em negro e em sépia; pedregaes balisam as planicies monotonas e aridas; dos monticulos de areia grossa, das ribanceiras de barro duro, das lages de granito, brotam cactus pequenos, espalmados, cardeiros altos, de braços esguios, eriçados de espinhos — como a vida por alli vai eriçada de dôres!

Para se avaliar da extensão da desgraça que ora pesa á face do Ceará lastimavel basta a dizer, que só o municipio de Quixeramobim enviou ás casas commerciaes de Fortaleza mais de dez mil couros de bois mortos pela secca!

A minha pobre terra parece, como dizia o Eça da Palestina, que anda virrida por um vento de maldição...

JOÃO DO NORTE.

Jornal do Commercio

21-3-915

A SÊCCA NO CEARA'

Ainda haverá possibilidade de inverno? — Sêcca feroz! — Banditismo, fanatismo e mysticismo — Angustia de irmãos — Pró alliados e não pró-cearenses!

Já se morre de fome no Ceará. Os "retirantes" cahem de inanição nas ruas de Fortaleza. Do Piauhy vêm brados de angustia. Os fazendeiros suicidam-se desesperados. E o Governo da Republica ainda não fez um movimento em prol dos habitantes daquelles Estados, que lhe têm dado, nos dias de abastança, tanto ouro, nos dias de perigo, tanto sangue nobre.

Parece que espera, para iniciar qualquer acção, que a secca se declare de todo, achando precizo demorar para esse effeito até o fim do mez.

Entretanto, ninguem se illuda mais sobre a possibilidade ainda de inverno no Ceará. Este, se viesse, não salvaria mais o gado, cujos tres quartos pereceram: não salvaria mais as plantações, torradas e encontraria o matuto faminto sem sementes para fazer novo plantio — porque a fome fez com que devorasse as suas pequenas reservas de cereaes.

Em toda a sua plenitude campeia a secca feroz. Nenhum recurso se antolha ao Cearense corrido pelo flagello. Que irá fazer esse povo de tão rija tempera, levado pela desesperadora situação em que o põem hoje as condições climaticas e os erros administrativos?

Dessas occasiões angustiosas, dessas miserias, dessas calamidades, surgem sempre as manifestações mais bem caracterizadas de banditismo e poucos podem avaliar quanto as afflicções duma secca contribuem para fazer crescer o fanatismo á maneira de Canudos e o mysticismo criminoso á moda do Joazeiro. Depois, os Governos vão procurar reprimir os bandoleiros, o cangaço sertanejo, que a sua propria incuria creou!

A nação inteira deve ouvir o brado de dôr do Ceará e do Piauhy. Todos os seus irmãos devem procurar auxilial-os, já que ao Governo Federal faltam recursos e nos quasi vasios cofres do Thesouro se entrelaçam as teias de aranha. Não custaria quasi nada cada Estado do Brasil contribuir com um pequeno auxilio aos irmãos flagellados. E Pernambuco, que está em tão excellentes condições financeiras e economicas, poderia dar o primeiro passo.

Para festejar excursionistas extrangeiros, para a Cruz Vermelha dos paizes em guerra, para favorecer de toda sorte os Belgas empobrecidos têm havido commissões, juntas e associações em todo este Brasil. Agora, dous filhos da Federação encontram-se a braços com a fome e a sede. Ainda não houve um gesto para a obtenção de auxilios aos homens simples, rudes e sobrios que durante lustros e decadas carriaram para o Thesouro Federal milhares de contos, tirados do *ouro negro* da Amazonia, roidos pelas febres, devorados pelos mosquistos, inchados pelas molestias, sempre de *riffle* em punho para a onça, o jacaré, o indio e o boliviano!

Ao envez de uma liga em pról dos alliados, como ha pouco se fundou, encabeçada por nomes respeitabilissimos, porque se não funda uma a favor dos cearenses, nossos patricios, brasileiros como nós, que morrem de fome pelas estradas do sertão.

Talvez seja mais "chic" acudir aos Belgas de Liège, de Antuerpia e de Bruges-la-morte, porém, é mais humano, mais nobre, mais razoavel, mais logico, mais decente soccorrer os seus proprios irmãos. Eu não comprehendo que um brasileiro prefira assignar uma subscripção para favorecer refugiados e prisioneiros europeus, quando morrem á mingua familias brasileiras.

JOÃO DO NORTE.

92

Gustavo Barroso (João do Norte), acaba de publicar mais um volume de prosa magnifica. O seu ultimo livro, sob o titulo *Praias e Varzeas*, confirma o escriptor festejado que, ha tempos, brindou a literatura brasileira com a *Terra do Sol*, cujo successo a critica indigena justificou.

João do Norte é um sertanista imaginoso, com uma bella visão das coisas e dos homens. Filho do Ceará, nos seus livros o joven escriptor não cessa de revelar um extraordinario carinho por aquellas paragens aridas e lendarias, onde ainda hoje *canta a jandaia nas frondes da carnaúba...*

O estylo de *Praias e Varzeas* é o mesmo da *Terra do Sol*, scintillante, vivo, marchetado, reflectindo nas suas paginas o temperamento do artista que o escreveu. E já é alguma coisa de louvavel, haver na moderna geração literaria do Brasil um novellista que se impressione fortemente com os costumes e a exhuberancia da natureza deste paiz, cheio de poetas...

"Correio da Manhã" 1. 5. 1915

"Jornal do Commercio" - Ed. Manhã -
26 - Março - 1915

93

A VINGANÇA DO OCCIDENTE

Vieram em todas as épocas do Oriente sumptuoso todas as invasões e todas as conquistas. Da vastidão do planalto central asiatico partiram em busca das terras occidentaes as grandes hordas primitivas, castigadas de fome e avidas de aventura. Identicas ao movimento do sol foram, no Mediterraneo, as navegações e colonizações dos Pelasgicos, e muito mais tarde, dos Phenicios. Os proprios Gregos assim se expandiram. Primeiro hellenizaram a Trinacria, depois fundaram Marselha, por fim transpuzeram as columnas de Hercules. A Atlantida de Platão era uma miragem que convidava os navegantes ás correrias pelo grande mar ao occidente da Europa.

Das bandas onde nasce o dia migraram os barbaros sem conta, que vieram assediar a civilização romana, deslumbrados por sua refulgencia magnifica. Foi do Oriente rico que os Mongóes se espraiaram pela Scythia fria e de onde fugiram os Hungaros selvagens. Lá surgiram a empecer a marcha de Roma vencedora as grandes resistencias patrioticas dos Médas, dos Parthas, dos Armenios, dos Chaldeus. De lá vieram os Hunos terriveis e esse Attila, cujo corcel bravio amaninhava com ás patas as ferteis terras de cultura.

De Carthago resplandescente, sentinella avançada da civilização oriental, Annibal partio á frente de mercenarios, para depois de um formidavel rodeio estrategico, em que se incluia a travessia dos Alpes, atacar de frente Roma gloriosa, baluarte da civilização occidental, anniquilando-lhe o excelso prestigio. Sonho igual brotou na alma grande de Mirthridate, Rei do Ponto, inimigo feroz dos Romanos, que desejava imitar a audacia do Carthaginez e vir do Oriente, pelo Danubio, sobre Roma, arrebanhando para o saque do Capitolio e a matança das legiões os Scythas, os Dacios e os Pannonios.

Mesmo após a destruição de sua infortunada metropole pelos Hellenos ardilosos, os Troyanos desbaratados e errantes buscaram as plagas do Occidente, para fundarem novas patrias num luminoso sonho de fecundo porvir. Enéas deu ás costas do Latio e o futuro de Roma foi a paga de seus esforços.

As mais antigas ideas scientificas foram trazidas das rechãs indianas ou das montanhas que bordam o Pamir. Só depois que os Hindús puzeram as monstruosas lages de Ellora no dorso dos giganteos elephantes de granito escuro é que Babylonia teve jardins suspensos e os Egypcios construiram as pyramides de Sakharah e de Kéops. Após o Ramayana, surgio o Zend-Avesta; e, após o Zend-Avesta, a Biblia. Os pastores da Phrygia foram os primeiros que observaram as constellações, encostados aos altos cajados, a meio das pastarias sem fim, olhando o gado a ruminar scismarento e ouvindo o ulvar dos chacaes, ao longe, na aba dos montes.

Os deuses orientaes desertaram os seus templos e emigraram muita vez para o Occidente. A Boa Deusa da Syria andou por Eleusis e por fim foi ter á cidade dos Cesares. Isis morreu em Roma, onde houve tempo em que moraram officialmente centenas de deuses phenicios, syriacos, chaldeus, persas e egypcios. Do Oriente veio, com toda a sua doçura, o christianismo primitivo e sadio, retemperando as almas soffredoras das classes baixas e dos escravos, apontando-lhes um ideal de libertação e recompensa.

Quando a gloria de Roma começou a fenecer e os seus louros seculares murcharam, Bysancio erguia-se no Oriente como um sonho lindo de marmore e de ouro. Evoquemol-a na sua grandeza e no seu declinio. Ei-la ruidosa e estonteante de riquezas, ostentando a sua força nas armas dos seus soldados e no genio de seus juristas. Então, Justiniano, cercado de doutos jurisconsultos, codificava para o Imperio e para o mundo, para seu tempo e para a posteridade, as leis majestosas do Direito Romano; então, Belisario e Narsés levavam as galeras carenadas de bronze dos paúes de Veneza ao golfo das Syrtes e conduziam as victoriosas cohortes couraçadas de aço dos muros de Andrinopla aos limites dos Germanos; e então, a linda e sumptuosa Theodora, no seu soberbo palacio do Bosphoro, entre altos muros recamados de arabescos e altas columnas filigranadas de ouro, entregava numa noite a pompa real de suas carnes núas aos desejos insaciaveis de quatorze mancebos.

Depois, a' altaneira Bysancio estorceu-se em agonia nas garras de uma nova invasão do Oriente. Constantino Paleologo corria a cavallo, loucamente, pelas ruas, entre os burgos incendiados, enchendo-lhe os ouvidos o berrar dos vencedores e o tropel estrupidante das barbaras hordas sarracenas. E Mahomet foi senhor de Constantinopla. Mas della invadio o Occidente a sua aurea cultura, foriando a Renascença. Assim, de lá veio o lustre das sociedades sabias e refinadas do Occidente, como de lá viera rendilhar a bruta pedra dos castellos roqueiros e afinar o perfil das pesadas igrejas romanas, a ogiva, os columnellos e a rosacea, — flôres que alegraram a sombria vida dos gothicos tempos medievos.

Do Oriente sahiram os Arabes invasores da Iberia, da Narboneza e da Sicilia. De lá vieram as mais cubiçosas conquistas. Nunca se esgotaram as suas reservas de homens e as suas populações monstruosas, adensadas socegadamente na sombra silenciosa dos seculos, derramam-se, espraiam-se, alastram-se um dia pela face dos paizes cubiçados.

De lá dizem que virá o Perigo Amarello, e de lá, em todos os tempos da historia, marcharam para o Occidente os conquistadores ferozes. As suas armaduras florejadas, e os seus estandartes de cabello, e as suas cimitarras damasquinadas, faiscaram, tremularam, lampejaram sobre os muros fortes das mais ricas cidades da Europa.

Vienna e Budapest, Sofia e Belgrado, Messina e Palermo, Toledo e Saragoça, Narbonna e Poitiers, todas viram esse lampejar sinistro. E a propria Roma, a grande e santa Roma dos Cesares e dos Papas, foi saqueada pelos barbaros e pilhada pelos mahometanos. Para livrar aquellas cidades foram precizos o

destemor de Pelayo, a temeridade de Carlos Martel e a fria coragem de João Sobieski.

Por felicidade, quasi sempre as hordas devastadoras que vêm do Levante, rumorejando surdamente a sua sêde de carnagem e saque, têm encontrado barreiras intransponiveis, surgidas quando menos eram esperadas. Os Hunos tiveram Aecio e os Campos Catalaunicos; os Saxões, Clovis e Tolbiac; os Turcos, D. João d'Austria e a fumarada de Lepanto.

Agora, que sobre os representantes da cultura latina, admiravel, respeitavel e leve, vem de rapieira erguida, sedenta de devastação e morticinio, essa Germania guerreira e forte, povoada de barbaras raças migradas da Asia — Teutões, Cattos, Cheruscos, Marsos, Cimbros e Ubianos; essa Germania temerosa, cuja *kultur* começou com a emboscada de Teutberg, foi detida tambem inesperadamente a caminho de um triumpho que acreditava facil por fortissima barreira: Joffre e a batalha do Marne!

Rutilante, mysterioso e só, rebrilhando de pedrarias, offuscando de esplendor, espelhando de rico e opulento, a tentar cobiças, a desafiar ambições, ficava o Oriente e ia empurrando para o [illegible] as suas hostes famintas, bardadas de ferro ou enrodilhadas em trapos, tangendo carretas ou volteando em corceis rapidos. Bandos incontaveis erraram, vagabundearam, perderam-se. Outros, fixaram-se, farmaram imperios. Outros fundiram-se em novas raças.

E o seu sangue novo revigorou por vezes as qualidades combalidas das gentes que o luxo e a ociosidade haviam enfraquecido. Despejaram-se do «habitat» primitivo da raça aryana para as regiões ainda pouco povoadas da Europa.

Vieram, inflexiveis e ousados, espadas núas, as azas doiradas dos cascos espalmadas em leque como a voar para as conquistas.

Surgiram das bandas do nascente; gruparam-se na Germania coberta de florestas ou humedecida de pantanaes; depois desceram para a Italia, marcharam para Gallia, entraram pela Hespanha, foram a Inglaterra, emquanto, beirando as costas africanas rescaldadas de sol, outras legiões subiam, vindas tambem do Oriente longinquo. E foram os Francos perturbando as Gallias; os Burguinhões, parando á beira do Rhodano; Alamanos, Cauqueos, Angrivarios, Usipianos, Bructerios, Tubantes, Saxões, Teutos e Sicambros, esparsos na Germania; Celetos, Odrusos, Marcomanos, Quados, Rhetios, Vindelicios, Dacios, Pannonios, ficando para os plainos do Danubio: Batavos e Frisões, Jutlos e Anglos, subindo para o norte; Normandos, vagueando nos mares: Alanos e Vandalos, vagueando pelas terras: Suevos, Semnonios, Longobardos, Gepidos e Herulos, dominando á Italia: Godos de Leste e de Oeste, formando imperios: Mouros e Arabes, vindos sorrateiros, olhos brilhantes de fanatismo e gula...

A Asia guardava mares de homens que emergiam da sombra, impellidos pelas fomes, pelas borrascas, procurando os meios de viver, errando á tôa pela face das terras extrangeiras. Ainda hoje a China tem no seu seio 500 milhões de rostos amarellos!

Vindos ainda do Oriente para o Occidente, por fim navegaram pelos mares desconhecidos os scandinavos que descobriram a Groenlandia e o Vinland, o ousado Côrte Real, o inquebrantavel Colombo, os Pinzones, Cabral, a cupidez cruel de Pizarro, Cortez, Hojeda, Almagro e Ponce Leon.

Na guerra presente, se o Germano atira-se contra o Latino, o Slavo lança-se sobre o Germano e o Turco avança sobre o Slavo. Sempre o Oriente contra o Occidente.

Lenta e demorada tem sido a vingança occidental. Vagarosa, mas segura, a transformação dos povos e das sciencias migradas do fundo tenebroso da Asia.

As navegações e as guerras de Veneza, tornaram-na oriental no luxo da cantaria martyrisada a cinzél e na pompa das dalmaticas da aristrocacia, porém iniciaram o cyclo das tentativas que, após a marcha conquistadora das legiões romanas, ainda havia de continuar o mundo occidental, para a defesa da sua cultura, das suas raças, das suas aspirações e do seu futuro.

Houve a tentativa infeliz das cruzadas christãs e o tracejo do largo rodeio para as Indias feito pela cortadora prôa das aventureiras caravellas de Portugal.

Napoleão levou ao fulvo Egypto e á Moscovia gelada duas expedições infructuosas. Porém a orilha do Mediterraneo já foi cerceada pela França, pela Hespanha e pela Italia. Os Hespanhóes dominam parte de Marrocos. Os francezes assenhorearam-se da outra parte, de Argel, antigo valhacouto de piratas; de Tunis, toda de minaretes brancos sob a poeira de purpura e oiro do sol africano. Tripoli, onde em 1821 os Turcos vendiam os prisioneiros da Grecia heroica, é da Italia.

E sob o guante britannico jaz definitivamente toda a região do Nilo. Partilha das velhas conquistas arabes e Sarracenas.

A bandeira franceza cobre as regiões banhadas pelo Mekong e pelo golfo do Tonkin; a ingleza tremula do planalto do Thibet ao cabo Camorin.

Os ideaes creados pelas necessidades vitaes, que têm impellido todas as gentes de origem asiatica ás conquistas e ás devastações, desde os Hunos até os Allemães, ou se transformam e modificam ao contacto da civilização occidental ou percem por mais dura que possa ser a luta. O imperio romano cahio, mas as nações barbaras que se formaram sobre as suas ruinas foram conquistadas pela sua civilização.

A Hespanha conquistada por Alanos, Vandalos, Visigodos e Arabes, embora os ultimos dominassem oito seculos, ficou sempre nação latina. Conquistada pela bruteza das armas, conquistava depois os conquistadores pela grandeza das idéas. Nunca a *Kultur* poderá prevalecer sobre a cultura. Attila dizia-se mandado por Deus. Guilherme II apoia-se nas necessidades de expansão duma civilização nova. Ambos não prevalecerão.

Contra as forças do espirito nada podem as forças das armas. Os obuzeiros destróem Reims, mas não a architectura gothica. Os *taube* incendeiam escolas, mas não todas as escolas. As cinzas são humus para as sementes futuras. A bibliotheca de Alexandria

94

foi barbaramente incendiada. Nem por isso deixamos de herdar a sciencia antiga. O apanagio espiritual da humanidade é indestructivel, embora Alarico, Odoacro, Gengis Khan, Tamerlão, Amurat e os modernos generaes que arrazam as gothicas maravilhas municipaes da Belgica.

Approxima-se o dia em que será completa quasi a vingança da Europa. Os invasores magyares já se fundem inteiramente no convivio europeu. As armadas do Occidente avizinham-se victoriosas de Constantinopla. E proximo está a hora em que serão, confinadas nos seus justos limites as pretenções demasiadas dos Germanos.

Porém, após um certo periodo de socego e reconstrucção, de novo se accentuará o movimento das grandes raças — do Oriente para o Occidente. Quando a densidade de população na Russia trouxer a falta do trigo e começar a carencia do seu desenvolvimento commercial e industrial, os Slavos não procurarão as steppas da Siberia, sim virão em demanda dos valles risonhos da Europa central: e os Teutões, então, serão barreira que o Occidente lançará diante dos esquadrões de Cossacos, que formigarão pelas planicies perdendo-se em escura massa nas recuadas profundezas do horizonte... Outro periodo de repouso virá e, em pós elle, o Oriente recalcitrante mandará novas hordas invasoras e crueis.

Nos confins da Asia boia á flôr das ondas azuladas do Pacifico um rosario de ilhas: e o Oriente amola nos vulcanicos rochedos de Yeso as espadas dos Nippões... Talvez um dia a ultima e decisiva cartada...

Ás vezes a gente é levada a crer naquelle sociologo que nos apontava a historia dividida em periodos de quietação ou refazimento e de convulsão ou destruição, alternando-se successivamente numa série indefinida.

Até hoje a posse discutida e desejada de Constantinopla foi que aparou qual forte escudo as garras que se abateram tremulas de desejo sobre o rico Imperio do Crescente. Talvez ainda a difficuldade do inventario salve o Grão Turco moribundo e demore por mais algum tempo ainda a vingança do Occidente e a reconquista sonhada de Bysancio.

João do Norte.

J. do C. Tarde – junho - 1915

Está marcado para 5 de Junho proximo o casamento da distincta Senhorinha Antonieta Laboriau, filha do antigo e estimado negociante desta praça Sr. Paulo Laboriau, com o Dr. Gustavo Barroso, deputado federal eleito pelo Ceará, nosso ex-collega de redacção, o brilhante autor da *Terra do Sol* e das *Praias e Varzeas*.

Illustram-no os lapis de Alfredo de Moraes e de Guttmam Bicho.

Está exposta á venda a segunda remessa. A primeira foi posta no fundo do mar pelo "King Wilhelm", no "Floride". Foi dada a ler... aos peixes, por ordem do Kaiser...

abril 915

95

— E você, Gustavo Barroso, deputado pela terra do Sol e do coronel Benjamin? Que projectos tem na cabeça, prestes a explodir?

— Nada; não perpetrarei projecto algum. Acho isso muito accaciano. Na Assembléa de Joazeiro, de que já fiz parte, o unico projecto que elaborei, e que felizmente consegui realizar, foi o de fugir ás consequencias do civismo sertanejo. Tenho a melhor vontade em não ter vontade nenhuma. Mesmo porque ainda sou *João do Norte*. Só depois do reconhecimento é que mudarei esse nome no pseudonymo de Gustavo Barroso. —

Comtanto que a politica não torne o sr. Barroso um anonymo....

Não foi unicamente o livro de Antonio Torres que nos veiu amenisar a semana tão cheia de politiquices. Tambem o livro de João do Norte — "Praias e Varzeas". Depois de um excellente livro de versos, a semana litteraria precisava completar-se com um excellente livro de prosa. Deu-nol-o João do Norte, o victorioso autor da "Terra do Sol".

João do Norte é um dos talentos mais brilhantes da nova geração e uma das intelligencias da qual temos o direito de exigir mais obras d'arte. O seu livro de estréa, a "Terra do Sol", não é apenas uma promessa auspiciosa. E' um livro na larga accepção da palavra, livro de alta observação sertaneja, livro que ha de ficar pela exactidão e pela sinceridade dos aspectos dos sertões cearenses.

Temos agora as "Praias e Varzeas", que a Livraria Francisco Alves acaba de atirar á publicidade. Quem viu João do Norte na "Terra do Sol" descortinando apenas os costumes sertanejos, não podia imaginar que elle pudesse ser tambem um contista das nossas selvas. "Praias e Varzeas" mostram que elle é, de facto, um contista e dos melhores que temos.

E' um livro excellente. A vida cearense está pintada com um vigor de estylo meridional, a alma da gente que habita as praias e sertões da terra de Iracema alli está intacta, serena na sua nudez e na sua simplicidade. "O pescador" é um conto a que a gente só se satisfaz relendo-o. O mesmo acontece ás "Velas brancas", ao "Espectro", á "Luiza do Selleiro", etc.

E' um escriptor o autor da "Terra do Sol".

* * *

O novo livro de João do Norte não fica a dever nada ao seu primeiro — "Terra do Sol" — que tanto successo alcançou, obtendo da critica desapaixonada as melhores referencias justas.

A. B. C.

2 rua

3.5.

915

"A. B. C" - Rio - Maio - 915

96

NO MONROE

Uma timidez excusada e uma indebita confiança

Ha dias, emquanto os srs. representantes da nação, elegantemente convertidos em chaminés, espalhavam pelo ambiente do Monroe o fumo azul-perola dos seus cigarros, nós nos divertimos um momento na contemplação de um contraste.

No meio do recinto da Camara, na linha impeccavel da sua impressionante estampa, ouvindo distrahido um qualquer Padre Cicero Ceará, Gustavo Barroso estendia ao longo da sala um doce olhar spasmico e dormente, onde passava a sombra de um receio.

Evidentemente, temendo que lhe arrebatem a cadeira de deputado. Timidez excusada!

Adiante, noutro grupo, Macedo Soares, o vibrante e sympathico director do "Imparcial", cercado de admiradores como um principe entre cortezãos, ostentava a tranquillidade de quem confia na efficacia do seu ruidoso jornal, certo de que os adversarios não terão coragem de lhe rasgar o diploma.

Lembrava talvez o duque de Guise, desprezando os inimigos que a rivalidade de Henrique III amotinava contra elle, e não os acreditando capazes de eliminal-o.

— Elles não ousarão! — dizia o Duque. Mas elles ousaram...

A generosa altivez do jornalista não lhe terá deixado perceber que o sr. Wenceslão autorisou o sr. Pinheiro a offerecer ao sr. Alexandrino de Alencar a cabeça de Macedo Soares candidato do Estado do Rio, como homenagem ao Ministro que garante a estabilidade do governo?

É triste, esse holocausto politico. O proprio sr. Wenceslão tudo faria por evital-o, si o pudesse. Mas, com uma paciencia de São Pedro, o evangelico pescador de Itajubá resignou-se aos perigos da funebre offerenda votiva.

De um lado os srs. Alexandrino, Pinheiro Machado e o Director do "O Paiz". Do outro lado "O Imparcial".

O presidente cedeu ás pressões mais proximas e... mais prementes...

Tão claro viamos nós a realidade, que extranhavamos as esperanças do candidato do sr. Nilo. E o nosso desejo era unicamente apontar-lhe o escolho proximo, e pedir-lhe que se ponha em guarda, — diante do irremediavel.

Com a mesma franqueza queriamos nos approximar do sr. Gustavo Barroso e perguntar-lhe si elle não vê que é excusado o seu temôr, si não perceber que a Politica lança-lhe neste momento aquelle olhar maravilhoso de Sapho apaixonada da timidez de Jean Gaussin.

Lembram-se dessa magnifica pagina de Daudet?

Jean Gaussin, nos braços de Sapho, conforma-se com a idéa de se afastar, vencido, quando artistas, glorias consagradas da França, a requestam.

Sapho, encantada daquella modestia, e farta de aturar todos os grandes homens já decrepitos, compara o viço juvenil de Jean Gaussin com a sensibilidade dos gloriosos artistas que ella despreza, e murmura ternamente ao ouvido do amante:

— "Innocent! Ne comprends-tu pas que c'est toi que je veux?"

X. Y. Z.

O "Estado de S. Paulo" ed. da tarde, de 1 de Novembro de 1915, transcreveu o conto de "Praias e Varzeas". Finados

«Praias e Varzeas»

Já se acha exposto á venda na livraria Alves, o primoroso livro de contos *Praias e Varzeas*, do apreciado escriptor João do Norte.

Como "Terra do Sol", o primeiro livro do autor, que teve a edição rapidamente esgotada, *Praias e Varzeas* está destinado ao mesmo successo.

São contos escriptos em estylo original e onde os costumes e a natureza do norte são descriptos com muita expressão.

Praias e Varzeas está magnificamente illustrado pelo lapis de Alfredo Machado, e tem a feitura material bem cuidada.

Imparcial Rio 25 - 1915

"A Capital" - Maio - 1915 - S. Paulo

97

Literatura Nacional

"Praias e Varzeas"

João do Norte, o jovem estylista cearense

O "PATUA'"

O dr. Gustavo Barroso, (João do Norte) homem de letras cearense, ex-secretario do interior do governo actual do Ceará e deputado federal por aquelle estado, ha tempos publicou o seu primeiro livro "Terra de Sol" cujo exito excedeu toda a espectativa, exgotando-se rapidamente a 1.a e 2.a edição.

Acaba agora de publicar o dr. Gustavo Barroso o seu segundo livro "Praias e Varzeas". Dizer-se que a nossa literatura está em decadencia, quando temos em plena actividade e pujancia do seu talento, escriptores do quilate de Gustavo Barroso, até parece mal.

O moço cearense, filho dilecto da terra que tanto sabe amar e cujas lendas, costumes e paisagens descreve nos seus dois livros com tanto colorido e primor de linguagem, senão ultrapassal-os, será sem duvida um digno depositario da aureola de gloria conquistada pelo nosso insigne José de Alencar, Francklin Tavora, Araripe Junior e outros muitos astros de primeira grandeza que figuraram na constelação das letras brasileiras e cujas obras ahi estão para attestar aos vindouros que com o nosso material, podemos construir obras de arte, de ineguala-vel belleza, sem precisarmos recorrer a fontes de inspiração alheias. Para dar aos leitores da A CAPITAL um momento de deleite, amanhã publicaremos o conto de João do Norte—"O Patuá"—primor de estylo e concepção.

Palavras de "Selecta" - Rio - de 3 de Nov.º de 1915
transcrevendo o conto "Absalão"

Aqui, um destemido vaqueiro dos sertões do Norte, perseguindo um touro bravio «alçado» na «catinga,» morre tragicamente como o heróe biblico, desarçonado na carreira por uma Jorquilha de Jurema.

E' um dos mais vivos contos de João do Norte, e extrahimol-o do volume Praias e Varzeas.

Paiz - 20 - Maio - 1915

"Praias e varzeas".

Com esse nome suggestivo, Gustavo Barroso (João do Norte) apresenta-se ao publico com o seu segundo volume.

E' um livro de contos nortistas, uma especie de complemento logico da *Terra do Sol*, que, afinal, é um hymno ao seu torrão natal. *Praias e varzeas* reaffirma ainda mais o talento superior de João do Norte.

O joven escriptor preferiu fazer um livro de contos a produzir uma monographia eleitoral, apesar do seu volume sair simultaneamente com a sua incontestavel victoria nas urnas.

Não sabemos se elle o fez por commodidade ou por ter bem cedo reconhecido que o homem de letras em politica não póde senão *zimbrar* ou mais propriamente fazer o papel de simples amador e observador, alheio ás tricas e ás miserias da profissão, que os chefes de talento, por euphemismo denominam *injuncções*.

João do Norte está muito mais bem estirado nas suas praias ou adormecido nas varzeas virentes do interior da sua provincia do que amarrado de pés e mãos ás injunções da sua nova profissão.

Tolstoi, com cujas barbas longas e alvas não queremos comparar o queixo e os labios raspados e jovens do adolescente literato cearense, teve, no apogeu do seu desgarre literario para a politica militante, um conselheiro amigo que lhe escrevia, num pedaço de papel encontrado numa masmorra: *revenez a la litterature, cher maitre.*

Se o Sr. Gustavo Barroso tiver algum Tourguenev amigo, este o aconselhará, de certo, a não deixar a literatura pela politica, que começa extinguindo nas almas eleitas o senso esthetico para acabar extinguindo nellas o caracter e a vergonha.

"Fon-Fon" - 15 - Maio - 1915

LIVROS

98

Gustavo Barroso *(João do Norte)* – **Praias e Varzeas,** Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro.

O primeiro livro de João do Norte, apezar das paginas admiraveis que tem, é um livro de jornalista. *Terra de Sol,* que foi um dos mais bellos triumphos que a litteratura da nova geração alcançou, não trazia ainda a serenidade das obras d'arte.

Praias e Varzeas é um livro de artista. Ha, espalhada por estes onze contos, uma commoção de payzagens e figuras, fazendo viver tudo, terras e gentes de um mundo e de uma humanidade que nós não conhecemos, mas que viveram diante dos nossos olhos e existem na nossa imaginação.

«O sol irradiava oiro no verde do mar. Soprava rijo o terreal. Curvavam-se, chiando, ramalhando, os coqueiros frondosos, altos, abrindo no espaço claro o plumacho verde e lindo. Na praia branca, raza, sobre rudes, mal afeiçoados rólos, as jangadas descançavam, vélas abertas, seccando ao sol. Vistas de longe, de cima das dunas, semelhavam grandes aves marinhas, erradias, poisadas na costa deserta, as brancas azas estendidas á caricia tépida da luz».

E' o começo de *Finados.*
Um trecho d'*O pescador:*

«Por sobre as dunas, vinha um grupo de pescadores, acurvados ao peso das quimangas e das poitas, em demanda da praia e das jangadas de pesca que lá os esperavam. Andavam apressados, conversando alto, cantando trovas por vezes. Áquellas quadras poeticas, soltas em voz larga e queixosa «como um gemer de violas, todos baixavam a cabeça num desalento apparente que era sómente a nostalgia contemplativa e indolente da raça. Perto do rio, um aventou, bem triste!

— Era tão bom se nós tivessemos uma viola. Nas «trinta e tres», com o touassú no fundo, até a gente se divertia, emquanto as garôpas fossem mordendo o anzol.

Outro, mais velho, atalhou logo:

— Quem já viu cantoria em jangada? O mar não gosta de alegrias. Então de noite, credo! De noite o mar é mais traiçoeiro e mais triste do que de dia.

Um outro interveio:

— O mar é sagrado. E' vivo. E' a unica agua que se bole por si. Eu não o acho traiçoeiro; acho-o até paciente e bom. Lá uma ou outra vez, zanga-se, mas quanto tempo deixa a gente viajar por cima delle.

Rio, soltou um muchôcho e cantou alto:

«Quizera ser encantado,
Menina, p'ra te roubar,
E te deixar escondida
No fundo escuro do mar.»

Calou-se, depois continuou:

—Dizem que o mar tem perigos. Historias. O vento é quem os faz. Tudo fazem os outros, o vento, a noite, e dizem que é elle quem faz os perigos...»

E é assim o volume todo, nesta prosa de evocação.

"Noite" - Maio - 1915

LIVROS NOVOS

"Praias e Varzeas" é o titulo do ultimo livro do Sr. Gustavo Barroso (João do Norte) escriptor que se vae distinguindo pela sua constante preoccupação de abordar assumptos nacionaes, procurando espelhar em seus livros os traços, não já do indefinido habitante das grandes cidades, mas do sertanejo e de nossas gentes simples das provincias, de almas onde fervilham grandes paixões sobre um fundo poetico de superstição e ingenuidade.

No livro a que nos referimos, e onde ha alguns trabalhos já publicados, o Sr. João do Norte, que se prende mais ás impressões e ás suggestões do estylo descriptivo que ao enredo propriamente dito de seus contos, revela mais uma vez as elegancias de sua linguagem, toda servida por um vocabulario moderno e por construcções nervosas de phrase e as qualidades da sua imaginação de escriptor nortista.

Jornal do Commercio. Rio de Janeiro
20 - Maio - 1915

99

LIVROS NOVOS

GUSTAVO BARROSO — (João do Norte) — *Praias e Varzeas* — Rio de Janeiro — Livraria Francisco Alves. — 1915.

O Sr. Gustavo Barroso (*João do Norte*), que na *Terra do Sol* nos deu uma descripção linda e verdica dos costumes e da paizagem do sertão cearense, acaba de publicar um pequeno livro de contos, de medalhões e instantaneos sob o titulo de *Praias e Varzeas*.

São *Praias e Varzeas* do Ceará. O autor da *Terra do Sol* conta em pequenas impressões lendas que impressionam sertanejos e pescadores, e através desses trabalhos de ficção ou de simples descripção, palpita virgem e forte a alma do homem do interior, cheia de abuzões, candidas e promettedoras, atrophiadas, mas capaz de maravilhosos desenvolvimentos.

O Sr. Gustavo Barroso é, nas *Praias e Varzeas*, o mesmo estylista da *Terra do Sol*. O mesmo estylista na correcção da linguagem, na cadencia dos periodos, no aproveitamento sem exagero, sempre apropriado dos termos locaes — só usados quando indispensaveis: o mesmo vigor, o mesmo sentimento brasilico — empregando o adjectivo da época em que esse sentimento nasceu. Ha talvez neste livro mais uniformidade de estylo: o systema é sempre o mesmo: a cadencia não varia: o escriptor já está ainda mais senhor de sua arte.

O livro é constituido de rapidas impressões da vida sertaneja e praiana: lendas, contos que anecdotas locaes suggerirram, instantaneos de costumes, medalhões de typos, sentidas transposições de paizagens.

O pescador das *Velas Brancas*, no enquadramento praiano, representa a classica saudade que deixa o mar naquelles que nelle labutaram nessa profissão maritima — que que por ser exclusivo _ tão empolgante. *Finados e Naufragio* descrevem luta dos pescadores atrevidos e sem abuzões que o mar vence, confirmando as velhas lendas. No *Pescador*, a historia do encantamento é linda, e a maneira com que o Sr. João do Norte a descreve é forte e suggestiva. *Santo* é um quadro que caracteriza a força das mulheres sertanejas, doceis no amor e indomaveis ás vicissitudes. O *Espectro* é outra lenda macabra, em que se desenha o instincto justiceiro da gente do interior, que o nosso snobismo do littoral ainda não comprehende.

A *Luiza do Selleiro* é o velho e sempre novo caso de seducção; é a camponeza simples, a aldeã ingenua, a sertaneja sensivel que se deixa embalar e illudir pelo filho do grande proprietario, que se farta e depois foge, indifferente á morte de amor que vai causar.

O *Patua* é um conto humoristico; é uma satyra, que mostra a força da suggestão sobre a valentia de uns e a covardia de outros.

O *Abrahão* é um episodio tragico da vida de vaqueiro. Perseguindo um touro, cuja captura estava a premio, Mariano fica preso nas ramagens da catinga espessa e morre enforcado.

O *Filho do Guarany* é talvez dos mais impressionantes trabalhos do livro. E' uma reconstituição historica. A acção passa-se ha uns annos atraz. Lutas dos Caxiaras e dos Paineós, dos mestiços e dos que tinham sangue hollandez ou extrangeiro, das familias ricas que tudo ambicionavam e arrastavam á guerra os seus aggregados. O Coronel Delmiro saqueara uma fazenda dos inimigos, mas salvara um bébé, a quem não tivera coragem de matar. O bébé é hoje um homem. Mas revela nos gestos, nas attitudes, no temperamento, que tem vivo almiz o sangue hollandez e que esse sangue póde um dia revoltar-se contra o pai adoptivo... Accommodado pelo Pedro Mulato, o Coronel manda matar o rapaz... A *Emboscada* é uma rapida scena, em que se revela a astucia do sertanejo em perigo...

Em todos esses contos, em todas essas scenas, em todos os instantaneos e medalhões, a vida do sertão ou da praia cearense apparece reconstituida com todo o seu encanto simples, todo o seu caracteristico favacavel, com a palpitação de sua energia latente, o pittoresco de seus costumes, a ferocidade ou aridez e a fertilidade do clima, que varia de zona e em estações.

O Sr. Gustavo Barroso, como publicista na *Terra do Sol*, como litterato e autor de ficções nas *Praias e Varzeas*, procura através de sua obra artistica obter o mesmo resultado social: chamar a attenção da opinião esclarecida do paiz, dos intellectuaes e dirigentes para os pobres *Párias do Brasil*, os sertanejos desprezados e fortes, que, abandonados pelos poderes publicos, lutam entre difficuldades formidaveis, mas ainda são e serão sempre o grande reservatorio de energia nacional. Foi o trabalho do homem do interior que produzio tudo que o Brasil exporta, que mantem o commercio, que obtem o ouro, com o qual se alimenta a civilização do littoral e das capitaes, que desdenha o labor daquelles que lhe sustenta o luxo.

O Sr. Gustavo Barroso, mostrando o viver do povo brasileiro do interior, realiza assim mais do que uma funcção de arte, para, porque desperta os dirigentes da sua indifferença e contribue para a grande obra nacional que precizamos iniciar e levar avante: a instrucção, a localização, o apparelhamento dos nossos homens do interior.

O livro, impresso em Portugal, tem illustrações do desenhista portuguez Sr. Alfredo de Moraes, que, desconhecendo os nossos costumes, não póde apanhar os caracteristicos dos typos descriptos.

Correio do Norte - Maio - 1915

100

GUSTAVO BARROSO (João do Norte): — *Praias e Varzeas*, com illustrações de Alfredo de Moraes — Livrarias: Francisco Alves e Aillaud & Bertrand — 1915.

Em 1912, o esforçado editor da grande obra de Rocha Pombo, o historiador mais criterioso do todos que se têm occupado da nossa terra, o Sr. Benjamin de Aquila, desta capital, lançou á publicidade o livro de estréa de um moço que começára a apparecer no *Jornal do Commercio*, sob o pseudonymo de *João do Norte*.

Por muito tempo a roda literaria andou intrigada com a presença desse novo escriptor que surgia, fazendo umas narrações cheias de vida, de fórma captivante, dos habitos e costumes dos sertões do norte, ingenuos e simples, singelos e seductores, de um povo rustico, é certo, mas, de uma energia, de uma inquebrantabilidade de caracter invejavel.

A collaboração de João do Norte no *Jornal* despertou a curiosidade de todos e em torno do seu nome foi se fazendo um grande circulo de admiradores.

O moço cearense fez-se lido e estimado, e, em pouco tempo já se sabia quem era que usava o modesto nome de *João do Norte*.

Ha pseudonymos literarios que ficam, que se integralizam no individuo que o adopta. Entre nós ha muitos.

Paulo Barreto ganhou popularidade chrismando-se por *João do Rio; João Luso*, é mais conhecido no mundo literario do que Armando d'Erse. Aquelle infeliz poeta riograndense que teve tão desastroso fim, fez-se querido, applaudido e citado pelo pseudonymo que adoptou de *Marcello Gama*. O novo escriptor que apparecia através do nome de *João do Norte* era Gustavo Barroso.

O seu trabalho de estréa foi *Terra do Sol*, que despertou a attenção da critica, e que logrou em poucos mezes uma 2ª edição.

A *Terra do Sol* veiu como mais uma contribuição sobre a vida dos nossos irmãos do norte e João do Norte, deu-nos novos informes sobre o meio em que vive o habitante do sertão, narrou-nos particularidades ineditas da "vida rude e aspera dos sertões do norte, mostrando-a o quanto ella é descurada por completo".

A descripção do homem foi estudada com certos detalhes e nas paginas do bello livro conhecemos os "passadores de gado", typos que não mais existem, os "cangaceiros e curandeiros", classificados como "typos anormaes" e os sertanejos, fazendeiros e vaqueiros, considerados como "typos normaes".

João do Norte descreveu o sertanejo antigo e o que existe, o seu modo de vida, como se esforçam para ser uteis a si e á familia, o seu amor á arte sob varias modalidades, e divulgou as suas lendas e fabulas, mostrando que "o sertanejo não tem reminiscencias tolemicas nem constroe cyclos de lendas explicativas, consubstanciando-as em animaes; mas objectiva-as em alguns delles, maxime para synthetizar certas e determinadas qualidades humanas".

Terra de Sol mereceu os louvores da critica e foi esse incentivo que animou o talentoso escriptor cearense a nos dar novas coisas sobre a gente primitiva do norte e que nos desperta curiosidade e sympathia pelo modo simples por que se conduz na vida.

João do Norte deu-nos agora um novo livro: *Praias e Varzeas* cuja edição foi feita pela livraria Alves, na Europa.

Praias e Varzeas são onze composições literarias recordando habitos, costumes, typos de sertanejos cearenses.

O estylo do narrador é correntio, não enfara, deixa boa impressão.

Os onze trabalhos que constituem as *Praia e Varzeas* deram 142 paginas, o que quer dizer que João do Norte contou as suas historias de fórma a não ser massudo.

Velas Brancas, A Luiza do Selleiro, O filho de Gurary, O espectro, Finados, são narrações animadas, cujos themas estão nos costumes dos sertanejos.

Acreditamos que Gustavo Barroso, ou melhor, João do Norte, tenha grande cabedal de apontamentos para nos mostrar em livro de mais folego os costumes do sertão, e que nos dê, para accentuar o seu valor como escriptor, um romance, no qual vase as qualidades brilhantes do seu estylo e a agudeza da sua observação e da sua analyse.

Em *Terra de sol* ha a revelação de um estudioso, de um pesquizador paciente.

No seu novo livro *Praias e Varzeas* ha o escriptor, o narrador, com uma fórmula literaria accentuada, dando enredo ao que conta, fazendo "viver" o seu heróe ou heroina.

Despretensioso e singelo, o novo livro de João do Norte lê-se de uma assentada, porque as suas paginas são leves e empolgantes.

Precisamos que o estimado escriptor cearense nos dê mais ainda, porque tem

talento e possue o arcabouço de um romancista.

Um romance que nos dê a vida sertaneja, pondo em destaque o homem, que perpetue "os velhos typos tradicionaes que o tempo vai matando", é que precisamos agora da penna de quem já conquistou o meio, desde que surgiu nas columnas dos jornaes e que já nos deu dois livros differentes.

Deixe de lado a politica ou não deixe mesmo; mas ponha mãos á obra, torne-se o continuador de EUCLIDES DA CUNHA ou de CARLOS D. FERNANDES, estude a vida dos *balaios*, dos camponios rebeldes, dos *calangros*, dos *quebra-kilos*, dos *jagunços*. Desejamos coisa mais solida.

Apesar do progresso ter feito desapparecer o "passador de gado", o nosso prezado confrade poderá, com pouco esforço, contar-nos as peripecias e os detalhes da vida delles em paginas vibrantes e coloridas, com o seu estylo facetado.

Deve ser curiosa a narração da vida inteira daquelle "passador" de que nos fala na *Terra de sol*, o Chicó de S. Francisco, "mestiço escuro, de venta de refolego, sadio e forte, calmo e desempenado".

Faça isto João do Norte, que o seu nome não desapparecerá. Metta nos seus livros *gente nossa*, da sua terra, de todo o norte, que terá a gloria de ser um escriptor genuinamente nosso, que não possuimos hoje.

Registrando o apparecimento do livro *Praias e Varzeas*, illustrado por Alfredo de Moraes, fazemos votos para que tenha o mesmo successo do *Terra de sol*.

"Diario do Estado" - Ceará
1. Maio. 1915

A proposito

Mais uma vez João do Norte chama sobre si a attenção do mundo litterario brasileiro.

A sua nova obra acaba de surgir, acompanhada dos mais eloquentes elogios da imprensa da capital do Paiz. O seu novo livro era esperado com anciedade por todos que se acostumaram, pela leitura da "Terra do Sol", a admirar as qualidades inimitaveis de observação do joven escriptor.

O successo alcançado pela sua primeira grande producção, sagrou o joven litterato como um nome nacional, definitivamente incorporado á litteratura patria.

Poucos livros, nestes ultimos tempos, fizeram, entre os criticos de profissão, tanta sensação como o "Terra do Sol" de nosso illustre conterraneo.

Foi unanime o reconhecimento das brilhantes qualidades reveladas no "successor de Euclydes da Cunha", como o chamavam alguns iornaes do Rio.

Com a personalidade litteraria de João do Norte, dá-se um facto curioso que, porem, não é unico na historia da nossa litteratura.

Ao passo que no Sul, quasi todas as pessoas letradas conhecem o livro de João do Norte, que é tido como uma das mais sinceras e fieis descripções dos costumes cearenses, da vida do nortista, entre nós poucas pessoas ha que o tenham lido.

E ao passo que, no Rio, os criticos mais eminentes não pouparam seus vibrantes elogios ao escriptor que tão brilhantemente fazia seu *debut* na carreira litteraria, no Ceará temos visto e ouvido apreciações as mais injustas sobre esse cearense, que actualmente é um dos mais dignos representantes da nossa cultura na Capital da Republica.

No Rio, Ruy Barbosa o considera como litterato cuja leitura se recommenda; no Ceará nós não o lemos. Criticamos, sem conhecelo. PRAIAS e VARZEAS, ultimamente apparecido, descreve ainda scenas do norte, do Ceará que o autor ama

com todo carinho porque lhe conhece as tradicções.

Tivemos o prazer de lêr, em manuscripto, um ou outro dos contos que se encerram nas PRAIAS e VARZEAS, em que João do Norte põe em evidencia o seu fino espirito de observação, o perfeito conhecimento do meio em que agem os seus personagens.

PRAIAS e VARZEAS é mais uma conquista de Gustavo Barroso, um triumpho a mais para irritar os seus invejosos detractores.

"Jornal do Commercio" - Rio 8
25 de Setembro de 1915

102

O Sr. Deputado Gustavo Barroso recebeu do Ceará o seguinte telegramma:

«*Fortaleza*, 21. — Aceite francos applausos pela sua brilhante estréa na Camara, fallando sobre um assumpto patriotico, opportuno e digno. Foi uma elevada defesa dos interesses do seu infeliz Estado feita com o maior brilho. Agradeço a gentileza da inserção no *Diario do Congresso* dos topicos de minha mensagem referentes á secca. Saudações cordiaes. — *Benjamin Barroso*, Presidente do Estado.»

(Varias)

Rio - "Concordia" - Rev.a Sul-Americana. Maio. 1915

A LITTERATURA NACIONAL

"Praias e Varzeas", contos por Gustavo Barroso *(João do Norte)*

Editado pela Livraria Alves acaba de apparecer o livro de Gustavo Barroso (João do Norte), "Praias e Varzeas", primorosamente illustrado por Alfredo de Moraes.

E' um volume de contos, de onde salta a nota profundamente realista, alliada a uns vagos tons de idealidade.

Flagrantes da vida do Ceará, o livro de Gustavo Barroso tem a nota emotiva da dôr, dessa dôr que opprime o Ceará das praias e dos sertões e que é bem como a propria essencia de Deus — está em toda a parte e vive em todas as coisas

"Praias e Varzeas" é um feixe de quadros de agonia, quadros de paixão, quadros de vida apanhados no seu ultimo instante: o stertor.

Esse livro é mais sombrio que alegre. De vez em quando tem uma nota clara, a nota viva do sol com que o autor pincella, de vez em quando, a sombria melancolia dos seus "esquisses".

E' um livro que assignala ambientes, costumes, temperamentos. Tem, para o leitor, o poder do cinematographo pela verdade das suas descripções, mas é mais do que o cinematographo: tem a animal-o a arte e a alma do artista que o compoz.

Como documento das palavras com que assignalamos o apparecimento do novo livro, destacamos para aqui, sem escolha, o seguinte conto:

(Enluvada)

"A Noticia". 28. 5. 1915

O CEARA' EM PAZ

As nomeações federaes e o reconhecimento do senador

EM CAMINHO DA FUSÃO POLITICA

Desde hontem que as rodas politicas estão seriamente impressionadas com o caso da bancada cearense, com dois "leaders", o que parece symptoma de scisão. Hoje procurámos ouvir um membro da bancada e o acaso nos approximou do Sr. Gustavo Barroso, cujas ligações com o governador Benjamin Barroso são muito conhecidas. E do joven paredro ouvimos:

— Na politica federal nós somos P. R. C. e os outros que obedecem ao "leader" Moreira da Rocha são Colligados. Quando se cogitar dos interesses vitaes do Estado, que representamos, seremos solidarios como um só homem. Ahi estão as questões de combate ás seccas, de pacificação politica e outras que nos exigem harmonia perfeita.

— E sobre as nomeações federaes ?

— Essas serão feitas fraternalmente. Sempre que dellas se tiver de cogitar os "dois leaders" resolverão, para o que ficaram, desde hontem, com plenos poderes.

— E o senador. O caso Thomaz Cavalcanti.

— Ahi estamos todos, os dez, tambem solidarios. Não ha discrepancia e advogamos lealmente o reconhecimento do Thomaz Cavalcanti. E' o que ficou assentado hontem. Assignámos todas essas condições.

Caminhamos ao lado do Sr. Gustavo Barroso, inquerindo ainda sobre outros pontos da politica cearense. O governo do Estado tem um grande desejo de unir a bancada. Para isso vae satisfazer o "rabellismo" reconhecendo suas camaras municipaes, que estavam até agora com seus poderes cerceados, procurará satisfazer os interesses communs, quanto a nomeações para o Estado, federaes e locaes.

— Caminhamos para a fusão completa. Caminhamos para a harmonia e unidade de vistas.

— Então a paz no Ceará...

— E' um facto. Do "modus-vivendi" iremos á fusão.

E é assim que se encontra a politica cearense, no momento em que o Ceará precisa realmente de paz e de apoio.

"Jornal do Commercio" 2ª. da Tarde 7 Junho - 1915

103

TOPICOS DO DIA

A nota social de sabbado foi o casamento de nosso prezado collega de imprensa Dr. Gustavo Barroso, Deputado Federal pelo Ceará, com a distincta senhorinha Antonietta Laboriau, dilecta filha do estimado e antigo negociante desta praça Sr. Paulo Laboriau.

As duas ceremonias, civil e religiosa, realizaram-se na aprazivel residencia da familia Laboriau, em Santa Thereza, perante uma selectissima assistencia, a que o elemento feminino deu uma nota de summa elegancia e bom gosto.

Os salões da casa resplandeciam de luzes e flôres e uma pequena e fina orchestra executou os mais lindos trechos.

A ceremonia civil foi presidida pelo Pretor Dr. Eurico Cruz. Serviram de padrinhos: por parte da noiva, os Srs. Coronel Antonio Felino Barroso, Dr. José de Mendonça e Capitão de Mar e Guerra João Baptista Ballariny, e por parte do noivo os Srs. Paulo H. Laboriau, General J. G. Pinheiro Machado e Deputado Felix Pacheco.

A solemnidade religiosa foi realizada pelo Revm. Vigario da Freguezia do Sagrado Coração, Monsenhor João Alpen.

Testemunharam a ceremonia religiosa: por parte da noiva, a senhorinha Ferdinanda Laboriau e o Cav. Maggiorino Carlos Gondolo, e da parte do noivo, o Coronel Benjamin Barroso, Presidente do Ceará, e sua senhora D. Maria Lima da Cruz Barroso, representados pelo Capitão Fabio Fabrizzi e D. Rosa Barroso Fabrizzi.

A "corbeille" da noiva apresentava ricos e valiosos mimos.

A familia Laboriau cumulou de gentilezas todos os seus convidados.

Jornal do Commercio - Manhã.
8 - Junho - 1915

CASAMENTOS

Conforme antecipámos, realizou-se sabbado o casamento de nosso antigo confrade Sr. Dr. Gustavo Barroso, Deputado Federal pelo Ceará, com a senhorinha Antonieta Laboriau, filha do negociante desta praça Sr. Paulo Laboriau.

A's duas ceremonias, religiosa e civil, foram celebradas na residencia da familia da noiva, em Santa Thereza, e tiveram selectissima assistencia.

Os salões da casa resplandeciam de luzes e flôres e uma pequena e fina orchestra executou os mais lindos trechos.

A ceremonia civil foi presidida pelo Pretor Dr. Eurico Cruz. Serviram de padrinhos: por parte da noiva, os Srs. Coronel Antonio Felino Barroso, Dr. José de Mendonça e Capitão de Mar e Guerra João Baptista Ballariny, e por parte do noivo os Srs. Paulo H. Laboriau, General J. G. Pinheiro Machado e Deputado Felix Pacheco.

A solemnidade religiosa foi realizada pelo Rvm. Vigario da freguezia do Sagrado Coração, Monsenhor João Alpen.

Testemunharam a ceremonia religiosa: por parte da noiva, a senhorinha Ferdinanda Laboriau e o Cav. Maggiorino Carlos Gondolo, e da parte do noivo o Coronel Benjamin Barroso, Presidente do Ceará, e sua senhora, D. Maria Lima da Cruz Barroso, representados pelo Capitão Fabio Fabrizzi e D. Rosa Barroso Fabrizzi.

A «corbeille» da noiva apresentava ricos e valiosos mimos.

A familia Laboriau cumulou de gentilezas todos os seus convidados.

Estiveram presentes, entre outras pessoas, os Srs.: Coronel Felino Barroso, General Pinheiro Machado, Senador Pedro Borges, Deputados Frederico Borges, Felix Pacheco, Ildefonso Albano e Osorio de Paiva, Dr. Eurico Cruz, Dr. José Mendonça e senhora, senhorinha Aracy Mendonça, Dr. Antonio Soares de Gouvêa e senhora, Dr. Neves Armond, Filinto de Almeida, D. Julia Lopes de Almeida, senhorinhas Guida e Lucia Lopes de Almeida, Dr. Henrique Borges Monteiro e senhora, senhorinhas Mariah e Olga Borges Monteiro, Dr. Ennes de Souza e senhora, Miguel Mello, Capitão de Mar e Guerra João Baptista Ballariny, Dr. Figueiredo Vianna, senhorinhas Hilda e Antonieta Figueiredo Vianna, Dr. Thomaz da Cunha, Capitão Fabio Fabrizzi e senhora, senhorinha Rosita Fabrizzi, Capitão Pedro Dantas, João Augusto Alves e senhora, Maurice Artiges e senhora, Dr. Alfredo Busnier e senhora, Tenente Ballariny Junior e senhora, Dr. Eugenio Honold e senhora, Dr. Octavio Rocha Miranda e senhora, Octavio Reis e senhora, Carlos Magalhães, Dr. Gomes Pereira, Virlato Medeiros, Alberto Preckel e senhora, senhorinha Ignez Preckel, Remo Fabrizzi, Sylvio Fabrizzi, Bernardino Gomes e senhora, senhorinha Angela Mayer, Eugenio Latour, Capitão Luiz da Silva Pinto, Guilherme Decourt, senhora e filhos, Ferdinando Laboriau e senhora, senhorinhas Alice, Maria e Decrize Laboriau e Dr. Ferdinando Laboriau.

Mandaram felicitações, por telegramma: Presidente do Estado do Ceará, Coronel Dr. Benjamin Barroso e senhora; Dr. Herminio Barroso e senhora, Senador Marechal Pires Ferreira e senhora, Senador João Luiz Alves e senhora, Senador Alcindo Guanabara, Deputado Dr. Alvaro Fernandes, Deputado Dr. Eduardo Studart, Dr. Mario Studart, Deputado Dr. Arthur Collares Moreira, Deputado Manoel Fulgencio, Deputado José Lino, General Thomaz Cavalcanti, Dr. José Carlos Rodrigues, Conde e Condessa de Frontin, Dr. Antonio Pinheiro Machado, Ernesto Medeiros, Luiz Baptista Vieira, Dr. Alfredo Pinto e senhora, Edgar Ribeiro, Abias Vieira, Pedro Arthur, Honorio Lima, Dr. Mario Toledo Piza, Elmano Cardim, Alipio Baltar, Coronel Betim Paes Leme e familia, Dr. Ponce de Léon e familia, Dr. Francisco Valladares, Dr. Moncorvo Filho, Dr. Faustino Esposel, Dr. Rodolpho Josétti, Dr. Silva Cunha, Dr. Octavio Tanquinio de Souza e senhora, Dr. Luiz Martins e senhora, Dr. João Christino Cruz e familia, Dr. I. da Rocha e familia, Dr. Olympio da Fonseca, Dr. Francisco Ignacio Homem de Mello e senhora, Dr. Eugenio Decourt e familia, Dr. Paulo Decourt e familia, Capitão de Corveta José Lindenberg Porto Rocha e senhora, Dr. Luiz Caralier Darcilly e senhora, Dr. Gustavo da Silveira e senhora, Dr. Braga Torres e familia, Dr. Fridolino Cardoso e senhora, Dr. Ambrosio Cavalcanti e familia, Dr. Augusto Teixeira e senhora, Dr. Fabricio Ponce de Léon, Dr. Mario Toledo e senhora, Dr. Jacintho Gomes e familia, Dr. Masson e familia, Dr. H. Gottuzzo, Dr. Goulart de Andrade, familia Gasparoni, familia Fogliani, Machado e senhora, Adão Lima, Alcibiades Mendes, Max Fleuiss e senhora, D. Paula Ballariny, Alcides Ballariny, familia Pimentel Brandão, familia Liebmann, Arthur Hermany, Julio Isnard e senhora, D. I. da Paula Mendes e filhos, Alberto Couto e senhora, senhorinha Hilda Werneck de Castro, Antonio Pimentel Brandão, Condessa de Cherigné, senhorinha Nazareth Pires Ferreira, D. Claudina de Paula Nunes, Raul Doria e senhora, Ernesto Isnard e senhora, Coronel Randolpho Penne e senhora, Coronel Francisco Coelho Borges e senhora, Commendador Augusto Petit, Sra. Hoxe Cardoso, senhorinha Eulalie Hoxe, familia Wilson, Werneck de Castro e familia, senhorinha Nair Rodrigues, senhorinha Cecilia Werneck, Dr. Luiz Faria e senhora, Coronel José Carlos Vieira Ferraz e senhora, Carlos Pereira Leal e senhora, senhorinha Magdalena de Rezende, Pedro A. de Leão e familia, Jorge Francfort e senhora, Ronis Ongre, Alfredo Toussaint, Sr. e Sra. Maia, familia Beranger, Alfredo Botelho e senhora, familia Ribeiro da Cunha, Leandro Martins, Paulo Beranger.

Sobre as cestas de flores, os numerosos objectos de arte e as valiosas joias que aos noivos offereceram seus parentes e amigos notámos os seguintes nomes: General Pinheiro Machado, Dr. José de Mendonça e senhora, Deputado Felix Pacheco e senhora, Dr. Antonio Soares Gouvêa e senhora, Miguel Accetta, Senhorinha Cecilia Werneck, Mme. João Augusto Alves, Mme. A. Maurice Artiges, Miss Vera Wilson, Mr. and Mrs. Howard M. Mc. Closkey, Prof. Dr.

104

Ennes de Souza e senhora, Alberto Preckel e familia, Luiz Camuyrano e senhora, Louis Ongre, Senhorinha Mariah Borges Monteiro, Dr. Alfredo Burnier e senhora, Homenagem dos auxiliares da Relojoaria Gondolo, A. Carvalho Junior e senhora, Dr. Oscar Clark e senhora, Dr. José Elysio do Couto e senhora, Carlos Mafalda e Ricardo Gomes, Mme. Octavio Tarquinio de Souza, Dr. Jorge Esteves e senhora, Guilherme Decourt e familia, Eugenio Labourt, V. Viriato de Medeiros, Senhora Anna Cardoso dos Santos, Mme. e Mr. Joseph Sagot, Senhorinha Hilda Werneck de Castro, Senhorinha Lubina Pereira da Silva, Mme. Bice Grandinetti, Augusto Herliviz e senhora, Antonio Felino Barroso, Carlos Gondolo, Paulo Laboriau e Senhora, Ferdinando Laboriau e senhora, João Baptista Ballariny e familia, Carlos Gondolo, Senhorinha Ida Schnoor Paula Menezes, João Baptista Ballariny Junior e senhora, Eugenio Blot, Mme. Alice Labouriau Blot, Paulo Henrique Laboriau e senhora, Mme. Chermont, Maria Gondolo e Catharina Gondolo.

Tambem enviaram mimos a Sra. P. Virgilio Pereira e Drs. Honorio e Miguel Mello.

Entrevista litteraria com o "Pirralho" de S. Paulo — publicada a 15 a 5 de 9/15 p

— *Que diz do estado actual das letras no Rio de Janeiro?*

Está aqui uma resposta difficil. Dizer da situação presente das lettras em qualquer canto do Brasil não é facil, porque no Brasil ainda muito pouco se cultivam as lettras. A' demais no nosso paiz, alem de quasi não existir critica, quasi não ha leitores. Os homens de lettras formam pequenos grupos, uns que se alliam, outros que se guerreiam. Um certo circulo de gente lê o que escrevem. Outro ouve falar do que produzem. Todo o resto da gente não lê nem nunca ouvio falar nos seus nomes. E o brasileiro prefere o jornal ao livro, sendo que tambem tem para as obras de espiritos nacionaes a mesma desconfiança com que olha os productos da industria nacional, máu grado os exageros do protecccionismo. Quem sabe se não seria conveniente a creação dum pesado proteccionismo litterario? Talvez que a custa de impostos aduaneiros as livrarias vendessem menos livros de Anatole France e mais brochuras de... de quem...? E' melhor não dizer.

105

— *Tem obra escripta ou a sahir?*

A minha obra impressa consta de dois livros. O primeiro, que foi muito bem recebido, é o *Terra de Sol*, livro de estudos do sertão de nordeste, especialmente do meu querido Ceará, que já está no fim de sua segunda edição. Foi elle e a benevolencia que o acolheu quem me abriram caminho nas lettras brasileiras e deram-me esperança e forças para continuar.

Nestes dias a casa Alves acaba de pôr á venda o meu segundo livro, de prosa como o primeiro, mesmo porque nunca perpetrei versos. E' um volume pequeno, *Praias e Varzeas*, contos do littoral e do sertão cearenses, estudos

ligeiros de lendas, ensaios de examem sobre caracteres e táras ethnographicas, costumes de pescadores e de vaqueiros, de jangadeiros e de bandidos, usos do littoral e do interior, a vida rude das praias e a vida asperrima das planicies sertanejas.

Traz illustrações a penna de Alfredo de Moraes e a capa é uma bella mancha de Guthmann Bicho — um canto de rio, palmeiras e arvoredos reflectindo-se na agua clara das chuvadas recentes...

Pode dizer-nos alguma coisa sobre seus novos livros e sobre seus projectos litterarios?

Dou os ultimos retoques a dois novos livros, não podendo de prompto dizer qual apparecerá primeiro. Depende das circumstancias do momento. Num, ponho grande fé e Afranio Peixoto já o annunciou com generosidade nas notas do *Maria Bonita*. Trato nelle do banditismo no norte do Brasil. Nas suas paginas perpassam todos os velhos guerrilheiros do sertão barbaro: quebra-kilos, balaios, cariús, viriatos, calangros, jagunços, cangaceiros, cacundos, romeiros do padre Cicero.

Na primeira parte estudo as *causas* motoras e originarias desse phenomeno social tão importante, desde as antigas jacquerias, ás rebeldias e revoluções politicas, aos quilombos arrazados pelos capitães de matto. Na segunda narro o modo de ser das *grandes familias* senhoriaes, rodeadas de acostados, fazendo as guerras de honra e as guerras de terras, rompendo as questões de politicagem local, exercendo as *vendettas* seculares. A terceira é dedicada aos *grandes typos* celebrisados pelos seus crimes horriveis ou pelas suas façanhas de heroismo selvagem. Pela derradeira desteço a historia do fanatismo do Joazeiro, da aureola de prestigi que cerca o tão famoso padre Cicero, de tudo quanto tem partido da chapada fertil do Cariry, para perturbar a vida laboriosa do infeliz Estado das sêccas.

Esta ultima parte será denominada *O Rei do Sertão*. Para o livro ainda não encontrei titulo que me contentasse. Pensei em *Bandidos do Norte*. Pensei mesmo em *Rei do Sertão*. Ainda não estou certo a respeito.

O outro livro será baptisado *Pergaminhos*. Terá illustrações no feitio das velhas illuminuras gothicas, das brilhantes miniaturas mediévaes. E' uma collecção de contos da Idade Media, restauração a typos, estudos de lingua, de idumentaria, de arte gothica, de luctas cavalheirescas. Haverá coisas moraes, assumptos tragicos, figuras doentias, milagres, luctas giganteas, batalhas com alto faiscar de capellos brunidos, lampejar de lanças, avoejar de calções. Entraremos por ábsides sonoras de cathedraes, violaremos sepulturas de marmore e granito escuro, ouviremos taivocar as avarcas da arraia miuda e veremos rebrilhar os montantes dos velhos cavalheiros bardados de aço. O portuguez dará exemplos de religiosidade e de conquista. O allemão rudeza de guerras e de oppressões. O arabe apontará almodreixes cheios de joias, e aços galivados de oiro. E o florentino mostrará os lavores das finas cinzeluras no punho rico dos punhaes tredores...

E' todo um trabalho de reviver eras mortas, feito sob os dictames apregoados por Anatole na *Jeanne d'Arc*,

107

numa emulação de Antero de Figueiredo, de Julio Dantas, mesmo de Herculano.

Quanto a projectos litterarios, meu amigo, nada posso dizer. Por ora, somente poderei cuidar de projectos politicos...

JOÃO DO NORTE

S. Paulo - 19 - Junho - 915

Os nossos literatos

"João do Norte" inicia a sua collaboração na A CAPITAL

O brilhante deputado cearense tem dois interessantes projectos

O deputado dr. Gustavo Barroso, o "João do Norte" do mundo literario

O illustre literato dr. Gustavo Barroso, mais conhecido por "João do Norte", escreveu-nos uma delicada carta, agradecendo a transcripção do seu bellissimo conto *Patuá*, em nossas columnas.

Ao mesmo tempo, prometteu collaborar na A CAPITAL, iniciando-se, hoje, com a traducção do encantador conto de Anatole France *O Christo do Oceano*, especialmente para esta folha e cuja publicação inedita fazemos com prazer no rodapé desta pagina.

«João do Norte», que é deputado pelo Ceará, emprega a sua actividade tambem em prol das causas publicas. Assim é que, opportunamente, pretende tratar na Camara de dois importantes problemas que interessam não sómente ao seu Estado como tambem a todo o nordéste do paiz: são dois flagellos que precisam ser debellados, ou ao menos attenuados em seus effeitos com a maxima urgencia: a secca e o banditismo dos sertões.

Rio - Jornal do Commercio - 23 - Set.º 1915

O Sr. Deputado Gustavo Barroso recebeu do Provedor da Santa Casa de Misericordia do Ceará o seguinte officio:

«*Fortaleza*, 4 de Setembro de 1915. — Exm. Sr. Dr. Gustavo Barroso. Tenho a honra de communicar a V. Ex. que a Mesa Administrativa da Santa Casa de Misericordia desta Capital deliberou, em sessão de 2 do corrente, que fosse inserido na acta respectiva um voto de agradecimento pelo donativo angariado por V. Ex. na importancia de tres contos de réis, afim de ser applicado em soccorro da mesma Santa Casa.

Prevaleço-me da opportunidade para apresentar a V. Ex. os meus protestos de muita estima e alta consideração. — *D. Manoel*, Bispo do Ceará e Provedor da Santa Casa.»

(Varias)

"A Capital" - S. Paulo - 19 - Junho - 1915

OS NOSSOS FOLHETINS

"O CHRISTO DO OCEANO,,

Para Ivan Strannik

Conto de Anatole France, traduzido especialmente para a A CAPITAL, e inedito, por Gustavo Barroso—o primoroso João do Norte

Nesse anno, muitos habitantes de Saint-Valéry, que tinham ido á pesca, pereceram afogados no mar. Encontraram-se os corpos rolados pelas vagas, na praia, entre os restos dos barcos, e viram-se, durante nove dias, pelo escabroso caminho que leva á igreja, esquifes carregados a braço, seguidos de viuvas em pranto sob a grande capa negra como a das mulheres da Biblia.

O patrão João Lenoël e seu filho Desejado foram, assim, depositados na grande nave, sob a abobada em que uma vez haviam suspendido, em offerenda a nossa Senhora, um navio com todo o seu apparelho. Eram homens justos e tementes a Deus. E o reverendo Guilherme Truphémne, curado Saint-Valéry, tendo pronunciado a absolvição, disse com uma voz molhada de lagrimas:

—Jamais foram sepultados em terra santa, para esperarem o julgamento de Deus, maiores homens de bem e melhores christãos do que João Lenoël e seu filho Desejado.

E, emquanto os barcos e seus patrões davam sobre a costa, grandes navios sossobravam ao largo, e não havia dia em que o Oceano não trouxesse á praia restos de naufragios. Ora, uma manhã, meninos que conduziam uma canôa viram uma figura deitada sobre o mar.

Era a de Jesus Christo, de tamanho natural, esculpida em dura madeira e pintada com as côres humanas, parecendo obra mui antiga. O Bom Deus fluctuava sobre as aguas, braços estendidos. Os meninos puxaram-n'o para bordo e o trouxeram a Saint-Valéry. Tinha a fronte cingida pela corôa de espinhos; os pés e as mãos transpassados. Mas faltavam os pregos e a cruz. Com os braços ainda abertos para se offerecer e abençoar, apparecia tal qual o tinham visto José de Arimathéa e as santas mulheres no momento de o sepultarem.

Os meninos o entregaram ao vigario Truphémne, que lhes disse:

—Esta imagem do Salvador é um trabalho antigo e quem a fez deve estar morto ha muito tempo. Embora os mercadores de Amiens e de Paris vendam hoje em dia, a cem francos e mesmo mais, estatuas admiraveis, é forçoso reconhecer que os obreiros de outr'ora tambem tinham merecimento. Mas alegro-me sobretudo em pensar que se Jesus Christo veio de braços abertos a Saint Valéry, foi para abençoar a parochia tão cruel-

mente ferida e annunciar que tem piedade das pobres creaturas que vão á pesca, arriscando a vida. Elle é o Deus que caminhava sobre as aguas e benzia as redes de Cephas.

E o sr. cura Trphémne, tendo feito collocar o Christo na igreja, sobre a toalha do alta- mó , foi encommendar ao carpinteiro Lemerre uma bella cruz feita de coração de carvalho.

Quando ficou prompta, nella pregaram o Bom Deus com cravos novinhos em folha e levantaram-n'a na nave, acima do banco da irmandade.

Foi então que se vio que seus olhos eram cheios de misericordia e como humidos de piedade celeste.

Um dos irmãos, que assistia á collocação do crucifixo, julgou ver lagrimas correrem na face divina. No dia seguinte pela manhã, quando o vigario entrou na igreja com o menino do côro, para dizer sua missa, ficou muito surprehendido por encontrar a cruz vazia acima do banco da irmandade e o Christo deitado sobre o altar.

Logo que acabou de celebrar o santo sacrificio, mandou chamar o carpinteiro e perguntou-lhe por que despregára o Christo da Cruz. Mas o carpina retrucou que nelle não tocára, e, depois de ter interrogado o sacristão e os membros da irmandade, o cura Truphéme ficou certo de que ninguem entrára na igreja desde o momento em que o Bom Deus fôra collocado sobre o banco dos irmãos.

Sentiu, então, que esse facto era maravilhoso e meditou-o prudentemente. No domingo que se seguiu, falou delle, do pulpito, aos seus parochianos, e pediu-lhes contribuissem com suas dadivas para a erecção duma cruz mais bella que a primeira e mais digna de carregar Aquelle que resgatára o mundo.

Os pobres pescadores de Saint-Valéry deram o dinheiro que puderam e as viuvas trouxeram mesmo as suas alliançãs. Logo o senhor cura Truphéme poude ir a Abbeville encommendar uma cruz de páu preto, muito lustrosa, coroada por uma taboleta com a inscripção I. N. R. I. em letras de oiro.

Dois mezes mais tarde foi collocada no logar da primeira e nella pregaram o Christo, entre a lança e a esponja.

Mas Jesus deixou-a como abandonára a outra e foi, durante a noite, deitar-se sobre o altar.

O cura, encontrando-o ali, pela manhã, cahiu de joelhos e muito tempo rezou. A nova do milagre espalhou-se pelos arredores e as senhoras de Amiens fizeram subscripções para o Christo de Saint-Valéry. E o reverendo Truphéme recebeu de Paris dinheiro e joias, e a mulher do ministro da Marinha, a senhora Hyda de Neuville, lhe enviou um coração de diamantes.

Dispondo de todas essas riquezas, um ourives da rua Saint-Sulpice fabricou em dois annos uma cruz de oiro e pedrarias que foi inaugurada com grande pompa na igreja de Saint-Valéry, no segundo domingo depois da Paschoa do anno de 18..

Mas Aquelle que não recusára a cruz dolorosa fugiu desta cruz tão rica e foi estender-se de novo sobre o branco linho do altar. Com medo de offendel-o, deixaram-n'o ali desta vez, e ahi repousava ia em mais de dois annos, quando Pedro, o filho de Pedro Caillon, veio dizer ao vigario Truphéme que encontrára na praia a verdadeira cruz de Nosso Senhor.

Pedro era um innocente e, como não tinha juizo bastante para ganhar a vida, davam-lhe pão por caridade. Estimavam-n'o, porque nunca fazia mal algum.

Porém dizia coisas a tôa, a que ninguem prestava attenção.

Entretanto, o reverendo Truphéme, que não cessava de meditar sobre o mysterio do Christo do Oceano, impressionou-se com as palavras do pobre idiota. Foi com o sachristão e dois irmãos ao sitio onde o menino dizia ter visto uma cruz e lá encontrou duas taboas cheias de pregos, que o mar longo tempo rolara e que, na verdade, formavam uma cruz.

Eram os restos dum velho naufragio. Distinguiam-se ainda sobre uma das pranchas duas letras pintadas de negro, um J. e um L., e nem se podia duvidar que fôsse um pedaço do barco de João Lenoël que, cinco annos antes, perecera no mar com seu filho Desejado. A' vista dos madeiros, sachristão e irmãos puzeram-se a rir do innocente que tomava as taboas partidas duma embarcação pela cruz de Jesus Christo. Mas o cura Truphéme impedio as suas zombarias.

Meditára muito e muito orará desde a chegada entre os pescadores do Christo do Oceano, e começava o mysterio da caridade infinita a entrever. Ajoelhou na areia, recitou a oração pelos fieis defuntos, depois ordenou ao sachristão e aos irmãos que levassem as taboas aos hombros e as depositassem na igreja. Quando isto foi feito, levantou o Christo do altar, collocou-o sobre os madeiros do barco e pregou-o com suas proprias mãos com os pregos que o mar roêra.

Por sua ordem, esta cruz tomou no dia seguinte, sobre o banco da irmandade, o logar da cruz de oiro e pedrarias. O Christo do Oceano nunca mais della se desprendeu. Quiz ficar nesse madeiro sobre o qual dois homens morreram, invocando seu nome e o nome de sua mãe.

E lá, entreabrindo a bocca augusta e dolorosa, parece dizer:

«Minha cruz é feita de todos os soffrimentos dos homens, porque eu sou verdadeiramente o Deus dos pobres e dos desgraçados.»

110

"Correio do Ceará" - 11 de Junho de 1915

UM LIVRO CEARENSE

"PRAIAS E VARZEAS"

por Gustavo Barroso

(João do Norte)

Amanhã, daremos um artigo de critica literaria sobre o ultimo livro do distincto e festejado escriptor cearense dr. Gustavo Barroso, autor de «Terra de Sol».

«Praias e Varzeas» já recebeu a consagração e o applauso do nosso mais adiantado meio intellectual, o Rio de Janeiro.

Mas nós, cearenses, não podemos deixar de falar mais longamente sobre uma obra, que é um dos melhores estudos sobre os costumes e a alma popular de nossa gente, e que vae ficar na literatura brasileira como uma das melhores representações artisticas da terra da jandaia.

Daremos tambem á estampa um nitido retrato do dr. Gustavo Barroso.

O nosso numero d'amanhã será tirado a duas côres e constituirá uma verdadeira novidade typographica em nosso meio, um esforço, um *tour de force* das bem montadas officinas do sr. A. C. Mendes.

"A Ordem" - Parnahyba - 2-6-915

DR. GUSTAVO BARROZO

Acaba de ser reconhecido deputado federal, pelo vizinho Estado do Cearà, o illustre Dr. Gustavo Barrozo, um dos talentos mais robustos da nova geração litteraria Nacional.

Muito cedo ainda, o festejado nome de João do Norte destacou-se entre os escriptores brazileiros pelo estylo impeccavel e forma artistica com que escreveu o formoso livro «Terra do Sol», que è a mais bella apotheose á legendaria terra de Iracema.

«A Ordem» envia parabens á Familia Liebmann, parenta do grande escriptor, pela merecida distincção que o povo Cearense acaba de prestar a um dos mais distinctos dos escriptores nacionaes, do Norte.

"Revista da Semana" 3-Julho-915

Sr. Dr. Gustavo Barraso (João do Norte)

Praias e Varzeas chamou o sr. Gustavo Barroso (João do Norte) a uma collecção de contos regionaes, onde se affirmam todas as suas qualidades já reveladas de escriptor, que allia a um meticuloso realismo descriptivo um notavel apuro de forma. Os contos do sr. Gustavo Barroso são, na sua maioria, dramas condensados. A sua vigorosa expressão verbal, de uma sobriedade energica, anima grande numero de suas paginas de uma forte e grave bellesa. A's vezes, mesmo, o seu processo de contar o episodio e desenhar a figura lembra-nos o Camillo das *Novellas do Minho*. O descriptivo do conto que tem por titulo *A Luisa do Selleiro* traz á lembrança, no modo de focar a paysagem, uma das mais celebres paginas do *Eusebio Macario*.

Embora de atmosphera sombria, o livro do sr. Gustavo Barroso, editado pela Livraria Alves, é uma obra que ninguem deixará de lêr com profundo agrado: sobretudo os lettrados para se reafirmarem no conceito elogioso sobre o superior escriptor, que em tão castiça e apropriada linguagem nos narra a tragedia d'«*O Filho do Guarany*».

111

Dr. Gustavo Barroso

Realisa-se, hoje, no Rio de Janeiro, o enlace matrimonial do nosso distincto amigo dr. Gustavo Barroso, deputado federal por este Estado, com a exma. senhorita Antonietta Laboriau, gentil e prendada filha do sr. Paulo Laboriau, honrado commerciante da praça do Rio.

E' uma data auspiciosissima, um verdadeiro marco de ouro plantado no caminho da vida do distincto escriptor cearense. Depois da publicação de *Terra de Sol* e do breve apparecimento de *Praias e Varzeas*, livros de arte de inspiração altamente patriotica, livros genuinamente cearenses, nenhum dos patricios de João do Norte poderá mostrar-se indifferente ao que de feliz e venturoso a sorte lhe deparar no correr da existencia: si Gustavo Barroso tem adversarios politicos, o escriptor João do Norte, o descriptor da paysagem cearense, o pintor fiel dos costumes do nosso povo, tem por amigos todos os cearenses, que se honram com os seus trabalhos. E é em nosso nome e em nome de todos os amigos de seu formoso talento, que congratulamo-nos, pelo auspicioso consorcio, com o autor de *Terra de Sol*, apresentando nossas respeitosas homenagens á sua dignissima esposa, e almejando aos jovens nubentes um longo futuro venturoso.

* "Correio do Ceará" nº 11 5-Junho-1915

"Correio do Ceará", 12. Junho. 1915
(Pagina inteira acompanhado do retrato, a côres, com grande titulo, edição especial)

112

O sr. Gustavo Barroso, depois da brilhante estrea literaria que foi o seu volume «Terra de Sol», bello estudo de costumes nortistas, parece ter-se confirmado, definitivamente, na direcção que imprimiu a seu talento de escriptor, e na escolha do genero em que produziu os seus primeiros ensaios.

Que outros se aprofundem em analyses psychologicas de impalpavel subtileza, em que são postas a nú as complicadas evoluções intimas dos cavalheiros e damas da alta roda carioca; que outros se façam os photographos complacentes dessas sociedades estrangeiradas, cosmopolitas, artificiaes que se formam em nossas capitaes; que outros se percam em tentativas desmedidas de construcção de philosophias indigestas, ou em ambiciosos ensaios de critica mal orientada... João do Norte já escolheu a sua parte, tomou o seu caminho e limitou o terreno de sua actividade espiritual: fará obra de artista e de poeta. Será o cantor da raça trez vezes heroica que luta, vence ou morre nas praias e nas varzeas da terra de sol. Será o colorista da paysagem cearense; o analysta da alma rude, violenta e ingenua do sertanejo de nossa terra; o retratador fiel e amoroso dos costumes, dos habitos, das crenças, dos sonhos de nossa gente. Ambiciona gravar, no bronze da literatura brazileira, a meia dusia de traços que caracterizam incontundivelmente a feição particular do seu Estado natal.

E não nos parece, de modo nenhum, que o talento do joven escriptor esteja abaixo da grande tarefa que se impoz.

Aliás, esta tarefa, esta direcção, que tomou o talento de João do Norte, não foram por certo escolhidas com inteira liberdade e indifferença: foram impostas ao escriptor pelas circumstancias de sua vida e pela natureza de seu temperamento.

E' conhecido que o joven escriptor patricio reune em si duas tendencias, que, no pensar de muita gente, são contradictorias e inconciliaveis: uma grande afinidade por todos os refinamentos elegantes da vida super-civilisada, uma predilecção accentuada pelas cousas finas, pelos habitos luxuosos, e ao mesmo tempo um entranhado amor do povo, um vivo gosto pela vida das classes trabalhadoras, uma curiosidade intelligente pelos seus costumes, sua linguagem, pelos sentimentos que formam o fundo mesmo da ingenua e poetica alma popular.

O povo, si não é artista,—culminancia a que só attingiu em certos momentos previlegiados da historia, em Athenas, em Florença, talvez em Paris moderno,—é o maior de todos os poetas, mais creador que Dante e Shakespeare, os quaes receberam delle o conteúdo e os materiaes de sua obra de artistas. O povo é o creador das linguas e dos mythos, é elle que

constróe os grandes pedestaes onde se erguem as figuras immorredouras, creadas pela poesia dos Homeros, dos Gœthes, dos Cervantes.

E' nesta caudal que João do Norte vem beber a sua inspiração, o seu vocabulario, o seu estylo mesmo, que, apezar de distincto e correcto, tem sabor tão nitidamente popular.

Regra geral, os literatos brazileiros não têm bastante independencia intellectual, não têm bastante força para reagir contra a poderosa suggestão de suas leituras de autores estrangeiros, e para voltar, depois de suas incursões por fóra, a se integralizar no viver e no sentir do povo de que fazem parte. São os eternos ausentes... D'ahi uma literatura falha, anemica, livresca, pedantesca, uma literatura de *deracinés*...

João do Norte, pela sua feição literaria nacionalista, bairrista quasi, pertence a uma corrente inteiramente diversa: nos seus livros não apparece o leitor obsediado de tal ou tal grande escriptor europeu, mas um homem que sente por conta propria, que se deixa lentamente saturar pelas impressões do meio em que viveu, para depois deixal-as se crystalizar, quasi inconscientemente, no fundo claro—escuro da propria imaginação e da propria sensibilidade.

* * *

Entremos, agora, em uma ligeira analyse do livro «Praias e Varzeas», lamentando que a falta de espaço e a impaciencia dos leitores nos impeçam de fazel-a, como desejaramos, longa e completa.

«Praias e Varzeas» comtem umas onze composições, pequenos quadros, curtas narrações de casos sertanejos, rapidas analyses de um typo ou de uma paysagem, «bozetti», como dizem os italianos: *Velas Brancas, Espectro, A Luiza do Selleiro, A Emboscada* etc.

Apezar disso, o livro não é, como tantos pseudo-livros modernos, uma collecção de fragmentos disparatados, reunidos ali pelo facto material da encadernação. Muito ao contrario: o livro do sr. Gustavo Barroso apresenta forte unidade de estylo e de assumpto, que faz delle uma verdadeira obra. Do começo ao fim, debaixo de differentes nomes, apparece-nos o mesmo heróe: o povo, que lucta contra a terra dura e avara, debaixo da inclemencia do céu; o povo que se mede, debaixo da soalheira causticante dos dias ou sob o luar incomparavel das noites tropicaes, pela bonança e pela tempestade, com o velho mar traiçoeiro e voraz. Cada composição do livro é um capitulo do mesmo romance, é um canto do mesmo poema, um incidente da mesma batalha, um momento differente do mesmo destino de um povo...

Velas Brancas abrem dignamente o volume. E' um fragmento da epopeia cearense: é a rhapsodia dos pescadores, o canto que celebra a luta titanica da raça com o grande oceano.

Vencido no seu combate com a Terra, o homem se retira do sertão em busca de outro elemento menos inclemente e mais generoso. Não emigra: encontra o mar, e faz-se pescador. O jangadeiro é o cearense que pára a meio caminho do exilio. Ainda fica com um pé sobre a terra dura que lhe foi berço; constróe um poiso sobre as alvas dunas da praia, e de lá parte todas as manhãs, e para lá volta todas as tardes, vôando sobre as grandes azas das vélas brancas das jangadas,—semelhante a uma tribu audaz de aves maritimas que tivesse feito o seu ninho nos penhascos alcantilados da beira mar...

E' inexquecivel a grande figura de Mathias Jurema, o velho pescador da praia do Meirelles, junto da Fortaleza. Depois de meio seculo de trabalhos, a idade o vencêra por fim; e não se aventurava mais sobre o mar. Pouco a pouco, a vista lhe foi fugindo e com ella o grande espectaculo das aguas infinitas. Mas, não podendo ver, o velho jangadeiro, todas as tardes e todas as manhãs, ia para ouvir da praia o Oceano.

«Ao romper do dia, de bordão em punho, demandava a costa, a sentar-se n'um mouchão de areia. A claridade fraca do dia nascente espalhava-se sobre as dunas alvas. Começava a lufa-lufa da partida dos jangadeiros para a pescaria.

«...O mar bramia. Dava ao longe em rochedos com ribombos de canhão; espraiava-se em cicios pela areia lavada da praia.

«O velho escutava-o. Vivia pelo ouvido, já que não podia mais deleitar-se com os olhos. Imaginava a paysagem, tão sua conhecida em outros tempos, e quedava silencioso, o cachimbo esquecido ao canto da bôcca. Alheiava-se em sonhos dos laços que o prendiam á terra, navegava pela superficie ondulada e indefinida das saudades, que perpassavam incessantes como as vagas do largo.

«Quando na praia paravam as falas e somente o Oceano resmoia os seus queixumes, voltava para casa placido e satisfeito.»

E ao leitor, fica-lhe indelevelmente na retina o vulto do velho pescador cearense, a destacar-se, grandioso e symbolico, sobre o fundo glauco e infindavel dos «verdes mares bravios»...

Quanto ao desfecho surprehendente, magnifico de *Velas Brancas,* nada diremos para não desmerecer com nossos commentarios um rasgo da mais pura belleza.

Alguns outros dos onze episodios do volume não são inferiores ao de que acabamos de falar. Destacamos—*Emboscada,* curto, dramatico, de extraordinaria força de côr local. E' um conto succinto e violento, na maneira forte de Mauppassant. Póde figurar dignamente em qualquer anthologia da lingua portugueza.

O Patuá fére a nota comica, e é como um clarão de alegria e bom humor n'um mundo de violencias e tristesas.

A Luiza do Selleiro é uma apparição de graça e seducção perigosa: a historia da bella e incauta sertaneja, enganada pelo moço pelintra da Capital.

« —De que morreu Luiza?

O pagem sorriu.

—O velho conta que foi de um ataque, mas o povo diz que ella morreu de amor».

Santa, apparição excelsa de bondade, em contraste com *O Espectro,* quadro negro das maldades do feudalismo colonial e sertanejo.

O Pescador é um formoso especimen do genero phantastico.

Não podemos nos estender mais, nem ao menos para falar do estylo encantador do livro, de sua fluidez, de sua naturalidade, de sua transparencia perfeita, e para fazer alguns reparos e ligeiras censuras a um ou outro senão da bella obra. Por exemplo: não gostamos dos desenhos, que parece foram feitos por quem conhece ou imagina melhor as praias da Dinamarca, ou da Noruega, do que as do Ceará.

Quanto ao estylo, o melhor que podemos fazer é propôr aos leitores, mediante curtas citações, algumas amostras do fino, brilhante e ligeiro tecido, que João do Norte soube tramar com os fios mais communs da lingua usual.

O problema do estylo é a esphynge mais perigosa que o escriptor brasileiro encontra em seu caminho: é preciso dar-lhe uma solução verdadeira, ou morrer literariamente. —E são bem raros, por estas paragens, os Edipos felizes.

A questão do estylo, complexa e difficil para todos, é particularmente ardua para o escriptor indigena. Para o francez, por exemplo, que dispõe de uma lingua disciplinada, centralizada, o problema quasi não existe. Para o brasileiro, que só lê livros estrangeiros, que fala uma lingua deturpada de mil modos, e para o qual o portuguez classico e castiço é uma preciosidade que elle tem de ir buscar nos livros e nas grammaticas, o problema do estylo apresenta uma catadura quasi sinistra. Uns se precipitam na caturrice da imitação dos escriptores classicos e perdem assim toda a expontaneidade de expressão; outros embarafustam por um gongorismo scientifico pavoroso, rebarbativo, mettendo em cada pagina vocabularios inteiros de sciencias em formação ou de systhemas abstrusos e cerebrinos: é o triumpho do pedantismo indigesto; outros, finalmente, escrevem como falam (e falam muito mal) e abrindo mão de todo cuidado cahem n'uma verdadeira orgia de incorrecções e disparates: é a apotheose da ignorancia e do barbarismo.

Quanto a João do Norte, o seu estylo constitue uma das melhores soluções do arduo problema de um estylo correcto, natural, portuguez e brasileiro.

Basta abrir «Praias e Varzeas» para ficar encantado com o seu modo de dizer. E', sobretudo, um paysagista eximio, um colorista delicioso e exacto: nos seus pequenos quadros da natureza cearense, vê-se bem que o autor tem uma segurança de traço, uma nitidez de

visão de quem praticou a arte do desenho. Eis uma vista alegre da praia:

«O sol irradiava oiro no verde do mar. Soprava rijo o terral. Curvavam-se, chiando, ramalhando, os coqueiros frondosos, altos, abrindo no espaço claro o plumacho verde e lindo. Na praia branca, raza, sobre rudes, mal afeiçoados rólos, as jangadas descançavam, vélas abertas, seccando ao sol. Vistas de longe, de cima das dunas, semelhavam grandes aves marinhas, erradias, poisadas na costa deserta, as brancas azas estendidas á caricia tepida da luz.»

Depois, uma larga paysagem, soturna e sinistra, de pleno mar:

«O céu estava de um cinzento carregado e triste; era baixo, tão baixo que abafava e que opprimia. O mar, tinha uma calma apparente, zebrado de escuro, com ondulações grossas, pesadas, vagarosas e sem espumas. O tempo era indeciso: não havia prenuncios certos de tormenta; antes era de temer-se um aguaceiro; mas o aspecto dos elementos não infundia a a menor segurança. O vento parava, dormitava instantes; depois cahia em rajadas subitas, de nordeste, rasteiras e velozes como grandes golpes de foice, efflorando a vaga triste e preguiçosa...

«O vulto da terra, no horizonte, que devia ser muito branca, de areia solta, de morros, esbatia-se, esfumava-se. Grandes nuvens baixas, de contornos esfrangalhados, os bordos a se diluirem, arrastavam-se como lêsmas, superpondo-se umas ás outras, com espaços vazios, profundos, entre ellas, por onde se entrevia um pouco de claridade mortiça, cirial, transparente.»

Depois, de um golpe, somos transportados para os «vargedos amenos e tristes do sussurro perenne dos carnaúbaes»; ou defronte das planicies subitamente enrequecidas pelas chuvas: «por tudo e em tudo, do alto azul do céu á calma horizontal das agnas empoçadas, do dorso corcoveado dos montes ás extenções lisas da planicie, sorria farta, orgulhosa, a pompa régia do inverno»; ou a um fim de tarde nas catingas, onde «detraz da fumarada tenue das queimadas distantes, o sol baixava sem raios e sem gloria, como um grande olho ensanguentado.»

116

Assim, por tudo o mais, a magia do estylo derrama sua suavidade encantadora sobre a aspera magia da natureza tropical e desertica do Ceará.

O novo livro de João do Norte é uma nova affirmação de seu talento de escriptor. Achamol-o mesmo superior pelo estylo a «Terra de Sol»: o assumpto agora é tratado com mais arte, mais sobriedade; o lado humano, o elemento universal dos homens e das cousas, é posto em melhor evidencia, em mais clara luz, ao mesmo tempo que lhes é conservado o caracter particularista, a physionomia regional, cearense.

Um grande espirito cearense, de tempera inteiramente diversa da de João do Norte, tem na sua rica bagagem um pequeno volume intitulado *Ceará, lado comico*. O novo livro de Gustavo Barroso poder-se-ia intitular: *Ceará, lado poetico*. E os dous livros se completariam, mostrando os dous aspectos capitaes do mesmo objecto: poesia e realidade.

Os criticos discutem sem fim a questão do real e do ideal na obra de arte. Os máus artistas, postos entre doutrinas contradictorias, vão cambaleando: ora, a pretexto de

verdade, tombam na chata, na vulgar, na insulsa copia da realidade; ora, a pretexto de poesia, se perdem no vazio de um ideal ficticio e artificial. Mas toda a vez que se encontra um verdadeiro artista, chame-se elle Flaubert ou Machado de Assis, a grave questão é resolvida sem esforço, e são propostas á nossa admiração obras ao mesmo tempo reaes e ideaes.

Verdade e poesia, formulava Gœthe no frontispicio de um livro seu, e esta bella epigraphe pode João do Norte gravar confiantemente no limiar de seu ultimo volume.

PAIZ - 1ª columna
2 - Julho - 915

A HISTORIA DAS SECCAS

Será um dia, quando estiver de todo feita, relatada em todas as suas tristes minudencias, uma grande pagina nacional de heroismos, abnegações e dores, a historia das seccas que têm flagellado o nordeste brazileiro.

As seccas terriveis, os annos de miseria da terra vasta e resequida á canicula, do homem andrajoso, esqualido, vergastado de privações, contam-se naquella região com uma frequencia que amedronta, num compasso chronologico de datas cyclicas que atemoriza e que espanta.

A seriação das datas climatericas tem uma regularidade assombrosa de clepsydra, de relogio a tictaquear num silencio profundo.

A primeira secca de que se tem noticia vaga, esfumada pela passagem dos annos, diluida na obscuridade que envolve épocas de uma historia tão sem importancia que nem documentos deixou, foi a de 1614. Depois vieram a de 1692 e as de 1711 e 1721, onde a regularidade do decennio de intervalo é bem notavel. Mas a primeira secca de que rezam os documentos officiaes da provincia do Ceará, a primeira que teve a gloria de entrar para os archivos, foi a de 1723 a 1727, feroz, terrivel, que devastou plantações, gados e gentes, produzindo emigrações, estampando até hoje na face dos mappas o cunho da sua passagem: Varzea dos Defuntos, Missão Velha e Missão Nova.

117

Nessa época de penuria e de males, a gente de Missão Velha abandonou o seu povoado, onde a agua desapparecera, não mais balavam rebanhos, nem urravam bois, nem verdejavam entre as cercas de *tesoura* os roçados dos pobres, indo fundar a nova aldeia, a Missão Nova. Veiu depois o inverno. Voltaram outros habitantes para Missão Velha. Ainda hoje existem as duas povoações.

Decorreram dez annos da secca brava de 1727, e nessa terrivel regularidade decennal caiu sobre a face do sertão hispido, com a peste, a crise de 1736 a 1737. Ainda em 1738 o inverno não foi bom e nem deu fartura ao sertanejo, pois que o Senado da Camara da villa do Icó prohibiu a saida de farinha de mandioca, qualquer que fosse o preço, dos limites do municipio.

Novos invernos, annos melhores e peiores transcorreram. Depois, já ao completar-se novo decennio, de 1745 a 1746, a estiagem horrivel comburiu os valles do Ceará. Mais dez annos e, de 1754 a 1755, diz a eloquencia synthetica dos relatorios coloniaes: "houve secca na capitania do Ceará Grande".

Passaram seis annos mais ou menos fartos, mais ou menos abundantes. O cyclo decennal adiantou-se. Em 1760 não choveu.

Vieram, então, dezeseis annos de calma e reconstrucção das fortunas combalidas. Após elles, em 1776, veiu a secca que alcançou 1777 e 1778. Durante dois annos os invernos alegraram a terra, a chuva do céo beneficiou as pastagens vastas que se alongavam varzeas afóra, descampados além, catingas a dentro, abas de serras acima.

E em 1790 campeou a secca pelo nordeste todo. Foi a grande secca de 1790 a 1793, que durou todo o tempo do Terror da revolução franceza, deixando na memoria do sertanejo um terror peior e mais duradouro. A *secca grande* é uma lembrança que arripia a alma dos matutos.

Referente a essa época de miserias mil, lê-se nos archivos da Camara Municipal do Natal: "pereceram creaturas humanas, mal escapando as que comiam couros e bichos immundos".

De 1803 a 1804, o governador do Ceará João Carlos de Oeynhansen e Greven-

burg, afilhado de D. Maria I, marquez de Aracaty, que morreu governador de Moçambique, viu-se a braços com a falta de agua e com a fome, que varreram o sertão.

1809 e 1810 foram annos máos.

De 1816 a 1817 a secca foi terrivel. Mais ou menos decorrem dois lustros e vem uma nova secca grande — 1824-1825, pulverizando a pastaria dos campos, reduzindo a esqueletos as catingas abundantes, matando os gados, expulsando os homens com a fome, com a miseria e com a variola...

O inverno de 1827 foi escasso. Raras plantações medraram. Os gados combalidos, tremulos de fraqueza, intoxicados de tinguy, consolavam as linguas asperas na humidade rara das cacimbas distantes. Ainda morreu gente! 1830 foi novo inverno escasso — um *repiquete* — na linguagem local.

1835 foi quasi secco e, em 1845, caiu sobre o misero sertão uma nova secca grande. As manhãs eram radiosas — muita luz na natureza inteira. Os dias eram torridos com um mormaço escaldante. A's tardes, pór de sol esbrazeado, rubros, flavos, ensanguentados tons de luz enchendo o poente, derramando-se sobre as coisas uma grande cinzeira baça, que apagava como um nevoeiro os contornos pontudos dos mattagaes sem folhas. Morreram os rebanhos, morreram as gentes, morreram os bichos do matto...

Succederam, depois, aqui e ali, *repiquetes* de varia intensidade. 1865 máo inverno.

Fazia um decennio. Mais outro, e a secca pavorosa de 1877 a 1879 escancarou as fauces de hyena, calcinou as terras, devastou as fortunas, assassinou os retirantes famintos. Sêde, fome e peste — as tres megeras dessa época do amargor, as tres parcas desse inferno.

O governo imperial despendeu milhares e milhares de contos. Assim mesmo ainda morreu gente de fome, porém muitos fizeram fortuna nas delapidações das verbas e nas negociatas de generos...

Em Fortaleza, nesse tempo, houve dias de morrerem 1.004 pessoas!!

Começaram os grandes exodos da população soffredora para o custoso povoamento da Amazonia.

Dez annos depois tivemos sob o governo de Caio Prado a secca de 1888, dos *tres oito*, diz o sertanejo. 1898 foi uma secca forte, para a qual o governo Campos Salles, preoccupado com a situação financeira, negou soccorros. Governava o Ceará o senador Pedro Borges. Fortaleza encheu-se de famintos. Mas o Amazonas devorou o trabalhador do sertão, expulso do seu *habitat* pela fome. Foi a primeira secca que eu vi. Della guardo dolorosa lembrança. Era criança, mas ainda parece que estou vendo os cajueiraes que cercam a capital do Ceará abrigando sob as densas ramadas bandos de homens e mulheres esqueleticos, chagados, sujos, de expressão resignada e fatalista. Parece que os ouço chorar, pedindo esmolas...

Foi pessimo o anno de 1903 e bastante ruim o de 1908. Este de 1915 annuncia uma calamidade das peiores, a secca grande, a peior, aquella que chega de seculo em seculo, com a regularidade fatal das velhas prophecias, dos castigos, dos anathemas.

Estamos em julho e já os retirantes buscam o littoral, semeando de ossadas humanas as varzeas sertanejas e as margens das veredas.

Sumptuoso banquete o dos urubús! Martyrologio horrivel o daquella gente boa e resistente! Novas denominações a se juntarem ás que enchem as cartas, novos nomes evocando dores como esses: Varzea dos Ossos, Varzea da Morte. Por isto é que o sertanejo emigrado, fugido á sanha da secca, feito seringueiro, deu a um recanto amazonico, longinquo, fabuloso, perdido á beira das aguas daquelle immenso valle em formação: — Remate de Males...

Admiravel a psychologia de certas denominações!

Deste ligeiro resumo de tão dolorosa historia, bem se póde notar a constancia do flagello através de dois seculos, repetindo-se em largos cyclos de cem annos e pequenos cyclos de dez annos, com diminutos atrazos ou menores adiantamentos.

Quando Pero Coelho de Souza explorou pela primeira vez as terras do Ceará, de "além do Jaguaribe", em meados de 1603, a secca, mais ainda que o abandono dos aventureiros a seu soldo, o expulsaram, louco de soffrimentos, daquelle torrão inhospito.

Vejamos assim as crises dos grandes cyclos:

1603	1703	1803—04	1903
1614	1711	1816—17	1915
1692	1790—93		
	1723—27	1824—25	
	1736—37	1835	
	1745—46	1845	
	1754—55	1855	
	1777—78	1877—79	

Eis os pequenos cyclos:

1711 — 1721 — 1727 — 1737 — 1745 — 1754 — 1760 — 1777 — 1793 — 1803 — 1816 — 1825 — 1835 — 1845 — 1855 (máo inverno) — 1865 — 1877 — 1888 — 1898 — 1908 — 1915 a 1917, segundo todas as probabilidades, infelizmente.

Aqui se tem, num rapido escorço, como o Ceará e os Estados vizinhos têm sido impiedosamente flagellados desde as mais remotas éras. Entretanto, após cada crise, um novo *elan* vem levantar as populações endurecidas na lucta, mostrando-lhes esperanças de progresso, de descanso e de abundancia. Ha tres seculos a raça dos *cabeças chatas* lucta inquebrantavel contra a fatalidade do clima e a dureza do seu destino, cada vez amando mais aquella terra que a sua alma copia. Quando as chuvas ensopam o chão cearense nenhum paiz do mundo produz com mais abundancia, dá com maior fartura; quando a secca sobrevem nenhum nega tudo com mais sordida avareza. O sertanejo, bem provido no inverno, tudo come, não guarda, não cuida do dia de amanhã e, como tambem não tem quem por elle os males da secca previna, morre á mingua e ao abandono na ruim estação.

João do Norte.

"Paiz" — 1ª columna — 6 - julho - 915

Velhas armas, novas armas...

Desde as épocas remotas em que Polyeno, no seu estylo breve e militar, escreveu as suas séries de estratagemas, até os conflagrados dias de hoje, nunca de todo se perdeu a esthetica dum gesto guerreiro, a fórma mais ou menos artistica do emprego de certas armas. Poder-se-hia applicar á guerra o velho aphorisma da sciencia: na guerra nada se perde e nada se destróe, tudo se modifica.

Mudam-se os habitos e as physionomias dos povos, alargam-se ou diminuem os limites das nações, surgem e desapparecem reinos e imperios, mil vezes as raças vencedoras esmagam as raças vencidas.

Seguindo o fio de todas essas luctas, de todas essas oppressões, vagarosamente a sciencia vai applicando ao campo de batalha as descobertas formidaveis dos laboratorios.

A' catapulta succede o canhão.

A polvora é substituida pela dynamite, pela cordite, pela lydite. Nas fortificações immigas não se atiram mais podridões ou vermina, mas irrigam-se as trincheiras com gazes asphyxiantes. No fundo tudo se differenciou.

Na apparencia, na visão esthetica dos combates, na maneira artistica da guerra as velhas armas revivem, os velhos gestos renascem...

Milhares de invenções novas brotam a cada canto, mas idéas semelhantes haviam tido outros homens poucos seculos atrás ou hão de ter alguns, aperfeiçoando-as, seculos adiante. Os zeppellins bombardeiam cidades da inviolavel Inglaterra; no entanto, quando Napoleão concentrava tropas em Bolonha, jornaes e revistas parisienses estampavam planos de uma invasão da Grã-Bretanha com regimentos levados em balões espherico. Os submersiveis tudescos que bloqueiam Albion repetem as façanhas que Julio Verne creou para o submarino dum principe indiano, que vingava as atrocidades britannicas de Lucnow e Cawnpore, mettendo a pique os barcos mercantes inglezes em todos os mares do globo.

Nas mais antigas guerras da historia, naquellas de que fala Polybio ou naquellas outras que conta Herodoto, para a tomada das cidadelas inimigas cavavam-se minas como buracos de toupeiras. E o assaltado percebia a manha de guerra, pondo um broquel ao sólo e nelle escutando o ruido subterraneo da sapa.

Então furavam-se as contra minas... A guerra de hoje é uma grande lucta de buracos, subterraneos, adegas fortificadas, trincheiras soterradas, *marmitas*, enorme trabalho de toupeiras e de tatús.

Quando a historia apagou nas vastas dobras dos seculos o elegante gesto de braço do discobolo grego, deu em compensação a esbelteza leve dos fundibularios das Baleares, que formavam metade da *auxilia* das legiões de Roma, e, mais tarde, a elegancia dos fundeiros confundidos no seio mesclado das peonagens, que seguiam nas arrancadas as mesnadas medievaes. A polvora veiu transformar a arte da guerra.

A bala de argilla passou. Mas o gesto de quem a lançava perdura. Erguendo-se, como os fundibularios, nas pontas dos pés, arqueando o braço, a descrever um semi-circulo bem lançado, tal qual o discobolo atheniense, os granadeiros impavidos de Fontenoy atiravam ás linhas inglezas, não discos de metal ou balas de barro, mas granadas de mão, seguidas de espiral azulada do fumo da mecha. E

hoje, mão grado o poder dos 420 e os pulverizadores de asphyxiantes substancias, soldados de todos os partidos erguem-se das trincheiras, copiando o esthetico gesto antigo, e lançam para o entrincheiramento adverso granadas presas em raquetas de madeira — como os discobolos, granadas na ponta de laços de couro — como os fundibularios.

O guerreiro de Marathona retezava os jorretes, distendia os musculos e o dardo impetuoso, com a sua acerada ponta de aço brilhante, ia perfurar as couraças, romper as carnes e os ossos. Hoje nenhum guerreiro, vestido de kaki ou de resedá sacode dardos pontudos. Elles caem em chuva de pontas sobre os destacamentos de caçadores e as patrulhas de houssares perdidas em plainos e em descampados. Chovem do céo! E um soldado mal ferido, erguendo os olhos para o azul, onde na sua crença mora toda a divina misericordia, vê o aeroplano que os lançou pôr-se a salvo dos tiros de carabina, remontando para as nuvens...

A mais surprehendente astucia hellenica de guerra que Homero nos narra é a daquelle cavallo de páo, de cujo bojo, á noite, os soldados sairam, armas em punho, para abrir ás phalanges argivas as invenciveis portas de Troya. Nos dias que correm, pouco mais ou menos pelas mesmas paragens geographicas da velha Dardanos, nos Dardanellos, um grande navio inglez aproxima-se dos canhões ottomanos e, sob o fogo convergente delles, encalha na praia. Ha surpresa e espanto nas forças turcas entrincheiradas perto. Mais crescem, quando no bojo da nave se escanrara uma larga poterna, desce uma levadiça que toca á areia enxuta, e por ella desfilam, como em parada, seguros de vencer, os batalhões de zuavos e de australianos!

Nas denominações e nas roupas a cópia historica prosegue. Quando os generaes da revolução e do imperio punham á cabeça dos cavalleiros os grandes capacetes *á chenille*, pontudos e ricos de fartas crinas, o genio de Victor Hugo bradava num verso de epopéa:

"*Dragons que Rome prendrait par des legionaires.*"

E as legiões de Roma eram chamadas na época napoleonica: legião do Vistula, legião italiana, legião grega, legião portugueza.

A's suas galeras militares os romanos adaptaram uma ponte para darem abordagem ás triremes carthaginezas; mas, muito antes disso, imitando os barcos da Phenicia e das ilhas hellenas, as suas galeras tinham esporões de aço. E era com esse rastro forte, como os arietes que marravam nas naves inimigas, mettendo-as ao fundo. Seculos após, com um navio de madeira ainda, mas movido a vapor e não a remos, num escuro rio do Paraguay, um almirante brazileiro, usando o mesmo processo, tinha a victoria ao seu lado. Annos em seguida, com o vapor e com o navio de aço, arremettendo de proa ao costado dos cruzadores italianos, o austriaco Tegetoff sahia triumphante da fumarada de Lissa.

A lucta do homem contra o homem em umas tantas e determinadas manifestações não poderá mudar, porque elle nem póde modificar a sua estructura biologica, nem transformar as suas maneiras de ser. Olhe-se um gladiador da Thracia. Ha nada mais feio: capacete ponteagudo, viseira cobrindo o rosto com uma mascara disforme, bicuda, onde por duas brechas se vêem rebrilhar olhos fulvos de tigre; e o respaldo dos avanbraços de bronze e aço ergue-lhe aos hombros uma sáliencia que lembra um perfil de corcunda.

Repare-se agora o aspecto de um asphyxiador dos modernos exercitos do kaiser. E' um monstro similar. Tem o capacete de ponta, a mascara em bico de rapina, duas gretas onde luzem olhos glaucos, mãos em manoplas de couro fusco, braços envoltos em grossa fazenda e a corcova é o deposito do nauseabundo e mortifero gaz.

Cada dia resurge o emprego de uma arma esquecida e se refaz o prestigio artistico de uma antiga *pose* militar, muito embora a sciencia deposite nas mãos da guerra as mais fulminantes descobertas.

Respondendo num artigo aos que preconizavam militarmente o fim das cargas de cavallaria diante da acção mortifera das metralhadoras, o velho general de Langlois, francez e soldado até a medula, mostrava *pari passu* as modificações impostas á cavallaria pela tactica moderna; mas terminava desta sorte: "*mais, dans une plaine, si l'on vous attaque, chargez!*"

E no fundo social da questão, terá a guerra tido qualquer mudança? Não. E nem lhe sobrevirão metatheses emquanto a sociedade humana fôr como é. Hoje, como nos tempos do rei Sol, como nas epocas gothicas, como nos tempos cesarianos, homericos e prehistoricos, a guerra é o que sempre foi—a lucta pelo interesse. E, quer se lucte com velhas armas ou com novas armas nunca vistas, o vencedor—perdõe-me o velho Machado de Assis—ha de sempre ficar com as batatas do vencido...

João do Norte.

120

"A Cidade" - hebdomadario municipal - 2 - Julho. 915

121

Espectro

A paysagem tinha a tristeza dos ermos, a quietitude das cousas abandonadas. No topo dum serro rude e escalvado, entre carcavões resequidos, a casa da fazenda era uma ruina, um amontoado de paredes a cahir, o madeiramento da taipa a descoberto, os rebocos chagados; em muitas partes o telhado abatêra e pontas de caibros appareciam carcomidas e pretas; portas tombavam dos gonzos partidos, montões de telhas em cacos pesavam no velho assoalho esburacado. Sobre as pedras disjunctas da calçada as lagartixas aquentavam-se preguiçosamente ao sól num eterno abalar de cabeças. Vegetações irrompiam a esmo, aqui e alli, entre aquella ruinaria viçosas, dum verde novo e forte, apoderando-se do que o homem abandonara.

Açoitada do vento, uma porta rangia fanhosa, dando um gemido arrastado feio como o das aventesmas por noite sem lua, nas solidões. Entre duas travessas de pequiá robusto, na alpendrada, o velho sino de cobre da capella senhorial escancellava a bocca cheia de lagrimas esverdinhadas, de onde pendiam, a esvoaçar, umas farripas de corda.

Em torno, o matagal tristonho amarellava ao sól. As cercas de páu a pique dos curraes cahiam aos lanços e os mourões pretos, de madeiras rijas, denunciavam o logar das porteiras.

Dentro dos curros, o esterco dos gados pulverisava-se, misturando á areia grossa, dando-lhe um tom listrado que ennegrecia á chuva. E lá para baixo do serro, numa curva brusca, escorria o fio barrento do rio Fonseca, levando o misero tributo de suas aguas réles para as cheias invernaes do Banabuiú.

A tarde ia findar. Pelo ar andava a fumarada tenue das queimadas distantes. O sól baixava sem raios e sem gloria, como um grande olho ensanguentado. Um vento subtil fazia um murmurio leve nos ramos dos marmeleiros. E longe, além duma varzea extensa, onde o carnahúbal chorava, as casas do arraial do Cosmo Paes punham manchas brancas esparsas entre o verde do matto e a purpura regia do poente.

Aquella tapera tinha sido em tempos idos de abastança e fidalguia a residencia feudal do padre Ferreira, um dos homens mais ricos e poderosos do sertão. Dizia o povo que elle era homem de «muito dinheiro e pouco coração». Vivera alli por muito tempo. Entre as cercas daquelles curraes mugiram centenares de cabeças de gado. Por aquellas varzeas e carrascões andavam a campeal-as os seus escravos, cujo braço fazia sahir da terra colheitas magnificas. Até aquelle vargedo do Cosmo Paes estendiam-se, ciciando os milharaes da fazenda e para o outro lado, nas baixas do

rio Fonseca, tudo era mandioca, feijão e gerimum. De manhã té sol posto ouvia-se o cantar da escravaria nas brocas do matto, no entrançar das cercas, no demanchar da farinha e no plantio dos legumes. Quando os cantos morriam offegantes, estralejavam os chicotes dos capatazes e o relho do feitor. De novo o ar se enchia de melodias africanas, pungentes, repetidas, enfadonhas como uma vista arida de deserto.

Nunca o padre fizera um beneficio. Não havia na ribeira noticias de uma esmola sua. Vivia no meio da abundancia entre meia duzia de concubinas pretas. Os filhos desse serralho não tinham, porém, mais direito que os simples filhos da senzala. Trabalhavam e apanhavam do mesmo modo. O padre não considerava os escravos como gente e punha-os mesmo um pouco abaixo dos seus cavallos de sella. O trabalho durava a semana inteira, sem interrupções. Não havia dia santo que se guardasse. Sexta-feira da Paixão era o unico. Matou muito escravo de açoites e uma feita mandou arrancar, a torquez, os dentes alvos duma sua odalisca que um hospede gabára a miudo.

Teve morte digna de sua vida miseravel. Uma manhã de Outubro, indo a Quixeramobim, o cavallo espantou-se com a quéda duma galhada secca, espinoteou, bateu com as patas num garrancho que se lhe prendeu aos jarretes. Mais cresceu-lhe o mêdo. Deu upas, saltos e corcovos formidaveis. Não desmontou o padre, que era eximio vaqueiro, corredor de argolinhas, pegador de gado pelo rabo, a laço e a unha, no limpo e no fechado das catingas. De orelhas fitas, arquejando, o pedrez atirou-se matto a dentro, furando a ramaria espessa. O pagem procurou seguil-o, o que só poude fazer com muita difficuldade. Foi encontrar o garanhão atirado abaixo dum barranco, nas vascas da agonia, com o pescoço quebrado, partidas as patas e o couro varado de estrepes. Perto achou o padre. Na carreira furibunda batêra com a cabeça num ramo de mororó. Estava morto e da cabeça brechada a mioleira vasava pelo chão...

Contavam depois por alli que, quando o foram enterrar, o caixão ia vasio. O corpo desapparecera. Disseram que o diabo o levára. O Bernardo da Cauan affirmava ter visto na tarde do enterro um negro todo encourado surgir na casa da fazenda. A affluencia era numerosa, e elle quasi não foi notado. Era satanaz em pessôa, com toda a certeza, aquelle vaqueiro.

Depois, ao abandono, a casa foi-se arruinando. Hoje estava naquelle estado. Noite de sexta-feira ninguem passava alli. Para ir ao Cosmo Paes fazia-se um rodeio.

O padre apparecia no alpendre, de batina, miolos pingando da cabeça aberta, alto, espigado, olhos em fogo. Agarrava-se á corda do sino, puxava-a desesperado.

O sino reboava fanhoso por aquelles campos vastos, envoltos no sudario branco da lua ou no manto negro da escuridão, como voz de além tumulo que proclamasse ao mundo dos vivos a fealdade e a torpeza daquella alma!

Gustavo Barroso

(*Praias e Varzeas*)

122

"Paiz" - 24 - julho - 1915

O elogio do espirro...

Para a multidão unicamente vale a apparencia mentirosa das coisas. O povo nunca aprofundou o sentir dos homens que pretendem dirigil-o nem a razão sociologica dos factos que lhe perturbam a vida.

Se todos os povos assim têm sido, porque não será assim a nossa gente com a sua mistura ethnica inferior e um passado historico em que o olhar pesquizador sómente encontra tres movimentos serios verdadeiramente serios? Que esses não participaram do systema de cambalachos e tramas que se alastrou por nossa historia politica e social. Que esses tiveram a dominal-os idéas fortes e respeitaveis, ardentes e gloriosas; lampejos de intelligencia e rasgos luminosos de caracter. E foram: ao norte, a lucta em torno da bandeira da Republica do Equador, extinguindo-se com os ultimos arrancos de Tristão

Gonçalves nas varzeas de Santa Rosa; ao sul, o grito de Piratinim echoando durante dez annos de guerra mortifera; no paiz inteiro a abolição da escravatura, abençoada campanha sempre vista num brilho de apotheose e cada vez mais querida dos que lhe estudam as causas e os effeitos.

Mas a multidão, o povo, aquillo que os classicos chamam a arraia-miuda, nada vê e nada descobre, nos momentos de lucta, do que existe no fundo d'alma daquelles que a enthusiasmam. Os olhos só querem ver o vulto physico, ou catadura heroica, ou cabelleira arrogante; os ouvidos amam sómente escutar a voz de stentor apregoando a multiplicação dos pães, a abundancia das colheitas e as felicidades do porvir, ou o brado esganiçado da revolta indicando as reivindicações seculares, concitando as energias para o esforço commum com o exemplo das communas medievaes e das communas do romantismo.

Um gesto forte, um sopro de ventania arripiando barbas a Derouléde ou melenas e gaforinhas, a opportunidade de uma phrase, de um epitheto bem achado, o modo forte de tossir ou de bater o pé, a insolencia de uma attitude, qualquer destas coisas basta para gravar na opinião geral fundamente a figura de um homem com o perfil de uma idéa, que a mór parte das vezes elle é o que menos a possue... E a voz geral, esquecendo quasi sempre o seu passado e o seu verdadeiro modo de ser e de sentir, trombeteia a sua fama e a sua popularidade.

Como é quasi sempre pequenina e futil a causa que dá ao homem as delicias da notoriedade e o gozo de ser admirado ? !

Delicia e gozo, esses, bem passageiros até, porque o fundo e a fórma versatil das massas tão depressa elevam como diminuem.

Pelos mesmos motivos somenos que vem, a popularidade vai-se.

Não innovo nem invento. Não sou eu quem primeiro diz que o menor gesto, a mais simples palavra podem originar a fama deliciosa. O Dr. Pacheco ganhou renome com o gesto evasivo que o Eça lhe deu para responder uma questão importante.

Na evasiva ha mysterios e do homem é proprio imaginar, crear ou destruir diante do desconhecido.

Vezes, para crear fama nem é necessario fazer o que manda o brocardo popular. Basta tão sómente tossir rudemente, escarrar com raiva ou espirrar com força. O espirro, que tiro certeiro na celebridade !...

123.

Por desfastio gosto de ler algumas vezes uns tantos autores russos, cheios de observação e de ironia. Essa ironia não é tão fina, tão delicada, tão subtil como a ironia franceza. E' a ironia russa, mais pesada, mais camponeza, tambem mais vasta e mais cruel, caracteristicos estes daquelle immenso paiz de steppas immensas e de crua e dura vida.

Um desses autores de que mais gosto é o autor das *Almas Mortas*, Nicolau Gogol.

O escriptor russo conta que um seu heroe, homem que nada tinha de notavel, nem physica nem moral nem socialmente, chegou a um albergue de uma cidade pequena e pobre de provincia, desceu á sala de jantar, onde havia muita gente já, e, como espirrou com bastante força e bastantes vezes logo conquistou o respeito dos assistentes.

Todo o mundo pensava que devia ser um homem de espirito positivo e solido, porque se assoava com barulho.

"Esse merito, por mais insignificante que pareça, diz Gogol, deu-lhe, todavia, immediatamente direito a grandes considerações." E como elle ficou contente com a cidade, accrescenta o narrador moscovita, mais contente com elle ainda ficou a cidade.

Pois esse heroe, que tão depressa adquirira, sem excepção, as boas graças da terra que o hospedava, perdeu-as mais depressa do que as ganhou, simplesmente por uma inconveniencia commettida em um baile.

Quanta gente anda por ahi em todos os circulos da sociedade e cujo valor está unicamente em espirrar com força. E como não seriam capazes, esses, de fazer em inspiradas rimas, buriladas orações ou improvisados discursos o admiravel elogio do espirro, que eu não faço aqui porque para tal tudo me falta...

João do Norte.

× Gazeta de Noticias × - 25 - julho - 915

124

O PROBLEMA DO NORTE

As idéas separatistas são paginas da nossa historia

«... algum dia perguntámos á Nação qual o lastro que dava para o nosso sangue?» — O deputado Gustavo Barroso fala á «Gazeta»

Deputado Gustavo Barroso

Ao perguntarmos si podia nos dizer alguma cousa sobre o actual movimento dos deputados nortistas em prol dos seus Estados flagellados pela secca, o Sr. Dr. Gustavo Barroso sorriu e nos respondeu: "Sabe de uma cousa? O João do Norte lhe responderá melhor que o deputado cearense Gustavo Barroso, porque o escriptor melhor conhece a terra e a gente, do que o politico."

— Pois seja assim. Diga-nos o que pensa desse tão interessante movimento iniciado pelo Sr. Juvenal Lamartine, na tribuna, secundado sexta-feira, pelo Sr. Moreira da Rocha e na semana vindoura, sabemos, pelo Sr. Gustavo Barroso.

— Acho que não póde haver acção mais patriotica do que essa. Embora dê logar a explorações de certos jornaes e de certas pessoas em torno da questão da emissão, deve ser continuada com energia e nobreza, porque os representantes nortistas nada mais fazem do que advogar os interesses e necessidades de sua terra, cuja população está ameaçada de morte horrivel, ou antes, já começou a morrer de fome. Si o governo não tem numerario, para ir em auxilio, conforme preceitua a constituição, dos Estados que presentemente agonisam, deve arranjal-o de qualquer sorte. Tudo é preferivel a que pereçam milhões de criaturas sobrias, resignadas e soffredoras, que habitam a parte relativamente mais populosa do Brasil, guardando ainda os velhos caracteres ethnicos da verdadeira sub-raça brasileira, que, para trabalhar, expandir-se e conquistar a Amazonia e o Acre, nunca precisou do braço, nem do capital estrangeiro. Fez tudo pela sua indomavel tenacidade.

— Acha que esta campanha não demonstrará espirito regionalista?

— Absolutamente não. E por que o demonstraria? Desde os tempos da monarchia que o sul tem recebido mais proveitosas medidas que o norte. Durante toda a historia da Republica, o mesmo tem succedido e nós nunca nos abalançamos a reclamar nada. Entretanto União arrecadava sómente no Acre, davam centenas de milhares de contos, em troca de réles verbas federaes.

Basta dizer que o governo da União, arrecadara sómente no Acre, annualmente, cerca de 20 mil contos e despendia com as 3 prefeituras daquelle territorio uns magros mil contos de réis. Em todos os outros Estados, desde a Bahia até o Maranhão, sempre a União recebeu muito mais do que deu.

Então porque advogamos o interesse da nossa gente e das' nossas terras naes, e o advogamos sem azedume, e o advogamos num momento angustioso, como este, somos antipatrioticos ou regionalistas ?

— E que pensa sobre a opinião publica a respeito desta orientação dos deputados do norte ?

— Julgo que todos os que pensarem com insenção de animo, com largueza de vistas e com um pouco de bom coração, pela sorte de milhões de homens, estarão completamente ao nosso lado.

Certo, surgirão explorações terriveis, em torno dos factos.

Dirão o que vier á cabeça.

Já houve um jornal que viu na actual acção dos deputados do norte uma manobra habil do Pinheiro... Imagine !

Outros mostrarão que a emissão para S. Paulo tem o lastro do café em saccos, que a emissão para a Amazonia terá o da borracha e que para o nordéste não haverá lastro.

Ha, é verdade, o da vida humana. Mas este para muita gente, nada vale e nada por causa delle quererão muitos fazer.

Não façam, porém ha de a historia um dia mostrar esta actual época da Republica, repousando sobre um lastro de ossadas... E os poderes publicos, não cuidarão porventura que a economia nacional já perdeu este anno, com a secca, sómente no Ceará, 40 mil contos de réis, em gado vaccum ?

E não julgarão que isto affecte o organismo da vida nacional ?

Quando o imperio precisou de sangue nortista para os dez annos de luta com os "farrapos" valentes, quando necessitou de gente para as sangueiras do Prata, do Uruguay e do Paraguay, não foram Bahia, Pernambuco e Ceará que mais soldados lhe deram; quando careceu de acabar com o arraial heroico de Canudos, não recorreu ao jagunço, para lançal-o contra o jagunço; quando teve obrigação de destruir os fanaticos do sul, não pediu á bravura do caboclo nortista o seu auxilio e não foi um cearense—o capitão Potyguara,quem primeiro penetrou no reducto de Santa Maria ? Algum dia, em todas essas emergencias, para expulsar o boliviano do Acre, para conquistar commercialmente as fronteiras peruanas, até Iquitos, para pôr fóra do Amapá os francezes, algum dia perguntamos á Nação qual o lastro que dava para o nosso sangue ?

Nunca ! E' justo que a Nação agora peça-nos lastro para soccorrer a vida dos nossos irmãos famintos ? Não é justo. E' irrisorio...

— E que nos diz dos rumores sobre as tendencias separatistas do norte ?

— Onde mais se falou nisto, em algum tempo, foi na Amazonia quando os seus filhos viram-se sem auxilio do governo geral, depois de lhe terem dado, durante meio seculo, o melhor de suas energias e grande somma de seus dinheiros.

Houve nisso qualquer cousa de uma certa influencia "yankee", segundo correu... Uma tal ou qual propaganda.

E' verdade que no Brasil os pruridos separatistas são historicos, e muita vez o historiador vê perfeitamente nelles que o modo de agir dos homens que os fizeram foi generoso, magnanimo, devotado e, pode-se dizer, justo.

Não se deve nunca pregar a separação de uma patria, mesmo porque essas lutas podem trazer resultados horriveis, como o da guerra da Seccessão. Mas o nosso passado póde perfeitamente justificar qualquer apprehensão nesse sentido. No sul tivemos todo o heroico esforço de Piratinim. No norte foi-nos dado saber da epopéa de Tristão Gonçalves, da Republica do Equador.

Foi uma guerra fratricida horrorosa, na qual o Ceará tomou a parte maior das desgraças e a parte menor das glorias, embora fosse o ultimo a cahir em torno do pendão rebelde.

Quem poderá dizer que um dia não renascam taes pruridos, si tantas vezes a historia se repete ? Quem poderá affirmar que não apparecerão mais no scenario da vida nacional Mororós, Carapinimas ou Ararines, mesmo um "condottiére" sertanejo de fé!pa dos Baiaios ? Sabe lá alguem si um dia, sentindo-se no desamparo dos poderes publicos, desesperado, sem ter para quem appellar, no seu infortunio, o jagunco não dará as mãos ao seringueiro, para a conquista de melhor vida e de melhor situação ?

Nesse caso seria a União a mãi culpada e os rebeldes, simples filhos, um tanto desviados do bom caminho, é verdade, porém muito menos culpados que a sua propria mãi.

A historia dos povos é tão cheia de surprezas...

125

"Diario do Estado" 14- Julho - 1915

CRITICA E POLITICA

Muitas vezes a politica faz calar verdades, que o individuo comprehende, mas que as circumstancias, o partidarismo estreito de uma politicagem malsã ankilosam, para surgirem palavras antagonicas com o modo de pensar de quem as escreve ou de quem as diz.

E' que em nossa terra, a systhematisação em politica, chega ás raias de uma miserabilidade innominavel.

O adversario, por melhores qualidades que nelle se reconheçam, ha de ser sempre adversario e contra elle, poucas serão todas as invectivas possiveis. Nada se lhe perdôa, porque tudo que houver de offensivo, de baixo, de mesquinho e de ignobil será infinitamente resumido, parco, para a campanha levantada. A's vezes, por uma ironia do destino, por uma dessas mordacidades do accaso, os atacantes de hoje, foram os exalçadores de hontem. Porém não importa, hontem era amigo e para elle convergiam todos os festejos, todas as bajulações torpes; hoje, por uma discordia em opinião, por certo modo contrario de ver e de julgar as cousas, afastou-se prudentemente, e então, o unico direito que lhe assiste é o de ser insultado, menoscabado por aquelles que outrora eram os primeiros a lhe encensarem os actos quaesquer que elles fossem. Dahi, poder-se aquilatar do criterio regulador dos nossos politicos, retirar do fundo de suas consciencias, os conceitos mais deprimentes, as opiniões mais contradictorias e os julgamentos mais incoherentes. Decerto que ha excepções, existem homens educados nas escolas grandiosas do dever e da honra, que politicam por principios e que, para a realização dos seus fins, estudam paciente e escrupulosamente os meios, abandonando aquelles que rebaixam o caracter, que degradam a consciencia e que são contrarios á bôa marcha de qualquer emprehendimento. Para estes, o adversario é um homem digno de todas as considerações, é um desviado do seu modo de pensar, que bem pode amanhã, reconhecendo os seus erros, commungar sem humilhações os mesmos ideiaes. E é nesta lucta, neste afan de ideias, nesse esforço inninterrupto e gigantesco de congraçamento, que reside o sonho do politico eminente, do patriota emerito. Porèm, são bem poucos os adeptos desta escola. Aqui em nossa terra, vemos todos os dias ataques a individuos, na sua vida publica e na sua vida privada, quer com razão ou sem ella, pelo simples facto de não pactuarem com os mesmos expedientes politicos, como se fosse dado á todos a mesma natureza, o mesmo modo de enxergar e discernir os factos. Foi inimigo politico, não ha que reflectir, ataque-se, diga-se o que se quizer, verdadeiro ou não, contanto que offenda. E' um modo vil de julgar os feitos, com ideias preconcebidas, é uma maneira repugnante de agir apaixonadamente, sem escrupulos, com o fito unico de desconsiderar, magoar.

Uma das victimas dessa politiquice chã tem sido Gustavo Barroso, a quem os seus inimigos nada relevam, se bem que o houvessem, ha tempos, bastante elogiado. Porém elle, que bem conhece a natureza da nossa gente politica sempre prompta a ferir quem quer que seja que lhe desagrade, pouco caso de certo fará dessas diatribes, consequencias as mais das vezes, da inveja dos que, não podendo sequer chegar ao principio do caminho do qual já tem quasi alcançado o ponto terminal, se põem parcialmente a dizer mal de tudo que escreve, descobrindo defeitos futeis, aos quaes o mais brilhante espirito muitas vezes não se pode eximir.

Repugna-nos este meio baixo de combates, revolta-nos este recurso mesquinho de atacar systhematicamente, sem olhar ao menos para a incoherencia praticada, mas ao mesmo tempo sentimo-nos satisfeitos em verificar o effeito causado no publico consciente, já cansado de observar as pequenezas constantes dos caracteres dos nossos inimigos.

João do Norte, não é de agora que o Ceará conhece os seus meritos de escriptor. De ha muito, desde os tempos academicos que o seu talento resaltava grandioso, honrando os mestres e os collegas que sempre o admiravam.

Querer-se agora, por simples policagem, fechar os olhos a todas as verdades, verificar um facto e demonstrar outro, é recurso de que lançam não, somente os inconscientes e os apaixonados politicos que nada enxergam além dos seus interesses.

Selecta - Rio - 28 - VII - 915 + 127

A SECCA NO NORDÉSTE DO BRASIL

Famintos reunidos na estação de Iguatú, Ceará.

Para que os nossos leitores tenham uma idéa exacta do que é o flagello da secca no nordéste brasileiro, avaliando dos horrores por que passam as populações sertanejas de alguns Estados do Brasil e porventura se esforçando em minorar a miseria que persegue os seus irmãos do nordéste, transcrevemos, a seguir, algumas passagens do livro "Terra de Sol", cujo auctor, o brilhante escriptor João do Norte (Gustavo Barroso), é um dos mais auctorisados conhecedores do assumpto.

Atravéz do extracto que fazemos, os nossos leitores conhecerão em largos traços a verdadeira significação do termo "secca", avaliando assim da desgraça que paira agora sobre uma larga faixa do territorio nacional.

Morrem dôcemente os ultimos dias de Junho. Nunca mais chove. A concha do céu é dum azul inclemente que offusca, profundo e impenetravel como a immensidade, sem uma nódoa branquicenta de cirrus, muito limpo, muito nú, muito alto. O sol, rutilante, só, sem uma nuvem, flammeja, joeirando scentelhas nas micas dos pedregaes. Dias e dias não sopra a mais pequena aragem: não braceja um galho, e peza um silencio de tumulo por sobre a vastidão das cousas.

Quando o vento sopra, cáe em rajadas fortes, ardentes, gemendo e murmurando nas catingas sem folhas, varrendo a terra núa de gramineas, as clareiras achanadas, escarnando-as, levando a areia, para depositál-a no alto sertão, nas chapadas do centro, deixando a emergir do sólo raspado, desnúdo, estrias de folhêlos endurecidos, pontas rijas de granitos.

Todo o sertão é duma grande tristeza, na côr, no silencio, no aspecto; e essa tristeza em tudo se infiltra e impregna tudo: um galho que range de encontro a outro lembra um gemer de moribundo; o estalar crepitante dos gravetos pizados por qualquer animal parece um soturno falar de avantêsmas; um canto de passaro, um alto pio d'ave de rapina, um guincho de pixuna, (1) tudo é triste e tudo é melancholico. Qualquer som que quebra o silencio parece mais triste que o proprio silencio.

Da terra côr de óca, avermelhada, da argilla granitada de grossa silica, dos granitos rompendo a terra em pontas que se adunam e denteiam desageitadas, esparsas, ás vezes rubras, outras branquicentas, outra sujas, tôrvas, quasi sempre inclinadas para resistirem á erosão das aguas, desprende-se um bafo de quentura armazenada; e o barro de louça, o tijúco, o «massapê» cinzento das varzeas, já todo estriado, abre-se, fende-se, lasca-se, escancella-se ao calor. Nos mezes de inverno, o gado deixou-lhe na molleza visguenta a fôrma profunda dos cascos. Veio o sol. Os moldes ficaram endurecidos, cosidos á canicula; os bordos rijos espétam e cortam; só a planta rude e cascuda do sertanejo pisa insensivel por alli em fóra.

Nas varzeas extensas que perlongam os rios, onde as carnahubeiras guardam a memoria do seu soffrimento nas grandes sêccas passadas em cada cintura do caule atrophiado á falta de seiva, o carnahubal abandonado dos fructos e dos passaros, sussurra dolorido, saudoso; entristece, murcha, acinzenta-se, como se o sol e o vento o empoeirassem. E a folhagem dos arvoredos vae amarellecendo aos poucos. As fôlhas dos marmelleiros agrestes do carrascal para logo pendem, avermelham e cáem, juncando dias e dias o sólo nú, como descoradas manchas de sangue, até que um dia a briza da tarde as levas e espalha em turbilhões, pelo ar, como grandes azas palpitantes de borboletas mortas. Depois as arvores vão-se destoucando e se vão despindo: e por todo o começo de Agosto o olhar experiente e observador vai notando que dia a dia se desnuda mais uma arvore. Hontem foi o páu-branco que ensombrava o canto do curral; hoje, a umaryzeira que beijava o telhado da casa; amanhã, a ingazeira esgalhada que dominava o terreiro; depois, a catanduba alta da capoeira proxima; depois, as sabiás do cercado, os jucás da varjóta, os mulungús da baixa, os angicos, as juremas, as umburanas; e por fim, todas, todas, todas... Começa o lethargo dessa vegetação interessante, xerophyta ao tempo da sêcca, hygrophyta no inverno, morta e resequida na apparencia, emquanto que, silenciosa e latente, a seiva fermenta nos seus fortes orgãos de repouso e hibernação.

Ao principio ainda a vegetação das c'rôas ou terrenos de alluvião nos cotovêlos bruscos dos rios, a das catingas enormes, resistem, emquanto que a dos carrascos logo se fanou e morreu, estorcendo-se os galhos negros, sem fôlhas, como destramados sarmentos de vide numa grande cêpa abandonada.

Poucas arvores ficam eternamente verdes e orgulhosamente ostentam sua força extraordinaria e sua vitalidade imperecivel, num doloroso contraste com a miseria que as cerca. São a oiticica, o joazeiro e a cannafistula.

Os cardos, o mandacarú, o chique-chique, o facheiro, não morrem; filhos da pedra e do areial não sentem o effeito das sêccas. O mattuto atira-os aos braçados em fogueiras e, quando o fogo já lhes queimou os duros espinhos, limpa-os para o gado comer. Os jumentos comem-n'os com voracidade. O proprio homem, quando a miseria é grande, assa-os ás brazas e devora-lhes o miôlo branco, salôbro, fôfo.

A natureza compungida tem o desolado aspecto da desgraça e se recolhe no grande silencio do sertão combusto, sómente quebrado pelo som de picaretas que escavam a terra, perfurando poços, ao longe, na luta terrivel do homem pela agua, que avaramente se esconde nas baixas camadas do subsólo, além de piçarras desaggregadas, de arenites, fugindo á approximação do sertanejo sequioso em veios esquivos que fluem entre rochas e serpeiam em conductos envesgados.

Por vezes, uma rez horrivelmente magra arrasta o passo tardo, vagaroso, apartando aos tropeços os garranchos do matto sêcco, chagada, o cabello a cahir, suja, muito triste, — imagem viva da fome a buscar alimento, estatua animada da sêde a procurar agua, resfolegando de cansaço e fraqueza, arquejan-

Uma familia de retirantes.

(1) Pequeno rato selvagem.

do ao calor, os olhos vitreos pregados ao solo e mugindo, dolorosamente mugindo.

O pasto sêcco, porém substancioso e nutritivo, acama-se nos «limpos», nos prados, nas capoeiras, e dura muito tempo alimentando o gado. Mas, ás vezes, por infelicidade, nesses mezes de sêcca cáe uma chuva inesperada, extemporanea, molha o pasto e fal-o apodrecer, muito embora o sol lhe séque as primeiras camadas. E' enorme, então, o prejuizo. O panasco, o mimoso, o milhã, todas as gramineas, quando a sêcca demasiadamente se prolonga, de muito resequidas e fanadas, desprendem-se do sólo; varre-as, então, o vento, quando sopra rijo, escarnando o chão, carregando a argilla para longe, deixando á mostra a ossada granitica da terra. Mas num cantinho, numa frincha do terreno, numa grêta da rocha, ficam as sementes miúdas, invisiveis, com o seu poder de longa germinalidade, na muda paciencia dos inanimados, esperando que a chuva ensope a boa mãe das plantas, para brotarem de novo.

E' horrivel essa quadra no sertão: e ao pôr do sol, um pôr de sol sem trinados de passaros, sem ciciar de ramas á briza, a alma se recolhe numa grande saudade, quando os perequitos passam em bandos, grasnando, rumo das praias, — ultimas fileiras do exodo da passarada. A' noite, tarde, o sertanejo _ orda ao urrar faminto d'uma rez junto á casa da fazenda; e, quand ella, cansada, múge baixo num estertoramento, ouve o saudoso piar longinquo d'um bando de marrecas que emigram para mais doces paragens, voando pelo negrume sem fim do céo, como que perdidas em grande isolamento. Elle escuta e murmura acabrunhado, deixando adivinhar lagrimas no dolorido da voz, embora acalcanhe, reagindo, o seu acovardamento: «Lá vão as marrecas para o Maranhão!»

A lua surge, espia por trás dos agudos pincaros das altas serras o sertão que dorme envolto em treva; depois ascende e clareia-o todo: os esqueletos das catingas perfilam-se hirtos e negros, destacados na brancura lactea da luz, que se espraia, razando o recosto bombeado das collinas e as varzeas sem fim, dando á paysagem um aspecto tumular de natureza morta...

A lucta pela agua é uma cousa horrorosa. Nada mais silencioso e mais formidavel! Lucta de vida e de morte, lucta do homem contra a rocha, das energias d'um coração contra as energias da natureza inteira! Nada é mais selvatico do que cavar, sob a abrazadora canicula da secca, uma cacimba a picareta e a pá. Além da cacimba do gado, tem-se que cuidar da cacimba para a gente, menor e de agua tambem melhor, que ás vezes fica a leguas de casa. Quando ella sécca tambem, o matuto bebe a mesma agua que o gado, com caparrosa, com detrictos, com lama, com urina de boi e fézes de guaxinim. (1)

Hoje em dia, no sertão inteiro se constróem açudes, pequenos e grandes, de alvenaria e de barro socado. Cada fazendeiro faz o seu, conforme póde. E' já um lenitivo ás agruras dos flagellos; mas a devastação das mattas continúa pela «queima» dos roçados e pelo fazimento de vastas capoeiras para a creação de cabras e plantações de maniçoba, augmentando as causas da diminuição do espaço de tempo nos cyclos periodicos das crises climaticas, que cada vez voltam mais breve.

Cercam sempre a vasante do açude e n'ella plantam um pastosinho magro, para o cavallo de sélla ou outro animal de estimação. Como o sólo é sempre um pouco mais humido, o pasto conserva-se verde algum tempo.

A secca campeia na plenitude de sua força; nem uma folha, embora secca, enfeita a ossada d'um arbusto; nem um fiapo resequido de malvacea teimosa ou um broto resistente de graminea rastejam no sólo. De longe em longe, numa covoada de serra, um «talhado» de granito micachistoso faisca duramente ao sol. A inclemencia azul do céo, espanado de nuvens, se arqueia numa monotonia tumular... A terra tem um tom encardido, adoentado, salpintado de nódoas negras... O gado passa com lentidão, rente á cerca do açude: põe a bronca cabeça por cima, fita, fita cubiçosamente aquellas mesquinhas nódoas verdes, e de triste e esfomeado urra que faz pena.

Quando por todo o mez de Janeiro não chov e entra o de Fevereiro sem chover, — é a quadra dos

horrores indescriptiveis, a época dos soffrimentos inenarraveis, o tempo da miseria, da fome, da sêde, da morte — emfim a secca na mais completa e perfeita accepção d'esta palavra.

Começa a morrer o gado e começa a emigrar a gente. E os urúbús lentos e negros, que dantes appareciam a um, como pequenas nódoas pretas no arqueado profundo do céo, já esvoaçam em bandos, espavorindo os gados moribundos, toldando o azul, e crocitam agoureiramente, pousados nas cêrcas dos curraes.

Nessa época, os matutos que emigram, caminhando a pé pelas poeirentas e ermas estradas, em demanda do littoral, a morrer de fome, escavam o sólo aspero á cata de batatas selvagens e de raizes molles. Pilam e lavam o valioso fructo da mucunã; comem-n'o, e vão inchando na lenta intoxicação do barbaro alimento. Alguns, no estonteamento da immensa fome, no doentio descaso dos esfaimados, palliam a sua tortura commendo uma batata inculta, sem nome, que existe no sertão, ainda não estudada botanicamente, cujos effeitos toxicos sobre os orgãos do systema nervoso da vida de relação são violentos e rapidos, cegando, ensurdecendo, emmudecendo.

"Diario Popular" - São Paulo - 1915
8 - julho -

LIVROS BRAZILEIROS

Gustavo Barroso é um dos representantes da nova geração intellectual do Brazil.

Começou a escrever com o pseudonymo de João do Norte e fez composições do genero de narrativas e contos, além de artigos de jornal, bastante apreciaveis.

Agora, em edição da casa Francisco Alves, publicou o livro de novellas, "Praias e Varzeas", que consta de uma nitida brochura de 142 paginas, contendo onze imaginosas e impressionantes descripções de aspectos da paisagem do Brazil do Norte, com gravuras.

O estylo deste escriptor, a sua phantasia, o singelo colorido das paginas de sua creação, nos evocaram a mesma recordação agradavel dos "Praieiros" e de outras novellas do escriptor bahiano dr. Xavier Marques.

(de Leopoldo Freitas)

Mas Gustavo Barroso possue a originalidade e a belleza impressionista, que em sua mente produzem os aspectos das aguas e das terras do seu paiz, o Ceará.

130

O primeiro conto, "Vélas Brancas", é repassado de um sentimento realista, em que se nos descreve a existencia laboriosa do pescador Mathias; no final da narrativa diz o escriptor:

"O velho sahiu de casa e dirigiu-se á costa. A's apalpadellas preparou uma caçoeira; poz a jagadinha a nado, sentou-se a pôpa e governando a escota, rompeu pelo mar em fóra sob o ovio inquieto do sol a borboletear nas ondas verdes.

E a véla branca da embarcação apagou-se no céo..."

A linguagem caracteristica da gente boa e simples que habita no litoral e no campo ou nas roças, o autor das "Praias e Varzeas" reproduz com fidelidade, assim como o scenario dos seus costumes. Diz no conto "Santa":

"No terreiro riscou um cavallo. E o marido, um caboclo ossudo, alto, entrou arrastando as esporas rudes, todo vestido de couro avermelhado, com as grossas costuras, brancas de poeira. A mulher explicou a minha presença. Sorrio hospitaleiro e bom, com um gesto largo de franqueza ostensiva.

Foi tratar-me o cavallo.

Era pouca a agua, mas chegaria para o meu, cansado da viagem, e para o delle, tonto de varar a mataria garrancheta.

Quasi não tinha milho no paiol. O cercado, porém, guardava ainda um resto incolor de panasco secco.

Ella começou a arranjar o "dê comer". Novo silencio encheu o copiar. Uma raposa vadia galfonava ao longe, nos carrascóes desertos."

Eis ahi o retalho de uma impressão sertaneja de quando o autor penetrou numa casinhola rustica.

"A Luiza do Selleiro" parece que é neste livro a novella mais forte e mais linda. Tem vigor descriptivo, o sol brilha nas relvas e nas arvoredos.

"A terra tinha um nobre e calmo aspecto de abundancia ; o céo, um claro riso de bondade e protecção. Da matta verde surgiam cá e lá manchas polychronicas. Eram as flores selvagens do sertão brotando por toda a parte, encostas de serrotes á riba, plainos e varzeas em fóra.

Jytiranas roxas pendiam da ponta de longas guitas vegetaes ; paus d'arcos amarellos de flores enfeitavam as catingas macissas ; algodoeiros floriam nos baixos ; pendões multicores de pacavias ondeavam á beira das aguas mansas, e os péga-roupas esgalhados toucavam-se de frucheis macios e alvos, abrindo os braços ao longo dos caminhos..."

Num corrego, o viandante ouviu a modulação da cantiga das lavadeiras :

"Passarinho está cantando para
allivio de quem chora,
Si canto p'ra consolar-me, passari-
[nho vai-te embora !
Este amor que te devoto é tão puro
[e verdadeiro,
que já estou soffrendo tanto como
[a Luiza do Selleiro".

Mas, um dia a infeliz mulher foi encontrada morta, na estrada, sem que se soubesse de que nem como tinha morrido.

O filho do Guarany, Absalão, patuá, a Emboscada são outros contos camponezes bonitos e fielmente descriptos.

Na literatura nortista o sr. Gustavo Barroso, pelo seu talento, conquistou nome de prosador ; é o que se revela no seu livro "Praias e Varzeas".

"Gazeta de S. Paulo" - São Paulo (Capital)
11-11-915

O distincto escriptor sr. Gustavo Barroso, ("João do Norte"), o autor da "Terra do Sol", que se demorou alguns dias a passeio, com sua exma. esposa, nesta capital, segue amanhan para o Rio.

Rio - A.B.L. - 7 - Agosto - 1915. Palavras de rebuçado precedendo a transcripção dum artigo do "Unitario"

De Fortaleza, recebemos o artigo de critica litteraria que publicamos a seguir e que revela no seu auctor, o sr. Braz de Souza, collaborador do Unitario, *cuidados lexicographicos muito opportunamente aproveitaveis a serviço das paixões partidarias... O sr. Braz de Souza deve ser anti-« barrosista » ; anti-barrosista na politica, pois só assim é que se explica o azedume philologico por elle empregado na vivisecção do « barrosismo » litterario...*

Nós é que, não fazendo partidarismo cearense na litteratura nacional, não podemos condividir por completo as appreciações que o nosso talentoso collaborador faz a respeito da obra do sr. João do Norte. *Esse escriptor sempre mereceu da nossa parte, pelo louvavel espirito folkloristico que paira na atmosphera burgueza dos seus contos, certas sympathias criticas, oriundas, aliás, da nossa concepção ethnica da arte.*

Mas o artigo do sr. Braz de Souza encontra, por isso messo, um grato acolhimento nas nossas columnas. O artigo agita idéas, movimenta opiniões, frisa contrastes ; obedece a um criterio de prophylaxia intellectual.

João do Norte aprenderá, assim, a melhor conhecer a sua terra, e a melhor conhecer-se a si proprio atravéz do juizo que da sua obra fazem os outros...

"Jornal do Commercio" - Rio. Parte 1º Topico - 24 Setembro - 1915

Abre-se esta nôite o Municipal para um attrahente espectaculo em beneficio das victimas da secca do Norte.

Organizaram-n-o os academicos da Polytechnica e da Escola de Medicina, e com tal arte que o só programma, independente do nobre fim do festival, bastaria para chamar ao Municipal um publico numeroso.

Desse programma, já por nós publicado, em que tomam parte distinctos artistas, destacaremos a representação do drama regional cearense, em 2 actos, "O sangue não mente", da lavra de João do Norte cujo exito no conto e na novella autoriza o prognostico de um brilhante successo tambem no palco.

"Selecta" - Rio - 4. Agosto - 1915 432

A Caução

DE ANATOLE FRANCE

O velho e subtil Anatole France é um grande colleccionador de velhos livros, um verdadeiro *bouquiniste*, como elle proprio affirma em certos livros.

Desses livros antigos que lê e relê tira o escriptor francez muitas das idéas com que tecê os seus maravilhosos contos. Com esta bella pagina litteraria que hoje transcrevemos em portuguez vem a prova do que acima affirmamos. Foi dum livro de velhos milagres populares, bem velhos como attesta o francez medieval da citação, que Anatole tirou a idéa mater desta primorosa novella, delicada, suave, espiritual e que nos deixa no espirito qualquer coisa de balsamico e dôce...

...Par cest ymage
Te doing en pleige Ihesu-Crist
Qui tout fist, ainsi est escript:
Il te pleige tout ton avoir;
Ne peuz nulz se bon pleige avoir.

(*Miracles de Notre Dame par personnages*).

De todos os mercadores de Veneza Fabio Mutinelli era o mais exacto nos seus compromissos. Mostrava-se liberal e magnifico em todas as occasiões, sobretudo para as donas e as gentes da igrëja.

A elegante probidade de seus costumes era celebrada em toda a Republica e, em San Zanipolo, admirava-se o altar de oiro que offerecera a Santa Catharina, por amôr da bella Catharina Manini, mulher do senador Alesso Cornaro. Como era muito rico, tinha muitos amigos a quem dava festas e favorecia com a sua bolsa. Porém teve grandes perdas na guerra contra os genovezes e nos disturbios de Napoles. Aconteceu tambem

que trinta dos seus navios foram capturados pelos Uscoques ou tragados pelo mar.

O papa, a quem emprestára grandes sommas, refusou pagal-as. Assim, o magnifico Fabio foi pouco a pouco despojado de todas as suas riquezas. Tendo vendido seu palacio e sua baixella para pagar o que devia, viu-se baldo de tudo. Entretanto, habil, corajoso, muito entendido nos negocios, e no vigor da idade, sómente pensava em reconquistar o perdido. Fez muitos calculos de cabeça e avaliou que lhe eram precisos quinhentos ducados para voltar ao mar e tentar novas emprezas, das quaes augurava resultado feliz e seguro.

Pediu ao senador Alesso Bontura, o mais rico cidadão da Republica, para lhe emprestar esses quinhentos ducados. Mas o bom senhor, imaginando que, si a audacia nos dá grandes bens, sómente a prudencia os conserva, refusou expôr tão grande somma ao perigo do mar e da aventura.

Fabio dirigiu-se em seguida ao senhor Andréa Morosini, que outr'ora obsequiára de todos os modos.

— Querido Fabio, respondeu-lhe Andréa, a outro qualquer emprestaria de bom gosto esta quantia. Não tenho amôr ás moedas de oiro e me conformo, n'este ponto, ás maximas de Horacio, o satyrico. Mas a tua amizade me é preciosa e eu arriscar-me-ia a perdel-a, emprestando-te dinheiro. Porque, ás mais das vezes, o commercio do coração vai mal entre devedor e credor. Tenho visto innumeraveis exemplos.

Dizendo estas palavras, o senhor Andréa fingiu abraçar ternamente o mercador e fechou-lhe a porta na cara.

No dia seguinte, Fabio foi á casa dos banqueiros lombardos e florentinos. Mas nenhum quiz emprestar-lhe nem ao menos vinte ducados sem caução. Gastou o dia todo, correndo de escriptorio em escriptorio. Por toda a parte, lhe respondiam:

— Senhor Fabio, nós vos conhecemos como o mercador mais probo da cidade e é com pezar que refusamos o que pedis. Mas a bôa marcha dos negocios assim o exige.

A' tarde, quando voltava tristemente para casa, a cortezã Zanetta, que, então, se banhava no canal, dependurou-se á gondola e olhou Fabio amorosamente. No tempo de sua riqueza elle a convidára uma noite para ir ao seu palacio e tratára-a com bondade, porque era de humor alegre e engraçado.

— Doce senhor Fabio, disse-lhe ella, sei de tuas desgraças. Toda a cidade, d'ellas se occupa. Escuta-me. Não sou rica, mas possúo algumas joias no fundo d'um cofresinho. Si as acceitares d'esta tua serva, gentil Fabio, acreditarei que Deus e a Virgem me amam.

E era verdade que, no desabrochar da mocidade e na fina flôr de sua belleza, a Zanetta era pobre.

Fabio respondeu:

— Graciosa Zanetta, ha mais nobreza na casucha em que habitas, do que em todos os palacios de Veneza.

Durante tres dias ainda, Fabio visitou os bancos e as lojas dos cambistas, sem achar quem lhe quizesse emprestar dinheiro. E por onde andasse recebia más respostas e ouvia d'estas coisas:

— Fizestes mal em vender vossa baixella para pagar dividas. Empresta-se a um homem endividado, mas não se empresta a um homem sem moveis e alfaias.

No quinto dia, em desespero de causa, foi até á Côrte delle Galli, como é chamado o Ghetto ou Bandél, isto é, o bairro dos judeus.

— Quem sabe, dizia de si para si, não obterei d'um circumcidado o que me refusaram christãos?

Encaminhou-se, pois, entre as ruas San Geremia e San Girolamo, n'um canal estreito e fedorento, cuja entrada, todas as noites, por ordem do Senado, era fechada com correntes. E, no embaraço de saber a que usurario primeiramente dirigir-se, recordou-se de ter ouvido fallar d'um israelita chamado Eliezer, filho de Eliezer Maimonide, que diziam ser immensamente rico e de espirito maravilhosamente subtil. Então, tendo perguntado pela casa do judeu Eliezer, n'ella parou a sua gondola. Via-se sobre a porta uma imagem do candelabro de sete braços, que o circumcidado esculpira como signal de esperança nos promettidos dias em que o Templo devia renascer das cinzas.

O mercador entrou n'uma sala illuminada por uma lampada de cobre cujas doze mechas fumegavam. O judeu Eliezer estava sentado diante de suas balanças. As janellas da casa estavam muradas porque elle era infiel.

Fabio Mutinelli fallou-lhe d'esta sorte:

— Eliezer, muitas vezes te tratei de cão e de pagão renegado. Quando eu era moço e tinha o ardor da idade, muitas vezes atirei pedras e lama aos individuos que passavam pelo Canal com uma rovella crocea cosida no hombro, de maneira que talvez tenha attingido alguns dos teus ou mesmo tua pessôa. Digo-te isto, não para injuriar-te, porém por lealdade, no momento mesmo em que venho pedir-te um grande favor.

O judeu levantou duramente para o ar o braço secco e nodoso como um sarmento de vide:

— Fabio Mutinelli, o Pae que está no céo julgar-nos-á ambos. Que serviço me vens pedir?

— Empresta-me quinhentos ducados por um anno.

— Ninguem empresta sem caução. Sem duvida, aprendeste isto com os teus. Qual é o teu penhor?

— E' necessario que saibas, Eliezer, que não me resta um vintem, uma taça de oiro, um copo de prata. Não me resta tambem um só amigo. Todos refusaram fazer-me o serviço que te peço. Não tenho no mundo mais do que a minha honra de mercador e minha fé de christão. Offereço-te em penhor a Santa Virgem Maria e seu divino Filho.

A esta resposta, o judeu, inclinando a cabeça, como quem medita e pensa, acariciou durante alguns instantes a longa barba branca. Depois:

— Fabio Mutinelli, leva-me onde está a tua caução. Porque convém que o prestamista seja posto em presença do penhor que lhe offerecem.

— E' o teu direito, replicou o negociante. Levanta-te e vem.

E levou Eliezer á igreja dell'Orto, perto do logar chamado o campo dos Mouros. Lá, mostrando a Madona que, de pé sobre o altar, a fronte cingida com uma corôa de pedrarias, os hombros cobertos com um manto bordado a oiro, tinha entre os braços o menino Jesus, tão ataviado como sua mãe, o mercador disse ao judeu:

— Eis ahi a minha caução.

Eliezer, tendo olhado cada um de per si, o traficante christão, a Madona e o Menino, inclinou a cabeça e disse que acceitava o penhor. Levou Fabio á sua casa e entregou-lhe quinhentos ducados bem pesados:

— Isto é teu no prazo de um anno. Si dentro de um anno, dia por dia, não me restituires esta quantia com os juros na porcentagem fixada pela lei de Veneza e o costume dos lombardos, imagina tu mesmo, Fabio Mutinelli, o que pensarei do mercador christão e do seu penhor.

Fabio, sem perda de tempo, comprou navios e os carregou de sal e diversas outras mercadorias, que vendeu nas cidades do Adriatico, com grandes lucros. Depois, com novo carregamento, fez-se á vela para Constantinopla, onde comprou tapetes, perfumes, pennas de pavão, marfim e ebano, que seus caixeiros e agentes trocaram, na costa da Dalmacia, por madeiras de construcção, de antemão vendidas aos venezianos. D'esta fórma decuplicou em seis mezes a quantia que recebera.

Mas uma feita, quando se divertia em um barco, no Bosphoro, com mulheres gregas, tendo-se affastado da costa, foi aprisionado por piratas e conduzido ao Egypto em captiveiro. Felizmente, seu oiro e suas mercadorias estavam em segurança.

Os piratas venderam-n'o a um senhor sarraceno que, lhe tendo feito pôr grilhões aos pés, obrigou-o a cultivar trigo, que é muito viçoso n'essa região.

Fabio offereceu ao seu senhor pagar um grande resgate, mas a filha do sarraceno, que o amava e queria induzil-o ao que desejava, dissuadiu seu pai de libertal-o fosse por que preço fosse. Não esperando a salvação senão de si proprio, limou os ferros com os instrumentos que lhe davam para cultivar os campos, fugiu, alcançou o Nilo e atirou-se n'uma barca. Attingiu assim o mar, que era perto; sobre elle errou diversos dias e, quasi a morrer de fome e sêde, foi recolhido por um navio hespanhol, que ia para Genova. Mas, após oito dias de viagem, o navio foi assaltado por terrivel tempestade que o atirou para a costa da Dalmacia. Proximo de alcançal-a, despedaçou-se n'um escolho.

Toda a equipagem morreu afogada e Fabio, agarrado a um gallinheiro, com grande trabalho chegou á praia. Ahi cahiu inanimado e foi recolhido por uma viuva bastante bonita, chamada Loreta, cuja casa ficava na visinhança da costa. Essa senhora acolheu-o, deitou-o na sua propria camara, velou-o, deu-lhe todos os cuidados.

Quando voltou a si, sentiu o perfume de myrtos, rosas e vio, de sua janella, um jardim que descia em degráos até o mar.

A senhora Loreta, de pé á cabeceira, pegou da viola e tocou musicas ternas.

Fabio, no seu reconhecimento e desvanecimento, beijou-lhe mil vezes as mãos. Muito lhe agradeceu tudo e fez comprehender que estava mais encantado de dever a vida a tão bella pessôa do que mesmo de a ter salvo.

Levantou-se e foi passeiar com ella no jardim. Tendo-se assentado á sombra d'um bosque de myrtos, attrahiu a si a joven viuva e mostrou-lhe a sua gratidão com milhares de caricias.

Achou-a sensivel aos seus agrados e passou perto d'ella algumas horas encantadas. Depois d'isso, apprehensivo, perguntou á sua hospedeira em que mez e, precisamente, em que dia do mez estavam.

E quando ella lh'o disse, começou a gemer e lamentar-se, pensando que só faltavam vinte e quatro horas para completar justamente um anno que lhe emprestára o judeu Eliezer quinhentos ducados. A idéa de faltar á sua promessa e de expôr a sua caução aos reproches do circumcidado lhe era intoleravel. Tendo-lhe a senhora Loreta perguntado a causa de seu desespero, deu-a a conhecer. E, como ella era de grande piedade, muito devota da santa Mãe de Deus, affligiu-se em sua companhia. A difficuldade não era obter os quinhentos ducados. Havia na cidade visinha um banqueiro que ha seis mezes guardava uma quantia igual á disposição de Fabio. Mas nem se devia pensar em ir da costa da Dalmacia a Veneza, em vinte e quatro horas, com um mar picado e ventos contrarios.

— Arranjemos primeiro a quantia, disse Fabio.

E, quando um servo da viuva lh'a trouxe, o nobre mercador fez encostar um barquinho á praia. N'elle poz os saccos contendo o dinheiro. Depois, foi buscar no oratorio da senhora Loreta, uma imagem da virgem com o menino Jesus, que era de madeira de cedro e mui veneravel. Collocou-a no barco, perto do leme e disse-lhe:

— Senhora, sois minha caução. E' preciso que o judeu Eliezer seja pago amanhã. N'isto estão empenhadas a minha e a vossa honra, senhora, e o bom renome de Vosso Filho. O que um peccador mortal, como eu, não póde fazer, vós conseguireis certamente, pura Estrella do Mar, vós cujo seio amamentou Aquelle que andava sobre as aguas. Levai este dinheiro ao judeu Eliezer, no Bandél de Veneza, afim de que os circumcidados não digam que sois um máo penhor.

E, tendo feito a canôa fluctuar, tirou o chapéo e disse mui docemente:

— Adeus, senhora!

Ganhou a barca o largo. Durante muito tempo o mercador e a viuva seguiram-n'a com os olhos. Cahia a noite: sobre o mar calmo ella riscava uma phosphorescente esteira de luz.

Ora, na manhã seguinte, ao abrir a porta, Eliezer viu no estreito canal da Judiaria um barco carregado de saccos e tripulado por uma pequena imagem de madeira escura, resplandescendo toda á luz matutina. Parou diante da casa onde estava esculpido o candelabro de sete braços.

O judeu reconheceu a Virgem Maria com o menino Jesus, caução do mercador christão.

Traducção de **João do Norte**

Depois de substanciosa introducção, encontra-se na primeira parte — «A Terra» — a descripção scientifica do nosso vasto meio physico, parte da «unidade geographica tam vasta quem bem definida e caracterizada» da America do Sul. Os nossos limites, geologia, linhas hydrographicas e orographicas, a nossa flora e fauna; interessantes considerações biologicas a proposito do platyrrhynios brasileiros; e a discriminação das nossas zonas geographicas: são os capitulos desta primeira parte. A segunda parte — «O Homem» — é composta de estudos sobre os Tapuias do Amazonas, os Sertanejos do Ceará, os Senhores de Engenho de Pernambuco, os Mestiços da Bahia, os Bandeirantes e Plantadores de Café de São Paulo, os Teuto-Brasileiros de Santa Catharina, os Caúchos do Rio Grande do Sul, os Gaimpeiros e Faiscadores de Minas-Geraes, os Guaycurús e mais habitantes paleo-brasileiros de Matto-Grosso; e os Paraoaras do Acre.

Uma terceira parte, que se occuparia do «Meio Social», não poude o autor edital-a agora, por motivo de molestia. Mas, apezar disso e de algumas ligeiras deficiencias, que devemos attribuir á mesma causa e ao facto le não haver podido o autor observar pessoalmente e com vagar as zonas todas que descreve (parece-nos pobre a contribuição respeitante ao sertanejo, sobretudo depois dos pinturescos estudos do Sr. Gustavo Barroso), folgamos em affirmar que a parte publicada, por si só, irá figurar, como indispensavel, na estante de todos os que estudam a «terra e o homem» no Brasil.

"Gazeta de Noticias" - 9. Agosto - 1915

S. Paulo acaba de praticar mais um acto de benemerencia e humanidade.

Condoido e penalisado pela sorte dos seus patricios, o deputado Gustavo Barrozo, depois de se entender detidamente com o illustre Dr. Rodrigues Alves Filho, deputado federal paulista, conseguiu do Dr. Paulo de Moraes Barros, director de Agricultura do grande e rico Estado, a acolhida necessaria que os emigrantes cearenses necessitam neste momento angustioso de secca, sêde, fome e miseria.

S. Paulo, pela autoridade dos seus maiores, abriu as portas da sua lavoura e offereceu a sua carinhosa hospitalidade áquelles que, batidos pela desgraça que flagella o nordeste, tenham necessidade de empregar o seu esforço no augmento de producção para o augmento da vida nacional.

O cearense, que é de uma organisação de poderosa resistencia, que não teme e não desfallece ante o peso do trabalho, é um braço que substitue com certas e determinadas vantagens a falta do italiano, que lá se foi em caminho da guerra.

Em troca desta actividade e deste potencial de trabalho, S. Paulo dá aos seus abrigados terras, sementes e os meios indispensaveis á subsistencia.

Mas, não é despropositado o commentario que naturalmente vêm á margem deste acto :

O cearense, o nortista, emfim, desamparado pelos poderes publicos da União, vê-se forçado agora a abandonar a terra em que nasceu ,perdendo tudo quanto uma longa e acurada perseverança no trabalho penoso lhe produziu, porque para elle nunca houve a condescendencia que sempre fôra dado desfructar ás uberes e prodigiosas regiões do sul.

Famintos, discute o governo, com usura, a migalha que lhes ha de dar. Mortos, trata-se de combinar e accordar os meios de salvar os sobreviventes.

E se não fosse a caridade publica e se não tivessem o amparo de São Paulo e do Estado do Rio, que seria delles ?

Depois que o norte fosse um extenso cemiterio, appareceriam, talvez, o Sr. Wenceslau com o Sr. Calogeras, plageando tardiamente o marquez de Pombal ou, como um Pombal que tivesse nascido em Minas, e vivesse á beira de um riacho, esperando o beliscar da piaba...

Valha-os, ao menos, o altruismo paulista.

Rua - Rio - 07 - Agosto - 1915

136

Em vez de cortar o funccionalismo...

—*—

O sr. deputado Gustavo Barroso aponta-nos outras economias

Foi no fim de uma reunião da Commissão de Finanças. O Sr. Deputado Gustavo Barroso, um dos jornalistas com assento na Camara, dizia para um grupo :

— Ha muito que cortar !

Referia-se, evidentemente, aos córtes orçamentarios. Resolvemos, por isso, pedir-lhe a opinião sobre o projecto Cincinato Braga, encampado pela Commissão de Finanças.

— Acho mais do que iniquo o projectado córte no funccionalismo publico — respondeu o joven deputado á nossa pergunta — para equilibrar os orçamentos, como medida de economia. Julgo essa economia irrisoria comparada com a que se poderia effectuar diminuindo os ordenados dos Ministros e outros altos funccionarios, extinguindo cargos representativos inuteis e dispendiosos, como o de sub-secretario do exterior, cortando muitas verbas ministeriaes que presentemente podem ser dispensadas "in totum" ou mesmo "in partibus".

Essa pequena economia conseguida com o sacrificio de milhares de paes de familia, pouco beneficio trará aos cofres federaes. Não será ella que conseguirá o tão fallado e tão necessario equilibrio orcamentario, que o executivo tem sempre esbandalhado com os seus reiterados e constantes pedidos de creditos especiaes, extraordinarios e supplementares.

O Governo vae crear, com a dispensa desses funccionarios, uma questão social de vulto tão grande ou maior que a questão financeira.

Quantos suicidios, quantos abandonos, quanto desbarato de familias, quanta prostituição não serão os resultados dessa poupança de poucos mil contos de réis !

Por que não fazer uma lei ordinaria, obrigando o executivo a não preencher claros na burocracia senão com os addidos, reduzindo mesmo os quadros, para que no futuro possamos ter uma nova organização do funccionalismo, com verdadeira economia, menos vadiagem e proveito maior ?

Ha muito onde cortar, muito onde economisar, antes de se chegar ao resultado ultimo e triste de atirar á miseria milhares de brasileiros, cujos direitos, entretanto, não sei mesmo se poderão ser assim cancellados, pois que o Poder Judiciario talvez vá encontrar fundamentos para mantel-os no proprio Direito Administrativo.

Creio que, na Camara, não sou o unico a pensar desta maneira para felicidade dos funccionarios ameaçados. Votarei contra essa medida, porque a reputo sobremodo nociva ao bem geral da communidade, aos proprios interesses nacionaes, e attentatoria até aos mais comesinhos preceitos de humanidade.

Para onde irão esses funccionarios dispensados em tão horrorosa crise? Os Estados não lhe offerecem recursos de especie alguma, tão precarias são suas condições, na maioria.

A Amazonia está inteiramente depauperada.

Na lavoura, o braço do cearense emigrado, fugido á secca, levar-lhe-á vantagem.

Como viver? Para onde fugir?

O illustre Dr. Cincinato Braga acha necessario a referida dispensa de funccionarios, que dará uma economia de 6 a 7 mil contos, dos quaes 2 mil, approximadamente, para os addidos de mais de dez; crê tambem que é preciso economisar muito, afim de evitar a intervenção estrangeira, com o que estou de pleno accordo.

Neste caso, a economia com os addidos attingirá a uns 4 ou 5 mil contos. Com essa pequena somma, que muito bem póde ser poupada em outros lados, especialmente nos sorvedouros de certas verbas, evitar-se-á a intervenção estrangeira, a "egypciação" do paiz?

"Fon-Fon!" 10-2-917

137.

Garatujas...

O homem que talvez tenha sido mais cantado pelos poetas foi Vasco da Gama.

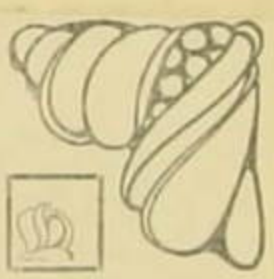
O descobridor do caminho maritimo para as Indias teve a rimar-lhe a immensa fama dois dos maiores vates que a humanidade em todos os tempos tem produzido. O capitão das caravellas portuguezas, aventureiras e audazes, foi objecto dos louvores ao maior artista de Portugal e talvez o maior poeta do mundo — Camões.

Teve tambem a redourar-lhe a fama a palavra magica de Tasso. Um homem cantado por esses dois genios certamente é o mais cantado pelos poetas. Dois só, mas dois gigantes, dois Adamastores!

Camões escreveu os *Lusiadas* inspirado pelo feito do forte navegador e o Tasso, sabendo da morte miseravel de Camões, felicitava numa ode admiravel Vasco da Gama não por ter dobrado o cabo Tormentoso e chegado ás terras hindostanicas, mas por ter sido cantado por Camões, cujo genio «em vôo glorioso passára além da meta dos navios que haviam aportado ás regiões da aurora.»

SELECTA - Rio - 1918 - Agosto -

A LUIZA DO SELLEIRO



CONTOS REGIONAES

Talvez bastasse aqui declarar ao leitor que o conto a seguir é de João do Norte, conto de costumes sertanejos e scenarios do norte... De facto, não sabemos de outro escriptor que melhor tenha observado a vida dos sertões brasileiros e sentido a sua paysagem do que o auctor de "Terra e Sol" e "Praias e Varzeas".

"A Luiza do Selleiro", como todos os seus contos sertanejos, é uma maravilha de sinceridade e observação: historia de um amor e uma paixão á moda sertaneja.

"Não faça caso da Cruz:
Tire o chapéu—Vá passando!"

(Castello Branco - Lyra Sertaneja)

"Correio do Ceará" - 6 - Setembro - 1915

Subscripção em favor da Santa Casa de Misericordia

Donativos arrecadados pelo deputado Gustavo Barroso

Thomaz Rodrigues 100$; Moreira da Rocha 100$; Gustavo Barroso 100$; Eduardo Saboya 100$; José Lino da Justa 100$; Eduardo Studart 100$; Osorio de Paiva 100$; Ildefonso Albano 100$; Alvaro Fernandes 100$; Frederico Borges 100$; Paulo Labouriau 100$; Vicente Saboya 50$; Heraclito Domingues 50$; Joaquim Osorio 50$; Flavio da Silveira 20$; Rodrigues Alves Filho 20$; Alcebiades Mendes 20$; Alvaro Baptista 20$; Celso Bayma 20$; Jozino de Araujo 20$; Natalicio Camboim 20$; Gomes Lima 20$; Barbosa Lima 20$; João Mangabeira 20$; José Gonçalves 20$; Alexandrino de Alencar 10$; Soarés dos Santos 10$; Ferreira Braga 10$; Monteiro de Souza 10$; Luiz Domingues 10$; Alfredo Maia 10$; Costa Rego 10$; José Maria Tourinho 10$; Evaristo Amaral 10$; General Abreu 10$; Raphael Cabeda 10$; Eugenio Müller 10$; João Pernetta 10$; Bento Miranda 10$; Augusto de Lima 10$; Lamonnier Godofredo 10$; Vespucio de Abreu 10$; Espidio Mesquita 10$; Alaor Prata 10$; Luiz Bartholomeu 10$; João Simplicio 10$; Domingos Mascarenhas 10$; Antonio Martins 10$; Juvenal Lamartine 10$; Alfredo Mavignier 10$; Antonio Nogueira 10$; Gonçalves Maia 10$; Alberto Maranhão 10$; Henrique Hasslocher 10$; Netto Campello 10$; Elias Martins 10$; Bueno de Andrada 10$; Alberto Sarmento 10$; Prudente de Moraes 10$; Cardoso de Almeida 10$; Fausto Ferraz 10$; Erasmo de Macedo 10$; Balthazar Pereira 10$; Nicanor do Nascimento 10$; José Lobo 10$; Christiano Brazil 10$; Souza e Silva 10$; Afranio Mello Franco 10$; Vicente Piragibe 10$; Mauricio Lacerda 10$; Floriano de Britto 10$; Adão Lima 10$; Joaquim Salles 10$; José Alves 10$; Justiniano de Serpa 10$; Euzebio de Andrade 10$; Palmeira Ripper 10$; Pires de Garvalho 10$; Cunha Machado 10$; Pereira Nunes 10$; Leão Vellozo 10$; Passos de Miranda 10$; Cezar Vergueiro 10$; João de Faria 10$; Simões Lopes 10$; Sebastião Mascarenhas 10$; Ephigenio Salles 10$; Carlos Peixoto 10$; Antonio Carlos 10$; Augusto Amaral 10$; Estacio Coimbra 10$; Manuel Vellaboim 10$; Ramiro Braga 10$; Annibal Toledo 10$; Astolpho Dutra 10$; José Bonifacio 10$; Agapito Pereira 10; José Paulino 10$; Waldemiro Magalhães 10$; Martins Fontes 10$; Aspres da Silva 10$; Mendonça Martins 10$; Barros Penteado 10$; Marçal Escobar 10$; Cincinnato Braga 10$; Verissimo de Mello 10$; João Benicio 10$; Nestor Ascoli 10$; Octavio Mangabeira 10$; Pedro Moacyr 10$; Faria Souto 10$; Arthur Bernardes 10$; Arnolpho Azevedo 10$; Luiz Carvalho 10$; Agrippino Azevedo 10$; Costa Ribeiro 10$; Moreira Brandão 10$; Octacilio Camara 10$; Pedro Lago 10$; Raul Veiga 10$. Mario de Paula 10$; Serapiad de Aguiar 10$; Lebou Regis 10$; José Augusto 10$; Hosannah d'Oliveira 10$; Dunshee de Abranches 10$; Simões Barbosa 10$; Domingos Figueiredo 10$; Manuel Reis 10$; J. J. Palma 10$; Jayme Gomes 10$; Senna Figueiredo 10$; Francisco Alves 10$; Barbosa Rodrigues 10$; Augusto Pestana 10$; José Marianno 10$; Valois de Castro 10$; Costa Junior 10$; Francisco Bressane 10$; Ribeiro Junqueira 10$; Bueno Brandão Filho 10$; Galeão Carvalho 10$; Macedo Soares 10$; José Tolentino 10$; Alfredo Ruy 10$; Almeida Fagundes 10$ Pereira Braga 10$; Felix Celso 10$; Antunes Maciel 10$; Jeronymo Monteiro 10$; Pedro Luiz 10$; Antonio Moniz 10$; Francisco Paoliello 10$; Anthero Botelho 10$; Antonino Freire 10$; Candido Motta 10$; Henrique Vulgo 10$; Silveira

138

"Correio do Ceará" - 6 - Setembro - 1915

Subscripção em favor da Santa Casa de Misericordia

Donativos arrecadados pelo deputado Gustavo Barroso

Thomaz Rodrigues 100$; Moreira da Rocha 100$; Gustavo Barroso 100$; Eduardo Saboya 100$; José Lino da Justa 100$; Eduardo Studart 100$; Osorio de Paiva 100$; Ildefonso Albano 100$; Alvaro Fernandes 100$; Frederico Borges 100$; Paulo Labouriau 100$; Vicente Saboya 50$; Heraclito Domingues 50$; Joaquim Osorio 50$; Flavio da Silveira 20$; Rodrigues Alves Filho 20$; Alcebiades Mendes 20$; Alvaro Baptista 20$; Celso Bayma 20$; Jozino de Araujo 20$; Natalicio Camboim 20$; Gomes Lima 20$; Barbosa Lima 20$; João Mangabeira 20$; José Gonçalves 20$; Alexandrino de Alencar 10$; Soarés dos Santos 10$; Ferreira Braga 10$; Monteiro de Souza 10$; Luiz Domingues 10$; Alfredo Maia 10$; Costa Rego 10$; José Maria Tourinho 10$; Evaristo Amaral 10$; General Abreu 10$; Raphael Cabeda 10$; Eugenio Müller 10$; João Pernetta 10$; Bento Miranda 10$; Augusto de Lima 10$; Lamonnier Godofredo 10$; Vespucio de Abreu 10$; Espidio Mesquita 10$; Alaor Prata 10$; Luiz Bartholomeu 10$; João Simplicio 10$; Domingos Mascarenhas 10$; Antonio Martins 10$; Juvenal Lamartine 10$; Alfredo Mavignier 10$; Antonio Nogueira 10$; Gonçalves Maia 10$; Alberto Maranhão 10$; Henrique Hasslocher 10$; Netto Campello 10$; Elias Martins 10$; Bueno de Andrada 10$; Alberto Sarmento 10$; Prudente de Moraes 10$; Cardoso de Almeida 10$; Fausto Ferraz 10$; Erasmo de Macedo 10$; Balthazar Pereira 10$; Nicanor do Nascimento 10$; José Lobo 10$; Christiano Brazil 10$; Souza e Silva 10$; Afranio Mello Franco 10$; Vicente Piragibe 10$; Mauricio Lacerda 10$; Floriano de Britto 10$; Adão Lima 10$; Joaquim Salles 10$; José Alves 10$; Justiniano de Serpa 10$; Euzebio de Andrade 10$; Palmeira Ripper 10$; Pires de Garvalho 10$; Cunha Machado 10$; Pereira Nunes 10$; Leão Vellozo 10$; Passos de Miranda 10$; Cezar Vergueiro 10$; João de Faria 10$; Simões Lopes 10$; Sebastião Mascarenhas 10$; Ephigenio Salles 10$; Carlos Peixoto 10$; Antonio Carlos 10$; Augusto Amaral 10$; Estacio Coimbra 10$; Manuel Vellaboim 10$; Ramiro Braga 10$; Annibal Toledo 10$; Astolpho Dutra 10$; José Bonifacio 10$; Agapito Pereira 10; José Paulino 10$; Waldemiro Magalhães 10$; Martins Fontes 10$; Aspres da Silva 10$; Mendonça Martins 10$; Barros Penteado 10$; Marçal Escobar 10$; Cincinnato Braga 10$; Verissimo de Mello 10$; João Benicio 10$; Nestor Ascoli 10$; Octavio Mangabeira 10$; Pedro Moacyr 10$; Faria Souto 10$; Arthur Bernardes 10$; Arnolpho Azevedo 10$; Luiz Carvalho 10$; Agrippino Azevedo 10$; Costa Ribeiro 10$; Moreira Brandão 10$; Octacilio Camara 10$; Pedro Lago 10$; Raul Veiga 10$. Mario de Paula 10$; Serapiad de Aguiar 10$; Lebou Regis 10$; José Augusto 10$; Hosannah d'Oliveira 10$; Dunshee de Abranches 10$; Simões Barbosa 10$; Domingos Figueiredo 10$; Manuel Reis 10$; J. J. Palma 10$; Jayme Gomes 10$; Senna Figueiredo 10$; Francisco Alves 10$; Barbosa Rodrigues 10$; Augusto Pestana 10$; José Marianno 10$; Valois de Castro 10$; Costa Junior 10$; Francisco Bressane 10$; Ribeiro Junqueira 10$; Bueno Brandão Filho 10$; Galeão Carvalho 10$; Macedo Soares 10$; José Tolentino 10$; Alfredo Ruy 10$; Almeida Fagundes 10$ Pereira Braga 10$; Felix Celso 10$; Antunes Maciel 10$; Jeronymo Monteiro 10$; Pedro Luiz 10$; Antonio Moniz 10$; Francisco Paoliello 10$; Anthero Botelho 10$; Antonino Freire 10$; Candido Motta 10$; Henrique Vulgo 10$; Silveira

138

Bruno 10$; Augusto Freitas 10$; Alvaro Botelho 10$; Ferreira Brandão 10$; Antonio Calmon 10$; Euclides Barroso 10$; Honorato Alves 10$; Julio Maranhão 10$; Antonio Rollenberg 10$; Pedro Reis 10$; José Bezerra 10$; Mario Clementino 10$; Ubaldino de Assiz 10$; Propicio Fortuna 10$; Caldas Filho 5$; Aristardro Lopes 5$; Gervazio Tiravante 5$; Mario Carneiro 5$; Quota da Bancada Cearense para arredondar a somma 50$.

Total 3:000$

Palavras do senador da Camara a 31-julho-1823 (Artigo de Otto Prazeres no "Jornal do Commercio")

O Sr. Carvalho e Mello (Luiz José de), depois Visconde da Cachoeira, representante da Bahia, acha que o projecto é necessario e que impõe-se a sua passagem.

Até a expulsão dos jesuitas, a este cabia a educação da mocidade. Desapparecidos elles, nada mais se fez, nem siquer se poz em pratica o plano dos estudos regulares estabelecidos em 1757.

Os brasileiros teem que atravessar os mares e mendigar em Coimbra até estudos de que já podiam ir munidos daqui. E' claro que só os ricos poderão assim proceder.

139

O Sr. Gastavo Barroso vem, a proposito do que os jornaes de hontem disseram sobre as expedições contra os indios botocudos do Paraná e Santa Catharina, trazer á Camara documentos e esclarecimentos sobre o assumpto.

Muito pouco se ha cuidado, no Brazil, da população aborigene, que vive homisiada em 12 Estados da União, mais ou menos, e no Territorio do Acre. Ao contrario, mais se tem feito para destruil-a que para a conservar.

Esse procedimento em relação ao indio se não justifica, ante a sua tradição de hospitalidade ao estrangeiro, comprovada desde o tempo das conquistas e dos descobrimentos.

E' de notar que outros povos europeus, descobridores, colonizadores, conquistadores como os hespanhóes e portuguezes, se mostraram, em determinadas condições, muito mais atilados que estes ultimos.

Para provar, porém, o direito que os nossos indios tinham á consideração e estima dos conquistadores em vista de demonstrações de apreço e sentimentos pacificos com que os receberam basta ver trechos da carta escripta por Pero Vaz Caminha ao rei de Portugal.

Mas os nossos colonizadores, ao contrario do que fizeram os allemães, por exemplo, na questão dos Herreros, chegaram ao extremo de impedir os catechisadores a mestiçagem do branco com o indio.

A lei brazileira publicada no *Diario Official* a 29 de julho ultimo sobre os indios, lei que depende ainda do voto da Camara, não abordou um dos pontos mais importantes da questão, e é o do cruzamento da união juridica de selvagens com civilizados.

Refere-se aos institutos pombalinos sobre esta questão, dos quaes lê alguns trechos. Depois de se estender em considerações a proposito da condição dos indios nas antigas capitanias, como nos Estados do Brazil independente, passa a tratar, particularmente, dos botocudos do Paraná e Santa Catharina, contra os quaes, neste momento, se organizam batidas.

Tratando deste assumpto, não mais quer sinão defender a raça fraca e infeliz, para a qual tem havido principalmente injustiça e brutalidade.

De modo que quasi nada resta de uma raça que fez os templos do Mexico, que construiu os subterraneos da California, que edificou os pagodes de Guatemala, que foi livre e activa, caçando, pescando, desde as Guyanas até a Patagonia.

Um simples punhado de aventureiros portuguezes, hespanhóes, além dos francezes e inglezes, passou por cima desses povos, dos quaes alguns ramos se haviam por tal fórma adeantado que emquanto D. João VI, ignorando a theoria dos vasos communicantes, construiu os aqueductos do Rio de Janeiro, tinham, nas cidades do Perú, agua encanada e, embora rudimentar, um systema de esgotos.

"Diario Official"

Domingo, 3 de Outubro de 1915 (Resumo do discurso de sessão de 2 de Outubro)

Dessa gente restam a.gumas tribus no Canadá, nos Estados Unidos, na Serra del Madre, aproveitadas estas pelo general Carranza para as suas guerrilhas, e uma ou outra no Brazil, a quem os bugreiros de vez em quando vão dar caça.

Que ao menos com isto vá uma palavra de piedade, do Governo, do orador, seja de quem for. (*Muito bem; muito bem.*)

REPLICA A' CONTESTAÇÃO DO SR. AUGUSTO CORREIA LIMA APRESENTADA PELO CANDIDATO CUSTAVO DODT BARROSO

Srs. Deputados, dignos membros da illustre 1ª Commissão de Inquerito — Iniciando a sua contestação á minha eleição pelo 1º districto do Ceará, o Sr. Augusto Correia Lima estende-se em generalidades por completo estranhas ao assumpto de que vae tratar. Ataca forte e rudemente a actual administração do Estado, demonstrando ser presa da maior exaltação politica possivel. E' de tal sorte a sua parcialidade, no que escreve sobre o actual governo do Ceará, que o compara, em retumbante phrase, á tyrannia portenha de Rosas. E como lhe viera, no momento em que escrevia sua furente investida, essa fugaz reminiscencia da historia do Brazil, lida nos bancos do collegio, graphou em um plural bem patente — a tyrannia dos Rosas, qual si tivera havido uma successão de reguletes do mesmo nome nas velhas provincias unidas do Prata...

E as provas adduzidas contra essa administração que de tudo acoima são unicamente retalhos de jornaes apaixonados, como poderá certificar-se a douta Commissão, folheando os *documentos* juntos á Contestação do Sr. Correia Lima.

Depois de semelhante exordio entra o meu contestante na materia verdadeiramente eleitoral.

Referindo-se ás eleições de *Maranguape*, limita-se a mencionar algumas divergencias nas listas de assignaturas das duas séries de actas, o que era fatal que se désse, uma vez que se trata de duplicatas eleitoraes de duas facções differentes.

O mesmo argumento aproveita para as eleições de *Aquiraz, Cratheús, Ipú, e Palma*, das quaes, na contestação que em commum assignei com os Srs. Drs. Manoel Moreira da Rocha, Thomaz de Paula Pessôa Rodrigues, Eduardo Thomé de Saboya e José Lino da Justa, já acceitei a nullidade.

Tyanguá

Nas eleições deste municipio o Sr. Correia Lima faz uma allegação sem prova alguma de firmas falsificadas.

Santa Quiteria

O indicio de fraude apontado pelo meu contestante é infantil. Diz elle que, na acta de organização das mesas eleitoraes, determinados individuos não estavam presentes e 30 dias depois esses mesmos cidadãos votavam. *Santa simplicitas!*

Em varias secções de diversos municipios o meu contestante pede á illustre Commissão a annullação das eleições com a malefica intenção de tirar-me os votos, affirmando simplesmente, sem apontar uma unica prova, sem exhibir um só documento — *essas eleições são uma vergonha!*

Bastará essa affirmativa *toute courte* para cancellar, nullificar secções em que a minha maioria sobre o Sr. Correia Lima é extraordinaria?

Da mesma força que as apontadas, não as pormenorizando eu para não ser enfadonho, são as outras allegações relativas aos municipios de cujas actas o meu contestante tem o proposito de annullar-me a votação.

E, para terminar, tendo eu no mappa final da contestação em commum, que já citei, 9.154 votos em eleições bem defendidas, não posso comprehender como o meu contestante, com 2.559 votos, possa dizer-se e considerar-se eleito acima de mim, sem, aliás, nem ao menos mencionar a votação dos outros candidatos e, ademais, pulando por cima de menos votados que eu na mesma chapa.

Tudo isso, mais uma vez o faço notar, sem documento de ordem alguma, como si tão sómente bastara a sua palavra para me serem annullados sete mil e tantos votos.

Fico em que a nobre Commissão de Inquerito fará justiça completa.

Rio de Janeiro, de abril de 1915. — *Gustavo Dodt Barroso.*

"Correio de Minas"
Juiz de Fóra - 1. Agto. 1918

PRAIAS E VARZEAS

I

O longo debate, a eterna controversia que se vem travando, na critica indigena, acerca da existencia de uma litteratura nacional, já cansa aos espiritos que estudam as nossas cousas e os nossos homens. A questão nada tem de bysantina, antes é palpavel a sua grande importancia e a necessidade de uma analyse profunda do caracter de nossas lettras, mas o que lhe tira o valor, o que amesquinha a polemica é o apparecimento, nos arraiaes de investigações sérias, onde são exigidos talentos e preparo inconfundiveis, de summidades acacianas que costumam sentenciar com opiniões sedicas e logares communs não mais levados em conta.

Si o assumpto tem sido tratado em plano superior e observado philosophicamente por um Sylvio Roméro, um José Verissimo, um Arthur Orlando e poucos mais, não escasseam as mediocridades, que, mesmo, repetindo conceitos externados por aquelles eruditos criticos, caem na banalidade e no ridiculo, por desconhecerem, de todo, a historia litteraria do paiz e por não possuirem um cabedal de conhecimentos varios que constituem como que a introducção, os prolegomenos indispensaveis para a entrada nesta classe de estudos.

Qualquer xenophilo pretencioso, leitor de catalogos bibliographicos xtrangeiros, affirma com tal sem ceremonia e prelecciona tão cathedraticamente: «não temos uma litteratura» que acaba por convencer, os menos avisados, de tal inverdade! Não somos optimista como poderá parecer pelo nosso modo de exprimir, porque a verdade é que o caracter de uma litteratura nacional já se vem formando e se accentúa cada vez mais entre nós. Não desconhecemos a enorme influencia extrangeira em nossos escriptores. A França principalmente absorveu muitos delles, mas, tambem, seria ridiculo negar que temos litteratos e livros genuinamente indigenas nos quaes não ha o menor reflexo, o mais insignificante influxo xtranho ao nosso meio.

Nossa litteratura já conta innumeros trabalhos que se occupam tão sómente do meio brasilico. Pondo de lado livros e ideaes philosophicos, scientificos e sociaes que obedecem mais ou menos a doutrinas e systema alienigenas, não faltam romances, novelas, poesia e contos através dos quaes são estudados, analyzados, apreciados os costumes brasileiros, a alma e o intimo de nosso povo e de nossa sociedade.

Nesses trabalhos a penna que escreve é brasileira, brasileiro é o assumpto, só a lingua em que são composto é portugueza.

Um dos mais conspicuos mestres do criticar nacional, o espirito polymorphico do sr. José Verissimo, que, tem sido, com Sylvio, Romero, (1) um dos guias de nosso pensamento no estudo da litteratura, sustenta que o elemento lingua é que nos falta para a completa nacionalização de nossa vida litteraria.

O sr. José Verissimo escreveu paginas brilhantes e que muito nos encantaram relativamente á questão de lingua no que, em parte, estamos de accordo, mas, só em parte.

Disse o sr. José Verissimo: «A lingua é o elemento constituinte das litteraturas, por isso que ella já é de si mesma a expressão do que ha de mais intimo, de mais individual, de mais caracteristico em um povo. Só tem litteratura propria sua, original, os povos que têm lingua propria. Neste sen-

141.

tido, que me parece verdadeiro, não ha litteratura austriaca ou litteratura suissa ou litteratura belga...» (2)

---

(1) Isso não obstante as profundas dissenções dos dois eminentes escriptores.

(2) *Estudos de Litteratura Brasileira*, 2ª serie, pag. 6.

Pensa perfeitamente bem o illustrado critico, não obstante exaggere muito. O elemento lingua tem muita importancia, não pode, porém, sobrelevar outros elementos muito activos na formação de caracter de uma nacionalidade e de uma uma litteratura!

Em relação ao Brasil, principalmente, não se pode dar tanta attenção á lingua. O que se chama hoje lingua portugueza bem se podia appellidar brasileira. Si me não engano foi o fino espirito de Medeiros e Albuquerque que affirmou, certa feita, em uma de suas formosas chronicas, ser a nossa patria actualmente que pode dar normas a Portugal. A litteratura lusitana de hoje afoga-se em a nossa. O nosso mercado de livros é superior pela quantidade tanto como pela qualidade em qualquer genero. A população brasileira é muito maior que a d'além már, sendo, conseguintemente, maior o numero de nacionaes que falam a lingua, que tão bem pode ser chamada de ~~Francisco~~ Luiz de Souza como de Ruy Barbosa. S a linguagem em que nos exprimimos tem o nome de portugueza é simplesmente por uma questão de prioridade chronologica de Portugal ao Brasil. Isso é uma verdade, não ha negar.

Nós temos uma litteratura nacional que, embora incipiente, se vae caracterizando lentamente No norte, como no sul do paiz ha o romance, a novela, o canto e a poesia regional. Paginas fortes de psychologia, estudos acabados do sertanejo, do gaúcho, do cangaceiro não nos faltam dos bons.

Os Antonios Silvinos, os Conselheiros, os Miguelitos são vistos ao vivo em paginas aurifulgentes de Euclides da Cunha, Alcides Maya e muitos mais. O banditismo dos sertões tem nos proporcionado trabalhos de valia incontestavel bem como os costumes sertanistas e os habitos regionaes. Sobre costumes mineiros seria injustiça occultar o trabalho do sr. João Lucio—*Pontes & Comp.*

O illustre membro da Academia Mineira, aproveitamos a opportunidade para dizel-o, fez um trabalho com passagens admiraveis, revelando-se um observador.

II

Ha dias terminámos a leitura de um livro recente de Gustavo Barrozo, o conhecido João do Norte—*Praias e Varzeas*, que motivou o presente estudo.

O escriptor cearense apresentou se, no Rio, com *Terra de Sol*, sendo então recebido como litterato de talento. Hoje o sr. Gustavo Barrozo é além de plumitivo, deputado federal que pretende trabalhar em mira de combater dous males do Estado do norte: as seccas e o banditismo que infestam de maneira contumaz aquellas regiões de nossa patria.

Praias e Varzeas, deixem-nos dizer, é um livro brasileiro; os seus contos pintam nos habitos e typos regionaes, payzagens e praias nortistas com tintas polychromicas que agradam pela simplicidade, pela despreoccupação, com que foram debruxadas.

Si a vida sul rio-grandense, os costumes e os termos gaúchos foram bem retratados por Alcides Maya nas *Ruinas Vivas* e na *Tapera*, os typos populares, as lendas, as superstições do norte encontraram no sr. Gustavo Barrozo um apaixonado divulgador.

Dos onze contos que formam o livro nenhum delles deixa de prender a attenção do leitor mais exigente. Não se encontra no escriptor a preoccupação do termo, nem mesmo do regional, tão leve é a sua prosa, tão sem emmaranhos o seu pensamento, tão simples a estructura do enredo.

O que falta em *Praias e Varzeas* é a explicação, pelo autor, de determinadas expressões que são alheias aos que não conhecem denominações pouco correntes no sul, devido á falta sensivel de um diccionario de brasileirismo. Esta obra urgente ja foi iniciada pela *Revista da Academia Brasileira*, mas está muito longe de ser completa. O que o sr. Gustavo Barrozo fez em relação aos vocabulos *lacambéche* e *copiaaba*, fornecendo em notas as respectivas significações, poderia e deveria ter feito com muitos outros para mais facilidade da intelligencia de certos typicos. Vocabulos ha que nem mesmo pelo sentido da phrase se pode apprehender o significado e isso aborrece aos que lêem unicamente para apreciar o fundo do enredo, não se dando ao trabalho de qualquer outra analyse mais aprofundada. Tal succede a quasi totalidade dos leitores no Brasil.

Esse defeito do trabalho do sr. Gustavo Barrozo — si é que se pode chamar defeito — encontra-se, aliás em Alcides Maya e em quasi todos que fazem litteratura regional. Tirante isso, e mais um ou outro modo de exprimir pelos quaes parece ter obsessão o escriptor, *Praias e Varzeas* é um trabalho que muito agrada.

Velas brancas e *Naufragio* são dous contos nos quaes o autor colloca aos olhos de quem os lê scenarios bellissimos, numa animatographia esplendente, com descripções que podem bombrear com muitas do sr. Virgilio Varzea consideral, com justiça, um dos maiores pintores de scenas maritimas.

Em Jonados é o Lucas que vai á pescaria desdenhando dos conselhos dos amigos que temem a Deus e que guardam o dia consagrado aos mortos, com respeito que tangencia pela superstição. A teima do Lucas, que não queria dar o seu braço a torcer e desejava passar por corajoso, custou lhe a vida no mar tempestuoso.

N'*O Pescador* é outro cabeçudo, o Pedro Jójó, que ia pescar, no Tacoty, em noite que o Senhor do Rio appareceia, lá ficou á margem, estirado, morto!

Santa, *Espectro*, *Patuá*, *Absalão* e *O Filho do Gurary* são outros contos bem feitos.

De todos, porém, o que mais nos agradou foi *A Luiza do Selleiro* de uma rara delicadeza, primeiro no genero, sufficiente por si só para recommendar um livro.

Com a publicação de *Praias e Varzeas* o sr. Gustavo Barrozo, tem mais uma victoria no mundo das lettras, uma victoria tão bella como a da edição de *Terra de Sol*.

Almeida Magalhães

"Correio do Ceara'" - 31 Agosto a 1º Set°. de 1915

UM LIVRO CEARENSE

144

Como foi recebido, pela imprensa do sul, «PRAIAS E VARZEAS», de João do Norte.

A brilhante producção literaria do nosso amigo dr. Gustavo Barroso, cujo titulo encima estas linhas, obteve no sul do paiz todo o successo que ella merecia. Dos jornaes do Rio e de outros Estados do Sul, extrahimos as seguintes noticias, que bem mostram o effeito produzido pelo bello livro cearense, que honra a literatura nacional, sobretudo a terra que o inspirou.

Antes, porem, das criticas da imprensa, estampamos uma linda carta, dirigida ao dr. Gustavo Barroso, pelo delicado e profundo artista da «Esphinge» e de «Maria Bonita».

Meu querido Gustavo Barroso

Ainda não te felicitei pelas «Praias e Varzeas». Faço-o agora. Muito bem e muito agradecido pelo prazer que me deste. Não me esquece aquella Luiza do Selleiro: dava um romance! Quando João do Norte tiver tempo, vou me empenhar com o Juvenal Lamartine para que o consiga.

Os seus ensaios são escaramuças que revelam o heróe. As ideias geraes e o commentario, sobrios, apenas ficam, sem insistencia, a documentação necessaria.

Ao cabo, tem-se a scena ou a figura, evocada no seu meio, *vivendo* para nós. É um effeito de arte que não tráe artificio e se diria espontaneo, tão natural apparece.

Ande: um livro assim! Meus parabens com um affectuoso abraço do admor. e am°

Afranio Peixoto.

—

«Gustavo Barroso possue a originalidade e belleza impressionista que em sua mente produzem os aspectos das aguas e das terras do seu Ceará. Na literatura nortista, pelo seu talento, conquistou brilhante nome de prosador. Assim se revela no seu livro "Praias e Varzeas".»

(Trechos da critica de Leopoldo de Freitas, no «Diario Popular», de São Paulo, de 8 de julho de 1915.)

—

«Praias e Varzeas» chamou o sr. Gustavo Barroso a uma collecção de contos regionaes, em que se affirmam todas as suas qualidades, já reveladas, de escriptor que allia a um meticuloso realismo descriptivo um notavel apuro de fórma. Os contos do sr. Gustavo Barroso, são, na sua maioria, dramas condensados.

A sua vigorosa expressão verbal, de uma solidariedade energica, anima grande numero de suas paginas de uma forte e grave belleza. Ás vezes, mesmo o seu processo de contar o episodio e desenhar a figura, lembra-nos o Camillo das «Novellas do Minho». O descriptivo do conto, que tem por titulo a *Luiza do Selleiro* traz á lembrança, no modo focar a paysagem, uma das mais celebres paginas do «Eugenio Macario».

Embora da athmosphera sombria, o livro do sr. Gustavo Barroso, editado pela Livraria Alves, é uma obra que ninguem deixará de ler com profundo agrado: sobretudo os letrados, para se reaffirmarem no conceito elo-

gioso sobre o superior escriptor, que em tão castiça e apropriada linguagem nos narra a tragedia d' "O filho do Guarany".»

(Apreciação da «Revista da Semana», de 3 de julho de 1915, feita pelo grande escriptor portuguez Carlos Malheiro Dias, autor do brilhante livro «Paixão de Maria do Céo».)

—

«É um volume de contos, de onde solta a nota profundamente realista, alliada a vagos tons de idealidade. Flagrante da vida do Ceará, tem a nota emotiva dessa dôr que opprime o Ceará das praias e dos sertões, e que é bem como a propria essencia de Deus, está em toda a parte e vive em todas as coisas... Livro mais sombrio que alegre. De vez em quando tem uma nota clara, nodoa viva do sol... É um livro que assignala ambientes, costumes, temperamentos. Tem para o leitor o poder do cinematographo pela verdade das suas descripções, mas é mais do que o cinematographo: tem a animal-o a arte e a alma do artista que a compoz.»

(Trechos duma nota, encabeçando a transcripção do conto «Emboscada», da revista Sul-Americana, publicada no Rio e Buenos Aires, «Concordia», de Maio de 1915.)

—

«Em «Terra do Sol» ha a revelação dum estudioso, dum pesquizador paciente. No seu novo livro «Praias e Varzeas» ha o escriptor, o narrador, com uma fórma literaria accentuada, dando enredo ao que conta, fazendo viver os heróes e heroinas. Despretencioso e singelo, o novo livro de João do Norte lê-se duma assentada, porque as suas paginas são leves e empolgantes. Precisamos que o escriptor cearense nos dê mais ainda, porque tem talento e possue o arcabouço dum romancista.»

(Artigo de Xavier Pinheiro. «Correio da Noite», Rio, Maio 1915.)

—

«Em todos esses contos, em todas essas scenas, em todos os instantaneos e medalhões, a vida do sertão e das praias apparece reconstituida com todo o seu encanto simples, todo o seu caracteristico invencivel, com a palpitação de sua energia latente, o pittoresco de seus costumes.

O sr. Gustavo Barroso, como publicista na *Terra de Sol*, como literato no *Praias e Varzeas* procura através de sua obra artistica obter o mesmo resultado social: chamar a attenção da opinião esclarecida do paiz, dos intellectuaes e dos dirigentes para os pobres sertanejos abandonados pelos poderes publicos, que luctam entre difficuldades formidaveis, mas ainda são e serão sempre o grande reservatorio de energia nacional.»

(Artigo de redacção do «Jornal do Commercio», edição matutina, 20 de Maio de 1915.)

—

«"Praias e Varzeas" é um livro de artista. Ha, espalhada pelos seus onze contos, uma commoção de paysagens e figuras, fazendo viver, tudo, terras e gentes de um mundo, de uma humanidade que nós não conhecemos, mas que vivem diante de nossos olhos e existe na nossa imaginação.»

(«Fon-Fon», 15 de Maio de 1915.)

(Cont.)

(*Conclusão*) 1º Sec.º

«João do Norte é um escriptor que se distingue pela constante preoccupação de abordar assumptos nacionaes, procurando espalhar em seus traços o sertão e as suas gentes simples.... Neste livro revela mais uma vez a elegancia da sua linguagem, toda servida por um vocabulario moderno e por construcções nervosas de phrase e as qualidades de sua imaginação de escriptor nortista.»

(«Noite», Rio, 16 Maio 1915.)

—

«É um livro de contos nortistas, uma especie de complemento logico da *Terra de Sol;* afinal um hymno ao seu torrão natal. «Praias e Varzeas»

reaffirmam ainda mais o talento superior de João do Norte.»

(Pedaço d'um *suelto* do «Paiz» de 20 de Maio de 1915.)

—

«Acaba o sr. Gustavo Barroso de publicar o seu segundo livro «Praias e Varzeas». Dizer-se que a nossa literatura está em decadencia, quando temos em plena actividade e pujança do seu talento, escriptores do quilate de Gustavo Barroso, até parece mal!»

(Fragmento dum artigo da «A Capital» de S. Paulo, precedendo a transcripção do *Patuá*.)

—

«Como *Terra de Sol*, que teve a edição rapidamente esgotada, «Praias e Varzeas» está destinado ao mesmo successo. São contos escriptos em estylo original e onde os costumes e a natureza do norte se acham descriptos com muita expressão.»

(«Imparcial», 2 de Maio de 1915.)

—

«João do Norte é um dos talentos mais brilhantes da nova geração e uma das intelligencias da qual temos o direito de exigir mais obras de arte. O seu livro de estreia, a «Terra de Sol», não é apenas uma promessa auspiciosa. É um livro na larga accepção da palavra, livro de alta observação sertaneja, livro que ha de ficar pela exactidão e pela sinceridade dos aspectos dos sertões cearenses.

Temos agora «Praias e Varzeas». Quem viu João do Norte na «Terra de Sol», descortinando apenas os costumes sertanejos, não podia imaginar que pudesse tambem ser um contista das nossas selvas. «Praias e Varzeas» mostram que é, de facto, um contista e dos melhores que temos.

É um livro excellente. A vida cearense está pintada com um vigor de estylo meridional; a alma das gentes que habitam as praias e sertões da terra de Iracema alli está intacta, serena na sua nudez e na sua simplicidade. O *Pescador* é um conto do qual a gente só se satisfaz relendo-o. O mesmo acontece ás *Velas Brancas*, ao *Espectro*, á *Luiza do Selleiro*.

É um escriptor o sr. João do Norte.»

(«A Rua», Rio, 3, Maio, 1915).

146

—

«O estylo de «Praias e Varzeas» é o mesmo do «Terra de Sol», scintillante, vivo, marchetado, reflectindo nas suas paginas o temperamento do nortista que o escreveu. E já é uma cousa louvavel haver, na moderna geração literaria do Brasil, um novellista que se impressiona fortemente com os costumes e a exhuberancia da natureza deste paiz, cheio de poetas . . .»

(«Correio da Manhã», 1, Maio, 915.)

—

«Praias e Varzeas» é o titulo cantante do ultimo livro de Gustavo Barroso.

O applaudido autor da «Terra de Sol», ainda desta vez pinta quadros e costumes do Ceará. Entre a natureza e a gente do vigoroso Estado deu-se a formação intellectual de Gustavo Barroso, cuja infancia e adolescencia se expandiram, ora na branca areia das praias, ora nos carnahubaes infindaveis, que acompanham os rios, ora na vegetação opulenta das serras.

Desse intimo contacto com a paysagem cearense ficou um sulco indelevel na *psyché* do brilhante homem de letras, que impellido pelas forças dum automatismo enraizado no instincto, canalizou em sua penna dextra todo o sentimento do pittoresco, toda a vibração do *terrier*, que lhe transmittira a sua saudosa correspondencia com a natureza nos annos felizes de despreoccupação errante.

Sem duvida, foi ainda sub-conscientemente que a penna pingou no final de sua primeira descripção sertaneja o pseudonymo de João do Norte. Era mais um reflexo da côr local. «Praias e Varzeas» são o proseguimento dessa obra expontanea, defendida pelas virtudes da sinceridade.»

(Topicos do «Jornal do Commercio» edicção vespertina, 26, Abril, 1915.)

—

"Diario do Estado" - Fortaleza - 31 de Agosto de 1915.

«"Praias e Varzeas" é um livro brazileiro; os seus contos pintam-nos habitos e typos regionaes, paysagens e praias nortistas com tintas polychromicas que agradam pela simplicidade e pela despreoccupação com que fôram debuxados.

Dos onze contos que formam o livro nenhum deixa de prender a attenção do leitor mais exigente.

Não se encontra no escriptor a preoccupação do termo, nem mesmo do regional, tão leve é a sua prosa, tão sem emmaranhos o seu pensamento, tão simples a estructura do enredo.

Velas brancas e *Naufragio* são dois contos, nos quaes o autor colloca aos olhos de quem os lê scenarios bellissimos, numa animatographia esplendente, com descripções que podem hombrear com as do sr. Virgilio Varzea, considerado, com justiça, um dos maiores pintores de scenas maritimas.

Santa, Espectro, Patuá, O Filho do Guarany são outros contos bem feitos. De todos, porem, o que mais nos agradou foi *Luisa do Selleiro*, duma rara delicadeza, perfeito no genero, sufficiente por si só para recommendar um livro. Com a publicação de «Praias e Varzeas» o sr. Gustavo Barroso tem mais uma victoria no mundo das letras, tão bella como a de "Terra de Sol".»

(Almeida Magalhães. Artigo publicado no «Correio de Minas», de Juiz de Fóra, 1º de Agosto de 1915.)

—

Referindo-se ao ultimo livro do sr. Arthur Orlando (O Brasil, A terra e o homem), membro da Academia Brasileira de Letras e professor da Faculdade de Direito do Recife, na «Revista Americana», de 1º de Agosto, o eminente critico dr. João Cabral, diz textualmente o seguinte: «parece-nos pobre a contribuição respeitante ao sertanejo, sobretudo depois dos pinturescos estudos do sr. Gustavo Barroso».

PRAIAS E VARZEAS

RESPOSTA AO SENHOR BRAZ DE SOUZA

Uma carta do sertão da Parahyba

«Villa do Teixeira, 10 de Agosto de 1915.

Senhor Redactor
do DIARIO DO ESTADO

—No meu cantinho socegado da villa do Teixeira, neste sertão parahybano, gosto de lêr o que se escreve e publica no Rio e nas capitaes dos Estados. Por isso é que, depois de ter lido o «Praias e Varzeas» do senhor João do Norte, meu velho conhecido da «Terra de Sol», passei os olhos por um desalinhavado e pretencioso artigo do *Unitario*, criticando o livro a que primeiro me referi. Diante das asneiras e ridicularias que nelle, artigo, encontrei, não me pude conter: pego da penna e zás! escrevo-lhe esta carta, esperando generosa guarida. Não me occuparei do que diz o senhor Braz de Souza da pessôa e das conferencias do senhor João do Norte, porquanto não conheço pessoalmente o referido escriptor e nunca li as taes conferencias, que, si obedeceram ao seu estylo de sempre, devem ser de bem agradavel leitura.

Segundo li na capa do «Praias e Varzeas», os desenhos, as illustrações foram feitas pelo senhor Alfredo de Moraes, artista portuguez, sem duvida, que não conhece os nossos sertões. Com toda certeza o senhor João do Norte entregou o seu livro ao editor Alves, que encommendou a esse illustrador as citadas figuras, de cujos erros não tem a menor culpa o autor dos contos. O senhor Braz de Souza agio de má fé intercalando no seu artigo semelhante accusação, sem dizer qual o autor dos desenhos, afim do publico julgar que tambem foram obra do escriptor. Entretanto, algumas das referidas illustrações são bem passaveis, bem acceitaveis. Exemplo: a da capa, a do «Naufragio», a da «Santa», a da «Luiza do Selleiro», a da «Emboscada», a do «Espectro». Ora, em 12 figuras grandes,

que contem o livro, 6 são boas, a metade. Foi injusto o senhor Braz de Souza mesmo com o senhor Alfredo de Moraes.

Os erros de grammatica apontados pelo articulista não merecem resposta. Nem uma grammatica carrancista do seculo 18 é mais rigorosa quanto ao emprego de preposições e formas compostas verbaes do que o senhor Braz de Souza. Aquelle *quem do Patuá* é um erro forte, tão forte que, para um escriptor como João do Norte, só póde ser um engano delle mesmo ou do revisor. *Quasi levantava-se*— creio que aqui o auctor de *Terra de Sol* collocou o pronome depois do adverbio por euphonia. Pense um pouco nisto o senhor Braz rigorista e verificará que essa collocação é muito mais certa do que aquelle seu SE ENCONTRA RARAMENTE, quando trata da pagina 81 da «Luiza do Selleiro», mesmo porque o que relativo da sua phrase fica longe de mais para descupal-o. *Uma cataracta cobria-lhe*. Responda Julio Dantas: «O dedo tremeu-lhe no gatilho»—«Patria Portugueza», pag. 210.

Quanto aos vicios de linguagem, o senhor Braz no *longos gritos* tem razão e somente nesse. Nos outros esforça-se um pouco para encontrar repetições. O *santo homem* que andava em *santas missões* deve ter sido escripto propositalmente. E' um effeito de estylo que o senhor Braz desconhece, porque não tem e não sabe o que é estylo. O senhor Braz é muito homem para criticar o Eça naquelle trecho de *Reliquia* em que a corteza de Babylonia apparece envolta em *roupagens radiantemente recamadas de ramagens rubras,* ou o Camões no *alma minha*. Ainda o Julio Dantas: «Sombra formidavel sobre um cavallo formidavel»—*D. Cardeal*, pag. 19, linhas 25-26.

Vamos á pagina 122 do «Praias e Varzeas». O senhor Braz grypha *jugular*. Que ignorancia! Jugular sempre se chamou o barbicacho dos capacetes romanos e de todos os chapéus militares do mundo; jugular é toda a correia que, presa de dois lados a um objecto qualquer de cobrir a cabeça, passa pelo queixo... Procure em qualquer diccionario encyclopedico. Si o Teixeira não fôsse tão distante de Fortaleza, eu mandava, emprestado, o meu diccionario ao amigo Braz, embora os riscos da volta...

Responda-me o *critico* por que não póde alguem *surgir em baixo* das arvores, em baixo do serrote, em baixo das arvores, em baixo do serrote, em baixo das ramadas?... Porque s. s. não quer?

O *vinham* e o *vindas* das sabiás côcas, á pagina 20, tem, devem ter, o mesmo fim do santo homem e das santas missões.

Sobre adjectivos o senhor Braz de Souza tem ideias especiaes, segundo demonstra no seu artigo. Quando não gosta, embirra com um pobre adjectivo, não quer vêl-o nem pintado, isto é, nem impresso. Chama-o sem significação. De maneira que aconselho aos escriptores cearenses, cá do meu cantinho, que consultem antes da publicação de qualquer livro, o senhor Braz sobre a adjectivação a empregar. Sem isto hão de errar sempre e nunca terão o direito de dizer que isto é *lindo*, aquillo *bonito*, etc.

Diga-me cá uma coisa, senhor Braz, não lhe parece que haja um erro typographico naquelle pedacinho: *margem mimosa do Pacoty*? Não teria, porventura, o senhor João do Norte escripto *margem limosa*? Não acha que limo vae mais com beira de rio do que mimo? Medite.

Tambem o meu amigo Braz não dá uma folga ao pobre João do Norte. Não admitte que elle tenha *saudade de olhar*. Amanhã não quererá que tenha *saudade de ouvir*. Ha de ter *saudade* só senão está errado

Braz amigo, desculpa a familiaridade, mas deves ser muito ingenuo, ignoras a significação verdadeira da palavra porrête, julgas que *porradas* é chulo e ambiguo. Malicioso!?

Escuta, os portuguezes antigos chamavam assim as cacetadas, porque porrete é mais luso do que *casse-tête*, que deu cacête. Lembras-te ou antes, conheces uma velha quadra, já desapparecida, do tradicional *Bumba meu boi*? La vai ella, segundo era cantada até bem pouco tempo aqui nesta villa do Teixeira:

Zabelinha come pão,
Que daremos, *Z*abelão.
Cachaporra p'ra seu amo
Que é um grande villão!

Zabelinha era uma boneca e *cachaporra* um antigo bengalão de briga, forte, da cabeça redonda, damnado para partir cabeças e esbandalhar ossos. Deus te livre. Brazs ympathico, das applicações duma cachaporra!

Entremos agora nas inverosimilhanças e erros de observação, apontados pelo novo Braz Cubas. A historia dos carcarás, que almoçam bichos grelhados e procuram lançar brazas ou tições nos pastos proximos, para terem o jantar, ciscando ou levando nas patas, é velha conhecida dos sertões. Na minha fazenda, ao pé da Borborema, no Cafundó da Sucurujuba, todo carcará que apparece mato, ou ordeno aos vaqueiros que matem. Infelizmente agora não preciso dar essa ordem. A secca está levando o gado todo e até os proprios carcarás. Não ha sertanejo que não saiba desse máu costume da tal ave. Nessa passagem o escriptor usa do mesmo processo empregado na «Luiza do Selleiro»: narra com palavras suas o que lhe disse a sertaneja. Ella é quem lhe deu aquella causa do fogo no pasto. Elle faz o raconto. Nada mais. Entretanto eu, sertanejo velho, affirmo que o carcará procede assim e com menos má fé do que o amigo Braz quando critica.

Então onde o meu Braz de Souza encontrou quem lhe dissesse que não se pega boi a laço e a unha no sertão? Commumente se pega pela rabo, com o *piauhy*, a *mussica* e o *tombo*. Mas nos limpos, no pateo da fasenda, no curral, para *beneficiar*, o gado é seguro a laço. Mesmo para o campo não ha vaqueiro que saia sem a corda de laçar presa á sargola da sella. E' até causa de apostas e divirtimento, no sertão, agarrar uma rez a unha pelos chifres, pelas orelhas, pelo rabo, até derrubal-a. O illustre critico nunca foi ao sertão?

As suas observações ao *Absalar* não são mais felizes. *O chapeu escorregou para a nuca*. Forçosamente. Para onde ha de escorregar um chapeu cujo barbicacho passa a posição de golilha, á situação de colleira? E' bôa!

Da janella daqui de casa vejo uma aba da serra do Teixeira, onde ha talhados de granitos cheios de malacachetas. Ha partes que verdadeiramente ficam brancas ao sol. Logares onde a porcentagem de mica é maior, outros lavados pelas invernias, outros ainda em que a parte de quartzo claro é muito superior ás de feldspatho e mica, são completamente brancos de longe, ao sol. Não serão côr de cal, é verdade. Porem, immersos na moldura verde dos mattos e batidos da luz, apresentam-se tão claros ás vezes como um oitão de casa campezina, fazendo confusão aos viajantes. O granito, meu caro Braz, é um corpo composto e a sua composição varia. Assim em relação a essa cariação das partes componentes, varia a sua coloração, a sua dureza, etc. Ha granitos de maior resistencia que outros. Ha tambem de côres muito diversas: branquicentos, acinzentados claros, amarellaços, esverdinhados, cinzentos, cinzentos-escuros, quasi negros e, não vá ficar assombrado, côr de rosa. Ha granitos côr de rosa, Braz illustre !!! Procura um tratado de geologia.

E's tão atrazado, ó Braz, em geologia como em botanica. Então, no Ceará, segundo a tua impagavel opinião, não existem fétos? Pobresinho! Repara bem, as *samambaias*, que, presumo, deves conhecer muito, e todas as avencas, que crescem em quantidade pelas lombas do Baturité e do Maranguape, são simples e unicamente fétos. Olha, o féto não é um *bicho de duas cabeças*, que só existe nos museus e nos livros, como documento da vida vegetal nas epocas prehistoricas. Elle tambem nasce, cresce e se reproduz nessa tua terra de sol, de luz e de seccas...

A respeito de atavismo, o Braz é terrivel. Desde que o meio cearense ainda é aspero e cruel, ninguem pode invocar as taras da raça para explicar a tristeza dos individuos actuaes. E' verdade, o senhor João do Norte cáe em cada uma! Diabo de homem, não pede permissão ao senhor Braz, dono das preposições e proprietario do atavismo, para o emprego daquellas e a lembrança deste! As condições actuaes dos sertões e praias do Ceará são quasi as mesmas do tempo dos caboclos bravos. Pero Coelho, em 1603, encontrou-se com a secca, e a primeira calamidade climaterica de que falam os documentos officiaes foi em 1614. A situação presente do *habitat* mantem e conserva o espirito de melancolia e dor dos primeiros habitantes dessa terra bôa e infeliz. Si o meio evoluisse para melhor, as taras iriam se dissolvendo, se transformando, porque o homem é producto do meio e nada mais. Segundo a nova theoria sobre o atavismo, descoberta pelo respeitavel Braz de *Cousa* nas suas leituras de biologia, desde que o meio continue o mesmo, o individuo perde as táras ethnographicas que o *habitat* deu aos seus avós. Alem disso um pescador cearense, descendente de portuguezes e in-

"Selecta" - Rio - 15 de Setembro de 1915

150

A MISSA DAS ALMAS

DE ANATOLE FRANCE

O grande escriptor francez apraz-se em contar historias ás vezes phantasticas com essa adoravel simplicidade de expressão que tão raro faz o seu estylo. Essas historias são sempre admiraveis.

João do Norte, o jovem escriptor patricio que os nossos leitores conhecem e apreciam, traduzio especialmente para "Selecta" o conto que hoje damos.

Eis o que o sachristão da igreja de Neuville-d'Aumont me contou sob a latada do Cavallo Branco, n'uma bella tarde de verão, bebendo uma garrafa de velho vinho á saúde d'um pobre defunto que, na manhã d'esse dia, elle levàra ao cemiterio, com honra, sob um tapiz negro semeado de lagrimas de prata.

— O defunto meu pae (é o Sachristão quem falla), quando vivo, era coveiro. Tinha o espirito alegre, o que sem duvida era effeito de sua profissão, porque se tem notado que as pessoas que trabalham nos cemiterios são de humor jovial. A morte não os aterrorisa: nunca pensam n'ella. Eu que vos fallo, meu senhor, entro n'um cemiterio, á noite, tão tranquillamente como sob a latada do Cavallo Branco. E, si por acaso encontro uma alma, pouco me importo, considerando que ella vae para onde entende ou para onde precisa, do mesmo modo que eu. Si eu contasse tudo quanto tenho visto, ficarieis espantado. Mas nem todas as verdades se devem dizer e meu pae que, por signal, gostava muito de contar historias, nunca revelou a vigesima parte do que viu. Em compensação, repetia muitas vezes as mesmas narrações e relatou pelo menos cem vezes, que eu sei de fonte limpa, a aventura de Catharina Fontaine.

Catharina Fontaine era uma velha solteirona, que elle se lembrava de ter visto quando creança. Não me admiraria que houvesse ainda n'esta terra uns tres velhos que se recordem de ter ouvido fallar d'ella, porque era muito conhecida e de bom renome, embora pobre. Habitava na esquina da rua das Freiras a torresinha que lá ainda existe e que faz parte d'uma velha mansão semi-destruida, que dá para o jardim das Ursulinas. Ha nas paredes d'essa torresinha figuras e inscripções quasi apagadas. O defunto cura de Santa Eulalia, o senhor Levasseur, assegurava dizer uma d'ellas, em latim, que *o amor é mais forte que a morte*. O que se referia, accrescentava, ao amor de Deus.

Catharina Fontaine vivia só n'essa pequena moradia. Era rendeira. Sabeis que as rendas de nosso paiz foram outr'ora afamadas. Não se lhe conheciam parentes nem amigos. Dizia-se que aos 18 annos amára o cavalleiro d'Aumont-Clery, de quem secretamente ficará noiva. Mas as pessoas sensatas não queriam acreditar n'isso e diziam que era uma historia inventada, porque Catharina Fontaine tinha mais o aspecto d'uma dona do que d'uma operaria, porque guardava sob os cabellos embranquecidos restos d'uma grande belleza, porque tinha o ar triste e via-se-lhe em um dedo um d'esses anneis em que os ourives puzeram duas mãosinhas enlaçadas, e que antanho era costume trocar por occasião dos noivados. Sabereis dentro em pouco a verdade toda.

Catharina Fontaine vivia santamente. Frequentava as igrejas e cada manhã, fizesse o tempo que fizesse, ia ouvir a missa de seis horas em Santa Eulalia.

Ora, uma noite de Dezembro, estando deitada na sua minguada camera, foi despertada por toques de sinos. Julgando que tocassem a chamada da primeira missa, a piedosa creatura vestiu-se e desceu para a rua, tão escura que se não viam as casas e sem que brilhasse um lume no céo negro. E havia tal silencio n'essas trevas que, não sómente um unico cão não latia ao longe, como a gente se sentia completamente separada de todos os seres vivos. Mas Catharina Fontaine que conhecia de per si cada pedra em que punha os pés e poderia ir á igreja de olhos fechados, attingiu sem muito custo a esquina da rua das Freiras com a da Parochia, alli onde existe uma casa de madeira que tem uma arvore de Jessé esculpida n'uma grossa trave. Chegada ahi viu que as portas da igreja estavam abertas e que por ellas sahia grande claridade de cirios accessos. Continuou a andar e, tendo atravessado o pórtico, achou-se a meio de numerosa assembléa que enchia a igreja. Não reconheceu, porém, nenhum dos assistentes e ficou surpreza por ver toda essa gente vestida de velludo e brocado, com plumas nas gorras e espada á moda antiga. Havia alli senhores com altas bengalas de castão de oiro e damas com coifas de rendas, presas por um pente em diadema. Cavalleiros de São Luiz davam a mão a essas damas que escondiam por traz do leque um rosto pintado, do qual tão sómente se viam a fonte empoada e um signal ao canto dos olhos! E todos iam collocar-se em seus lugares sem nenhum ruido e não se ouvia, quando andavam, nem o som dos passos nas lages, nem o roçar dos estofos. As naves lateraes enchiam-se com uma multidão de jovens artesãos, de vestea bruna, calçado de grizisco, meias azues, segurando pela cintura raparigas lindas, côr de rosa, de olhos baixos. E, perto das pias de agua benta, camponezas de saia vermelha, collete cheio de laços, sentavam-se no chão com a tranquillidade dos animaes domesticos, emquanto os jovens camponios, de pé por traz d'ellas, abriam os grandes olhos, rodando o chapéo entre os dedos. E todos esses rostos silenciosos pareciam eternisados no mesmo pensamento suave e triste. Ajoelhada no lugar do costume, Catharina Fontaine viu o padre adiantar-se para o altar, precedido por dois acolytos. Não reconheceu o padre nem os ajudantes. A missa começou. Era uma missa silen-

ciosa em que se não ouviam o som dos labios que buliam e o tilintar da sineta agitada em vão. Catharina Fontaine sentia-se sob a vista e sob a influencia d'um seu mysterioso visinho e, tendo-o olhado quasi sem voltar a cabeça, reconheceu n'elle o joven cavalleiro d'Aumont-Clery, que a amára e que morrêra ia em quarenta e cinco annos. Reconheceu-o por um pequeno signal que tinha sob a orelha esquerda e sobretudo pela sombra que sobre sua face derramavam os longos cilios negros. Estava vestido com o jaléco de caça, vermelho, agaloado de oiro, que trazia no dia em que a encontrára no bosque de São Leonardo, lhe pedira agua e lhe roubára um beijo. Conservava sua mocidade e bôa physionomia. No sorriso mostrava ainda seus dentes de lobacho' Catharina disse-lhe baixinho:

— Senhor que fostes meu amigo e a quem outr'ora dei o que uma moça tem de mais caro, Deus os tenha em sua graça! Possa elle, emfim, inspirar-me pezar do peccado que comvosco commetti; porque é verdade que, de cabellos brancos e visinha da morte, não me arrependo ainda de vos ter amado. Mas, amigo morto, meu bello senhor, dizei-me quem são essas pessôas vestidas á moda antiga, que ouvem aqui esta missa silenciosa.

O cavalleiro d'Aumont-Clery respondeu com uma voz mais fraca que um sopro e, entretanto, mais clara que o crystal :

— Catharina, estes homens e estas mulheres são almas do purgatorio que offenderam a Deus, peccando, como nós, por amor das creaturas, mas que não estão por isto desviadas de Deus, porque seu peccado foi, como o nosso, sem malicia.

Emquanto, separados dos que amavam, purificam-se no fogo lustral do purgatorio, soffrem os males da ausencia e este soffrimento é para elles o mais cruel. São tão infelizes que um anjo do céo teve pena da sua pena de amor. Com a permissão de Deus, reune cada anno, durante uma hora da noite, o amigo á amiga na sua igreja parochial, onde lhes é permittido ouvir a missa das almas, de mãos juntas. Esta é a verdade. Si me é dado ver-te aqui antes de tua morte, Catharina, certo isto se não passou sem o consentimento de Deus.

E Catharina Fontaine lhe replicou:

— Eu desejaria bem morrer para tornar-me bella como nos dias, meu defunto senhor, em que eu te dava de beber na floresta.

Emquanto assim fallavam baixinho, um velho conego fazia a colheita das esmolas, apresentando aos assistentes um grande prato de cobre em que deixavam cahir de uma em uma velhas moedas, que de ha muito não têm mais curso; escudos de seis libras, florins, ducados e ducadões, jacobris, nobres da rosa. E todas cahiam silenciosamente. Quando lhe apresentou o velho o prato de cobre, o cavalleiro n'elle poz um luiz de oiro que não teve som nenhum tal qual as outras moedas.

Depois o velho conego parou diante de Catharina Fontaine, que cascavilhou o bolso sem achar um vintem. Então, não querendo recusar um obulo, tirou do dedo o annel que o cavalleiro lhe dera na vespera de morrer e deitou-o na bandeja de cobre. O annel de oiro, ao cahir, resoou como pesado dobre de sino e, ao ruido ecoante que produziu, cavalleiro, conego, celebrante, acolytos, damas, fidalgos, a assistencia toda desvaneceu-se; os cirios estinguiram-se, e Catharina Fontaine ficou sósinha nas trévas.

Na manhã seguinte a esta noite extraordinaria, Catharina Fontaine foi encontrada morta na sua camera. E o porteiro de Santa Eulalia achou no prato de cobre que servia para receber as esmolas, um annel de oiro com duas mãos unidas.

Traducção de ***João do Norte***

"Fm-Fm." 14-10-2-917

Garabulhas...

Ella nunca mais appareceu nas ruas com aquelle chapéo encarnado que tanta graça dava ao seu rosto encantador. Teria sido porque alguem a appellidára de *chapéosinho vermelho* ou por medo de topar no seu caminho com um lobo perigoso?

Ninguem sabe. O certo é que ella domesticou o lobo, que anda agora feito um verdadeiro santo, dando logar a uma parodia do velho brocardo — o diabo depois de velho fez-se ermitão: «o lobo depois que a vio tornou-se santo.»

Entretanto, logo que ella deixou de usar o chapéosinho rubro, elle ficou mais triste, dizem que por achar que fôra aquella linda côr que lhe trouxera a felicidade

"A Tarde" = 2 de outubro de 1915

O sabbado no Monroe

O Sr. Gustavo Barroso fala sobre o Indio. — A "hora literaria" nos habitos parlamentares.

O Sr. Gustavo Barroso, representante do Ceará na Camara, conseguiu animar hoje o sabbado no Monroe, produzindo um discurso sobre o indio no Brazil.

O discurso de S. Ex., que teve o sabor de uma hora literaria, valeu por uma interessante conferencia.

Começou dizendo que até hoje no Brazil pouco se tem cuidado da população aborigene homiziada no interior de 13 Estados da União.

Pouco se tem cuidado de chamar essa gente ao meio civilisado e de protegel-a das ultimas devastações.

Em toda America o indio recebeu o estrangeiro com promessas de paz e teve em troca a mais dura guerra.

Allude depois á legislação allemã sobre os selvagens das suas colonias na Africa.

Apezar de possuir ha pouco tempo, relativamente, as suas colonias e do seu povo aliás como todo povo teutonico ser esquivo, rebelde á mesçagem com raças inferiores, a argucia razão da grande nação européa teve nitida comprehensão da carencia de legislar sobre o assumpto.

A lei brazileira não abordou este importante ponto. Ella só regulamenta o casamento entre indios, não trata do matrimonio entre civilizados e selvagens, menos da situação juridica dos filhos havidos porventura dessa reunião.

Trata, em seguida, da situação dos nossos indios desde os tempos coloniaes e termina enviando á mesa uma emenda.

dios, só deve guardar na alma as inclinações e sentimentos que o Braz consentir...

Amigo Braz, algum dia viste ou lêste um *critico* mais trivial do que és? E's de uma chatice peior que a do meu roceiro, o Zé Fagundes do Cafundó. Lê com attenção este teu periodo final:

«Dão-nos a impressão desses quadros sem claro escuro, mesmo com tintas empastadas, consistindo, por assim dizer, apenas em desenhos, cheios de silhuetas e paizagens, mas sem linhas expressivas».

Que diabo disto é aquillo? Onde viste esses quadros sem claro escuro de tintas empastadas, que consistem em desenhos sem linhas expressivas? Que garabulha? Onde encontraste desenhos que tenham tintas empastadas? Então não são desenhos são pinturas! Por que não sabes differençar desenho de pintura? Vou ensinar-te o que desejavas escrever, meu papagaio louro. Querias dizer o seguinte: «O livro do senhor João do Norte é um livro de escorsos, uma collecção de esboços a *fusain*, estudos de silhuetas, traços largos, sem sombras, sem colorido que se complete nas suas varias nuanças e nas suas diversas tonalidades; aqui é a linha duma cabeça, alli o risco dum pé, o traçado dum gesto, o perfil duma expressão; conjunto de pequenas tentativas para o quadro que ainda está na mente do artista; tudo quanto um pintor faz a carvão ou a crayon antes de tocar nas tintas de palheta.» Terias talvaz acertado.

José FARIAS

Jornal do Comº. 2ª. da Tarde - 4ª pagª.
31-Agto-1915

Em torno de um livro

Ha pouco tempo, referindo-nos a um dos melhores livros publicados ultimamente entre nós — o romance *Maria Bonita*, do Sr. Afranio Peixoto — emittimos algumas breves considerações acerca da necessidade que de ha muito nos assoberba de trabalharmos com um pouco mais de interesse pela formação de uma litteratura mais brasileira do que essa que se vem fazendo, no Brasil...

Lembrámos então que bem podiamos ter uma litteratura nacional, uma litteratura puramente brasileira, verdadeiramente nossa e portanto caracteristica, embora essa litteratura não viesse a ser de todo uniforme, por ter de representar aspectos fundamentalmente diversos.

Nessa mesma occasião confessámo-nos francamente contrarios ao alvitre proposto por Franklin Tavora de dividir-se a Litteratura Brasileira em Litteratura do Norte e Litteratura do Sul, alvitre que teve éco não só aqui no Rio como no interior do paiz, comquanto alguma razão tenha tido Sylvio Roméro quando declarou, nos seus apontamentos autobiographicos publicados na celebre *enquête* litteraria de João do Rio, perceber nesse alvitre qualquer cousa de ironia. A idéa com effeito é um tanto esdruxula. Mas isso não quer dizer que Tavora não n'a houvesse alvitrado com sinceridade. Dominava-o, ao que parece, um forte sentimento, não de nacionalismo propriamente, mas de bairrismo. Tanto que elle não se cansava de apregoar com vivo enthusiasmo a capacidade intellectual dos escriptores do norte, dizendo-os capazes de crear uma litteratura visceralmente brasileira, rigorosamente representativa da vida do Brasil septentrional, que era, na sua opinião, como na de muitos outros, o verdadeiro Brasil — já porque alli o elemento pessoal, devido a quasi nenhuma immigração extrangeira, continuava nativo, já porque era alli onde viviam as mais caras tradições, e se praticavam os mais peculiares usos e costumes da nação brasileira.

Achamos que, em parte, Tavora tinha razão. Achamos, porém, maior razão em Sylvio Roméro, quando assevera, no já citado escripto, que a funcção litteraria das provincias é "produzirem a variedade na unidade", ou, como diz em a sua *Historia da Litteratura Brasileira*, é "affirmarem a unidade na multiplicidade".

152

Numa palavra, a litteratura que nos convém e pela qual devemos trabalhar — é a litteratura que falle dos nossos usos, dos nossos costumes, das nossas tradições, que descreva a nossa natureza — com suas praias, com seus rios, com suas montanhas, com suas campinas, emfim, com todo esse conjunto harmonioso e admiravel de bellezas naturaes de que o Brasil é dotado. Digam os nossos escriptores da terra e do homem do Brasil com alma verdadeiramente nacional, e muita cousa assim terão feito pelas lettras deste paiz.

E' precizamente devido a essa lamentavel escassez de escriptores nacionalistas entre nós, a esse descaso injusto e injustificavel por tudo quanto nos pertence — que folgamos com o apparecimento neste paiz de obras litterarias de caracter nacional. De necessarias que são, nem precizam ter grande valor para contribuirem para o levantamento da nossa litteratura; e, em apreciando-as, a duas cousas mui distinctas, que não existem reunidas nas obras litterarias de outro cunho, devemos attender: ao papel especial que ellas vêm desempenhar na nossa vida litteraria, e ao seu valor litterario intrinseco. No julgamento dellas, é claro que a primeira circumstancia não póde figurar senão como favoravel. E a razão é muito simples: é que sendo raros, mui raros, por emquanto, os homens que neste paiz se entregam á missão nobilitante de dar-lhe um patrimonio litterario, precizo é que os prestigiemos e incentivemos, não só para estimulal-os, como tambem para encorajar quantos ainda se arreceiem de emprehendel-a.

Já Araripe Junior dizia em 1894 o seguinte, no seu prefacio ao estudo que fez da individualidade intellectual de Gregorio de Mattos: "Lendo-se este ensaio, ver-se-ha que ha duzentos annos houve no Brasil quem tivesse coragem de ser nacionalista".

Realmente, parece que é precizo muita coragem para ser-se nacionalista!

O que se infere dahi é que o illustre critico patricio não só fazia muita questão pelo nacionalismo, como tambem considerava a cultura deste, por si só, um titulo de recommendação para quem a fizesse. E, em dizendo que o poeta das *Marinicolas* "teve coragem" de ser nacionalista, Araripe denota ver nessa falta de nativismo que ainda hoje lamentamos, não simplesmente uma mera indifferença dos nossos escriptores pelos assumptos patrios, mas até um desprezo injusto e reprovavel pelos mesmos assumptos. Essas considerações vêm a proposito do livro *Praias e Varzeas* que o Sr. Gustavo Barroso — que tambem usa do pseudonymo de João do Norte — acaba de publicar.

153

E' digno de attenção o interesse que esse ainda joven escriptor tem tomado, desde o inicio da sua carreira litteraria, pelas cousas deste paiz, principalmente pelas cousas do norte, de onde é oriundo.

O seu primeiro livro — *Terra de Sol* — é uma das boas producções da nossa litteratura regional. Nelle, sem grandes pretenções litterarias e com muito apego á realidade, estuda João do Norte o homem e a natureza dos sertões nortistas. E o faz com tal singeleza e procurando com tanto interesse arrimar-se á verdade, que é o proprio autor quem despretenciosamente chama a esse trabalho — "o depoimento de um nortista". Mesmo para o estudo do *folk-lore* brasileiro esse livro é uma fonte assás valiosa, pois o autor fez o possivel por guardar muita fidelidade na reproducção das locuções e termos do sertanejo.

Mas, como diziamos, foi no proposito de fazer litteratura nativista que o Sr. Gustavo Barroso escreveu esse novo livro. Ao que parece, em o publicando, pretendeu continuar a obra iniciada com o seu volume de estréa, isto é, quiz reaffirmar-se escriptor nacionalista. Tanto assim que embora *Praias e Varzeas* conste de fantasias e contos, todos esses

escriptos são subordinados a um assumpto que, no fundo, vem a ser o mesmo de *Terra de Sol*, isto é, natureza e costumes do norte.

Em *Praias e Varzeas*, entretanto, o Sr. Gustavo Barroso occupa-se da vida praieira — o que não fizera no seu primeiro livro. Conduz-se, porém, nesse terreno, a fallar verdade, com muita tibieza, fracamente, escrevendo paginas breves, onde existem apenas rapidas referencias á praia e ao pescador, tão rapidas, tão vagas que o leitor nellas não adquire o menor conhecimento desses dous assumptos.

Ora, se esses escriptos não representam a vida do pescador daquellas paragens; e se lhes falta a gyria dessa gente, não estão absolutamente em condições de desempenhar papel algum interessante na nossa litteratura nacionalista e podem, sem a menor injustiça, ser lançados para o meio dos pequenos escriptos de pura ficção, tão abundantes na nossa bibliographia. Não são absolutamente a continuação de *Terra de Sol* e noã correspondem de modo algum ao intuito do autor de fazer com elles boa, isto é, proveitosa litteratura regional.

Limitamo-nos a notar a não representação da vida do pescador e a inexistencia de sua gyria nas paginas de *Praias e Varzeas* porque, quanto ao theatro da acção dos seus escriptos, não podia o Sr. Gustavo Barroso dizer muito, visto como esse theatro é exclusivamente uma praia — sempre alva e interpollada de dunas; um mar — sempre furioso e verde; e um céo muito bello, tão bello quanto o céo da Palestina. E só. Assim mesmo, teimando em fazel-o, teve que descambar para a futilidade, pois todos os escriptos desse genero começam invariavelmente com a descripção da praia, do mar e do céo, com côres differentes, porém, tratando-se sempre do mesmo céo, do mesmo mar e da mesma praia.

A primeira parte do livro, achamol-a, portanto, fraca. São paginas que apreciariamos se fossem de um novel, sem responsabilidades, não, porém, de um escriptor dado a um genero de litteratura em que se tem especializado e em que já grangeou alguma nomeada. Demais, fortalece este nosso juizo o reconhecermos em João do Norte forças bastantes para a elaboração de livros mais substanciosos que *Praias e Varzeas*. E esperamos ainda que os faça. Aliás, essa esperança tambem o Sr. Afranio Peixoto, que é hoje um dos nossos mais eminentes escriptores nacionalistas, declarou, no seu ultimo livro, aninhar. E' até possivel que o autor de *Maria Bonita*, nutrindo, como nós, boa disposição para com o Sr. Gustavo Barroso, tenha sobre *Praias e Varzeas* a nossa opinião.

A segunda parte do livro é um pouco mais forte. Conhecendo melhor a varzea do que a praia, o Sr. Gustavo nos dá nessa parte alguns contos deveras interessantes. Percebe-se mesmo que nesse terreno a sua penna labora com mais desembaraço. Quando falla da praia, sente-se a sua tortura em querer alongar o escripto — sem acção para desenvolver, nem theatro capaz de fornecer-lhe descripções interessantes.

Ha alguns capitulos do livro, entretanto, que peccam pelo abuso da descripção. Algumas ha excessivamente minuciosas e até despropositadas. Só no conto intitulado *Santa*, por exemplo, encontram-se muitas mostras desse defeito. E' erro abusar da descripção a ponto de entrar em minudencias futeis; ella só é licita quando necessaria. E' precizo que tenha razão de ser, do contrario torna-se disparatada e banal.

Nota-se tambem uma manifesta preoccupação do Sr. Gustavo com a construcção da phrase — symptoma que não se manifestava tanto nos seus escriptos anteriores. A fórma, quando bem cuidada, impõe realmente admiração. Mas com o que o Sr. Gustavo Barroso se preoccupa não é propriamente com a fórma, porém, com o numero. Aliás, é bastante desagradavel (pelo menos aos nossos ouvidos) essa nova cadencia em que pôz os seus periodos. O estylo de *Terra de Sol* é muito mais simples e nem por isso deixa de ser gracioso e elegante.

Em *Praias e Varzeas*, ao contrario do que fez em *Terra de Sol*, o autor não assignala nem as expressões nem os vocabulos matutos para differençal-os do que é correcto. Tambem não se dá ao incommodo de explical-os ao leitor. De maneira que este, se quizer conhecel-os,

que indague fóra do livro. E a moda está pegando, pois o Sr. Alcides Maya faz o mesmo nos seus livros sobre a vida gaúcha.

Nesse processo, a fallar verdade, não vemos para os leitores, e muito menos para as lettras, nenhuma conveniencia. Se alguma existe, só póde ser para o autor. Os leitores... estes muita vez se detêm muito tempo diante de phrases matutas verdadeiramente enigmaticas, e como quer que as não comprehendam, passam adiante... Isso, em verdade, além de desagradavel, lhes é prejudicial. Temo-nos esforçado bastante por atinar com a inconveniencia da clareza nesse particular, e o nosso esforço é sempre baldado, totalmente inutil.

Concluindo, devemos deixar bem explicito que, quanto ao ultimo livro do Sr. Gustavo Barroso, achamos que lhe falta a mesma significação que recommenda *Terra de Sol*, por isso que, como estudo representativo do "meio" cearense, não tem alto valor, tem mesmo pouco valor por ser quasi um livro de ficção. Está longe de ser, como *Terra de Sol*, um subsidio para o estudo daquelle "meio".

Esperamos, todavia, que *Praias e Varzeas* seja uma breve solução de continuidade na obra iniciada com *Terra de* Sol, que é, a nosso juizo, um livro de merecimento, e, incontestavelmente, uma bella promessa.

MOZART MONTEIRO.

155

gleses, estes em menor quantidade, passaram por sobre essas populações enormes, de algumas quaes algumas se tinham adeantado tanto que, ao passo que no Rio de Janeiro se construia no seculo passado um aqueducto para conduzir agua, por ser quasi ignorada a theoria dos vasos communicantes, elles já traziam para as suas cidades, no Perú, agua encanada das montanhas, sem precisar de aqueductos, e tinham um rudimentar systema de esgotos.

Dessa raça, restam oito ou dez tribus, no Canadá, guardadas pelas tropas inglezas, alguns grupos, meio civilizados, no Indian Territory e nas Montanhas Publics Lands dos Estados Unidos, Apaches, na Sierra Madre, aos quaes o general Carranza está aproveitando talvez em suas guerrilhas; uma ou outra nação refugia na interior do Brazil, á qual, de vez em quando, vão os bugreiros perseguir, dar caça!

Que ao menos a estes (*não apoiados*), de Governo, dos poderes publicos em geral, de quantos se achem em situação de impedir se reproduzam as odiosas de crueldade que, já em demasia, teem sido registradas na historia de nosso paiz. (*Muito bem; muito cumprimentado.*)

Acha-se ha alguns dias nesta capital, em companhia de sua exma. esposa, o sr. Gustavo Barroso, deputado federal pelo Estado do Ceará e distincto homem de letras.

O apreciado autor da "Terra do Sol", onde pintou admiravelmente as scenas mais ariscas e os quadros mais bellos do seu Estado natal, pretende demorar-se algum tempo ainda entre nós.

(Continuação do 1º numero)

sua, por escripto, tal era já o abuso dos que exploravam esses trabalhadores.

Como não consideram uma raça, que assim trabalha, como factor economico de ponderavel valia?

Cito ainda o seguinte:

«O Conselho Ultramarino prohibia, sob pena de maiores castigos que os viajantes e passageiros tomassem agazalho nas moradias particulares dos indios de Ibiapaba, devendo hospedar-se na casa de hospedes, de ante-mão preparada pelos Revmos. padres missionarios, afim de evitar que taes passageiros desencaminhassem, seduzissem as filhas e mulheres dos indios, que a esse respeito reclamavam providencias.»

Assim, o conselho pretendia, ou evitar o cruzamento das raças, de accôrdo com a doutrina dos jesuitas, ou fazer com que a hospedaria destes fosse mais frequentada do que as casas dos indios.

Dizendo estas poucas palavras, Sr. Presidente, tive o intuito de fazer pallida defesa dessa raça infeliz, que tem sido perseguida com a maior injustiça e inqualificavel barbaridade, de tal maneira que aquelles que povoavam a America, desde a Colombia Ingleza até a Florida; aquelles que ergueram os templos do Mexico, que construiram os subterraneos da California, que edificaram os pagodes da Guatemala, que vaguearam em completa liberdade, caçando e pescando desde as Guyanas até a Patagonia, hoje estão por assim dizer extinctos, delles pouco ou quasi nada resta. Um simples punhado de aventureiros, portuguezes, hespanhóes, francezes e in-

"Paiz" - Rio - 18 - Set.º - 1915

156

O nordeste brasileiro e o flagello das seccas

NA CAMARA DOS DEPUTADOS

O sr. Gustavo Barroso faz a sua estréa

A sessão de hoje na Camara foi assignalada apenas pela estréa na tribuna de um novel deputado, o sr Gustavo Barroso, representante do Ceará.

Foi o segninte o discurso do sr. G. Barroso :

Sr. presidente, Sait-Simon dizia que, para os homens politicos, somente as coisas politicas tinham sabor especial, sem o qual não poderiam passar.

Eu não venho tratar de assumpto politico, sim de uma das faces do grande problema do sertão brasileiro. Pouca attenção, portanto, talvez mereça desta casa.

Desde 1614, sr. presidente, a eloquencia synthetica dos relatorios coloniaes clamava junto ás côrtes de Lisbôa por medidas que attenuassem os efteitos terriveis das seccas nas capitanias de nordeste do Brasil.

E não se pode negar que tanto o governo imperial como o republicano fizeram esforços nesse sentido, despendendo muitos milhares de contos.

Infelizmente, porém, quasi nenhuns são os resultados colhidos, porque a acção governamental não tem tido continuidade na orientação geral de seus planos e porque tem sido sempre em todos os serviços contra as seccas maior a despeza com funccionarios do que com obras.

Sr. presidente, sempre se considerou forte necessidade combater os flagellos que infelicitam as populações do nordeste, que o despovoam em proveito da Amazonia, esmagando seus estimulos e sua actividade. Mas a simples comprehensão dessa necessidade não póde ser bastante. E' preciso o combate tenaz e systematico. E' preciso agir. Os governos do Brasil, é verdade, têm agido, porém agido fraccionadamente, aos empuxões, sem constancia e sem a menor regularidade.

Dahi a dispersão dos esforços e a improficuidade dos resultados.

Todos os serviços de combate á secca têm passado por extraordinarias modificações. Têm variado infinitamente o nome das repartições, o titulo das commissões. Questão de taboleta ! Cada novo chefe traz, para minorar a sêde e a fome de alguns milhões de brasileiros, a orbita gigantesca de seus planos, a mysitica amplitude de seus sonhos e a maravilhosa doçura de suas promessas. Todas as innovações theoricas se têm feito e apresentado todas as theses. Já se procurou acclimar no Ceará, ahi por mil oitocentos e cincoenta e tantos, até dromedarios da Africa.

Tem se discutido a açudagem, a arborização, a lavoura-secca, a irrigação, as canalizações.

Dura verdade, sr. presidente, o problema ainda está para ser resolvido ! O *pária* sertanejo ainda morre de fome !

A actual Inspectoria tem conseguido alguma coisa, somente porque tem tido durante alguns annos tal ou qual estabilidade, embora deficiencia de verbas, politicagem de chefes de secção, desproporção entre as verbas material e pessoal.

E já lhe prepara o Congresso um corte no orçamento, ninharia como poupança, golpe pesado na estructura do seu funccionamento.

Não sou dos que crêm numa panacéa para o mal do nordeste. Acho que a cada zona semi-arida se deve applicar uma medida accorde com suas condições de meio. Aqui, a irrigação dos grandes reservatorios dará optimos resultados. Alli, a arborização produzirá effeitos excellentes. Acolá, a pequena açudagem será de melhor conveniencia. Nesta região será preciso canalizar aguas de tal bacia; naquella represar a correnteza irregular de certos rios.

Acima de tudo, porém, sr. presidente, está a viação ferrea, levando ao amago do sertão meios de progresso, dando escoamento á super producção das epocas felizes, para que o movimento commercial augmente a riqueza publica e particular. Unam-se, depois, as zonas lateraes e as serras ferteis ás estradas de ferro pelas de rodagem tão altamente necessarias. Para accentuar as difficuldades de communicação, basta comparar os preços dos mercados com os das zonas productoras.

Não ha exemplo de povo que mais soffra do que a rude população resignada do nordeste.

Em 1912, no «Jornal do Commercio» da tarde, num artigo intitulado os *Párias do Sertão*, o sr. Victor Vianna, jornalista que muito se tem occupado de assumptos nacionaes, fez ponderadas e verdadeiras considerações sobre o povo do Ceará.

O orador leu trechos desse artigo do sr. Victor Vianna.

Tambem um artigo do sr. Meira de Sá sobre o flagello da secca e a resistencia do povo cearense.

Mais que tudo falta ao sertão um pouco de instrucção. Desde as primeiras explorações lusitanas, desde as primeiras bandeiras paulistas que vararam os carrascaes do nordeste, desde as primeiras feitorias hollandezas até hoje, nunca mais o sertão aprendeu nada!

Foi o jesuita quem ensinou no sertão. Desapparecido, sómente as populações que albergaram a immigração estrangeira prosperaram. As outras ficaram o que eram nos seculos 17 e 18, no vestir, no falar, no plantar, no colher, no verso improvisado do desafio, na redondilha dormente do troveiro. Junto de cada egreja do interior vêm-se as ruinas das *casas dos padres*, das quaes se derramavam pelos aldeiamentos de bandeirantes, indios e lavradores o A B C e, para os misteres do gado e do campo, o reduzido cabedal pratico ou scientifico da época.

Porque, sr. presidente, e para que negar esta verdade?

Depois que o jesuita foi expulso nunca mais ninguem ensinou aos matutos noções rudimentares de sciencias, artes e industrias. Nunca mais o sertão deu um passo. Quando nelle se penetra sente-se o bafo das velnas epocas; vê-se no amanho da terra, no construir da palhoça, no tratar o rebanho, o reflexo crepuscular da influencia jesuitica.

As escolas publicas em certos Estados, no Imperio e na Republica, têm sido e ainda são uma ficção perigosa—simples vehiculo de politicagem.

Talvez o sertão precise tanto de ensino como de açudes e estradas.

Não me alongarei, sr. presidente, em considerações sobre a situação dos Estados do Nordeste, especialmente do Ceará, que dia a dia peiora. Sómente direi que tres milhares de homens padecem fome, que 95 % é a percentagem dos gados ja desapparecidos; que as gentes sertanejas deslocam-se pelas estradas, por montes e valles, sem programma e sem recursos, marcham rumo incognito da Paz ou da Morte....

Para terminar, sr. presidente, peço permissão para ler o trecho eloquente da mensagem do presidente do Estado do Ceará dirigida á Assembléa Legislativa, que explana a questão da secca.

Rogo a v. ex. que, depois, consulte o caso si concorda na publicação desse documento no *Diario do Congresso* publicação que merece pelo doloroso e serio assumpto de que trata.

157.

"Diario Popular", S. Paulo · 6-11-1915

Literato cearense

E' hospede de S. Paulo, o dr. Gustavo Barroso, ex-redactor do "Jornal do Commercio" e actual deputado pelo Ceará, ao congresso nacional.

O dr. Gustavo veio acompanhado de sua consorte passeiar alguns dias nesta capital, tendo tomado hospedagem no Hotel da Bella Vista.

Escriptor impressionista e que firmou as suas producções com o pseudonymo de João do Norte, o talentoso autor da "Terra do Sol", das "Praias e Varzeas", é um dos mais apreciados representantes na nova geração literaria.

S. s., esteve hontem em visita á Escola Normal e no Jardim da Infancia, cujas aulas e gabinetes experimentaes percorreu attentamente e teve as melhores impressões de tudo que vio.

E' possivel que o dr. Gustavo Barroso realise, nesta capital, uma conferencia literaria e descriptiva das paizagens do sertão do Ceará.

"Selecta" - Rio, 15 de Setembro de 1915 — 158

UM BANDIDO CELEBRE

ANTONIO SILVINO

Antonio Silvino foi, durante muitos annos, o terror dos sertões do Norte. Bandoleiro terrivel Antonio Silvino não só agia nos sertões de Pernambuco, onde tinha a sua base de operações, como tambem na Parahyba e Estados limitrophes. Depois de longas e dispendiosas batidas por parte da policia militar destes Estados, e cujos resultados eram sempre infructiferos, finalmente foi preso e recolhido á prisão no Recife. E agora que vae responder a jury pelos crimes que praticou, aproveitamos a opportunidade para contar aos leitores de « Selecta », atravéz do estudo que se vae ler e devido á penna de João do Norte, o papel que esse bandido reprezentou durante tanto tempo nos sertões do Norte.

Jamais igualado na sinistra fama, nunca excedido no criminoso mister a que se dedicou, o bandido Antonio Silvino é o maior vulto de criminoso dos sertões de nordeste e, altaneiro, domina a sua historia a historia de uma região inteira, fertil em banditismo, o habitat ideal da cangaceiragem. E o proprio Antonio Silvino tinha tanta certeza do tamanho e valor de sua fama sangrenta, que um dia, quando o sertão parahybano andava convulsionado pelo Bacharel Santa Cruz e pelo Dr. Franklin Dantas, disse n'um povoado matuto, em conversa animada com alguns parceiros:— « De uns quatro annos para cá, não goso mais celebridade: só se quer saber de cangaceiro — doutor... »

Antonio Silvino nunca tomou parte em conluios politicos do sertão. Sempre se eximiu de grupos numerosos. Vivia só com o seu resumido bando, vagueando em liberdade. Uma feita, quando foi da invasão á Parahyba, em 1912, pela liga de Santa Cruz, Dantas, Saldanha e Neco Janucio, fingiu adherir ao movimento, mas, em realidade, manteve-se affastado, bem affastado até.

Typo interessantissimo e completamente original na sua vida de matar e saquear, Silvino sempre se manteve nas quadras de gaudio ou de apertura, á maneira de Jesuino Brilhante: cinco ou seis companheiros, bôas armas, toda a pradaria hispida dos sertões, plena liberdade, a cumplicidade do habitante, ou por medo, ou por admiração, e os combates, e os sambas, e as noites frescas dormidas ao relento sob a luz pallida da lua, no silencio dos vastos campos adormecidos...

Nascido em Pernambuco, no districto de Afogados de Ingazeira, em 1875, baptisado por Manoel Baptista de Moraes, tomou depois o nome de Antonio Silvino, em lembrança do chefe sob cujas ordens se fez, o denodado Silvino Ayres, preso em combate com uma força de policia.

tade, Ventania, Nevoeiro, Barra Nova e Relampago.

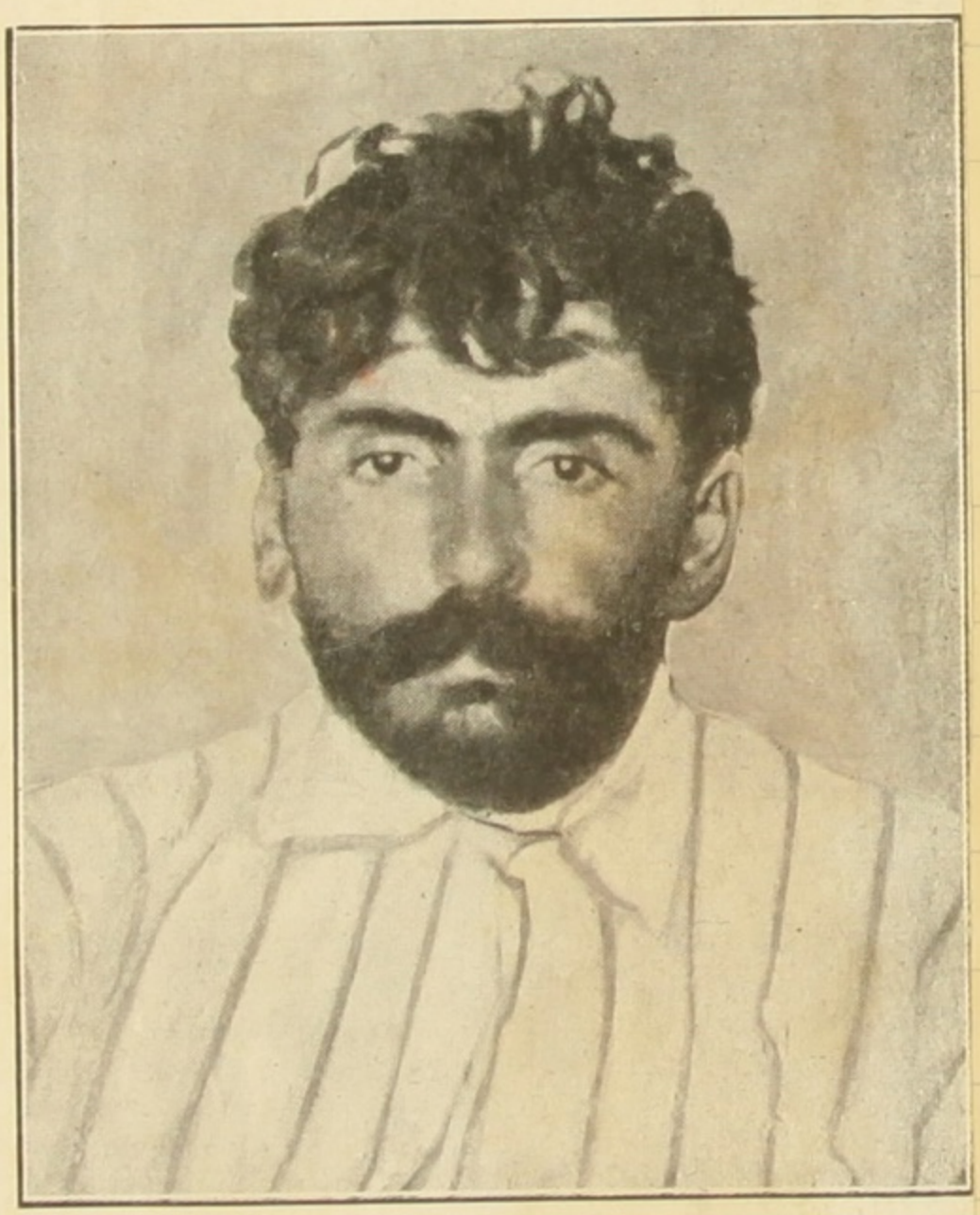
Largo tempo Cocada foi o seu Tenente de confiança.

Antonio Silvino é filho de Balbina de Moraes e Pedro Baptista de Almeida, o qual era semi-cangaceiro e foi assassinado ahi por 1896, em Janeiro, pelo Subdelegado local e por José Ramos da Silva, que foi processado e preso. O delegado, porém, não teve a menor punição, contentando-se o Governo simplesmente em demittil-o, nomeando para seu lugar um farmanaz do sertão pernambucano, Francisco Braz.

Indignado com a injustiça social que lhe faziam, Silvino, ardoroso e herdando qualidades da familia, propensões para a vida rude do cangaço, taras de varias modalidades, talvez com uns vinte e um ou vinte e dous annos, cingiu a cartucheira, poz o *riffle* ao hombro e dentro de poucos dias commettia o primeiro crime.

Encontrou numa vereda invia Manoel Ramos Cabeceira, sobrinho do assassino de seu pai, que vinha em companhia de um tal João Rosa. Com dous tiros certeiros derrubou os dous. Explicava: matára o primeiro, porque era membro da familia inimiga, para ferir o adversario, o matador de seu pai; matára o segundo, para o primeiro

degrão do crime. Topou um dia, á beira de uma varzea triste, o Delegado. Ambos vinham sós. Lutaram ferozmente. Foi um d'esses duellos sertanejos, travados á faca n'um recanto do bosque, tendo por unicas testemunhas os gaviões sobranceiros, alcandorados nos galhos seccos das gamelleiras altas, luta medonha em que ao ruido do pugilato não se junta nem um gemido dos contendores, embora o vencido fique esfaqueado, cahido sobre o panasco, abandonado no silencio vasto da catinga... Antonio Silvino matou-o n'esse dia e durante algum tempo andou foragido por distantes sertões. Depois tornou á



Antonio Silvino, ao ser preso.

Andava de continuo com seis ou oito bandidos. Nunca teve mais. Vivia com uma farda de Major de policia ou Coronel da Guarda Nacional, galões dourados no punho. Seus bandidos usavam velhas fardas de soldados, botões areados, luzindo. Todos tinham divisas como se fossem officiaes inferiores.

D'esse pequeno bando fizeram parte matadores conhecidos nos sertões como Godê, Baliza, João de Banga, Rio Preto, Cocada, Dois Arroz, Tempes-

não morrer sósinho.

A policia perseguiu-o. Deitou-se á catinga. O sertão ganhava mais um cangaceiro. E é assim a *vendetta* matuta e é assim que os carrascaes de nordeste se assemelham ao *maquis* da Corsega.

Moveu-lhe perseguição formidavel o Subdelegado Francisco Braz, homem mui valente e protector da familia Ramos. Antonio Silvino resolveu matal-o. Planejava d'esta sorte pisar o segundo

querencia antiga, á malhada costumeira.

Por essa época, José Ramos, talvez com a cumplicidade das autoridades policiaes, fugira da cadeia e e-condera-se na fazenda da Immaculada, perto do Teixeira, na Parahyba, acolhido benevolamente pelo celebre Delmiro Dantas, senhor feudal d'aquellas paragens.

Voltou do seu homizio o incansavel vingador e encontrou-se com Silvino Ayres, que o convidou para ir á villa

do Teixeira, onde o mesmo desejava vingar-se d'um inimigo. Os dous, com um pequeno bando de asseclas destemidos, cercaram a casa do delegado do Teixeira, mas levantaram o cerco sem proveito, por saberem que os Dantas da Immaculada vinham com muita gente em sua perseguição. Retiraram-se gara Pajehú de Flores e lá ficaram residindo calmamente. Mas a policia não descontiuuava de perseguil-os, atè que um dia prendeu Silvino Ayres. Foi, então, que Manoel Baptista de Moraes passou a chamar-se Antonio Silvino.

De accôrdo, os Governos de Pernambuco e Parahyba continuaram a perseguição do cangaceiro, que já se celebrisava nas versalhadas dos troveiros, sendo factor sem mesmo o saber de todo um cyclo de canções guerreiras, especie de canções de gestas, que correm os sertões, impressas em papel ou na memoria do povo crendeiro. Duas vezes cercado, n'esse tempo, em Matinhas e Fagundes, pelo Capitão José Augusto, Silvino escapou do cerco, baleando a réles soldadesca de policia.

Em 1899, entrou no Estado de Pernambuco e foi sitiar a usina do Major Santos Dias, em Canhotinho. Levava um fim especial — como os guerreiros que assediaram Troya dez annos compridos! Queria tomar uma mulher casada que fugira do marido por não poder supportal-o. Nada conseguiu. Avisado em tempo, o Major Dias occultou bem a mulher, sua filha, e resistiu á bala.

No combate pereceu uma innocente — a irmã da referida senhora.

Como se approximavam soccorros da usina, fugiu, sendo sitiado adiante, em Gravatá de Bezerros, pelo sub-delegado João Gonçalves. Rompendo os duros e espinhentos carrascaes do sertão pernambucano, Antonio Silvino escapou com um braço baleado, refugiando-se na Parahyba e deixando no capinzal e nos foiniços, deitados para sempre, dous companheiros.

No mez de Abril de 1900, em Calaços, o já fallado Capitão José Augusto cercou-o com 38 pracas bem armadas.

O tiroteio foi terrivel. Os bandidos largaram a colher de estanho e o prato, pegaram as clavinas e metteram-se nas tocaias. Haja bala! N'um curioso raconto que fez do combate tempos depois, referindo-se á violencia do tiroteio, para caracterisar o estalido secco das detonações das carabinas « Mauser », Silvino, na sua linguagem pittoresca, disse: « Homem, parecia um tabocal pegando fogo! »

Silvino, baldo de munições, conseguiu romper o cerco e, de fóra, matou com certeiro tiro o Alferes Paulino Pinto, da Policia da Parahyba. Então, o desbarato dos cincoenta homens foi completo com a fuga do chefe audaz. A tropa pegou nove cangaceiros. E, para vingar o seu Alferes morto, o sargento José Lopes mandou sangral-os ao pescoço. Um não deu um gemido: foi o bandido de máos bofes Antonio Francisco.

N'essa fuga, Antonio Silvino foi parar em Pernambuco, onde matou, n'um encontro, o seu inimigo Sebastião Corrêa.

Desappareceu algum tempo.

Depois, surgiu no Rio Grande do Norte, onde o Tenente Tolentino o cercou em Caicós, na fazenda Pedreiras. Foi forte a luta. Morreram muitos soldados e alguns bandidos, entre os quaes um menino de seus 14 annos, assiduo companheiro de Silvino, de quem este dizia fôra o *homem* de mais coragem que já vira. Esse menino era celebre pela sua pontaria certeira. Escapo d'esse aperto de Pedreiras, escafedeu-se para o Ceará, onde repousou occulto alguns mezes.

Mais algum tempo e foram-se sabendo noticias de crimes que praticára após sua volta do Ceará. No Ingá assassinára um homem; em Pinhões, outro; em Figueira, o sub-delegado Francisco Antonio Cabral. Em Nazareth, pleno sertão pernambucano, fugiu de outro cerco da policia. E a lista das mortes que continuava a praticar assombrosamente crescia; em Aroeiras, matou Severino, um esculca da policia; em Mogeiro, tirou a vida de um ex-sargento, um tal Manoel da Paz.

quebrou-lhe nas mãos a fecharia do « riffle ». Deu ás de villa Diogo.

Em 1905, a pedido de um de seus amigos, deu uma surra em um sobrinho de José Gouvêa, sertanejo rico e influente. Este enfureceu-se, tomando a desfeita como um escarneo á familia e ao seu barbaro poderio. Foi á Capital da Parahyba e conseguiu do Governo a sua nomeaçao de capitão de Policia e uma força segura. Foi tambem ao Recife e lá arranjou um forte destacamento, além de armas para os populares que se quizessem devotar á captura do terror dos sertões nortistas.

Antonio Silvino, avisado de sua volta, ia esperal-o em uma bem feita tocaia perto de Caruarú. Mas, um acontecimento imprevisto, salvou José Gouvêa. Precisando munições, o bandido foi á feira animada do Trapiá. Deixou os apaniguados fóra da villa e penetrou no mercado sósinho. Dentro da feira, ao esmorecerem ruidos de prégões e do borborinho da multidão, um homem perguntou-lhe frente a frente se era Antonio Silvino. Respondeu, sobranceiro, que sim. O sujeito descarregou-lhe a garrucha a queima-roupa. Do alto de uma calçada um negro mandou-lhe por trás um tiro de « riffle ». Silvino, não attingido, saccou do punhal e varias vezes o enfiou no peito do seu aggressor, o conhecido Antonio Nicacio, autoridade policial do Trapiá. O negro atirou-lhe á cabeça a coronha do « riffle » e correu amedrontado. O cangaceiro cambaleou coberto de sangue, mas não perdeu os sentidos. N'isto, attrahidos pelas detonações e a gritaria do povaréo, os cabras entraram pelo mercado, doidos de furor, aos berros. A feira foi varrida a bala. Toda a villa se fechou medrosa. Ficaram no chão alguns cadaveres: Antonio Nicacio, apunhalado; um homem do povo, com uma bala no peito; uma criança com os miolos vasando do craneo e um pobre cavallo magro abatido sob o peso dos cassuás cheios de gerimun, por um projectil nos intestinos...

Apôs ter morto em Campina da Parahyba, o seu adversario Manoel Ro-

Antonio Silvino e os seus resistiram e escaparam. O tiroteio durou seis horas. Perseguido de perto, varados os matos onde se acolhia, perquiridas as casas dos seus amigos mais sinceros, palitadas as moitas á bayoneta, o bandido teve de augmentar o bando vagabundo e feroz. Em junho do mesmo anno elle tinha nos seus entrincheiramentos do Surrão, uns cincoenta homens audazes. A policia parahybana andava-lhe no encalço e a de Pernambuco fechava-lhe as fronteiras da terra natal.

A's 8 horas do dia os cangaceiros comiam o seu almoço de carne com pirão na casa de José Gato, um amigo, morador nas cercanias do Surrão, quando foram assediados por 120 soldados, das policias de Parahyba e Pernambuco, commandados pelo Capitão Angelino e o Alferes Paulino Pinto.

1904 registrou no mez de Outubro uma interessante façanha do cangaceiro. Antonio Silvino entrou na villa do Pillar, na Parahyba, fardado de praça da policia, penetrou no quartel do destacamento, onde só estava na occasião um soldado e o carcereiro, tomou-lhes as chaves da cadeia e soltou os presos. Com o auxilio d'estes, prendeu todos os soldados do destacamento, inclusive o commandante, e os metteu na prisão. Depois, exigiu resgate do delegado de policia. Recebeu-o e poz-se no mundo.

A mania deambulatoria, os desejos de luta e sangue, levaram-n'o até os Carirys Novos e até o Ceará, de onde, perseguido, regressou de novo a Pernambuco. N'essa torna-viagem, hospedado em uma casa em Piancó, foi cercado por uma força. Não poude resistir. Uma bala, no inicio do tiroteio, drigues Torres, a 26 de Janeiro de 1906, no lugar Tatús, Silvino deu combate ao Capitão José Gouvêa. Mais ou menos depois de uma hora de cerrado tiroteio em que morreram algumas praças e alguns sequazes, o chefe do cangaço poz-se no bredo, illeso e mais sedento de sangueira do que nunca!

D'essa data em diante pegou-lhe o veso de atocaiar os pobres correios sertanejos, tomar-lhes as malas e queimar toda a correspondencia, isto, dizia elle, com receio de n'ella andarem denuncias dos seus pagos ou ordens do Governo para sua perseguição ou captura. Não podia ler a correspondencia, sendo analphabeto. D'ahi não poder escolher a que lhe seria nociva. Queimava tudo. Apezar de analphabeto, por fanfarronice ou não sei mesmo porque, Antonio Silvino affirmava ás populações

matutas ser espirita e conversar na calada da noite, com as almas do outro mundo. A sua caterva dizia que elle andava sempre fallando só...

E do seu constante escapulir ás mais tenazes perseguições e das façanhas narradas nas trovas dos rudes menestreis, pelas noites de folgança, no terreiro das vendas, e das bravatas, dos crimes, das historias terriveis contadas á socapa, foi-lhe cercando o vulto uma aureola de lenda.

Durante algum tempo, Antonio Silvino foi o maior impecilio aos trabalhos de prolongamento da « Great Western Railway », no sertão de Pernambuco, peior que pirambeiras a pique, desfiladeiros pedregosos, rampas abruptas, socalcos seculares de granito e gneiss, alagados, varzeas apaúladas. Inventou que uns certos terrenos por onde atravessavam os trilhos da Companhia, no Mogeiro, eram propriedade sua.

Durante todo o anno de 1906, perseguiu turmas e engenheiros, impediu trabalhos, cortou fios telegraphicos, poz gente a resgate, obstruiu as linhas já construidas, fazendo parar trens e cobrando direitos de passagem aos aterrorizados passageiros. Por um senhor Francisco de Sá, mandou dizer aos *inguilezes* que aquella terra era sua e exigia pela travessia dos comboios por ella a indemnização de 30 contos de réis.

Reconhecendo a impotencia dos poderes estadoaes contra o selvatico *condottieri*, a Companhia ingleza dirigiu reclamações ao Governo Federal. Partiram para a zona do Mogeiro mais de cem homens do Exercito, do 27º de Infantaria e do 2º da mesma arma,

ceiras e Cachoeira do Caruarú, matando os irmãos Pedro e Antonio Ferreira, na povoação de Mandaçaia.

Por essa época perseguia-o á frente de cem praças do Exercito, o Capitão Rego Barros, de quem fugia sempre, pois nunca teimou em resistir ás forças federaes. Na povoa ridente de Queimados, prendeu todas as autoridades, saqueou o fazendeiro Demetrio Coutinho e, dias depois, incendiava um comboio de fazendas no lugar Rio Grande, comboio esse do seu inimigo Lucas Donato.

Perseguido logo após pelo Alferes José Caetano, por Casimiro Honorio, homem rico e valente, apparentado ao Donato, mandou sua familia mudar-se de Afogados, onde residia, para evitar perseguições, e refugiou-se no Ceará, apezar de andar tentado a enfrentar os perseguidores, porquanto entre elles estava Desiderio Ramos, filho do assassino de seu pai, sobre o qual reza assim uma trova das gestas sertanejas:

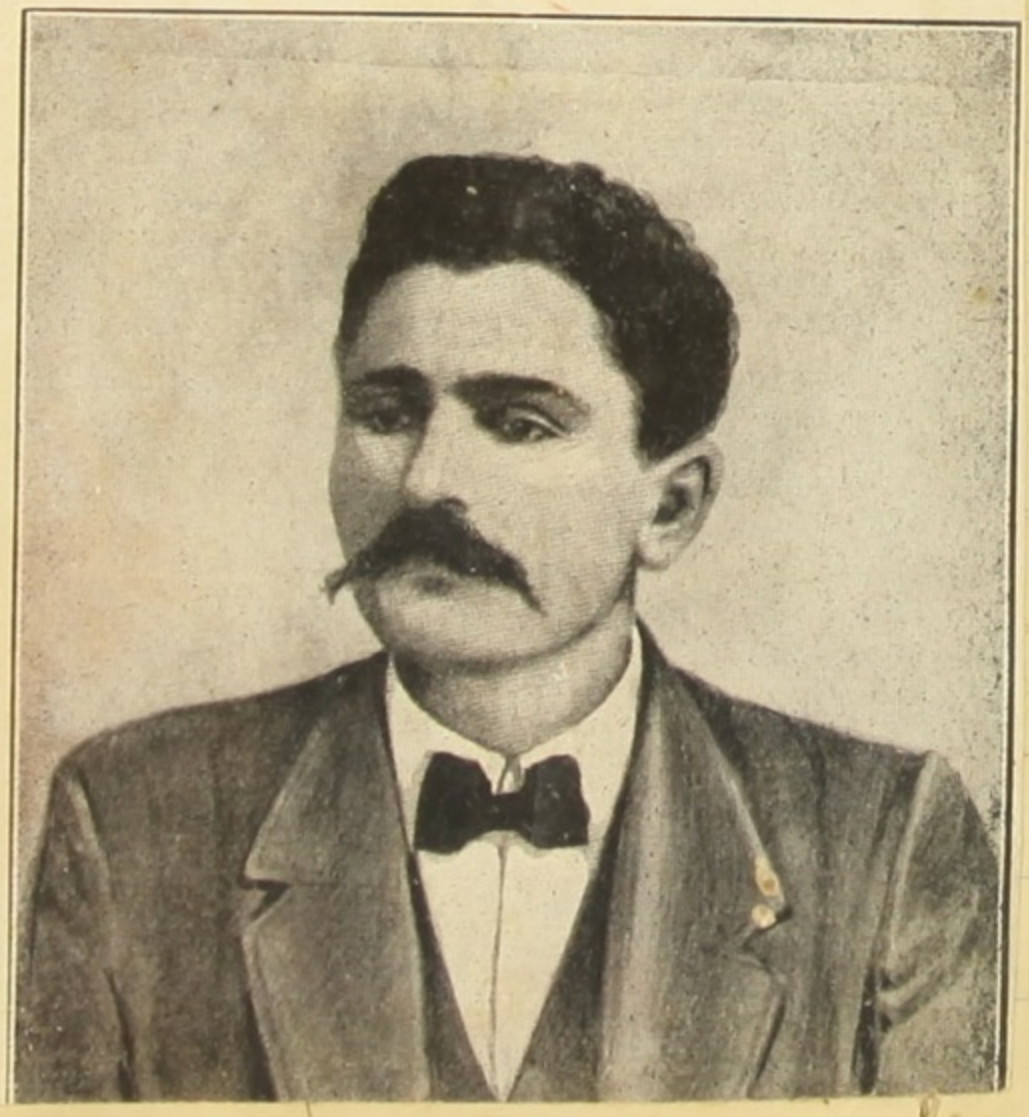
« Se não me mandarem logo
De presente ao cemiterio,
Ou Desiderio me mata,
Ou eu mato Desiderio. »

Uma panthéra assanhada
E' mais mansa do que elle
E muito menos malvada !...

Bebe fogo e não se queima
Pega curisco com a mão ! !
Vidro ralado é pr'a elle
Um excellente pirão !
Mata qualquer innocente,
Sem raiva, sem precisão.

O segundo é um negro
Que acode por Serrote.
Este é uma onça na furna,
E' uma officina de morte !
Seu *rifle* não perde tiro,
Seu facão não falha o corte !

Este negro estando calmo
Não dá um só tiro errado;
Muitas vezes uma linha



commandados pelo Capitão Formel. Temendo a referida força, Silvino eclypsou-se.

Reappareceu d'ahi por diante, sempre de imprevisto, pelas povoações matutas, arrotando a impafia de *procurador do Governo*, saqueando collectorias, mesas de rendas, agencias postaes, cobrando em Esperança, Caruarú, Soledade, Alagoinha, Alagôa Nova, Taquaratinga, Salgadinho e Barra de S. Miguel, impostos dos negociantes e criadores, arrecadando dizimos.

Em Alagôa Nova, surprehendendo o destacamento, tomou até o fardamento dos soldados, que distribuiu com a sua gente, chegando o seu desplante e o seu descaro até o acto de telegraphar ao Governador do Estado, communicando tudo quanto fizera...

Em Serra Verde, perto de Umbuzeiro, matou dous soldados; na villa do Pillar, desarmou e prendeu o destacamento, soltando cinco presos, tomando de D. Ignez Napoleão, alguns contos de réis; raspou os cofres da Collectoria e da Municipalidade! Ao sahir d'essa villa, disse ao seu tenente, fazendo versos: «Em Pilar não achei com quem brigar. Arranjei muito dinheiro, pois sou do Governo herdeiro...»

Em Abril de 1906 saqueou Cabaleiro, Ingá, Machados, Pinhões, São José dos Cordeiros, Lagôa do Remigio, Canafistula, Cebola, Malhadinha, Araçá, Pocinhos, Barra de Santa Rosa, São Miguel de Traipú, Juá, Periquito, Taperoá e Boa Vista.

Retornando do Ceará, proseguiu sua vida de saques, surras e assassinatos, fazendo soffrer vexames aos moradores da Muribecá, de Grossos, Ga-

Intitulava-se, por esse tempo, «Silvino Riffle de Oiro, Governador do Sertão»...

Uma versalhada que corre mundo no interior, assim descreve os companheiros sanguinarios do bandido celebre:

O primeiro d'esses cabras
E' o compadre Tempestade,
A hyena não iguala
A sua ferocidade!

A bala do *rifle* delle
E' tão ferina e certeira,
Que tem matado veados
Na mais activa carreira.
Seu punhal já tem varado
Miolo de Aroeira!

Este cabra é carrancudo:
Nunca deu uma risada!
No dia em que está damnado
Com um tiro elle tem cortado
Já o vi fazer proezas
De que fico admirado!

No dia que elle se zanga
Come pedra e não se entala
Fuma polvora com pimenta
Por bolacha come bala!'..
Atira até na mãi delle
Se em sua frente encontral-a!

O terceiro é um mulato
Que acode por Moita Brava;
Este cabra é mais valente
Do que um touro na cava:
Muitas vezes o pai delle
Ao vel-o se assombrava!

Este, só se alimenta
Do que vê na sua frente
Quando tem sêde por agua
Só bebe sangue de gente!
O seu tiro é mais certeiro
Do que o bote da serpente.

Para este não existe
Nem afago e nem carinho...
Diz que chumbo derretido
P'ra elle é melhor que vinho:
Mata cobra com os dentes
E dá murro em porco espinho!

O quarto é um caboclo
Que acode por Violento.
Este quando está brigando

Antonio Silvino, na prisão.

E' ligeiro como o vento,
A carne do cururú
E' o seu unico alimento...

Este caboclo é tão máo
E tem a cara tão feia,
Que o duro que olhar p'ra elle
Ou corre ou fracateia:
Já matou mais de cincoenta
Sômente de nó de peia!...

O quinto é um mestiço
Que acode por Gato Brabo:
Este cabra tem pegado
Muita onça pelo rabo;
E já tem dado de peia
Até no proprio diabo!

Este cabra quando briga
Faz cousas de admirar;
Dá saltos de oitenta braças!
Não deixa vala o pegar!
Cem tiros em um minuto
Está cançado de dar!

O sexto é um cabra fulo,
Que acode por Azulão:
Este, pegando um soldado
Arranca-lhe o coração.
Assa-o na ponta do dedo.
P'ra comel-o com pirão!

Este cabra Azulão
E' tão perverso e valente
Que só dá uma risada
Quando mata um innocente,
Come cabeça de cobra
E bebe sangue de gente!

E' seu este brocardo: — «Ainda não nasceu homem em quem eu confiasse.»

Tem dous fracos, duas manias pelas quaes é capaz de sacrificar tudo: brilhantes e perfumarias. Unta os cabellos com brilhantina cheirosa, borrifa-se de extractos, molha-se em patchuli, lava-se com agua de Colonia. Os dedos são encaroçados de brilhantes cravados em grossos anneis de ouro. Calcula-se que arrecadava de 6 a 8 contos, mensalmente. Gastava tudo. Distribuia a maior parte do *butin* com a pobreza. Dahi grande popularidade entre as classes infimas do sertão. Passava dinheiro falso a rodo. Nunca se poude saber onde o ia buscar. Sempre pareceu fosse associado a negociantes ricos das regiões onde perambulava.

As suas armas eram um *riffle* Winchester, de 14 tiros, um punhal entrançado de prata, com 12 pollegadas de comprimento, uma pistola Browning e cartucheira duplas, bem attestadas sempre. Outr'ora acceitava pagamentos para matar gente. Depois começou a recusar as propostas nesse sentido.

dos crimes praticados, procurando enganal-o para rehaver dinheiros alheios. O povo, no seu bom senso de quem muito soffre e bem pouco frue, tem sempre, a se traduzir em tudo, um ar de enfado, de troça, de ironia e de birra, que Fialho de Almeida muito bem pintou nos *Gatos*... Antonio Silvino, apezar de chefe temido de sicarios horrendos, servia, muitas vezes, ao cantador popular de conducto por onde se despeja a bilis accumulada nas pretenções abortadas e nas invejas pequeninas...

Em Outubro de 1912, o chefe politico de S. Miguel do Jucurutú, no Rio Grande do Norte, e o Juiz de Direito de Acary, para fins eleitoraes, tiveram longa conferencia com Antonio Silvino, tomando cerveja de parceria. Desta sorte, como não proliferar no Norte o banditismo?...

Em Caicós, no Rio Grande do Norte, uma feita Antonio Silvino fez uma conferencia politica, á qual compareceu toda a população e nella o famanaz prégou idéas eleitoraes, recommendou

Curioso especimen do cruel *panache* sertanejo!

A perseguição ao bandido formidavel não lhe dava treguas tambem. Antonio Silvino começou a evitar as lutas: ou fugia ou se emboscava. Uma feita, em Pedra Lavrada, num apertado de serra, tocaiou o destacamento do Alferes Joaquim Henrique e o desbaratou. O pobre official, baleado, escapou com vida, mas ficou aleijado para toda ella! Contam que num cerco que lhe puzeram soldados de policia, um tal Alferes Mauricio, até lhe atirara uma bomba de dynamite, a qual não explodio.

Escusado é dizer que todos esses factos, augmentados pela versão popular, mais glorificavam o salteador e mais o aureolavam de incontestavel prestigio.

Esse alferes morreu numa pugna com os cangaceiros, heroicamente. Tanto odio lhe votava o Silvino, que esmigalhou com uma pedra a cabeça do cadaver e ordenou aos sequazes que cada um enterrasse a faca de arrasto no pobre corpo do valente official! E chegou a ousadia do quadrilheiro ao ponto de, por vezes, mandar avisar a policia do lugar onde estava...

Antonio Silvino não montava a cavallo. Andava systematicamente a pé, fazendo 18 leguas em 24 horas. Incapaz de faltar ao respeito a uma mulher, pois tem o culto pundonoroso da honra completa das familias, não acceitava pousadas. Preferia dormir ao relento.

Jagunços e cangaceiros, Antonio Silvino e outros que taes, não são nem podem ser productos exclusivos, unicos do sertão nortista. Sempre existiram no seio dos outros povos. Viveram mais cedo, porque a evolução foi outra. Para o nosso sertão agora é que chegou a sua época. Apezar de tudo, de sua propria popularidade entre a massa geral da população, para o sertão agreste, Antonio Silvino era um pesadello. Quando elle se acoutava em qualquer parte, desapparecia por algum tempo, o sertão respirava desafogado. Então, surgiam as canções que o celebrizam. Logo elle voltava a saquear, a rapinar, a matar. Até o estro dos trovistas se apagava, se occultava com temor. Nas lendas em verso elle apparece com bravatas terriveis a Roldão e a Ferrabraz de Alexandria, trombeteantes, como a corneta de Roncesvalles. E ao derredor dessa celebridade sertaneja, desse magno expoente do crime, dessa potencia do mais completo e caracterisado banditismo, vai se adensando um halo de mysterio e de lenda. A figura mestra do bandoleiro domina o scenario e em torno o troveiro borda, com o heroico fanfarrear das bravatas, o commentario ironico á matutice das autoridades bisonhas ou corruptas, ou mesmo criticas mais fortes, mais mordazes, mais ferinas.

Em uma longa poesia sertaneja apparece um padre a conversar com Antonio Silvino, prégando-lhe o arrependimento

candidaturas e assentou cobranças de dizimos para si e para a sua horda. Em Conceição do Azevedo o mandão local recebeu-o um dia com musica e foguetes. O promotor de Serra Negra arranjou um bilhar para jogar com elle. Dahi se vê bem como autoridades e chefes locaes protegem cangaceiros, que vivem de pilhar os pobres e os cofres das collectorias, auxiliando talvez os collectores a encobrir desfalques...

Para terminar a vida de tão famoso reprobo social — um bello episodio do sentimento cavalheiresco que o sertanejo herdou do bandeirante juntamente com a ferocidade do tapuia, para no decorrer de dous seculos e meio não perder nem um nem outro, antes os possuir em mais refinada dóse, porque a sua evolução social parou:

Alfredo Chianca, valente fazendeiro, sósinho, dentro de sua casa resistio uma vez a Antonio Silvino e seu bando. Disparou mais de vinte tiros pelas frestas abertas na taipa das paredes. Terminada a munição, esperou-o á faca. Antonio Silvino arrombou a porta e penetrou na habitação. Dirigio-se a Chianca e estendeu-lhe a mão. O outro deixou cahir a pagehú. Abraçaram-se diante da matúla sanguisedenta e admirada do impulso generoso do chefe. Silvino murmurou commovido: — «Tu és um homem!» Dahi por diante ficaram amigos.

João do Norte

Programma do Theatro Municipal - Rio - Norte de 24 de Set.º de 1915
Festival pró-flagellados do norte promovido por estudantes de medicina

1ª parte: recitativo
2ª " " : musicas
3ª " " : drama.

PARTE DRAMATICA

O SANGUE NÃO MENTE

Drama original cearense, em 2 actos, por João do Norte (Gustavo Barroso). Escripto especialmente para ser interpretado pelos academicos: Mlle. Rachel Winitscowski, Eurico de Mattos, Armando Gayôso, Henrique Klutzenchell, Manoel Vieira Filho e Josino do Nascimento Silva, sob a direcção do actor João Barbosa (professor da Escola Dramatica).

(Original perdido)

"Diario Official" - 19 Set.º 1915

163

101ª SESSÃO, EM 18 DE SETEMBRO DE 1915

PRESIDENCIA DO SR. ASTOLPHO DUTRA, PRESIDENTE

A's 13 horas, procede-se á chamada a que respondem os Srs. Astolpho Dutra, Soares dos Santos, Arthur Collares Moreira, Costa Ribeiro, Mavignier, Antonio Nogueira, Ephigenio Salles, Justiniano Serpa, Luiz Domingues, Elias Martins, Antonino Freire, Thomaz Rodrigues, Gustavo Barroso, José Luno, José Augusto, Alberto Maranhão, Camillo de Hollanda, Balthazar Pereira, Julio Maranhão, Gonçalves Maia, Erasmo de Macedo, José Paulino, Felisbello Freire, Aguiar Mello, Pedro Lago, Octavio Mangabeira, Palma, Ubaldino de Assis, Augusto de Freitas, Eugenio Tourinho, Diocleciо Borges, Thomaz Delphino, Vicente Piragibe, Souza e Silva, Ramiro Braga, Felix de Miranda, Mario de Paula, Pedro Luiz, José Gonçalves, João Penido, Senna Figueredo, Antero Botelho, Lamounier Godofredo, Domingos de Figueiredo, Fausto Ferraz, Francisco Paolielo, Jayme Gomes, Alberto Sarmento, José Lobo, Arnolpho Azevedo, João Pernetta, Alberto de Abreu, Eugenio Müller Alvaro Baptista, Evaristo Amaral, Antunes Maciel Junior, Ildefonso Pinto, Marçal Escobar, Rafael Cabeda e Joaquim Osorio (60).

Abre-se a sessão.

O Sr. Mavignier (*1º Secretario, servindo de 2º*) procede á leitura da acta da sessão antecedente, a qual é, sem observações, approvada.

O Sr. Presidente — Passa-se á leitura do expediente.

O Sr. Costa Ribeiro (*1º Secretario*) procede á leitura do seguinte

EXPEDIENTE

Officio do Ministerio dos Negocios da Fazenda de 17 do corrente, satisfazendo a requisição desta Camara constante do officio n. 150, de 5 de agosto, sobre o requerimento de informações relativo ao pessoal dispensado da Imprensa Nacional. — A' quem fez a requizição.

O Sr. Presidente — Está finda a leitura do expediente.

O Sr. Raul Veiga — Peço a palavra pela ordem.

O Sr. Presidente — Tem a palavra o nobre Deputado.

O Sr. Raul Veiga (*pela ordem*) — Sr. Presidente pedi a palavra pela ordem, para communicar que o meu collega de bancada Sr. Verissimo de Mello é forçado a faltar a algumas sessões por motivo de molestia em pessoa de sua familia.

O Sr. Presidente — A Mesa fica inteirada.
Tem a palavra o Sr. Gustavo Barroso.

O Sr. Gustavo Barroso — Sr. Presidente, dizia Saint Simon que, para os homens politicos, sómente as cousas politicas tinham sabor especial, sem o qual não podiam passar.

Não venho, absolutamente, tratar de assumpto politico, e, assim, espero que bem pouca attenção mereça da Casa.

Venho tratar um pouco de uma das faces do grande e grave problema do sertão brazileiro.

Desde 1614, Sr. Presidente, a eloquencia synthetica dos relatorios coloniaes clamava junto ás côrtes de Lisboa por medidas que attenuassem os effeitos das seccas nas capitanias do nordeste do Brazil. Essas medidas o Governo imperial e o Governo da Republica puzeram em pratica durante alguns annos, despendendo milhares e milhares de contos; foram, porém, quasi nenhuns os resultados colhidos até hoje, porque

a acção governamental se resentia e se resente da falta completa de continuidade na orientação geral dos seus planos, e porque sempre, em todos os serviços feitos contra as seccas, maiores despezas se realizam com os funccionarios do que com as obras a effectuar.

O Sr. Luiz Domingues — Isso se póde entender com os serviços, em geral, no nosso paiz.

O Sr. Gustavo Barroso — Foi sempre assim, em todos os serviços do Governo do Brazil.

Sempre se considerou uma forte necessidade combater o flagello que assola a zona do nordeste brazileiro, que infelicita as suas populações, que a despovôa, que atira para a Amazonia milhares e milhares de familias. A simples comprehensão da necessidade dessas medidas não é bastante.

E' necessario combater tenaz e systematicamente; é preciso agir; o Governo da Republica tem agido, mas tem agido fraccionadamente, tem agido aos empuxões, tem agido com soluções de continuidade, sem orientação segura, podemos dizer.

O Sr. Luiz Domingues — E' preciso agir, antes da secca, durante a secca e depois da secca, mas principalmente antes da secca.

O Sr. Gustavo Barroso —V. Ex. tem razão.

O Sr. Luiz Domingues — Estou apoiando V. Ex.

O Sr. Gustavo Barroso — Dessa falta de continuidade, de orientação geral, teem nascido a dispersão dos esforços, a improficuidade completa de todas as medidas. Todos os serviços de combate á secca do nordeste teem passado por extraordinarias modificações e variações. As commissões teem mudado de titulo, as repartições teem variado infinitamente de nome, e cada chefe novo que o Governo nomea para superintender esse serviço traz, para minorar a fome e a sêde de tres milhões de brazileiros, mais ou menos, simplesmente a doçura maravilhosa de suas promessas e a orbita gigantesca de seus planos e sonhos. E é só.

O Sr. Luiz Domingues — Muitas vezes, até, parece que os flagellados eram os funccionarios nomeados... (*Riso.*)

O Sr. Gustavo Barroso — Todas as innovações theoricas se teem feito e debatido e apresentadas teem sido todas as theses possiveis.

Em mil oitocentos e cincoenta e tantos, não me lembra a data precisa, o governo imperial cuidou que melhoraria a sorte do nordeste mandando acclimar no Ceará os dromedarios da Africa, como animaes que tivessem maior resistencia do que o gado soffredor do Ceará, cujas caracteristicas de resistencia á secca, de força e vitalidade, a hereditariedade e a raça lhe teem dado durante tres seculos.

Teem se discutido a açudagem, a lavoura secca as irrigações, as canalizações, as barragens; tudo se tem debatido e pouco se tem feito.

Dura verdade é que, Sr. Presidente, o problema ainda está para ser resolvido; é que o sertanejo, o pária do nordeste brazileiro, ainda tem fome; no momento em que estou fallando morre de fome!

A actual Inspectoria de Obras contra a Secca tem produzido alguns resultados maiores, simplesmente porque tem tido durante alguns annos uma certa estabilidade, isto mesmo lutando com grandes difficuldades, devido á deficiencia de suas verbas, á politicagem de seus chefes de secção em varios logares, e á differença monstruosa entre a verba de material, que é pequena, e a verba pessoal, que é grande.

Assim mesmo, para essa inspectoria o Congresso já prepara um córte de 300 e tantos contos, si não me engano, ninharia na poupança orçamentaria, na economia geral da Nação, e golpe seguro e forte na estructura do funccionamento da repartição.

Não sou dos que creem em uma panacéa para o mal do nordeste. Acho que para cada zona da região semi-arida se deve empregar uma medida de accôrdo com as suas condições.

O Sr. Justiniano de Serpa — V. Ex. está sendo contradictorio; attribue a inefficacia dos planos do Governo relativamente ao assumpto á quantidade immensa de funccionarios e á insufficiencia da parte da verba referente a material, e em seguida censura o Congresso porque reduz o pessoal

Um Sr. Deputado — Reduz a verba; não destaca de pessoal para material.

O Sr. Justiniano de Serpa — Reduz no pessoal.

O Sr. Gustavo Barroso — Eu não sou absolutamente incoherente, não apontei essa causa como a unica.

Um Sr. Deputado — V. Ex. não combate propriamente o pessoal.

O Sr. Gustavo Barroso — A inspectoria tem necessidade de certos funccionarios para os seus serviços de estudo.

O Sr. Justiniano de Serpa — Isso é outra cousa. V. Ex. se referia ao *quantum* subtrahido á despeza geral. Eu pondero que uma vez que a subtracção é feita no que diz respeito ao pessoal, está de accôrdo com a doutrina de V. Ex.

O Sr. Gustavo Barroso — Por que a Commissão de Finanças, de que V. Ex. faz parte, não transportou essa verba cortada de pessoal para material ?

O Sr. Justiniano de Serpa — Vê-se bem, permitta-me dizel-o, que V. Ex. não estudou o assumpto sob esse aspecto. A Commissão de Finanças fez mais do que transportar a verba de 300:000$ para o material; deu ao Governo todos os poderes para tratar de defender a população do nordeste contra a secca.

Está na lei votada sobre emissão a autorização ampla para abrir os creditos que se tornarem necessarios nesse sentido

O Sr. Gustavo Barroso — Não creio em uma panacéa para a região do nordeste. Acho que a cada uma das zonas da região se deve applicar uma medida accórde com as suas condições e meios. Aqui póde dar benefico resultado a irrigação, a grande açudagem; alli, a arborização, adeante a lavoura secca, nesta zona barragens, naquella as represas, as canalizações.

O Sr. Jose' Augusto — Em outro ponto os poços artezianos.

O Sr. Gustavo Barroso — Perfeitamente.

Acima de todas estas, porém, a medida mais completa e mais salvadora daquella zona está na viação-ferrea, que leva aos sertões os meios de progresso, o desenvolvimento commercial, e com este a diffusão das riquezas publicas e o bem estar das populações.

Um Sr. Deputado -- A viação-ferrea é o primeiro aspecto do problema, mas não é o unico.

O Sr. Gustavo Barroso — E' justamente o que acabo de dizer: que é um dos meios mais completos, mais fortes, um dos remedios melhores, talvez o principal; não disse que era o unico.

Agora, as estradas de ferro se ligarão as serras ferteis, ás regiões productoras, pelas estradas de rodagem, tão altamente necessarias, e que a Inspectoria contra a Secca tem estudado e estão em via de trabalho.

Não ha exemplo, Sr. Presidente, de povo que mais soffra do que o povo da zona nordeste; e peço permissão á Camara para ler algumas palavras que, a este respeito, escreveu no *Jornal do Commercio*, da tarde, no artigo intitulado «Os párias do sertão», o Sr. Victor Vianna, jornalista que muito se tem occupado dos assumptos nacionaes.

São ponderadas e verdadeiras as suas considerações.

Diz Victor Vianna:

«Como é forte, serena, tenaz a boa gente do interior! No seu coração ha reservas de generosidade, de resignação, de coragem. Não ha contratempo que abata um sertanejo. Ora, essa gente tão sadia e tão capaz vive abandonada. A natureza que a cerca é formidavel. A inconstancia de seus phenomenos exige trabalhos, preoccupações continuas, esforços ininterruptos. Ha mais de 70 annos publicistas, homens de

Estado, aventam soluções para as calamidades da natureza agreste do sertão.

E essas soluções nunca se afastam afinal do exemplo maravilhoso que nos apresentam terras em condições semelhantes na India, no Egypto, nos Estados Unidos. Todo mundo sabe, mais ou menos, disso.

Os governos do Imperio e da Republica organizaram varias commissões de estudos e trabalho; muitas obras começaram e alguns açudes chegaram a ser concluidos.

Mas nunca se effectuou com methodo um systema completo, uniforme e salvador. Todas as tentativas falharam como acção de conjunto. Tudo ainda está por fazer.

Através da consolada alegria do viver dessa gente percebe-se como é resignada, boa, corajosa e franca. Não se revolta. Não protesta. Não se agita. Só os cangaceiros perturbam a paz do sertão. Os outros não demonstram constrangimento. Sentem-se felizes. Eternos espoliados!

166

As condições dos camponezes russos que fazem *ajarabathr* terriveis, dos *jacques* francezes, que fomentavam a anarchia espontanea de Taine, dos lavradores italianos que organizam paredes tremendas, dos irlandezes que tanto agitaram a politica ingleza, não eram inferiores ás desses bons sertanejos que não protestam e nada exigem.

Entretanto são os *párias* da nossa civilização. Não recebem do Estado o menor amparo. Não teem escolas. Não teem viação sufficiente. Não teem legislação que lhes garanta o trabalho.».

Nessa mesma época, nesse mesmo jornal, o Sr. Meira e Sá dizia em lucido artigo:

«E a um povo assim, soffredor, pertinaz e operoso, cujo trabalho «mesmo nas circumstancias desfavoraveis em que age», *tem feito obra consideravel*, que póde fornecer *preciosos elementos* para a organização de um plano verdadeiramente efficaz de combate aos effeitos das seccas, que não só impediu que a zona sossobrasse infallivel e definitivamente aos embates do flagello, como ainda, a despeito de tudo, imprimiu-lhe um movimento de progresso, será justo, será patriotico, será politico, será humano, deixal-o abandonado a si mesmo? entregue aos seus exclusivos recursos conara as cegas, potentes e destruidoras forças da natureza, em qualquer calamitosa conjuntura, ou quando se trata de obter os meios de evitar, jugular ou attenuar senão extinguir de todo os seus desastrosos effeitos?!

A negativa impõe-se positivamente. Em um paiz vasto, como o nosso, que é preciso povoar e desenvolver, para o que se veem consumindo, de longa data, sommas collossaes, mandando vir pessoal do estrangeiro, chega a ser um illogismo bronco e falta de piedade, mesmo um crime de lesa-patria, deixar que, num lento e trabalhado martyrio sossobre definitivamente, aos embates do flagello, uma larga faixa de terra nacional, de si mesma feracissima e já densamente povoada; que se extingam, morram ou se dispersem, acossados e desorientados duramente pela desgraça os seus habitantes, já adaptados ao solo, como se fossem folhas seccas imprestaveis, arrebatadas pela tempestade e a terra fosse um pedaço do inferno, que todos devessem amaldiçoar e desprezar.»

E esse povo, Sr. Presidente, extraordinario, no periodo de 300 annos, de tres seculos, tem soffrido os horrores de 23 seccas!

O Sr. Luiz Domingues — E' fóra de duvida que, si não fôra a resistencia heroica do cearense, o Ceará teria desapparecido.

O Sr. Gustavo Barroso — Qual o povo do mundo que tem demonstrado tão grande resistencia?

O Sr. Luiz Domingues — Quando esse povo soffredor é abandonado pelo Governo Federal, dá á Patria um Estado em formação, o Acre...

O Sr. Gustavo Barroso — Quasi toda a Amazonia. Mais do que tudo, falta ao sertão um pouco de instrucção.

Desde as primeiras explorações lusitanas; desde as primeiras bandeiras de paulistas que vararam os carrascaes do nordeste e foram até ao Piauhy; desde as primeiras feitorias hollandezas até hoje, nunca mais o sertão aprendeu nada. Foi o jesuita que ensinou, e, desapparecido este, nunca mais o sertanejo aprendeu.

Sómente as populações que albergam immigração estrangeira, prosperaram; as outras ficaram o que eram nos seculos dezesete e dezoito — no vestir, no sentir, no plantar, no colher, no verso improvisado ao desafio, na trova dormente do troveiro sertanejo.

Em torno de todas as igrejas do interior se encontra a ruina das casas dos padres, de onde se derramavam em derredor, pelos aldeiamentos de indios, bandeirantes e lavradores, o *a b c* e as preliminares praticas de todas as industrias, de todas as sciencias, e, para os misteres do campo, do gado, o reduzido cabedal scientifico ou pratico da época.

Essa é uma verdade tão segura que se não póde negar. (*Muito bem!*)

Depois que o jesuita foi expulso, nunca mais o sertão aprendeu.

A escola publica, no Imperio e na Republica, é uma ficção perigosa em certos Estados. E' um simples vehiculo de politicagem.

As eleições e outras tranquibernias da politiquice gyram muitas e muitas vezes em torno das pobres professoras e professores publicos, que ganham uns oitenta e noventa mil réis por mez.

O Sr. José Augusto — Meu Estado, felizmente, faz excepção: paga 200$000.

O Sr. Gustavo Barroso — No Ceará ganham 85$, deduzindo-se ainda desses vencimentos o aluguer da casa.

Talvez o sertão precise tanto de escolas, como precisa de açudes e de estradas.

O Sr. Luiz Domingues — Com instrucção e transporte, tudo o mais está resolvido. (*Apoiados.*)

O Sr. Gustavo Barroso — Sr. Presidente, eu não me alongarei mais nestas considerações, e sómente direi á Camara que, neste momento, tres milhões de brazileiros continuam a padecer fome, que 95 °|° do gado existente no nordeste brazileiro já desappareceu com a secca, e que as populações continuam a emigrar, segundo diz o telegramma que hoje recebi da Associação Commercial de Fortaleza:

«Deputado Gustavo Barroso. Rio — Associação Commercial roga interesse bancada sentido generos primeira necessidade de outros Estados passem ser classificados extra da tarifa sexta classe, semelhança iguaes productos deste Estado; bem assim reducção fretes cargas vivas emquanto perdurar crise. Medidas tomadas actual director Dr. Couto Fernandes vão satisfazendo todas classes. Insistam execução immediata obras publicas, especialmente prolongamentos. Fome lavra intensamente. Grande agglomeração famintos capital, estações vias ferreas. Interior, famintos devastam propriedades, resto gados e ameaçam saque, allegando melhor morrer á bala que de fome. Exodo avulta espantosamente. Saudações. — *José Gentil.* — *José Brazil*, presidente e secretario associação.»

O Sr. Luiz Domingues — A' bala a morte é mais rapida; elles teem razão.

O Sr. Gustavo Barroso — Sr. Presdente, peço a V. Ex. que consulte á Casa si permitte a publicação, no *Diario do Congresso*, do topico da mensagem do coronel Benjamin Liberato Barroso, Governador do Ceará, referente á secca, documento que envio á Mesa. (*Muito bem; muito bem.*)

Consultada, a Camara consente a publicação pedida.

DOCUMENTO A QUE SE REFERE O SR. DEPUTADO GUSTAVO BARROSO

Está no dominio de todos a desgraça que nos tocou este anno. Embora avisado das seccas e acostumado ás suas agruras, o nosso povo não tem e não poderá ter tão cedo a previsão necessaria para prevenir-se e precatar-se contra os seus effeitos, porque nem todas as medidas de defesa estão em suas mãos. As observações registradas de secca, em annos anteriores, através de pouco mais de um seculo, ainda não são sufficientes para trazer ao nosso espirito a segurança da fixação do tempo de sua realização.

A incerteza e a duvida entregam-nos inopinadamente ao flagello innominavel, mas animados de uma resignação admiravel. Expatriam-se uns, morrem outros de fome, de miseria e de peste, mas logo que se desata o inverno sobre o solo querido, os cearenses esquecem a inclemencia de nosso céo, perdoam-lhe os seus padecimentos, enxugam as lagrimas, transformando-as em gottas do suor bemfasejo do trabalho. Ligados assim ao torrão natal, maravilhosamente encantados das nossas manhãs invernosas, das nossas sorridentes primaveras, dos nossos campos e palmeiraes, da uberdade do solo humedecido, do nosso céo azul e doce der-

ramando a agua fertilizadora de nossas serranias e varzeas, apegados tão fortemente á terra de seu berço como o filho do pobre e do rico, igualmente amorosos aos paes, como os filhos do Sul que pedem emigrantes europeus para lhes ajudarem no desenvolvimento de suas riquezas naturaes, os cearenses pedem e clamam apenas que lhes reservem dias menos asperos quando attingidos pelo flagello indomavel. O cearense, tendo o direito de amar o solo natal, com igual intensidade que outros brazileiros amam riquissimos e mais felizes recantos de nossa adorada Patria, não deve ser acorocoado a abandonal-o porque elle lhe é necessario ao amor e á vida. Desde muito, pois, se vem impondo ao Governo federal o dever de preparar uma melhor situação aos brazileiros que habitam toda a região de seccas periodicas com serviços uteis que os defendam, nos annos de crise, das flagellações inenarraveis da miseria e da fome. Organizar em tempos normaes um serviço systematizado de obras de defesa contra as seccas é um problema que se impõe á consciencia nacional. O governo passado, despertado por um sentimento de patriotica inspiração, iniciou os serviços necessarios pela organização de commissões administrativas e technicas que estudassem todos os meios de diminuir, senão eliminar, por completo, os effeitos do flagello sem par. Fizeram-se estudos de alta valia, começaram-se construcções importantes, explorações technicas foram levadas a grandes regiões dos Estados do Norte; parecia que o Ministerio da Agricultura, então recentemente creado, ia solucionar definitiva e completamente o problema das seccas, além de fomentar por todo Brazil o aperfeiçoamento da industria agro-pecuaria. A esperança de dias mais felizes nos sorriu, alentando as energias deste povo, ao contemplar promissores horizontes de mais segura prosperidade, com melhor garantia da sua riqueza. Infelizmente, porém, em pouco tempo, assistimos ao desmoronar de tão caras illusões; rebalsou por todo nosso paiz uma grande crise financeira, tudo parou, cessando a promissão salvadora. Pareceres ha de que ao Estado, melhor interessado na solução desse magno problema, caiba prover-lhe os recursos indispensaveis. Está, porém, na consciencia de todos a impossibilidade material de tão grande empreendimento. Nem a prosperidade avantajada de outros Estados deve aos seus proprios recursos, mas, sim, ao poderoso concurso das rendas de todos que são pela União devolvidas englobadamente em beneficios dos mais sympathicos, geralmente localizados na região sul. Os prejuizos materiaes que [illegible]a nos causa são incalculaveis, com precisão não podem ser avaliados. Só a sua pecuaria, que até ao começo deste anno era avaliada em duzentos mil contos, fica reduzida, depois de um anno de secca, á quarta parte.

Bem se vê que uma grande parcella da riqueza nacional desapparece em poucos mezes, por falta de defesa, que consiste na applicação de um pequeno capital, em obras de açudagem e irrigação.

Neste ponto a nossa imprevidencia tem sido até criminosa porque, desde o Imperio, se gastam sommas enormes nos momentos de secca para soccorrer as populações flagellados, certo de que, já a esse tempo, a sua pecuaria tenha desapparecido. Ao passo que com o serviço systematico de obras contra as seccas em dez ou vintes annos, despendendo apenas um ou dous mil contos annuaes, se alcançaria defender e fazer progredir a respeitavel somma de duzentos mil contos (200.000:000$), que dentro de dez a quinze estaria forçosamente elevada ao dobro. Tem sido assim a historia das seccas: Menifesta-se a crise, o Estado pede soccorro, como agora succede, o Governo Federal providencia, mandando fazer serviços ou dando esmolas como no Imperio; vem o inverno, no anno seguinte, suspendem-se todos os trabalhos por aviso official, o povo corre para seus lares e todas as obras iniciadas e por concluir ahi ficam ao abandono, deteriorando-se, até que surge outra crise e restabelece-se o mesmo systema de nossa incapacidade technica e pratica.

Nestes ultimos 70 annos o Ceará passou por cinco seccas, sendo uma de tres annos successivos.

Durante essas crises o Governo terá gasto, em numeros redondos, sessenta e cinco mil contos ou sejam mil contos em média annual.

E durante tão longo tempo, quasi tres quartos de seculo, nos achamos agora nas mesmas condições deante da perspectiva de grandes despezas por parte do Thesouro Federal, depois de ter o Estado soffrido na riqueza de seu povo o colossal prejuizo de sua lavoura, representada pela quantidade de cereaes a importar para sua manutenção, a deficiencia de seus productos de exportação, avaliados em doze mil contos de réis, que ficarão reduzidos a couros e pelles, cêra e borracha em pequena escala e na pecuaria, só na população bovina, por morte, cerca de quarenta mil contos até agora.

De modo que, para se não gastar um ou dous mil contos de réis annuaes por um espaço de tempo relativamente curto, se deixa correr para o anniquilamento riqueza representada por sommas tão avultadas e sem exageros.

- Nessas conjecturas bem fundadas não estão arrolados os prejuizos bem maiores ainda da população que desapparece do Estado, uma grande parte por morte e outra por emigração. Todo mundo sabe porque é pratico, observando materialmente, que durante as seccas, as populações sertanejas se agglomeram sem conforto, sem hygiene, entregues ás cogitações de que nem reparam na sua desgraça porque só buscam salvar a vida de um grande perigo occorrente.

A peste quasi sempre acompanha a esses infelizes, fazendo-lhes grandes estragos. As pessoas que morrem aos milheiros reduzidas a dinheiro que seus esforços representam, alinham em grandes parcellas de uma somma descommunal.

847

cargos publicos, segundo as respectivas habilitações»; e accrescentava em outro paragrapho que «a pessoa que tratasse os conjuges mestiços e seus filhos por *caboclo*, ou outro nome que pudesse parecer injurioso, o ouvidor, por sentença sua, sem appello nem aggravo para tribunaes superiores, a expulsaria dos limites da comarca.». Isto é prova de que o Governo Portuguez da época enxergara a necessidade social de fundir a população e de não isolar o indio.

O exemplo máo do isolamento de uma raça no seio de outra está visivel e palpavel nos Estados Unidos, que até hoje não conseguiram, tendo feito a abolição da escravatura muito antes que nós, diminuir a sua população negra. Ao contrario, têm augmentado, dia a dia, o numero não só dos negros do paiz como dos das Antilhas, que se refugiam no sul dos Estados Unidos.

O Sr. Dunshee de Abranches — Ha um estudo interessante do Sr. Roosevelt, comparando o que a respeito se dá, nos Estados Unidos e no Brazil.

O Sr. Gustavo Barroso — Sobre este ponto, ha algum tempo escrevi no *Jornal do Commercio*, artigo de critica a um livro muito curioso do Sr. Harrison Johnston, intitulado «The Negro in the New World», no qual abordei o assumpto sob o aspecto brazileiro, do preconceito entre brancos e negros, e então disse:

«E' mais que certo que o braziliero tem aversão ao negro, ao indio, ao mestiço. Todo brazileiro quer ser branco. E' quasi insulto chamal-o mulato, cabra, caboclo ou mameluco. E isto é extraordinariamente logico. Nós nos educamos a considerar das tres raças que nos cercam a branca como superior, vendo por todos os lados que para igualal-a em intelligencia e outras qualidades tendiam todos os esforços. Concorreram outras causas. E demais sempre vimos o branco como dominador, orgulhoso e o negro, apezar da sua affectividade, reduzindo á humilhante condição de escravo, e o indio, máo grado seu valor guerreiro, seu grande amor da liberdade, extinguindo-se, fugindo, deixando o campo livre á invasão européa.»

O Sr. Dunshee de Abranches — O preconceito vae até mais longe: só queremos ser latinos.

O Sr. Gustavo Barroso — E' facto, e até os que teem metade de sangue germanico, como eu, tambem se dizem puros latinos...

O Sr. José' Augusto — E V. Ex. o é pela sua formação espiritual; será uma questão de civilização, de cultura, si não de raça propriamente.

O Sr. Gustavo Barroso — Proseguindo no que expunha, devo dizer que, ao lado desse estatuto que citei, demonstração da largueza de vistas, da superior política de Pombal, que, dada a differença de épocas, póde ser considerado de visão tão segura quanto os maiores estadistas de hoje, a vida colonial dá testemunho das maiores barbaridades contra os indios, havendo um pequeno rastro luminoso, a passagem dos jesuitas, este mesmo caracterizado pelo trabalho systematico contra o cruzamento das raças.

Para mostrar como os jesuitas impediam o cruzamento, basta o capitulo XIV do Regimento das Missões, onde se diz:

«Ordenamos que nas aldeias se não conceda hospedagem a pessoas seculares, salvo si fôr algum devoto ou pobre passageiro, ou por pouco tempo, que só poderão fazer os superiores. E si algum indio ou india recolher alguma pessoa de fóra na aldeia e a deixar pernoitar sem licença do padre superior, seja logo castigado com 30 açoites e dous dias de tronco, pela primeira vez e pela segunda dobrado.»

O Sr. Pedro Moacyr — A proposito do assumpto de que V. Ex. está tratando, convem dizer que, nas Missões do Paraguay, occorria processo differente: os jesuitas chegavam até a estabelecer regras minuciosas para a procreação da especie; fixavam a hora, aliás muito matinal, 6 da manhã, em que o indio devia render esse culto á humanidade... (*Riso.*)

O Sr. Gustavo Barroso — V. Ex. traz ao meu discurso uma contribuição historico-jocosa admiravel...

A historia colonial está cheia de cartas regias mandando liquidar da maneira mais summaria possivel o gentio existente no Brazil, maxime no tempo em que corria a lenda de que os tupys, vindos do norte do paiz, impellindo deante de si a raça tapuya, traziam ouro em bruto, em pepitas, que, devido á perseguição, enterravam no sertão, marcando os logares com grandes pedras, em que esculpiam certas e determinadas figuras, com fundos traços a buril tosco e cheios de um betume feito com tinta de *urucú* ou outra substancia indigena, muito vermelha, e que ainda hoje se encontram. Em 1907, em uma viagem que fiz ao sertão, tive ensejo de tirar *croquis* dessas gravuras feitas pelos indios; tenho-os aqui, não podendo, porém, sahir no *Diario do Congresso*, porque a Camara não «faz clichés»... (*Riso.*)

O parecer da honrada Commissão de Justiça sobre a lei dos indios cita as cartas regias de 13 de maio, 5 de novembro, 2 de dezembro de 1808 e 1 de abril de 1809, que mandavam declarar guerra aos *botucudos* de Minas e aos *bugres* de S. Paulo, dispondo que todo miliciano ou cidadão paulista ou mineiro que segurasse algum desses indios poderia conserval-o por quinze annos, como prisioneiro de guerra, isto é, escravizado, destinado aos serviços que mais lhe conviessem.

Só no periodo de onze mezes, quatro ordens de guerra, e de escravização eram expedidas! Accrescentando-se a essas ordens geraes as parciaes, nas diversas Capitanias do Brazil, durante os seculos, teremos formado uma idéa do que foi em relação aos indios a barbaria lusitana!...

...ndo desajam, deante ... provações p...
...teem passado, e, pois, ne...essario é dar trabalh...
em obras publicas que de futuro lhe garantam a vi...
...seccas que o martyrizam.
esta orientação nada será efficaz; os sacrifi...
...naes serão em pura perda.
...orno do açude de Quixadá, plantan... nas
e pescando, já se acha localizada grand... massa
faminta desse e outros municipios, q... se pre...
occupam apenas de salvar suas vidas. E' uma ... as obras
contra as seccas que está prestando agora i... estimaveis
serviços. Familias pouco abastadas, reduzid... á miseria
com a perda de seus gados, de que viviam, ...andonam
suas terras adustas em busca das margens frescas dos
açude para escaparem da morte pela fome. Actos de de-
sespero de chefes de familias, recorrendo ao suicidio,
são já registrados. Homens, mulheres e creanças, esque-
leticos, já se alimentam com cardos silvestres; outros
procuram as mattas de palmeiraes do visinho Estado
do Piauhy para se alimentarem de côco tão sómente.
Trabalhos de açudagem, irrigação, estradas de rodagem,
já estudados, perfuração de poços e prolongamento
ferro-viario se impõem como medidas salvadoras.

Deante de um quadro desolador, que mais tetrico
é vel-o que pintal-o, na qualidade de Presidente deste
Estado, bem a meu pezar, pois conheço as más condi-
ções financeiras do paiz, dirijo um appello a V. Ex., em
nome do povo cearense, solicitando um sacrificio na-
cional, previsto no art. 5° da Constituição, para minorar
os nossos actuaes soffrimentos. Estou certo de que o Ce...
rá encontrará nessa sua longa hora de afflicções o lenit...
vo necessario e desejado da magnanimidade de V. Ex.
nos sentimentos patrioticos dos dignos representantes
do poder publico federal. Cordiaes saudações — *Benja-
mim Barroso.*»

«Coronel Benjamim Barroso — Fortaleza, Ceará —
Palacio Guanabara, 23.

Recebi com muito pezar as informações de V. Ex
como já havia recebido do Sr. Governador do Rio
Grande do Norte, sobre a situação afflictiva dessa re-
gião que soffre os horrores da secca. Meu governo, den-
tro das aperturas em que se acha, fará os maiores es-
forços para minorar os soffrimentos dos valorosos ha-
bitantes dessa zona brazileira. Affectuosas saudações.
— *Wenceslau Braz.*

...do conhecimento de todos que estudam esta região a
solução do problema das seccas. Consiste na construcção de
grandes, médios e pequenos açudes, segundo a classificação
da Inspectoria de Obras contra as Seccas, e respectivos sys-
temas de irrigação, barragem dos rios, altos e de sub-solo; os
poços profundos á margem dos caminhos, as estradas de ro-
dagem e ferro-viarias. As barragens de sub-solo, nos rios e
riachos, teem uma importancia capital em todos os verões
mais ou menos prolongados e nas seccas, principalmente, por-
que reprezam agua no leito dos rios, podendo ser utilizada
para irrigação ou plantio de vasante; são pouco dispendiosas,
faceis de construir, pois basta atravessar o rio no trecho que
passa dentro de suas terras, de barranco a barranco, nos pon-
tos mais estreitos, com uma vala de largura de um metro
mais ou menos, conforme a profundidade, cavada até encon-
trar pedra, piçarra compacta e depois enchel-a de barro mas-
sapê ou barro visguento, socado, até respaldar com o nivel do
leito arenoso do rio. Fica assim armazenada em grande ex-
tensão a agua em conjuncto com a areia do leito do rio, sem
estar directamente exposta aos agentes principaes da evapo-
ração — acção directa dos raios do sol e o vento; é quasi nulla
a infiltração. Essas barragens devem ser construidas pelos
proprietarios de terras, porque mais particularmente a elles
do que ao publico recahem as suas vantagens.

A Constituição armou o Governo com a autorização de
fazer operações de credito para acudir a extraordinarias des-
pezas com a secca.

Succede, porém, que a situação financeira do Estado é
de tal ordem que o seu credito se acha bastante estiolado. O
remedio dado quasi de nada vale, pois o menor beneficio ao
povo seria á custa de insuperaveis sacrificios para o The-
souro.

...ordem moral, social e ...
...os nossos patricios, não defendel-
...os naturaes, para que elles não concorram
...de lesa civilização hodierna, que respo...
...cios que se condóem das afflicções do
...pelas immundações, os terremotos, as gu...
...lies abrem o coração cheio de doçura,
...rabo ... de sua bondosa generosi...

Os meus sentimentos de brazileiro ...
na quadra actual, sómente appellar pa...
pedindo soccorro, em nome do altruism...
art. 5° da Constituição, depois de ami...
rança e esgotados todos os recursos, e
gramma que peço venia para transcrev...

«Fortaleza, 22 de maio de 1915 —
Braz, Presidente da Republica—Rio —
rança resta mais de inverno este anno.
dous mezes de maior abundancia de chu...
modificassem as nossas tristes condiçõ...
Tres quartas partes do territorio cearen...
...letamente seccas, sem mesmo pastage...

...ra as fatalida-
...empobreci...
...pela miser...
...por faceis ...
...de um mo...
...restam ve...
...sendo des...
...municipios...
...clerigos, juiz...
...ia organ...
...quadro ho...
...do céo ...
...nas infor...
...lerigos, juiz...
...exodo dos cearenses para fóra do Estado, o que, aliás
...ra secas futuras. E' de toda a conveniencia evital-
...o Ceará nada aproveitou na defesa, de que carece, com-
...para outros Estados foram inteiramente negativos, pois
...feitos pela União com a transplantação dos retirant...

S. Paulo e Minas possuiam grande quantidade de selvagens, que alli moravam; em outros pontos, como o Ceará, parte do Rio Grande do Norte e centro da Parahyba, dadas as condições climatericas, elles não se fixavam: estadeavam apenas, faziam suas estações de pesca e de caça e depois se retiravam. E', pois, precisamente naquellas duas Capitanias que se póde bem avaliar a crueldade portugueza.

Vou trazer uma contribuição historica ao assumpto, a qual talvez seja enfadonha aos collegas (*protestos*); servirá, em todo caso, de subsidio a algum Deputado que de futuro queira tratar da materia.

O primeiro explorador do Ceará, Pero Coelho escravizou indios e dahi por deante naquella terra resequida, quasi todo o mundo fez o mesmo.

«A 20 de abril de 1708, o governo da Metropole mandara lavrar uma carta regia, ordenando que se fizesse aos indios de corso nas Capitanias do norte do Brazil guerra geral, afim de exterminal-os por completo, sendo que os que resistissem fossem mortos e os que se rendessem fossem feitos captivos, para serem vendidos em hasta publica. O producto dessa venda serviria para a Fazenda Real se pagar das despezas da guerra; mas si dos *quintos* que lhe tocassem sobrasse alguma cousa deveria se dar uma joia de mimo ao governador de Pernambuco, repartindo-se o mais por officiaes e arcabuzeiros que houvessem tomado parte na referida guerra; tudo como já a Metropole dispozera no seu *Regimento das Fronteiras*.»

A 30 de maio de 1718 uma carta regia autorizava o resgate de 200 indios para, «com o producto da venda, auxiliar-se a construcção de uma *nova* cathedral no Maranhão.»

Em 1722 o capitão mór governador da Capitania do Ceará ordenava ao capitão Luiz Ferreira Pessôa que fizesse guerra aos tapuyos de corso, conhecidos por jaguaribaras, que andavam pela ribeira do Acaracú, insistindo para que o referido militar guerreasse qualquer nação que lhe constasse ser de corso.

No mesmo anno o mesmo governador ordenou terminantemente ao capitão-mór José de Moura Negrão que fizesse guerra *de morte* aos tapuyos dos districtos de Aracaty-Assú, Mundahú e das terras que dahi se estendessem até a Agua dos Velhos; ordenava ao coronel João de Barros Braga fazer guerra aos tapuyos genipapos, da ribeira do Jaguaribe, *caso se levantassem;* ao capitão-mór Estevam Duro de Azevedo fazer guerra ao tapuyo bravo anassés e jaguaribaras ou qualquer outra nação que não estivesse quieta no territorio da Capitania; ao capitão-mór João Felix de Carvalho, commandante da tropa que seguia para proteger a retirada do ouvidor Dr. José Mendes Machado, na ribeira do Jaguaribe, fazer guerra ao gentio bravo *que encontrasse*.

Isso só em um anno, o de 1722! Era impossivel que o indigena supportasse semelhante conquista e pudesse sobreviver.

170

Ha alguns annos, o Sr. Couto de Magalhães calculava em 1.000.000 o numero de selvicolas; presentemente, o coronel Rondon, autoridade incontestavel na materia, limita a sua avaliação a 500.000, ou, quando muito, 600.000.

Ainda na actualidade existem bugreiros no Paraná, em Santa Catharina, Amazonas, Goyaz e Matto Grosso; os daquelles dous primeiros Estados, como disse ao começar, estão a organizar uma batida contra os «botocudos», que ha 400 annos soffrem batidas!

Para caracterizar o grão de civilização, o estado de alma desses batedores de nossas selvas, Sr. Presidente, reporto-me á narração do Sr. Alipio Bandeira, um dos mais distinctos funccionarios do Serviço de Protecção aos Indios, que teve ensejo de conversar com um «bugreiro», dos arredores de Manáos, e de lhe perguntar por que razão matava os indios. Eis o seguimento do dialogo:

Respondeu:

«— O indio chega á beira da matta, diz: «maiá», e a gente passa-lhe fogo e corre.

— Que quer dizer «maiá», inquiri.

— Não sei, tornou o homem.

— Mas, Sr. Maximiano, ponderei — «maiá» póde ser uma palavra de camaradagem e o senhor nunca reparou, certamente, que foi demasiado precavido todas as vezes que, deante de um unico homem armado de flecha, e em attitude pacifica, julgou indispensavel matal-o e ainda por cima correr.

— Ah! senhor — advertiu Maximiano — esses bichos são muito traiçoeiros!

Tres mezes depois, indo eu ao Jauapery, rio parallelo ao Uatumã e tambem pouco distante de Manáos, a primeira cousa que me disseram os indios, quando pela primeira vez os encontrei, oito dias depois de navegar no rio delles, foi justamente a palavra «maiá». Já eu sabia, então, que ella significa — facão.

Em synthese, pois: sahe o indio da matta, e, perfeitamente certo do perigo que corre, arrisca sua vida para negociar, a troco do seu arco ou de fructos silvestres, um instrumento de que tanto carece; o civilizado mata-o por covardia.»

Com a orientação moderna, precisamos ainda considerar o indigena como um factor economico, e ponderar que, quando cada immigrante estrangeiro nos custa contos de réis, deveriamos tratar não de matar, mas de aproveitar essa gente, que, si não por si immediatamente, ao menos por seus descendentes, convenientemente educados, poderá ser excellente elemento de progresso para o paiz.

Cumpre não esquecer, como prova da capacidade de trabalho do indigena, que em 1721 o Governador do Ceará baixava um decreto, mandando que os principaes dos aldeiamentos de indios só os entregassem para servir mediante ordem